

CEFER

Quatro décadas de história e memória da
educação física e esporte na USP Ribeirão



TATIANA MERINO VIZÚ
CI IAKOWSKY BARBOSA
PROF. DR. CRISTIANO ROQUE ANTUNES BARREIRA
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária



CEFER

Quatro décadas de história e memória da
educação física e esporte na USP Ribeirão



TATIANA MERINO VIZÚ
CI IAKOWSKY BARBOSA
PROF. DR. CRISTIANO ROQUE ANTUNES BARREIRA
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária


Diagrama
EDITORIAL

São Carlos, 2015

Diagrama Editorial
Produção editorial, projeto gráfico e diagramação

Marina Grandolpho
Revisão de texto



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)

V864c

Vizú, Tatiana Merino.

CEFER [recurso eletrônico]: quatro décadas de história e memória da educação física e esporte na USP Ribeirão / Tatiana Merino Vizú, Ci Iakowsky Barbosa, Cristiano Roque Antunes Barreira. – São Carlos (SP): Diagrama Editorial, 2015.
227 p.

Formato: PDF.

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-65527-14-9

1. Universidade de São Paulo – Centro de Educação Física, Esportes e Recreação. 2. Universidades e faculdades – São Paulo (Estado). I. Barbosa, Ci Iakowsky. II. Barreira, Cristiano Roque Antunes. III. Título.

CDD-378.81

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita do titular do direito autoral.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| APRESENTAÇÃO | 7 |
| EDUCADORES | 11 |
| Abel Elias Rahal | 12 |
| Relato do Educador | 12 |
| Boas Práticas em Educação Física | 35 |
| Angelo Battaglion Neto | 36 |
| Relato do Educador | 36 |
| Boas Práticas em Educação Física | 46 |
| Átila Alexandre Trapé | 48 |
| Relato do Educador | 48 |
| Boas Práticas em Educação Física | 59 |
| César Dominiguetti | 61 |
| Relato do Educador | 61 |
| Boas Práticas em Educação Física | 63 |
| Eliezer Ferreira | 64 |
| Relato do Educador | 64 |
| Boas Práticas em Educação Física | 72 |
| Flávia Nitolo Corrêa dos Santos | 73 |
| Relato da Professora | 73 |
| Boas Práticas em Educação Física | 76 |
| Jether Augusto Pereira Junior | 78 |
| Relato do Educador | 78 |
| Boas Práticas em Educação Física | 87 |

| | |
|--|------------|
| Leonardo José de Souza | 89 |
| Relato do Educador | 89 |
| Boas Práticas em Educação Física | 92 |
| Maria Angela Lipparelli Piovesan | 93 |
| Relato da Professora | 93 |
| Boas Práticas em Educação Física | 110 |
| Patrícia Daniela Sicchieri Silva | 111 |
| Relato da Professora | 111 |
| Boas Práticas em Educação Física | 123 |
| Romualdo Vichnevski (<i>in memoriam</i>) | 124 |
| Relato do Educador | 124 |
| Boas Práticas em Educação Física | 127 |
| Sérgio Rodrigues de Oliveira | 128 |
| Relato do Educador | 128 |
| Boas Práticas em Educação Física | 141 |
| FUNCIONÁRIOS | 142 |
| Antônia Maria Jesus da Silva | 143 |
| Relato do Funcionário | 143 |
| Antônio Rodrigues Dourado | 148 |
| Relato do Funcionário | 148 |
| Augusto Roberto Niebas | 150 |
| Relato do Funcionário | 150 |
| Avelino Epifânio | 152 |
| Relato do Funcionário | 152 |
| Irma Aparecida da Silva | 158 |
| Relato da Funcionária | 158 |

| | |
|---|------------|
| Joel Roni Gouveia | 161 |
| Relato do Funcionário | 161 |
| Mercedes Alves Mota | 164 |
| Relato do Funcionário | 164 |
| Nivaldo Donizetti de Oliveira | 167 |
| Relato do Funcionário | 167 |
| Pedro Henrique Bartsch | 169 |
| Relato do Funcionário | 169 |
| Sinval Avelino dos Santos | 172 |
| Relato do Funcionário | 172 |
| Thiago Brunelli de Oliveira | 189 |
| Relato do Funcionário | 189 |
| Yuri Rodrigues | 192 |
| Relato do Funcionário | 192 |
| DE UMA HISTÓRIA ORAL A UMA PSICOLOGIA DO EXERCÍCIO: LIÇÕES NO COTIDIANO DE UMA EDUCAÇÃO FÍSICA PÚBLICA | 195 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1. Fachada do Ginásio do CEFER USP Ribeirão Preto. | 24 |
| Figura 2. Antigo Restaurante Universitário. Atual Bloco C do CEFER USP Ribeirão Preto. | 32 |
| Figura 3. Pista de Atletismo CEFER USP Ribeirão Preto. | 45 |
| Figura 4. 1º Revezamento Aquático do CEFER USP Ribeirão Preto (2012).. | 56 |
| Figura 5. IX Volta USP. Ribeirão Preto (2011). | 75 |
| Figura 6. VIII Caminhada da Saúde CEFER USP Ribeirão Preto (2012).. | 99 |
| Figura 7. 2º Pedal USP CEFER USP Ribeirão Preto (2014).. | 115 |
| Figura 8. Torneio de Xadrez CEFER USP Ribeirão Preto. | 139 |
| Figura 9. VIII Caminhada da Primavera. CEFER USP Ribeirão Preto. 2013.. | 181 |

APRESENTAÇÃO

O Centro de Educação Física, Esportes e Recreação (CEFER) é uma instituição existente há mais de 40 anos no *campus* da USP de Ribeirão Preto, que vem, desde então, desenvolvendo um relevante trabalho no que diz respeito a práticas para a promoção da saúde e bem-estar. Trata-se de um centro de congregação para a comunidade uspiana, uma vez que se situa no cerne do *campus*, de modo a ligar as demais unidades (Faculdades, Escolas e Departamentos) que estão dispostas como ilhas, espalhadas em seu entorno. Além de promover a integração entre alunos de diferentes cursos, funcionários e professores, o CEFER também atua junto à comunidade externa, o que amplia ainda mais o seu papel como meio de integração e troca de conhecimentos e experiências.

Durante muitos anos, a estrutura física do Centro foi utilizada não só para a realização de práticas esportivas, mas também para atividades como recepção de calouros, ensaios das baterias das faculdades, solenidades de formatura e, entre outras, as tradicionais festas juninas que ocorriam ali até os anos 1990.

Ao longo dos anos, o Centro se viu envolto em várias mudanças, desde as mais simples, relacionadas a mudanças estruturais menos significativas, até as mais complexas, que envolveram questionamentos e problemas cujas ocorrências definiram seus rumos e suas orientações.

E, para que possamos vislumbrar aspectos humanos da vida do CEFER, faz-se necessário que sua voz seja ouvida. Isso só é possível ao conhecermos os bastidores e protagonistas que fazem dele um órgão vívido e pulsante: os educadores e funcionários que fizeram e que fazem parte de seu quadro.

Este livro nasce juntamente com o intuito de coroar o Centro, que é exemplo de boas práticas em Educação Física e Esportes, de modo a tornar explícitas ações e condutas profissionais que deram certo. As informações contidas aqui sobre as boas práticas em Educação Física se configuram como uma história oral baseada nos relatos de educadores e funcionários do CEFER sobre suas vivências profissionais. As contribuições para a área consideram a experiência vivida como meio de orientação sobre ações que deram certo, mas também sobre aquelas que nem

sempre foram fáceis no exercício da profissão. Isso não quer dizer que as orientações aqui elucidadas são compatíveis com a prática de Educação Física em qualquer contexto. De cada relato se extrai um resumo apresentado como um tópico de *Boas Práticas em Educação Física*. Portanto, os tópicos referem-se às experiências e entendimento de cada colaborador, todos inseridos em um contexto específico: a prática esportiva e de atividades físicas realizadas em um Centro Esportivo do *campus* de uma grande Universidade.

Este trabalho é fruto do Projeto “História e Memória do CEFER: entre o resgate do passado e o sentido do presente”, apoiado pelo Programa Aprender com Cultura e Extensão (PACE), da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, bem como pelo Programa de Fomento da mesma Pró-Reitoria. O projeto teve início no ano de 2010, sendo idealizado pelo Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira. Seu objetivo inicial foi dar a conhecer a história do CEFER, contada a partir das memórias dos educadores e funcionários que atuaram desde a sua criação, para marcar as lembranças dos aproximadamente 40 anos do Centro, bem como despertar o interesse e a compreensão sobre ele junto aos alunos da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP), Unidade que, então, recebia apenas a sua segunda turma. Afinal, quando, em 2012, o CEFER completasse seus 40 anos de existência, a EEFERP completaria seus primeiros quatro anos. Por isso era justo recorrer a esse passado de quase quatro décadas para compreender melhor, não só o sentido do presente, mas também a responsabilidade da EEFERP para um futuro que fora longamente desejado por muitas das pessoas que deram vida ao Centro.

O projeto teve três edições junto ao PACE, sendo que a cada uma delas eram designados dois alunos de graduação como bolsistas. Na primeira edição (2010 a 2011) as bolsistas foram Ci Iakowsky Barbosa e Tatiana Merino Vizú, elas ficaram responsáveis pelo delineamento e início das atividades, que envolveram submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisas com Humanos¹, elaboração do roteiro das entrevistas, identificação e contato com os participantes, realização das entrevistas

1 CAAE n. 6550.0.000.222-10.

com todos que puderam ser acessados e transcrições das mesmas². Fruto desse primeiro momento, o trabalho foi levado a encontro acadêmico de História Oral ocasionando uma primeira publicação³. A segunda edição do projeto (2011 a 2012) foi desenvolvida pelas bolsistas Juliana Raveli e Tatiana Merino Vizú, que deram continuidade à realização das entrevistas e transcrições. Porém, nessa edição, um terceiro trabalho foi acrescentado: o processo de transcrição, que consistiu na transformação do texto de linguagem verbal em linguagem literária. Por fim, na terceira edição (2012 a 2013) a bolsista Ci Iakowsky Barbosa e o bolsista Illgner Weber, deram continuidade a todo processo, organizando todo o material coletado (entrevistas gravadas em filmes, fotos, transcrições e transcrições). Em 2014, o tratamento das entrevistas foi feito de modo a construir e reunir o material aqui apresentado⁴. Em sua última etapa, em vias de concluir o material, o professor Cristiano Roque Antunes Barreira, fez um último trabalho de edição nas transcrições a fim de evitar algumas repetições no interior de certos relatos e a permanência de conteúdos cujas expressões pudessem, antes de ser fonte de esclarecimentos acerca da memória e história por eles vividas no Centro, dar margem a compreensões equívocas dos acontecimentos relatados. Ao fazê-lo, o professor zelou pela manutenção dos pontos de vista e opinião dos depoentes, sendo a responsabilidade por esse tratamento aos textos exclusivamente sua. Já tendo concluído os objetivos do projeto inicial, o volume se encerra com um capítulo de ordem analítica de autoria de Cristiano Roque Antunes Barreira e Achilles Gonçalves Coelho Júnior, atualmente doutorando sob sua orientação no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCLRP-USP).

2 As entrevistas foram filmadas e algumas delas chegaram a compor um vídeo antecipando a comemoração dos 40 anos do Centro. As filmagens não poderiam ter ocorrido sem a gentil colaboração técnica do CIRP (atual Centro de Tecnologia da Informação de Ribeirão Preto), nas pessoas de Fernando Yosetake e Alexandre Magno Vieira Lima e, mais extensamente, da TV-USP do campus, na pessoa de Gabriel Soares com o apoio de Gabriel Mendeleh, responsável por editar o vídeo mencionado.

3 Vizú, Barbosa e Barreira, 2011.

4 O conjunto de procedimentos em que consiste a história oral se inicia com a elaboração de um projeto, passa por diferentes etapas até se concluir, preferencialmente, com uma publicação. Veja-se Meihy e Holanda (2011).

Assim, aqui se materializa o resultado final de um trabalho que por alguns anos empenhou dezenas de pessoas. E em que consiste substancialmente este trabalho? Consiste num trabalho de memória que se confunde em grande medida com a vida profissional e pessoal dos entrevistados. Trata-se de um trabalho mobilizador, que nem sempre foi fácil para seus protagonistas, mas cuja operação deixa como legado o registro daquela que pode ser apelidada de pré-história da EEFERP. Afinal, o CEFER e seus membros foram os responsáveis pela área no *campus* de Ribeirão Preto e os primeiros a almejarem a criação de uma Unidade que, para além da Extensão universitária de qualidade, fizesse também Ensino e Pesquisa em Educação Física e Esporte. É, portanto, não menos do que como uma justa homenagem que a EEFERP oferece este volume como uma lembrança dos mais de 40 anos do CEFER e da área de Educação Física e Esporte no *campus* Ribeirão.

EDUCADORES





Abel Elias Rahal

Abel Elias Rahal é o professor de Educação Física mais antigo ainda em atividade no *campus* da USP Ribeirão Preto, atuando há mais de 38 anos no momento em que concedeu a entrevista. Entrou na USP através da Faculdade de Medicina em 1975. Dentre as atividades desenvolvidas estão: aulas de atletismo, condicionamento físico aquático, futsal masculino, musculação e tênis de mesa. Na sua opinião a Educação Física se apresenta como um campo imenso de possibilidades, tanto no que diz respeito ao exercício e/ou prática de modalidades específicas quanto na transmissão de valores relacionados ao bem-estar, saúde e educação. Concedeu suas entrevistas em fevereiro e dezembro de 2011.

RELATO DO EDUCADOR

Meu nome completo é Abel Elias Rahal. Meu pai se casou com a minha mãe e tiveram 12 filhos. Ela é viva até hoje e vai fazer 99 anos! Minha mãe é analfabeta e meu pai vindo com certa cultura do Líbano encaminhou os filhos mais velhos para estudar e os irmãos mais velhos ajudaram os mais novos.

A minha relação com a Educação Física começa desde quando era menino e morava em Araçatuba, a gente não tinha recursos, se ouvia as partidas de futebol pelo rádio e se levava uma vida muito livre, muito espontânea. Fazíamos os campinhos de futebol, andávamos a pé ou de bicicleta para nadar no rio Tietê, que ficava a 18 quilômetros de distância, íamos caçar com estilingue... Então, levávamos uma vida, do ponto de vista do movimento, muito variada. Depois, entrei no ginásio e com o professor de Educação Física aprendi os fundamentos das modalidades e jogávamos em uma quadra.

No próprio Instituto de Educação existiam campeonatos internos, jogos colegiais. Era o que tinha de melhor e quando nos classificávamos em alguma modalidade, momento em que devíamos ir até São Paulo, era como se estivéssemos indo para uma Olimpíada. Fui para São Paulo em 1964 como atleta do Instituto de Educação para disputar atletismo, e também tínhamos nosso time de futebol de salão de Araçatuba. Minha

cidade contava com 70 mil habitantes na época, havia 38 times de futebol de salão, e o nosso “timinho” estava sempre disputando. No resultado final sempre nos classificávamos em quarto lugar. Não íamos para as finais, mas jogávamos muito bem. E vivenciei toda esta variedade de atividades desde criança.

Meu professor de Educação Física, da época, formou-se na Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, que depois veio a ser a Universidade de São Paulo. Tenho boas recordações do professor Daniel, que foi uma espécie de líder, e inspirado nele, no trabalho dele, resolvi fazer Educação Física. Era um professor que lidava com meninos ricos, que eram filhos de fazendeiros, de médicos, de engenheiros, e nós, uns pobres que estávamos lá. E esse professor sempre tratava todos de forma igualitária. Essa atitude me chamou a atenção e, como eu tinha uma grande facilidade com o esporte, resolvi fazer Educação Física, contra vontade da minha família e dos meus professores do Instituto de Educação, que achavam que eu deveria fazer um curso melhor.

Toda a minha vida estudei em escola pública. Estudei no Instituto de Educação de Araçatuba e depois fui fazer Faculdade de Educação Física em São Paulo, na Universidade de São Paulo. Naquela época havia apenas três Faculdades de Educação Física no Estado: a Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo, localizada na Capital, que por volta de 1972 se integrou com a Universidade de São Paulo se tornando a Escola de Educação Física e Esporte da USP (EEFEUSP). Havia, também, a Escola de Educação Física de São Carlos, que era uma Fundação, e a Escola de Educação Física em Bauru.

Então, na época, no Estado de São Paulo existiam três Escolas de Educação Física de nível superior, que formavam professores em licenciatura. Somente licenciatura. Não havia o bacharelado como hoje. A minha turma foi uma das primeiras que começaram com experiência para integrar a Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo com a Universidade de São Paulo. O curso durava três anos e, ao término, todo mundo costumava fazer um ano de especialização. Eu fiz minha especialização na própria EEFEUSP, em atletismo, que era minha área. Sempre fui atleta, enquanto aluno da Universidade, morava em Santo André, treinava e defendia a Cidade de Santo André. A minha mulher, nesse mesmo tempo, também fez o curso de Educação Física na

EEFEUSP. Quando eu acabei meu curso de especialização, ela terminou o de graduação, e nós nos mudamos da cidade de São Paulo para Ribeirão Preto.

Foi em um belo dia que li no jornal que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP estava abrindo um concurso para técnico desportivo. Era uma vaga para ministrar aulas para os alunos de graduação da Faculdade de Medicina, exigindo os requisitos básicos: tinha que ser professor formado em Educação Física e entregar mais alguns documentos que pediam. Eu me interessei em prestar o concurso, que era uma entrevista e a análise de currículo. Eu preparei todo o meu currículo, que consistia, basicamente, em citação de fatos esportivos, tais como: “Campeão dos Jogos Abertos”, “Campeão não sei quantas vezes dos Jogos lá lá lá”, “Atleta de não sei o que” e mais alguns cursos técnicos, normalmente, com a duração de 30 horas. Esse era o currículo, na época, dos egressos dos cursos de Educação Física. Não era assim como é hoje: “Projeto de pesquisa tal tal tal”. Só que na época, o meu currículo era um pouquinho mais avançado que o dos outros professores, por causa da minha formação, eu já tinha escrito e editado um livro de iniciação ao atletismo. O livro chamava: *Vamos Ensinar Atletismo: Processos Pedagógicos Para Corridas*. Depois escrevi um segundo livrinho, que se chamava: *Vamos Ensinar Atletismo: Processos Pedagógicos Para Saltos*. A minha mulher, Regina, foi a coautora, por que eu fazia o enunciado e ela, com base no enunciado, elaborava os desenhos técnicos.

Eu tinha entre 24 e 25 anos quando fiz o concurso juntamente com mais sete professores de Educação Física com maior experiência de trabalho que a minha. Lembro que foram três professores eméritos da Faculdade de Medicina que nos entrevistaram e analisaram nosso currículo. Destes três professores, um era o professor doutor Victório Valeri, que era docente titular no Departamento de Morfologia da FMRP e que também tinha praticado atletismo na juventude, na especialidade do decatlo. Este professor veio a se interessar pelo Centro de Educação Física posteriormente, tornando-se, informalmente, o primeiro supervisor do CEFER.

Tal era o seu interesse, que ele, dentre outras coisas, intermediava com a direção da Faculdade de Medicina assuntos variados, tais como: compra de materiais esportivos, reformas no ginásio e na pista de atle-

tismo, solicitação de quadras externas para demandas da disciplina de Educação Física. Os dois primeiros professores que foram contratados para a disciplina de Educação Física obrigatória inicialmente começaram com a carga horária de 20 horas semanais, passaram, posteriormente, 40 horas semanais.

Fui muito bem avaliado na entrevista e falei aquilo que sentia e pensava naquele momento histórico da Educação Física e penso que esta minha argumentação influenciou a banca, positivamente, para o meu lado. Os primeiros professores que foram contratados para ministrarem aulas de Educação Física no *campus* da USP de Ribeirão Preto foram o Romualdo Vichnevski e eu, pela Faculdade de Medicina. Alguns meses depois, a Faculdade de Medicina abriu mais duas vagas e foram contratados os professores Eliezer Ferreira e Angelo Battaglion Neto. Na Escola de Enfermagem foram contratados os professores César Dominiguetti e Maria José Vichnevski. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foram contratados a professora Regina Eulália Brussolo Rahal e o professor Egídio Nunes, e na Faculdade de Odontologia e Farmácia foram contratados os professores Fúlvia Stella Lucchiareli e o professor Roger Silveira Vianna. Então, todas as Unidades do *campus* completaram os seus quadros de professores de Educação Física e todos utilizavam as dependências do ginásio de esportes, da pista de atletismo e uma sala de aula para ginástica.

Portanto, todos os professores utilizavam estes locais para ministrar a disciplina de Educação Física que contavam créditos na grade curricular do aluno de graduação. A Faculdade de Medicina começou com oito créditos e foi abaixando até que extinguiu, a Escola de Enfermagem me parecia que eram quatro créditos. A única Faculdade que contratou os professores de acordo com o proposto pela Lei foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que contratou os professores Regina e Egídio no regime de auxiliar de ensino. Então, no regime de auxiliar de ensino, na época, o professor tinha um tempo para ficar como auxiliar e depois tinha que se inscrever no programa de pós-graduação e mestrado para seguir na carreira acadêmica. Posteriormente, a Faculdade de Filosofia extinguiu esses dois cargos, passando tanto o professor Egídio quanto a professora Regina para o regime celetista, como técnicos esportivos. Isso foi feito para que a Faculdade utilizasse estes dois cargos de auxiliar de

ensino na contratação de docentes na carreira de psicólogos, que era de interesse do Departamento de Psicologia e Educação.

Mas, basicamente, eu fui contratado para trabalhar na USP por causa de uma Lei da Ditadura Militar que obrigava as Universidades a oferecer a disciplina de Educação Física de forma obrigatória. Sou sincero em falar que na época não tinha consciência, mas com o passar do tempo fui observando que a obrigatoriedade de Educação Física é uma aberração de Lei. Imagina se você sempre gostou de praticar Educação Física, quando ingressa na Universidade ninguém precisa falar que é obrigado fazer Educação Física. A própria pessoa vai procurar algum grupo que faça Educação Física e vai se integrar no esporte de sua preferência ou em qualquer atividade física. Ninguém precisa falar, porque a pessoa já está acostumada, já tem o hábito. Colocar a Educação Física como prática obrigatória, para mim, foi uma coisa absurda, mas é graças a esse absurdo que estou aqui na USP. Só sei que “peguei a onda” e vi que as coisas não eram bem do jeito que a Lei mandava. E com o tempo fui me comportando tendo em vista as necessidades dos praticantes e de acordo com os princípios da Educação Física, Esporte e Recreação.

Observando melhor a Lei da Obrigatoriedade de Educação Física, na época, os alunos de Medicina tinham que fazer obrigatoriamente oito semestres, ou seja, quatro anos de Educação Física! Depois veio um decreto/lei para regulamentar a Lei. O decreto/lei normatizou como é que a Lei devia ser cumprida. Então você tinha na Lei: “é obrigado fazer Educação Física no ensino superior, ponto”. Aí veio o decreto/lei: “é obrigado fazer Educação Física no ensino superior, mas está livre da Educação Física as pessoas nas seguintes situações: a mulher que estiver grávida, quem estiver servindo o exército ou tiro de guerra, quem estiver trabalhando no período noturno, quem comprove que trabalha mais de seis horas diárias, quem estiver com problemas médicos”. Então, começaram as adaptações, você tinha uma Lei que obrigava e depois tinha um monte de itens que favoreciam o aluno a se desobrigarem da prática. Existia contradição inclusive nos itens que davam meios de se eximir da obrigatoriedade da Educação Física e não precisar fazer a prática. Por que a mulher grávida não pode fazer Educação Física? Ela tem mais é que fazer Educação Física! Por que a pessoa que trabalha seis horas por dia não tem que fazer Educação Física? Tem mais é que fazer Educação

Física para desestressar do trabalho, porque às vezes pode ser um trabalho estressante! Hoje, quem tem problemas cardíacos, asma, diabetes faz Educação Física adaptada. Então, olha o absurdo de Lei! Eu estou aqui por causa dela, mas soube ver o que foi ocorrendo ao longo dos anos, o que foi se passando e fui pegando essa onda e me adaptando.

Nesta mesma Lei de obrigatoriedade da Educação Física tinha um item muito interessante que determinava que os professores de Educação Física, contratados pela obrigatoriedade, entrariam no mestrado, doutorado, seguindo a carreira acadêmica, com o intuito de contribuir com algo maior para a Educação Física, abrindo o horizonte tanto para nós, professores, quanto para o progresso da área como um todo. Só que isso não ocorreu: ninguém nos cobrou e nós também não nos cobramos.

Os alunos viam a obrigatoriedade de Educação Física com muita má vontade, porque a nota era dada pela frequência, que era o único meio de avaliar o aluno. Alguns, quando completavam o mínimo necessário para frequência, educadamente, vinham se despedir da gente. Outros alunos nem se despediam, simplesmente paravam de frequentar as aulas. Isso ocorria porque os professores escolhiam algumas opções de práticas para os alunos, mas eles não escolhiam aquilo que gostavam de fazer, escolhiam qual era o melhor horário para pagar os créditos. Então, a maioria dos alunos fazia emburrado, por mais que você tentasse proporcionar a prática de forma agradável e com bastante material. E os alunos elogiavam muito as aulas que eu ministrava. Dedicávamo-nos ao máximo para tentar fazer aulas atrativas, mas os alunos participavam de forma obrigatória, portanto, muitos deles, quando completavam o mínimo de frequência exigida, iam embora!

O filme *Carruagens de Fogo* é muito interessante do ponto de vista da liberdade de escolha para prática da Educação Física. Em determinado momento o aluno, que acaba de entrar na Universidade escolhia as modalidades de acordo com as habilidades e com o gosto dele, não era nada imposto. Não tinha nada de: “você tem que fazer Educação Física obrigatória com tal professor, goste ou não dele, por X semestres!” Já naquela época, a escolha de atividades físicas era feita de forma democrática e não imposta. Até que a Educação Física obrigatória foi perdendo força, e tinha que perder mesmo, porque esse esquema não faz parte do espírito acadêmico e ela, finalmente, foi extinta. Em algumas Comissões de Ensi-

no das Unidades, foi proposto que se oferecesse a Educação Física como disciplina optativa e somente o Departamento de Química da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras aceitou incluir no currículo a Educação Física como disciplina optativa. Hoje, os cursos de Economia, Contábeis e Administração também permitem que os alunos possam fazer Educação Física como disciplina optativa.

Antigamente todos os professores de Educação Física davam aulas nas instalações esportivas existentes no *campus*, mas as chefias dos professores eram os diretores de cada Unidade. Não me recordo direito em que ano foi instalada a Coordenadoria/Prefeitura do *campus*. O primeiro Coordenador do *campus* foi o Diretor da Faculdade de Medicina, o professor doutor Dutra de Oliveira. Quando foi fundada a Coordenadoria do *campus*, no seu organograma veio um setor esportivo e seria necessário ter alguém para tomar conta e chefiar esse setor. Portanto, o professor Dutra fez uma reunião com todos os professores de Educação Física que ministravam aulas de Educação Física obrigatória em todas as Unidades e perguntou se alguém estava interessado em chefiar o Centro Esportivo, para tal função se desligaria da sua Unidade de Ensino e seria ligado à recém-instalada Coordenadoria do *campus*. Só eu aceitei a proposta, pensava que, como supervisor do CEFER, poderia desenvolver atividades de Educação Física e dinamizar o Centro Esportivo no *campus* com uma gama variada de atividades para crianças e para adultos.

Assim, na época em que fui supervisor do CEFER nós instituímos o campeonato do Intra *campus*, que existe até hoje (atualmente são os alunos que organizam), nós instituímos a corrida denominada Volta USP, nós tínhamos as Manhãs de Lazer com bicicletas e pipas, a Colônia de Férias, onde as crianças vinham e ficavam o dia todo no CEFER realizando várias de atividades de teatro, música, modelagem e pintura. Eram atividades bem educativas e as crianças adoravam. Havia atividades de mergulho, tênis, passeio na fábrica da Coca-Cola e na Kibon, o Canil da Força Pública vinha no CEFER para fazer demonstração... Enquanto supervisor fiquei responsável por manter material de Educação Física em estoque para que os professores pudessem utilizar em suas aulas de Educação Física. Quando vim para o Centro Esportivo fiz um regulamento do CEFER para utilização da praça esportiva. Isso existe até hoje, foi

remodelado, melhorado e hoje tem o regimento do CEFER e as normas de utilização da praça esportiva.

Com o tempo a obrigatoriedade de Educação Física acabou em todos os *campi* da USP e eu achei muito bom e correto. Na época o professor Dalmo Amorim, que era o Diretor da Faculdade de Medicina, solicitou à recém-criada Coordenadoria do *campus* de Ribeirão Preto (CORP) que os professores de Educação Física da Faculdade de Medicina passassem para o CEFER, uma vez que não tinha mais Educação Física obrigatória e os professores de Educação Física não tinham mais o que fazer na Faculdade de Medicina, porque eles não pesquisavam, estes só estavam ocupando espaço no Departamento, pois nem tinham horário para cumprir. Então, o CORP aceitou a sugestão do professor Dalmo Amorim e os professores de Educação Física da Medicina foram todos realocados compulsoriamente para o CEFER. Por isso que a vinda deles não foi harmoniosa, de comum acordo. As outras Faculdades seguiram o exemplo da Medicina e realocaram todos os professores de Educação Física para o Centro Esportivo. Os professores podiam não terem concordado na época com essa realocação, mas eu concordei com a medida, porque já que não tinha Educação Física obrigatória, já que eles não estavam pesquisando, não estavam fazendo mestrado, doutorado, ou seguindo a carreira docente, então o local deles era no Centro Esportivo, quer quisessem ou não.

Quando o CEFER nasceu, era ligado diretamente ao Prefeito do *campus*, depois houve uma mudança no organograma da Prefeitura do *campus*; na época existiam três divisões, sendo que o CEFER era ligado à divisão de Ensino e Pesquisa. O biotério, a biblioteca, a marcenaria e a oficina de precisão passaram a ficar sob a responsabilidade e administração da Prefeitura ou da Coordenadoria. Essas são sessões que ajudam muito nas pesquisas do *campus*, então, o CEFER foi ligado à divisão de Ensino e Pesquisa da Prefeitura do *campus*. Portanto, nós não nos reportávamos mais diretamente ao Prefeito do *campus* mas a um Diretor de divisão. Então, a coisa complicou mais um pouquinho, porque o Diretor de divisão não deixava você mandar, por exemplo, o ofício direto para o Prefeito do *campus* ou marcar uma reunião direto com o Prefeito. Primeiro, o supervisor do CEFER tinha que passar pelo Diretor da divisão e de acordo com os interesses políticos desse Diretor o caso poderia ou

não ser levado adiante, ou seja, era um entrave a mais. Hoje está a mesma coisa, o CEFER é uma seção ligada a uma divisão, o Diretor de divisão por sua vez se reporta ao Prefeito e segue a mesma sequência para descer na hierarquia. Alguns Diretores de divisão foram favoráveis aos pedidos dos professores.

Depois da transferência, no CEFER, alguns professores se adaptaram à nova realidade, outros demoraram um pouquinho mais. De todo modo, a vinda dos professores de Educação Física das Unidades para o CEFER não foi tão pacata, porque os professores não aceitavam a transferência, muitos já estavam bem habituados às suas Unidades e não queriam a transferência, isso porque no CEFER teriam um chefe, sendo que nas Unidades praticamente não tinham chefia, não havia uma cobrança frontal relacionada ao dia a dia e hora a hora. O que acontecia é que os professores davam as aulas de Educação Física e podiam ter alguma responsabilidade com as atléticas de suas Unidades. Então, no começo, até tínhamos alguns problemas, porque alguns professores não aceitavam receber ordem, ou seja, não aceitavam a nova hierarquia do CEFER. Como havia um planejamento na época, solicitávamos que os professores auxiliassem nas atividades, sendo que às vezes não só solicitávamos como convocávamos os professores para tais atividades. Com o tempo, isso foi diluindo e hoje todo mundo que trabalha no Centro Esportivo já está na programação, nas atividades, nos cursos do CEFER.

Então o CEFER recebeu os professores de Educação Física dessa forma, não foi uma vinda muito tranquila, até que por fim o CORP determinou que todos os professores de Educação Física fossem transferidos para o CEFER e as coisas foram andando.

Mesmo que tenha sido por esse caminho tortuoso, o CEFER saiu lucrando, porque independente de os professores quererem ou não a transferência, formou-se no CEFER um grupo de professores que batalharam por uma causa comum, mesmo que cada professor tenha entrado no processo com diferentes modos de envolvimento. Mas eu acho que de forma geral a transferência de todos os professores de Educação Física foi boa para o desenvolvimento da prática esportiva no *campus*, porque todo mundo estava junto no mesmo barco, e, assim, foi proveitoso. Talvez, se tivesse sido de outra forma, com mais harmonia, com mais planejamento, os professores poderiam entrar no processo mais rapidamente

e hoje o CEFER estaria num patamar melhor, estaria mais desenvolvido. Mas eu achei que foi bom e que valeu a pena os professores de Educação Física terem vindo para o Centro Esportivo.

Com o tempo as coisas foram mudando, de modo que o CEFER teve que se adaptar a essas mudanças mudando o foco para criar atividades novas, não só para os alunos da graduação e da pós-graduação, mas também para os professores, funcionários e seus filhos. Tivemos que entrar no espírito do *campus*, que é basicamente voltado para a área da saúde! Apesar de que agora estamos mais diversificados, afinal hoje nós temos no *campus* cursos de Direito, Música e Pedagogia, que estão mais na área das humanas, e a FEA que é voltada para ciências econômicas. Então, com o tempo fomos mudando o foco de atuação do CEFER, começamos a oferecer cursos para crianças obesas, crianças asmáticas, gestantes e pessoas na terceira idade. Fomos nos envolvendo com a área da saúde, porém nada teve uma forma muito consistente.

A maioria das pessoas sabe que a Universidade oferece atividades para a comunidade externa da USP, mas é uma via de mão de dupla! A comunidade ganha e a Universidade também ganha com seus alunos fazendo estágio, fazendo pesquisa, aprendendo, se aprimorando. Eu fui para São Paulo fazer um estágio com uma professora que trabalhava com crianças obesas no Centro de Práticas Esportivas da USP e conheci todo o esquema, estudei a questão, fui atrás de bibliografia para me informar e enfim iniciamos o trabalho com crianças obesas. Uma vez por semana havia reunião com os pais. Alguns pais não vinham e às vezes vinha o avô ou a avó da criança matriculada no curso. Quando os pais vinham ouvíamos sobre dificuldades como: “Eu tenho três filhos, como vou deixar de dar chocolate para os outros?” ou “Como vou deixar de fazer o meu churrasco?”. Eu sentia que era como se o problema fosse apenas da criança. Então, era um trabalho que dependeria de uma equipe, com psicólogo, enfermeiro, pediatra para haver uma orientação da família. Sem dar conta de tantas variáveis, eu resolvi parar. Foi uma pena muito grande.

Outro curso que realizamos no CEFER voltado para saúde pública foi o curso de atividade física para crianças asmáticas. Iniciei esse curso juntamente com um docente da Faculdade de Medicina que trabalhava nessa área. Esse docente estava orientando uma mestranda, e contamos

com todo o apoio dos dois durante o curso. A mestranda estava sempre presente, e eles arrumavam, através da Faculdade de Medicina, o dinheiro para pagar a passagem do transporte de ida e de volta, tanto dos pacientes quanto de seus acompanhantes, e também para comprar o inalante. Havia o acompanhamento do trabalho na casa da criança, para ver se a limpeza estava sendo feita corretamente. Então, tinha todo o suporte para o curso se realizar. A pessoa fez o mestrado e entrou no doutorado, e continuamos com o curso. Só que quando ela acabou o doutorado, acabou a verba do transporte para as crianças virem até o CEFER, sendo que a maioria das crianças era pobre. Infelizmente, foi desse jeito que acabou o curso para crianças com asma brônquica. E eu senti muito por terminado essa atividade, porque as crianças melhoraram muito, era visível. As crises de falta de ar passavam, e, quando voltavam, as crianças conseguiam rebatê-las com mais força. Era um trabalho que tinha um valor inestimável e, infelizmente, terminou, porque acabou a verba que financiava esse curso.

O CEFER partiu para essas esticadas curtas da área da saúde, que agora parece que estão sendo retomadas algumas atividades com a ênfase em saúde. Eu sei que o professor Sérgio está trabalhando desde 2011 com gestantes e os professores Jether, Maria Angela e Battaglioni estão trabalhando com a terceira idade.

Na época em que fui supervisor do CEFER lembro que reuni todos os professores de Educação Física do Centro Esportivo para consultar se alguém tinha interesse em trabalhar junto com uma docente da Escola de Enfermagem para desenvolver o Programa de Integração Comunitária (PIC). No meu entender, naquela época, estava abrindo o campo de trabalho do CEFER ao entrar na área da saúde, no caso, trabalhando com a terceira idade. Através desse programa, o professor de Educação Física do CEFER Angelo Battaglioni, junto com a orientação desta docente da Escola de Enfermagem, fez o mestrado e doutorado com o tema do PIC. Esse programa se alastrou pela cidade de Ribeirão Preto e se tornou um programa de domínio público, que recebe verbas dos governos estadual e federal.

Nessa época o CEFER continuou oferecendo aulas de modalidades esportivas ao longo do semestre e começou a realizar e implementar projetos de esportes. Então, nós começamos com o Campeonato de Futebol

de Salão, Torneio de Xadrez, a corrida da Volta USP e a criar eventos, como por exemplo, as Caminhadas da Saúde e da Primavera, que são muito importantes.

Durante oito anos e meio fui supervisor do CEFER. Era muito idealista, queria fazer do CEFER um Centro Esportivo dinâmico! Pensei em abrir o CEFER para a comunidade externa e interna, oferecer vários cursos para crianças e adultos. Eu era o único professor de Educação Física diretamente ligado ao CEFER, que era uma sessão esportiva da Prefeitura do *campus*. Por ter me desligado da Faculdade de Medicina como técnico esportivo e me tornado supervisor do CEFER, tinha um idealismo muito grande e queria fazer algo diferente e dinâmico do CEFER. Eu, como supervisor do CEFER, queria diversificar, mostrar que a Educação Física tinha um leque muito grande de atividades, não só futebol de salão, basquete, voleibol, natação etc. Então, convidei professores de Educação Física de fora da USP para ministrarem aula de judô, natação, jazz, dança de salão, karatê, tênis de campo, enfim, uma grande variedade de modalidades. Na época, era como se o CEFER fosse uma grande academia. Houve um ano que, somando os dois semestres, nós tivemos 980 alunos matriculados nos cursos que oferecíamos. No entanto, como não era possível regularizar a situação daqueles professores tivemos que encerrar aquelas atividades.

Com o passar do tempo, o CEFER tomou um rumo, que deve ser aprimorado. Aumentar o número de eventos, voltar a trabalhar com a parte de saúde pública. Eu vejo com ótimas esperanças a vinda da Escola de Educação Física e Esportes de Ribeirão Preto para o *campus* e está sendo muito útil para o CEFER. Então, acredito que os professores do CEFER poderiam voltar a atuar na parte de saúde pública junto com a Escola de Educação Física, aumentar o trabalho com idosos ou voltar o trabalho com asmáticos ou obesos adultos ou obesos crianças. Enfim, é um campo que poderíamos reativar e fazer com que a Universidade fornecesse um suporte muito grande para comunidade externa da USP.

Quando fui supervisor do CEFER, a Universidade de São Paulo estava em um momento de expansão dos cursos tanto no *campus* da Capital quanto nos *campi* do interior paulista. Então, surgiu a ideia de criar no *campus* da USP de Ribeirão Preto a Faculdade de Economia e Administração (FEA), e depois veio a Faculdade de Direito. Nessa época nós,

professores de Educação Física que trabalhávamos no CEFER, tentamos abrir um curso de graduação em Educação Física no *campus*, só que os nossos conhecimentos eram precários. Nós não tínhamos o mesmo conhecimento das pessoas que trouxeram a Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, que foram diretores da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo e viviam o dia a dia no ambiente acadêmico. Nós, professores do CEFER, não tínhamos esse preparo. Então, fizemos o projeto e um Pró-reitor de ensino veio para o *campus* de Ribeirão Preto e não aprovou o nosso pedido.



Figura 1. Fachada do Ginásio do CEFER USP Ribeirão Preto.

Naquela época, já queríamos a criação de uma Escola de Educação Física no *campus*, porque achávamos que um curso de graduação na área da Educação Física iria fornecer uma sustentação para o nosso Centro Esportivo e melhorar tudo relacionado à área da Educação Física, Esporte e Lazer dentro do *campus*, inclusive as instalações do CEFER, que sempre foram precárias.

Hoje, a relação entre os professores de Educação Física do CEFER é cordial, podemos até ter nossas diferenças relacionadas ao trabalho e nas reuniões de planejamento anual do Centro os professores discutem tudo o que deve ser discutido bem abertamente.

Quando o professor Battaglione foi supervisor do CEFER, ele distribuiu as responsabilidades relacionadas ao auxílio da observação e manutenção das instalações do Centro Esportivo. Por exemplo, eu era o responsável pela pista de atletismo, eu levava até ele tudo o que estava acontecendo na pista e pedia que tomasse as providências necessárias para solucionar o problema. Tínhamos muita facilidade para conversar com ele quando era supervisor, para reclamar de algum ato que não concordávamos, e ele também podia reclamar de nós.

No começo de cada semestre fazemos a planilha de trabalho e adequamos o nosso horário de trabalho e das aulas, a quantidade de horas que permaneceremos no Núcleo de Atendimento ao Usuário e nos comprometemos com o supervisor em ajudar nos eventos realizados ao longo do ano.

Em geral o relacionamento entre os professores de Educação Física do CEFER tem um clima bem tranquilo, às vezes temos as nossas diferenças particulares, mas isso não impede que desenvolvamos um bom trabalho, não influencia o relacionamento laboral que realizamos no Centro Esportivo. Porque vivemos mais dentro do CEFER do que dentro da própria casa. Nesses trinta e oito anos que eu estou na USP vivi muito mais tempo dentro do CEFER, convivendo com meus companheiros de trabalho, do que com a minha própria família. Porque, raciocinando, quando eu chego em casa, tomo um banho, janto, converso um pouco com a minha esposa e durmo. Já no CEFER o contato é constante e, graças a Deus, os professores mantêm um relacionamento cordial durante esses anos.

No começo do CEFER, quando alguns professores de Educação Física foram transferidos para cá, o nosso relacionamento foi meio tumultuado, meio torto, porque eles não queriam ser transferidos nem concordavam com uma chefia dentro do CEFER, porque eles não haviam pedido. Mas, com o passar do tempo, as próximas chefias do CEFER foram eleitas. Democraticamente, era feita uma eleição interna entre os professores de Educação Física do CEFER para definir o próximo supervisor do Centro Desportivo. Por exemplo, quando o Jether assumiu a supervisão do CEFER ele tinha sido eleito e foi indicado por nós para ocupar o cargo de supervisor. Quando o professor Battaglione assumiu a supervisão também tinha sido eleito também entre nós professores de Educação Física

do CEFER. Depois da eleição, o nome indicado era encaminhado para o Prefeito do *campus* e ele podia ou não aceitar a nossa indicação, mas normalmente era aceita.

Teve uma única vez que aconteceu diferente, quando tivemos um supervisor do CEFER que não foi eleito e indicado pelos professores de Educação Física. Nós, professores, não ficamos confortáveis com a situação e a consequência foi que durante esse período houve uma queda no rendimento de trabalho do CEFER, pelo menos referente à minha produção pessoal. Foi uma época muito difícil, em que os professores de Educação Física acabavam se sentindo vigiados no CEFER. Sentia-me como um zero à esquerda no pensamento dos nossos dirigentes e, a meu ver, o CEFER ficou quatro anos estagnado. Foi o período em que menos criei atividades, foram quatro anos muito difíceis para mim porque a minha autoestima ficou muito baixa.

Com a entrada do professor José Aparecido da Silva como Prefeito do *campus*, ele viu por bem colocar alguém da escolha dos professores de Educação Física como supervisor do CEFER, e o professor Battaglion foi indicado para chefiar o Centro Esportivo.

No início do CEFER, quando nós, professores de Educação Física, viemos para o Centro Esportivo tinha o ginásio de esportes, tinha uma pista de atletismo e o campo de futebol. A pista de atletismo era de pedrisco ainda, mas, quando sediou os Jogos Abertos do interior na cidade de Ribeirão Preto, a pista foi reformada pela Prefeitura da Cidade, colocaram aquelas placas de borracha. O problema é que fizeram um serviço de última hora, muito mal feito, e essas placas começaram a se soltar com o tempo, duraram uns quatro anos, depois tivemos que retirar todas as placas, e a pista ficou só asfaltada.

Mais recentemente, há uns oito anos, o banco Real fez uma negociação com o Prefeito do *campus* da época, professor Mestriner. O banco daria uma pista de atletismo com material de tartan ou de borracha sintética e em troca colocaria por, não sei quantos anos, uma agência dele no *campus*. Foi um grande feito que o Prefeito do *campus* realizou para a Educação Física, porque ele podia ter aceito esse dinheiro da pista de atletismo e ter aplicado em outras coisas.

O local dentro do *campus* destinado a construir uma praça esportiva naquela época era onde se localiza hoje as quadras de tênis e a quadra

coberta de futebol de salão. Inicialmente foram construídas três quadras descobertas e com dimensões inapropriadas. Eu, enquanto supervisor daquela época, procurei os engenheiros responsáveis pela obra das quadras, fui até o escritório deles, que ficava em um prédio no centro da cidade, e solicitei para que redimensionassem as quadras. Então fizeram as três quadras, que ficaram por muito tempo abandonadas. Isso ocorreu porque ninguém escutou a opinião dos profissionais de Educação Física para, no mínimo, saber o que era melhor e necessário ser construído no CEFER.

Depois transformamos uma das quadras em quadra de tênis, e a outra, pedi para que fosse coberta, e fizemos uma quadra de futebol de salão, que é uma modalidade esportiva muito difundida em Ribeirão Preto. No futebol de quadra a bola pode bater na mureta, pode bater na linha de fundo, o gol é pequenininho. O fato é que a cobertura dessa quadra não ficou boa e quando chove a água penetra lateralmente, ou seja, a cobertura serve apenas para proteger do sol nos dias de calor. Além disso, como ao redor da quadra há um descampado, suja muito fácil, cai muita folha, passarinho defeca, enfim, é muito difícil você manter aquela quadra em condições ideais. Hoje se vê essas quadras em semiabandono, são mais utilizadas em alguns horários pelas atléticas apenas.

Antigamente não tinha a cerca ao redor do CEFER. A meu ver, em vez de cercar o CEFER de uma forma mais razoável, foi instalada uma cerca muito abrangente. Esse alambrado não foi aceito pela população do *campus* e nem por nós, professores de Educação Física. É difícil fechar ou cercar o CEFER porque é um setor totalmente descentralizado. Primeiro tinha o ginásio de esportes e a pista de atletismo, depois foram construídas as quadras externas, a piscina foi construída em outro local. Por isso é difícil querer dar Unidade a um setor totalmente descentralizado. Portanto, no meu entender, a instalação dessa cerca ao redor do CEFER não teve valor algum.

Ribeirão Preto é uma cidade muito quente, por isso foi proposto que se construísse uma piscina. Na época, alguns professores de Educação Física do CEFER preferiam a cobertura da quadra externa à construção de uma piscina, porque acreditavam que a quadra seria mais utilizada. No final das contas, a piscina foi construída em um local muito bom, mas fora da área destinada à praça esportiva que estava no plano Diretor

do *campus*. A piscina foi construída de forma inadequada porque a profundidade começa com um lado tendo um metro e oitenta e depois tem uma queda abrupta, que passa para três metros e quarenta. Dizem que a piscina foi construída para mergulho, com utilização de plataforma, mas essas atividades nunca aconteceram. Numa das laterais da piscina tem um quadradinho que serve para realizar iniciação de natação, para crianças se exercitarem e para desenvolver curso de condicionamento físico aquático. Nesse espaço, onde a piscina é mais rasa é possível desenvolver um belo trabalho. Só que o engenheiro que fez a leitura da planta, em vez de colocar esse espaço do quadradinho na parte mais rasa, colocou na parte mais funda da piscina.

Tudo foi feito sem os professores de Educação Física saberem. E um dia veio o Reitor no *campus* e inaugurou a piscina. Eu não sei se faltou de nós, professores de Educação Física, um pouco mais de atitude e interação sobre o que estava acontecendo naquela construção que iríamos usar futuramente. Eu acho que os professores de Educação Física têm parte da culpa, porque deveriam ter perguntado na época qual era o tipo da piscina que estava sendo construída e tudo mais a respeito, para poder opinar e ajudar a melhorar a obra. O problema é que, quando foi informado que seria construída a piscina, alguns professores foram contra, então, os dirigentes do *campus* acabaram fazendo a piscina sem solicitar a nossa opinião a respeito da construção. Só nos foi permitido olhar a piscina quando já estava pronta, na hora de inaugurar. No final das contas, eu entendo que houve uma falha dos professores de Educação Física, faltou atitude para tentar influenciar nas condições estruturais do projeto.

Depois que a piscina estava construída fizeram a casa de máquinas. Hoje em dia a piscina está passando por dificuldades e o atual supervisor do CEFER, o professor Sergio fez um levantamento de tudo que precisa ser feito ou reformado na piscina. Eu acho engraçado e alguns amigos também acham quando encontram na piscina uma placa bem escrita com os seguintes dizeres: “COMPLEXO AQUÁTICO”, sendo que o complexo aquático a que se refere é apenas uma piscina. Há mais de 20 anos que é preciso ter uma piscina de apoio, para aprendizagem, para hidroginástica. Já passou da hora de ter um quiosque para proteger os salva-vidas e os professores do sol muito forte.

A Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP) é muito bem-vinda ao *campus* da USP de Ribeirão Preto. Os professores de Educação Física do CEFER queriam a criação dela há muito tempo, mas não conseguimos na época. Só que agora a EEFERP veio com toda a força e a esperança é que a Escola faça com que o CEFER se torne realmente o cartão postal do *campus*, a exemplo das Universidades Americanas. Fazendo com que o CEFER tenha uma pista de atletismo bonita, um campo de futebol bonito, instalações arejadas, limpas, banheiros limpos e adequados, que tenha bastante material e que sejam de última geração.

É lógico que quem tem vontade faz atividade física em qualquer lugar. Faz na rua, na praça, até em uma sala de musculação caindo aos pedaços, mas se tiver locais melhores, mais agradáveis, mais arejados, mais climatizados, faz com muito mais gosto a atividade física e valoriza muito mais aquilo que está fazendo. Durante esses quase 38 anos que trabalho no CEFER a maioria dos Prefeitos do *campus* ajudou. Mas, a impressão que tenho ao longo desses anos é que o CEFER entrou pela porta dos fundos, a Educação Física entrou no *campus* pela porta dos fundos, por meio de uma Lei da Ditadura que impôs a Educação Física como uma disciplina obrigatória. Parece que essa obrigação criou um ranço contra a Educação Física e hoje em dia o Centro Esportivo é visto, por quase todo mundo, como uma seção que dá prejuízo. Hoje, ninguém olha como deveria ser olhado o Centro Esportivo, como um órgão promotor da saúde, do bem-estar, de relacionamento social.

Um dia estávamos eu e Jether no corredor do ginásio do CEFER, quando vimos alguém derrubar uma árvore que tinha mais de sessenta anos, e derrubou mais algumas outras árvores antigas – jambolões e figueiras. Para se ter uma ideia o conjunto dessas árvores, na época do calor, fazia cerca de oitenta metros de sombra na pista de atletismo. Essa sombra facilitava a vida de quem queria correr, fazer o aquecimento ou treinar no horário mais quente, entre as três e cinco horas da tarde. Então, o professor Jether, quando viu aquelas árvores sendo derrubadas, foi perguntar o motivo. Foi quando soubemos que seriam construídas duas quadras polivalentes, quadras pequenas que dão de cara para o sol no calor de Ribeirão Preto são difíceis de usar. Nós, professores de Educação Física, não sabíamos que essas quadras seriam construídas ao lado

da pista de atletismo do CEFER, não tínhamos nem o conhecimento da construção dessas quadras, tudo foi feito sem que opinássemos.

Outra coisa que me deixa pasmo é que alunos e funcionários, que são os grandes beneficiados com a existência do CEFER, pouco se interessam pelo que está acontecendo aqui. A maioria dos alunos só quer vir ao Centro Esportivo, usar e está acabado. Aliás, há uma grande queixa em relação aos alunos, se depender de algum aluno, de alguma representação de aluno, de algum presidente de associação atlética, ninguém faz nada em termos de se mobilizar pela melhora do espaço, só faz uso.

Sempre fui a favor de se cobrar uma taxa simbólica pelos cursos oferecidos no CEFER. Porque, por exemplo, eu tenho capacidade técnica suficiente para tocar muito bem os meus cursos, mas os meus cursos começam às vezes com 40 alunos e terminam com apenas dez alunos frequentando. Por que essa desistência? Por causa de provas, seminários? O aluno só vem quando quer, não valoriza o que tem de graça, então, sou favorável que se cobre um valor para esses cursos, ou qualquer evento relacionado à promoção de atividade física no CEFER. Como a Volta à USP, campeonato de xadrez, campeonato de futebol de salão. O aluno tem que pagar para valorizar. No meu entender, se o aluno ou o funcionário ou qualquer um que seja pagasse, frequentaria mais o curso, cobraria mais o professor e exigiria mais das instalações.

Quando os professores de Educação Física chegaram para ministrar aulas obrigatórias no *campus* tudo era da Faculdade de Medicina. Na verdade, antes de se criar a Faculdade de Medicina, existia uma Escola Agrícola, que foi transformada em Faculdade de Medicina, então, passou a existir só a Faculdade de Medicina. Um belo dia foi criado o *campus* da USP de Ribeirão Preto. Depois inaugurou a Escola de Enfermagem, a Faculdade de Filosofia com três cursos e a Faculdade de Odontologia e Farmácia, que eram uma Unidade só.

Todos esses cursos vieram para o *campus* e começou a divisão dos espaços, inclusive do espaço desportivo. A quantidade de cursos, alunos, funcionários e docentes cresceu e a estrutura esportiva ficou do mesmo tamanho. Foi quando começaram as confusões porque os alunos da Faculdade de Odontologia e Farmácia quiseram dividir o espaço, usar o ginásio de esportes, mas os alunos da Medicina achavam que o ginásio pertencia apenas a eles. Quando os professores de Educação Física vie-

ram para o CEFER era dito que ginásio de esportes era da Faculdade de Medicina. Então, as salas onde hoje funcionam como sala do supervisor e a sala de reunião do CEFER tiveram de ser negociadas com a Faculdade de Medicina, sendo que no outro extremo do ginásio tem uma sala que permanece dos alunos da Medicina, e tem a sala abaixo, onde funciona um laboratório do curso de Fisioterapia.

Hoje em dia as brigas e discussões estão mais diluídas. Mas já aconteceram brigas muito sérias no CEFER. Lembro de um episódio em que eu vi gente com cartucheira, barra de ferro, punhal, soco inglês, e a situação estava para estourar... Iria acontecer algum desastre se um professor da Faculdade de Odontologia não tivesse vindo até o Centro Esportivo para apaziguar a briga. Com o tempo, foram construindo mais algumas quadras no CEFER e foram feitas divisões de horários para treinamento entre as diversas associações atléticas do *campus*. A atlética da Medicina pegou os horários que quis pegar, porque é mais organizada que os outros e tem dinheiro para alugar outras quadras fora da USP.

Hoje, esse problema está bem minimizado, mas alguns resquícios ficaram. Por exemplo, a Medicina mantém, até hoje, três salas dentro do ginásio de esportes do CEFER. Uma dessas salas a Associação Atlética Rocha Lima utiliza para guardar os materiais deles. Eu já entrei naquela sala e aquilo está catastrófico. Deus me livre e guarde, se pegar uma faísca naquela sala, vai acontecer um sério incêndio, que destruirá o ginásio de esportes. Colchão, colchonete, espuma, material, cupim caindo para todo lado. De vez em quando pego um frasco inteiro de veneno e, se a porta está aberta, eu peço licença aos alunos e, se eles autorizam, eu esparramo o veneno lá dentro. Os alunos da Faculdade de Medicina têm mais outras duas salas, que não sei o que eles fazem, acho que em uma delas guardam os materiais de bateria. Eu acho que está tudo errado, porque, quando foi feito o centro de vivência para os alunos da Medicina, eles poderiam ter passado tudo para lá. Estas salas, para mim, são do CEFER e quem tem que administrar locais públicos, são órgãos oficiais, no caso, o CEFER.

Então, acho que tem que ser tomada uma providência para que essas três salas, pertencentes à Faculdade de Medicina dentro do ginásio de esportes, passem para o domínio do CEFER. Porque o Centro Esportivo vai contratar mais professores e iremos precisar daquelas salas para aco-

modar os novos professores de Educação Física. Porque nós, professores de Educação Física do CEFER, estamos dividindo uma sala em quatro professores. E isto é complicado, porque, às vezes, queremos ler ou estudar, ou ter um momento de paz, e isto se torna impossível pela quantidade de professores dentro da sala.

Por isso é que penso que as atléticas tem que ter uma postura mais política, de envolvimento, para produzir coisas em benefícios de todos e não em benefícios particulares.



Figura 2. Antigo Restaurante Universitário.
Atual Bloco C do CEFER USP Ribeirão Preto.

A maior necessidade do CEFER é que as autoridades que comandam o *campus* reconheçam-no como um importante setor para a saúde pública. Esse seria o maior ganho do CEFER, porque reconhecendo isto, tudo o mais vem por tabela, tais como: quadras boas, materiais adequados, condições de aulas adequadas, isso tudo viria por consequência. O CEFER precisa ser reconhecido como um órgão que gera saúde, qualidade de vida. Para mim é a grande jogada, como dizem em Educação Física, o grande lance é o CEFER ser realmente reconhecido, ser prioritário dentro do *campus* da USP de Ribeirão Preto.

Se olhar os novos órgãos que surgiram no *campus* e observar o quanto eles se desenvolveram, observa-se que o CEFER é, e sempre foi, considerado uma seção de segunda linha. Veja o próprio CIRP, que começou instalado em uma salinha, uma merrequinha. A própria Coordenadoria do *campus*, que era um setor da Faculdade de Medicina, era uma sala de um biotério da Faculdade de Medicina. Tudo cresceu, tudo se desenvolveu em todos os sentidos – a parte técnica, a parte operacional, a parte administrativa, a parte de infraestrutura com construções novas. Agora o CEFER foi só vivendo de pedaço, de consertos, de rebite, de ajustes de algum Coordenador ou Prefeito do *campus* da época, que dava um pouquinho mais de valor ao centro. Se não houver uma consciência da sua importância dentro da nossa comunidade USP, o CEFER sempre ficará na situação em que se apresenta: piscina quebrada, quadra de esportes caindo aos pedaços, materiais depredados e obsoletos. Mas o problema é que CEFER não é importante ao pessoal que está comandando os destinos de nosso *campus*.

Eu não estou cansado, não estou ultrapassado, estou enjoado. Mas, durante as minhas aulas não tenho esse sentimento de cansaço, de enjoamento; as minhas aulas são de boa qualidade, eu trato os alunos com dignidade. Porém, esse sentimento de enjoamento me impede de criar muitas coisas novas, a última coisa que criei foi o curso de condicionamento aquático, faz uns quatro anos, criei também o curso de tênis de mesa, e, no ano de 2013, foi realizado o I Torneio de Tênis de Mesa do CEFER. Então, a pessoa tem que estar atenta à movimentação, tem que criar coisas, tem que ter uma participação mais efetiva na Educação Física, para colaborar com o bem-estar e a saúde da nossa comunidade e também para fazer jus ao ordenado que ganha. Estão vindos três novos professores de Educação Física contratados para trabalhar no CEFER, mais o professor Átila, que foi contratado no ano passado, todos jovens. Eu penso que esses professores trarão novidades para o CEFER em termos de novas propostas, novos cursos, novos eventos e, com a mocidade deles, com o ímpeto deles, eu penso que eles têm muito a trazer para impulsionar o CEFER cada vez mais para frente. Agora, o quanto esses jovens professores contribuirão para o CEFER dependerá muito de quem estará chefiando, de coordenar os estudos de pós-graduação, que certamente eles vão querer fazer para entrar no espírito da Universidade, qual

seja o de pesquisa, de novos conhecimentos. A melhoria da qualidade de vida, a melhoria da saúde, a sociabilidade, a integração são coisas que não são palpáveis, tornam-se palpáveis à longo prazo. Agora, se morre um bicho por falta de comida, os laboratórios param de fazer pesquisa, e, assim, os dirigentes do *campus* dão prioridade a isso. Então, é questão de prioridade, o CEFER nunca foi prioridade no *campus*, tanto é que o Centro Esportivo está caindo aos pedaços, a piscina está com problemas sérios, não só a piscina em si, mas os vestiários, a administração, já vai fazer oito anos que ela está se desgastando; as quadras externas estão abandonadas. Eu, particularmente, tenho vergonha de levar o visitante para mostrar a sala de musculação do CEFER. Então, nós estamos com problemas estruturais gravíssimos e isso tudo custa dinheiro, quando se leva para o Coordenador os custos, os dirigentes do *campus* acham que é um valor absurdo. Mas não é absurdo cuidar da saúde, cuidar da qualidade de vida, da integração. Se olharem a Educação Física com outros olhos e considerá-la importante para o bem da nossa população, ela vai ser prioritária.

Nós tivemos supervisores do CEFER mais voltados para a dinâmica, comprometidos. Mas nós todos, professores, porque nós elegemos o supervisor do CEFER, e os alunos, os presidentes de atléticas, também foram culpados, porque ninguém cobrava nada. O campo sempre caindo aos pedaços, a pista também, as salas de ginástica, de musculação também estavam em más condições e os alunos pouco se importavam. Enquanto estiver usando está bom. Então, todo mundo tem sua parcela de culpa, os alunos, os funcionários, os professores do nosso Centro Esportivo, ninguém reclamava, como se tudo estivesse bem. Se ninguém reclamou, se ninguém fez abaixo-assinado, se ninguém foi cobrar o Prefeito da época, o Coordenador da época, se ninguém fez pressão é porque está tudo indo bem? Se os usuários, que são os maiores interessados, não se manifestaram, porque o Prefeito do *campus* vai se manifestar? Então isso foi rolando.

Gostaria de lembrar do professor doutor Victório Valeri do Departamento de Morfologia da FMRP. Ele tinha tamanha paixão e interesse pelo desenvolvimento da Educação Física no *campus* de Ribeirão Preto, que, em certa ocasião, se dirigiu a Brasília, pessoalmente, numa viagem muito longa de carro, para tentar recursos dos Ministérios da Educação

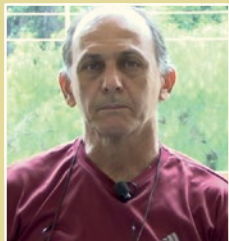
e Cultura para o Centro Desportivo. Infelizmente, não conseguiu nada do Governo Federal.

Por esta razão, com um grande tempo de atraso, o CEFER, por sugestão minha, resolvemos homenageá-lo dando nome dele no Torneio Aberto de Atletismo do CEFER, que é realizado anualmente e já está em sua oitava edição. Foi uma atitude demorada, mas acertada, porque quando a família dele, a esposa de 92 anos, filhos, netos, bisnetos e noras, esteve presente no ato que concedeu o título da competição ao professor doutor Victório Valeri se emocionou muito e ficou muito agradecida. Hoje em dia a competição se chama: Torneio Aberto de Atletismo “Prof. Dr. Victório Valeri”.

Eu quero agradecer todo o trabalho de resgate de memória da CEFER por ter permitido que eu fizesse força para lembrar algumas coisas, para dar o depoimento da minha vida no CEFER e eu espero que este depoimento tenha ajudado a quem for lê-lo a tomar conhecimento dessa história.

BOAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

- Início do gosto pela prática de atividades físicas ou esportivas se dá na infância, em função da variedade de possibilidades no contexto ao qual a criança está inserida.
- Professores de Educação Física Escolar são determinantes no sentido de despertar o interesse do aluno em realizar atividades físicas.
- Para que a prática da atividade física seja vivenciada de maneira prazerosa, é necessário que o praticante a veja como uma escolha, e não como imposição.
- A prática de atividades físicas e esportivas, bem como a sua continuidade, estão relacionadas com vários fatores independentes e de caráter extrínseco, tais como: relação estabelecida entre professor e aluno, obrigatoriedade, objetivos e necessidades. Já a qualidade da prática está relacionada com fatores intrínsecos, tais como motivação e prazer.
- Em cursos de oferecimento gratuito é necessário que o profissional pense em soluções para garantir a frequência e o comprometimento do aluno, uma vez que é bastante comum a evasão.
- É importante que o profissional em Educação Física reconheça que seu ambiente de trabalho é um local gerador de saúde, e que se reconheça como agente dessa ação.
- Os novos professores de Educação Física devem trabalhar novas ideias e desenvolver novos projetos, pois trata-se de uma área muito dinâmica e que é influenciada por modismos e tecnologia.



Angelo Battaglion Neto

O professor Battaglion desempenha o cargo de Educador de Práticas Esportivas no CEFER desde 1974. Foi um dos coordenadores do CEFER, sendo também responsável pelo desenvolvimento das aulas de futsal feminino e tênis. Além disso, é professor universitário na UNAERP. Concedeu sua entrevista em fevereiro de 2011.

RELATO DO EDUCADOR

Meu nome é Angelo Battaglion Neto, nasci em abril de 1951. Em 1973 conclui a minha graduação em Educação Física, logo um ano depois, em agosto 1974, passei em um concurso público aqui na USP, no CEFER. Em 1998 fiz o Mestrado na área de Saúde Pública, e em 2003 concluí o Doutorado.

A Educação Física apareceu muito cedo na minha vida, desde a minha infância. Aos 15 anos já estava jogando futebol como júnior no Comercial, e aos 17 anos já era atleta profissional. Desde então foram dez anos, praticamente toda minha carreira de atleta profissional, percorrendo várias equipes do Brasil, e pude aprender muito com o esporte.

Atualmente, com 60 anos, ainda pratico basicamente dois esportes. Há a turma dos ex-veteranos profissionais de futebol de Ribeirão Preto, temos essa turminha há mais de 30 anos, jogamos todos os sábados, e também pratico tênis, durante a semana, no clube em que sou sócio. Além disso, ainda tenho minha atividade de ginástica durante as aulas, aqui no CEFER, e aulas de tênis também.

Quando eu ingressei na USP, pelo concurso em que fui aprovado, o CEFER existia há apenas um ano. Ele foi criado em 1971, sendo que os primeiros professores, o professor Abel e o professor Romualdo, entraram no final de 1972. Em 1974 entraram mais dois professores, eu e o professor Eliézer. Então, teoricamente, eu ingressei no CEFER no seu segundo ano de atividades do CEFER.

Na época, eu era recém-formado, no meu início de carreira, e para quem está nesta situação é muito gratificante prestar um concurso e ser aprovado, como foi para eu entrar como professor na Faculdade de Me-

dicina naquela época. No início eu era Técnico Desportivo e atuava somente com os alunos da medicina, posteriormente passei a atuar com os outros alunos do *campus*.

Até 1978, mais ou menos, a Educação Física era obrigatória em todos os seus níveis. Por exemplo, na medicina esta obrigatoriedade era até o quarto período. A partir de 1978 começou a diminuir para dois, posteriormente passou para apenas um, até que esta obrigatoriedade deixou de existir. Por volta dos anos 2000 a Educação Física voltou à Faculdade, mas agora como disciplina optativa.

Quando falamos da participação e adesão dos alunos, no período de Educação Física obrigatória, era consideravelmente maior, pois esta obriga o aluno a vir nas aulas. Acontecia desta forma, os alunos escolhiam uma modalidade esportiva entre as oferecidas e, depois do período diário de aula, eles vinham ao CEFER, ou às 18h se optassem por vir à tarde ou de manhã, antes de começar o período, às 8h, e faziam aqui suas práticas esportivas. O aspecto negativo da obrigatoriedade era que muitas pessoas não gostavam da Educação Física, e, então, quando foi introduzida de maneira optativa surgiu um aspecto positivo, que foi a vivência pelo prazer de praticar Educação Física. No entanto, o fim da obrigatoriedade fez com que houvesse uma grande evasão de alunos da prática da Educação Física.

O CEFER teve que se adaptar às novas situações do momento, fez isso conforme a evolução da Educação Física, uma vez que antigamente a Educação Física era considerada praticamente como um esporte, somente esporte, mas esta evolução nos proporcionou a amplitude das atividades, dos cursos oferecidos, hoje, com várias outras modalidades, além das esportivas, mas com outras práticas de culturas corporais também, por exemplo, a dança, as artes marciais, a ginástica. Infelizmente é a cultura do povo brasileiro, parece que as coisas obrigatórias ou pagas têm mais valor, mas estamos tentando mudar esse conceito dessa obrigatoriedade, transformando em algum modelo de benefício, pelo menos na área curricular do aluno. Acredito que o maior prejuízo dessa obrigatoriedade para o aluno, às vezes, é didática curricular, porém o aluno não observa o valor, os benefícios que têm com relação à saúde. Mas nós aqui do CEFER estamos tentando, há uns 15 anos, mudar esse conceito. E temos alcançado os resultados, pois, se você observar, hoje a prática

da Educação Física é espontânea, e alguns dos cursos que oferecemos, além de lotarem, possuem até lista de espera, sendo assim, eu acredito que alcançamos um modelo interessante, embora eu ainda ache que uma valorização do currículo do aluno, para a Educação Física seria muito importante, a Educação Física como optativa.

Existem dois caminhos importantes. Primeiramente, temos que oferecer uma estrutura adequada para o *campus* de Ribeirão Preto, pois a quantidade de alunos cresceu muito nos últimos anos, e, para que possamos divulgar ou mesmo aumentar a oferta, devemos primeiramente oferecer uma estrutura adequada, mas ainda estamos longe disso. O outro ponto seria um trabalho didático, um trabalho administrativo nas Unidades de ensino, e nós sabemos que algumas unidades valorizam essa prática, mesmo sendo como optativa, espontânea e não obrigatória. Uma destas é a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que possui um pensamento muito positivo em relação à Educação Física. E tem também aquelas unidades, por exemplo, a Odontologia, que oferecem essa matéria como optativa, mas a procura é baixíssima, e eu acredito que seja por falta de estímulo para a prática de atividades físicas. A Faculdade de Medicina é um exemplo diferente, nós sabemos que a prática esportiva é muito grande, valorizada e organizada, principalmente quando relacionada à Associação Atlética. Trata-se de um estímulo muito grande, estímulo que ainda falta às outras Unidades.

O CEFER surgiu de uma Lei Federal, aprovada em 1969. A partir desta lei, em 1971, houve a introdução da Educação Física obrigatória nas Unidades de ensino da USP, desde então houve um desenvolvimento muito grande da parte esportiva. O CEFER começou então a ter uma estrutura, a oferecer uma estrutura que pudesse abrigar todo esse novo currículo escolar, e até certo ponto conseguimos abrigar esses alunos na prática esportiva. Nós éramos contratados pelas Unidades de ensino, isso no período de 1974 até 1978, ao todo, dez professores de Educação Física estavam distribuídos nas Unidades de ensino, dois em cada Unidade, com exceção da Medicina, que tinha quatro professores. A partir de então houve uma centralização dos profissionais, que saíram das Unidades para um Centro dirigido pela Prefeitura do *campus*. Foi uma mudança radical na estrutura e na organização do CEFER, e foi nesse momento que, em minha opinião, houve um enfraquecimento em ter-

mos de Educação Física nas Unidades, no entanto, houve um aproveitamento melhor dos seus professores. A partir do momento em que fomos reorganizados, agora juntos, no CEFER, deu-se início ao crescimento do número de alunos e do número de cursos. Pouco depois as deficiências de profissionais, com as aposentadorias e os afastamentos de profissionais que tivemos, começaram a aparecer, e agora estão acontecendo com mais frequência, pois os profissionais que aqui trabalham já estão com idade avançada, com a carreira muito longa, inclusive a minha, e ainda não houve reposições dos profissionais e da estrutura física do Centro. Temos, ainda, um estudo, um projeto pra melhoria da situação esportiva no *campus*, instalação esportiva, no entanto, não é fácil de concretizar, para nos adequarmos a todas as mudanças que a USP vem sofrendo nos últimos anos.

Na minha opinião, o CEFER, como entidade, como instituição, ficou muito forte dentro do *campus*, mas, em termos profissionais, a centralização no CEFER foi um malefício para o nosso crescimento profissional, pois dentro das Unidades de ensino nós podíamos construir uma carreira profissional como docentes, no entanto, dos dez profissionais que ingressaram naquela época, apenas eu concluí o Mestrado e o Doutorado, isso graças a uma Unidade de ensino que foi a de Saúde Pública, da Escola de Enfermagem introduziu um programa aqui no CEFER, um programa que deu frutos à minha carreira profissional. Essa situação não foi vivenciada pelos outros profissionais por causa do rompimento desta relação com as Unidades de ensino, pois, se você fosse um docente, um profissional, um auxiliar dentro das Unidades, em termos de pesquisa e ensino, a acessibilidade seria completamente diferente, tanto é que nosso cargo hoje ainda permanece como Educador de Prática Desportiva, um cargo de funcionário, situação que foi colocada, impostas pela própria USP, que não pensou na carreira do profissional quando surgiu o CEFER, e nós viramos apenas uma seção de serviços prestados à comunidade.

Na época desta mudança, haviam alguns profissionais que não se interessavam pela carreira de docente, porém se, dos dez profissionais, oito quisessem, eu garanto a você que exerceria uma força política muito grande, não fosse a força institucional daquela época, centralizadora, pois era uma prefeitura ou uma coordenadoria, muito mais forte, e isso pesou muito, pois faltou o lado do profissional, que não foi ouvido, mes-

mo com a vontade ou não vontade, faltou a opinião. Por outro lado, nós devemos prestar atenção no momento histórico da Educação Física. Em 1978, quando foram realizadas essas mudanças, 1982 nós tínhamos poucos cursos de Mestrado no Brasil, aliás, só existiam dois no Brasil naquela época, ou seja, para você fazer um Mestrado, você tinha que ir pra São Paulo ou Rio Grande do Sul, e a USP não oferecia condições, não existia o curso, nenhum dos profissionais da área tinha interesse em sair, em investir. Teve uma época em que nós estávamos com cinco profissionais, se não me engano. Fomos fazer a prova de concurso para ingresso no Mestrado da USP. Só que era um curso muito novo, e, dos cinco, apenas um conseguiu ser aprovado nesse concurso, então não bastava apenas a vontade do profissional, faltavam possibilidades e acessibilidade. Hoje não, hoje é diferente, temos no CEFER vários profissionais de Educação Física concluindo seu Mestrado. Esse momento histórico contribuiu para essa evolução da profissão, ou para história do CEFER, porém prejudicou a nossa carreira profissional.

Apesar de termos uma cultura de trabalho, na nossa área, em muitos locais, muito enraizada na Educação Física antiga, não contemporânea, isso se tornou pouco para o ambiente universitário, pois aqui temos outra visão, a da Educação Física em prol da saúde e do rendimento, sendo assim muitas Unidades de ensino da USP procuravam as nossas atividades para se preparar, tanto é que nós trabalhávamos diretamente com as Associações Atlético Acadêmicas. Em termos didáticos, podemos dizer o seguinte: a educação antiga é baseada em sistemas e métodos, e que eram principalmente copiados dos métodos europeus. Posteriormente nós passamos a sofrer uma influência muito grande dos métodos americanos, que hoje predominam, com toda sua evolução tecnológica e suas pesquisas. Portanto, o grande marco, a grande mudança da Educação Física foi a pesquisa científica, que atingiu a todos, até o currículo da Educação Física, na formação de professores, mudou completamente. Antigamente tínhamos um currículo repleto de disciplinas práticas e métodos desportivos, mas atualmente ele é todo baseado nos métodos científicos, uma teoria muito grande. Na minha opinião, deveria existir um equilíbrio, pois a formação de profissionais que atuarão nas áreas práticas está em fase de decadência, exemplos disto são as importações de técnicos estrangeiros que está acontecendo em todos os esportes, pois

nós não temos aqui uma formação de técnicos, graças à pesquisa científica que hoje direciona nossos profissionais para as partes teóricas. Em contraponto, nós estamos vivendo um momento muito positivo na área de pesquisa científica, na produção do nosso conhecimento, o melhor em toda a história da Educação Física.

O CEFER evoluiu muito nesses anos todos de sua existência, e passamos por algumas fases que mostram isso. A primeira foi uma fase esportiva, direcionada ao rendimento, na qual tínhamos um grande e claro objetivo, que era alcançar o sucesso no esporte, conquistas e esta durou muito tempo. A segunda fase veio com a mudança de estrutura no organograma do *campus*, com a criação do CEFER, nós fizemos também mudanças na estrutura curricular, no trabalho dos até então técnicos esportivos. Tivemos que nos adaptar às novas modalidades esportivas e aos novos cursos oferecidos. Tivemos que nos adaptar, principalmente, ao tipo de clientela que recebíamos. Por exemplo, se antes eu trabalhava só com a Medicina, conheceria muito bem o perfil do aluno da Medicina, saberia qual é o objetivo da Educação Física para esse aluno, mas você passou a trabalhar com alunos de Filosofia, da FEA, da Odontologia, todos juntos, com perfis diferentes, objetivos diferentes, e tivemos que trabalhar com todos ao mesmo tempo, e aprender a lidar com isso. Outra situação que nos marcou muito durante esse período de mudança foi a questão do poder, das políticas internas de administração do CEFER. Nós sofremos um baque muito grande, uma queda muito grande na produção, quando foi colocado um profissional de outra área pra ficar na direção do CEFER.

E a última fase, a que estamos vivendo agora, é a do resgate da valorização profissional e de produção de eventos esportivos, de aumento de procura, diversidade de modalidades esportivas, que infelizmente esbarra na pequena quantidade de profissionais que contamos hoje, na verdade, são seis, inclusive eu, que trabalho como professor, além do gerenciamento, que está sob minha supervisão, e graças a isso hoje eu tenho que diminuir muito a minha carga horária de aulas. Contudo, nós estamos passando por um momento de esperança de um futuro com melhoria da estrutura física e contratação de profissionais, que está próximo, pois se não me engano já foram aprovados mais três profissionais, que chegam com um modelo diferente de profissional, mais atual, o que

deve direcionar melhor o nosso campo de trabalho, pois nossa área de atuação precisa ser ampliada, devemos aproveitar este momento, já que a Educação Física está em uma fase de crescimento muito grande.

Acredito que o grande problema do profissional da Educação Física, é a questão do gerenciamento, de direção, gestão, área que ainda sentimos uma grande dificuldade, no *marketing* esportivo, na promoção de eventos, em divulgação, esta é uma questão que, se não for trabalhada durante a formação, fará muita falta na hora da prática, por isso espero que os atuais conhecimentos curriculares da Educação Física, melhorem este conteúdo, pois o momento que vivemos requer sempre atualizações, atenção a crescimentos tecnológicos, à diversidade de atividades, isso tudo é importantíssimo.

A Universidade é o centro do saber, aqui se produz o conhecimento e aqui ele chega primeiro. Aquele que estiver aqui dentro deve acompanhar essas mudanças, por exemplo, ao citar o ensino médio, o ensino fundamental, a educação infantil, esse crescimento é lento, a produção de conhecimento é lenta, as dificuldades são maiores, mas na Universidade não, nela todo esse processo é rápido. Apesar da idade profissional avançada, idade de conhecimento, eu, pessoalmente, tenho tentado acompanhar essa situação vivida pela Educação Física, hoje, dentro da Universidade, embora ainda existam aspectos que temos muita dificuldade.

Nossa rotina de atividade é baseada em três aspectos fundamentais. O primeiro deles é ministrar aulas, programas e projetos. A segunda é a preparação de todo esse trabalho, a elaboração do seu trabalho. E o terceiro é o trabalho em grupo, de equipe, na estrutura do CEFER, pois temos, hoje, vários projetos que envolvem todos os profissionais. Atualmente, temos a dificuldade muito grande como seção, é um desrespeito muito grande ao profissional, e ao próprio CEFER, este ser considerado uma seção dentro da estrutura do *campus*, ser subordinado a pessoas que não conhecem a parte específica do nosso trabalho. Fica difícil trabalhar assim, tendo até que explicar como um projeto ou um evento ocorrerá, para isso se gasta muito tempo, além do desgaste do profissional, que vem com o tempo.

Então, um dos sonhos nossos, creio que de todos os profissionais que aqui trabalham, é que o CEFER se torne uma Unidade de ensino, porque

às vezes somos nós que fazemos o trabalho administrativo, de elaboração de estruturas, por exemplo. Se fossemos uma Unidade, teríamos alguns profissionais, alguns cargos, algumas funções, como a de auxiliar de esporte, ou de tesouraria, que facilitaria o nosso trabalho, e toda essa estrutura, mas acredito que essa seja a nossa luta, mas que não depende muito de nós. Infelizmente depende muito de São Paulo, e exige um trabalho político muito grande, e não temos todo esse poder, mas eu tenho o sonho profissional de que todos os Centros de Educação Física, Esportes e Recreação – o de Pirassununga, o de Piracicaba, o de Bauru, de Ribeirão Preto –, independente ou juntamente ao CEPEUSP, formassem apenas uma Unidade de ensino, centralizada apenas com profissionais, direção, receitas e despesas, centralizadas em apenas um órgão, em uma única Unidade de Ensino. Acredito que assim as verbas, as resoluções de problema, a criação ou reforma de estruturas, tudo aconteceria de maneira muito mais rápida, eficiente e válida. Esperamos que, talvez, apareça um gênio que possa nos ajudar com essa situação, para que possamos resolvê-la.

Um aspecto que marca muito o profissional da Educação Física é o relacionamento que ele tem com os seus alunos, e quando se trabalha com alunos de várias Unidades de ensino, esse trabalho se torna marcante e gratificante, pois você tem reconhecimento e valorização da importância que teve na vida dele, muitas vezes não só no aspecto pessoal, mas no profissional dos seus alunos também. Hoje, em várias situações eu encontro meus ex-alunos, e eles valorizam muito, elogiam muito o passado esportivo, o passado de saúde que o CEFER pôde proporcionar-lhes. Em alguns casos, eram alunos que hoje se tornaram meus grandes amigos.

No aspecto profissional, a USP me deu oportunidade de trabalhar em um nível de conhecimento altíssimo, deu-me oportunidade de fazer aqui dentro meu curso de Mestrado e Doutorado, e esta é uma rara oportunidade que os profissionais da nossa área têm, apesar de que atualmente há mais chances de se conseguir o que eu consegui. É graças a isso que eu acho que todos os profissionais que futuramente virão para cá terão uma grande carreira acadêmica. Embora não possamos nos esquecer do trabalho prático, que já existe e que não podemos jamais deixar de oferecer. Em termos profissionais, a USP me deu grandes alegrias, principalmente a de poder trabalhar numa instituição que, no Brasil, tem um

valor muito grande na sociedade universitária, e pertencer a esse ciclo de conhecimento foi importantíssimo para mim.

A estrutura do CEFER é arcaica, ultrapassada, com mais de 30, 40 anos. Em todos esses anos, nós passamos por poucas mudanças na estrutura física. Um dos exemplos é o ginásio de esporte, que foi criado há mais de 60 anos, por uma Unidade de ensino, e até hoje sustenta mais cinco Unidades de ensino, e mais de 30 cursos. Dessa forma, não conseguimos, com uma estrutura dos anos 1970, acompanhar as demandas da segunda década dos anos 2000.

O nosso parque aquático existe há mais de 20 anos, com problemas técnicos gravíssimos: a piscina foi construída com uma profundidade de quatro metros –sendo que não há necessidade alguma de se ter uma piscina com tamanha profundidade em uma Universidade –, não é aquecida, principalmente por causa dessa profundidade absurda, e, por isso, perdemos quatro meses de atividades aquáticas graças ao frio.

Nós passamos por uma melhoria muito grande na pista de atletismo, que era de terra, depois foi de pó de pedra, posteriormente, de placa de borracha, e, hoje, ela está com um piso emborrachado, mas com a data de vencimento próxima, e caso não seja feita uma reforma nos próximos cinco anos, a tendência é que esta pista se acabe. É inviável se construir outra, cerca de um milhão, um milhão e meio, no mínimo, e não temos a menor condição de conseguir essa verba. Hoje temos uma estrutura de salas de aula que antigamente não tínhamos, com três salas, uma salinha de judô, uma de musculação e uma de ginástica, porém não cabem 20 alunos em cada sala. Temos uma quadra coberta, mas quando chove sua cobertura não é muito eficiente, e em 2005 ganhamos duas quadras poliesportivas descobertas, ao lado da pista de atletismo, com uma iluminação precária, e que durante o dia são inutilizáveis, graças ao sol, mas, caso fossem cobertas, poderiam tranquilamente serem utilizadas pelas Atléticas na hora do almoço.

Resumindo, não adianta mudar a estrutura curricular se não houver condições físicas de recebê-las. Temos projetos, e um deles é do antigo refeitório, ao lado do CEFER, que foi colocado à disposição para fazermos uma reforma, e eu acho que ganharemos muito, pois o espaço é bem amplo e através dessa reforma poderemos até melhorar o Bloco B, mudar a estrutura e as modalidades oferecidas. O segundo projeto é a co-

bertura das quadras poliesportivas. O terceiro é construção de vestiários que atenderão o campo de futebol, a pista e as quadras poliesportivas externas, pois até hoje temos apenas um vestiário. Há também o projeto para a construção de um ambiente para as práticas do vôlei de praia e futevôlei, para as quais é necessária apenas uma quadra de areia, fácil e barata de se construir e atende o desenvolvimento de ambos os esportes. Por fim, há projeto de reforma da piscina.



Figura 3. Pista de Atletismo CEFER USP Ribeirão Preto.

Em termos profissionais, eu gostaria de continuar meu trabalho, sempre me atualizando com novos conhecimentos. Primeiro manter esse nível de atualização e nível de conhecimento. Mesmo depois de todo esse meu trabalho, de estudos, do Mestrado, do Doutorado, de participar na criação da Escola de Educação Física de Ribeirão Preto, pois a criação desta é um projeto antigo, há 20 anos nós chegamos até a montar o currículo para a Educação Física, mas infelizmente naquela época concorriam a FEA, o Direito e a Educação Física como novos cursos da USP. Há uns 15 anos que a FEA foi escolhida, depois de um certo tempo, o Direito foi o escolhido, e somente há dois anos é que foi introduzido o curso de Educação Física.

Um grande sonho que eu tinha, mas não se concretizou, e sinto uma mágoa muito grande por isso, era me transferir do CEFER para a Escola de Educação Física, e, para isso, eu prestei três concursos em disciplinas

e não fui aprovado em nenhum. Não estou me queixando da aprovação, foi um critério, mas eu sinto com muita mágoa por não ter sido aproveitado como docente, não ter sido aproveitado na criação ou no trabalho que existe atualmente na Escola de Educação Física. Embora o CEFER esteja ajudando muito, trabalhando junto aos profissionais da Escola. Mas me conformo, pois sei que para entrar você tem que ser aprovado no concurso. Apesar das mágoas, eu achei ótima a vinda da Escola de Educação Física, pois eu, e acredito que meus colegas também, nunca fui contra, pelo contrário. E considerando os atuais profissionais que lá estão, que possuem um currículo profissional muito grande e uma enorme experiência profissional, e em termos de crescimento profissional de campo, ela foi importantíssima. Particularmente, creio que foi um grande passo pra nós, profissionais aqui do *campus*, pois nossa presença é grande aqui dentro, e ela tem que ser marcante, principalmente com os novos alunos da Educação Física, que terão a oportunidade de estar aqui dentro e construir uma carreira profissional.

Não sei se outros colegas já tiveram essa ideia, mas o CEFER poderia, na minha opinião, ir pra Escola de Educação Física, fazer parte da Escola Educação Física, é uma ideia que poderia ser discutida, para que se valorize mais o profissional e o próprio CEFER, que sairia da Coordenadoria, deixaria de ser uma seção de um serviço, teria outro *status*.

BOAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

- Para que o trabalho do profissional de Educação Física seja realizado de maneira satisfatória é necessário que a instituição ofereça estrutura adequada.
- A centralização dos professores de Educação Física no CEFER se mostrou benéfica, no sentido de ampliar as possibilidades de atuação.
- O profissional de Educação Física deve se manter atualizado. Muitos profissionais se limitam apenas à conclusão da graduação. Antigamente isso ocorria pela falta de oportunidades, porém, atualmente, acontece por opção do profissional. A formação básica não é suficiente. É preciso acompanhar as mudanças no mercado de trabalho.
- É importante que o profissional atue integrando conhecimentos teóricos e relacionados à experiência prática. A área da Educação Física é marcada por dois momentos distintos: antigamente o currículo era baseado predominantemente nas vivências práticas das modalidades esportivas, atualmente é predominantemente teórico.
- Basicamente, a rotina de trabalho de um profissional de Educação Física consiste em preparar as

aulas e ministrá-las. É importante que o profissional conheça o público com o qual vai trabalhar, considerando o perfil do aluno (ou do grupo de alunos), seus objetivos e necessidades. Dessa maneira é possível adequar o programa de treinamento mantendo o aluno motivado e focado.

- Uma subárea que tem ganhado bastante destaque e tem crescido na Educação Física é a Gestão Esportiva. Alguns cursos de graduação apresentam essa disciplina em seu currículo. É importante que o profissional tenha esse contato, pois pode ser desafiado a desempenhar funções de gerenciamento, organização e planejamento de eventos.
- Em muitos casos, o profissional de Educação Física é subordinado a uma chefia que não é dessa área. Nesses casos é preciso que o profissional deixe claro o que é necessário e primordial para o desenvolvimento de suas atividades.
- O estabelecimento de relacionamento próximo entre o profissional de Educação Física e seus alunos é uma característica forte e que predomina na área. Desse modo, os benefícios podem ser verificados tanto pela parte do professor (seu trabalho se torna gratificante e valorizado) quanto pela parte do aluno (que se sente cuidado e motivado a continuar com o programa de treinamento).



Átila Alexandre Trapé

Átila é um dos novos professores que formam o atual quadro de professores do CEFER. É responsável pelo oferecimento das aulas de voleibol, treinamento funcional para a terceira idade e musculação. Além disso, está envolvido em atividades de pesquisa junto à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto e é docente no curso de graduação em Educação Física na UNIP. Concedeu sua entrevista em dezembro de 2012.

RELATO DO EDUCADOR

Meu nome é Átila Alexandre Trapé, tenho 29 anos, sou natural de São Paulo, me formei pela Universidade Estadual de Campinas em 2008, sendo que ingressei em 2003 e me formei em 2008 na primeira modalidade, que foi o bacharelado, e, em 2010, na segunda modalidade, que foi a licenciatura. Parte desses estudos realizei fora do país: estudei o último semestre na Universidade de Múrcia, na Espanha, com uma bolsa da faculdade, mas a minha formação original é na Unicamp.

Eu estava no último semestre da faculdade, foi logo no momento em que o banco Santander comprou o banco Banespa e começou a oferecer uma série de apoio às Universidades públicas, acho que até no intuito de ter algum retorno para eles, e uma dessas situações foi as bolsas que eles ofereceram naquele momento, uma bolsa para cada faculdade, e eu tive a oportunidade de ganhar a do curso de Educação Física. Isso foi em setembro de 2007, quando eu viajei. O calendário letivo deles é diferente. Eu fui para a Universidade de Múrcia, que se localiza no sul da Espanha, uma das províncias mais pobres ali no contexto espanhol, mas a universidade era bem organizada, e o que eu pude perceber em sala de aula foi um caráter mais rígido no desenvolvimento das atividades e das aulas. Acho que, de certa forma, até um comportamento diferente dos alunos. Parecia algo mais rígido mesmo, mais disciplinado do que eu observo aqui.

A carreira de Educação Física na Espanha é mais nova do que aqui, muito nova, e essa regulamentação que temos, em nível de Conselho

Regional que fiscaliza, não existe lá. Então, observamos muitos profissionais com segundo grau ou com ensino técnico atuando no esporte ou em academias, pelo menos no momento em que eu estive lá estava nesta situação... O currículo é bem parecido, pois quando eu fui convalidar o diploma do Brasil lá na Espanha, apesar de ter sido todo um processo burocrático porque depois eu atuei lá também, precisei trabalhar, enfim, apesar de ter sido um processo burocrático grande, eu não tive muitos problemas, o que mostra que as grades eram mais ou menos compatíveis, uma vez que eu não tive que cursar disciplina a mais. Eu acredito que seja parecida a grade, mas o comportamento dos alunos e dos professores eu acho que vá talvez para um lado mais rígido e disciplinado do que eu observo aqui.

Eu fui atleta de voleibol, comecei a jogar vôlei quando eu tinha 11 anos de idade, no centro olímpico de treinamento e pesquisa do Ibirapuera, de São Paulo. E antes disso já eu gostava muito de esporte, eu me lembro de ir assistir aulas de Educação Física da minha irmã, morávamos muito próximo da escola e era a minha irmã mais velha que cuidava de mim, então eu a acompanhava nessas aulas e já gostava muito de esporte nessa época, eu já tinha uma altura considerável, que chamava a atenção, e fui para o centro olímpico e comecei a treinar com uma turma de iniciação. Fiquei no centro olímpico por uns três ou quatro anos, treinando na escolinha, e quando eu comecei a sair para fazer peneira em clube, ganhei bolsa em um colégio particular para estudar, que é o colégio Campos Sales lá de São Paulo, que acho que foi um momento muito importante na minha formação pessoal, no sentido de ter oportunidade de ter um acesso melhor a estudos, e também no contexto esportivo, a jogar muitos campeonatos. E junto com o colégio e comecei a jogar em clubes. Joguei em diversos clubes de São Paulo até 2002, sempre inserido nesse contexto de esporte competitivo.

Em 2002 tive uma lesão um pouco mais séria na perna, tive que fazer uma cirurgia, e nesse meio tempo eu comecei a estudar para prestar vestibular e, na minha cabeça, sempre pensei em Educação Física, apesar de ter certa resistência familiar, no sentido de que nem sempre é a carreira que a família quer que você siga, até pela dificuldade que encontramos no mercado de trabalho. Então, prestei Educação Física e entrei em 2003. Antes disso, eu estava na Fatec em São Paulo fazendo um curso na área

de exatas, no qual fiquei muito pouco tempo; acabei me virando para a Educação Física e foi aí que eu me encontrei.

Eu jogo vôlei ainda. Eu tive esse primeiro problema em 2002, que foi a primeira cirurgia: tenho uma haste e dois parafusos na perna esquerda. Depois, jogando no contexto universitário, eu tive outra lesão, precisei operar a perna direita também. Por isso, tenho certa limitação, eu consigo jogar vôlei de uma certa forma. O exercício físico é saúde, mas o esporte no contexto competitivo acaba não sendo, não é? Então, no vôlei, eu acho que tive muita sobrecarga e até hoje eu sinto o meu ombro, os joelhos; as cirurgias deixaram sensibilidade, mas eu nunca parei de jogar, tanto que mesmo depois que eu tive a primeira lesão joguei no contexto universitário, cheguei a jogar os jogos universitários brasileiro, enfim, uma série de campeonatos. Aí veio a segunda lesão, operei, me recuperei e continuei jogando, jogando regionais – em 2012 eu joguei pela equipe de Ribeirão Preto. Organizamos um time aqui do CEFER para jogar campeonatos locais, toda segunda e quarta eu coordeno um grupo de treinamento em vôlei, há uma turma intermediária e uma avançada, e muitas vezes eu entro pra jogar. Então, eu nunca deixei de praticar o vôlei, mas diminuí bastante, claro, o ritmo que eu tinha antes. E, hoje, eu pratico corrida, inclusive um final de semana ou outro eu participo de corridas aqui na região, também pratico musculação, treinamento funcional, pratico bastante exercício, todo dia eu estou fazendo alguma coisa, me faz bem, se eu não fizer, o corpo sente falta, a mente sente falta.

Sobre a minha opção pelo vôlei, é algo assim... Eu não sei dizer como surgiu, mas com o contato que eu tive com os esportes eu sempre gostei de tudo, tanto que no contexto escolar eu era federado pelo vôlei, mas jogava outras modalidades pelo colégio porque gostava de tudo, mas o vôlei foi sempre o que mais me atraiu, o que eu mais gostei. E talvez por ter visto a minha irmã jogar também, mesmo no contexto mais escolar, foi sempre o que eu mais gostei de jogar. Acho que foi a minha grande paixão. O esporte foi responsável em grande parte pelo meu desenvolvimento, porque eu acho que muita coisa que você vive como atleta é trazida para a sua vida pessoal, para o seu amadurecimento pessoal, então o contato que eu tive com outros atletas que ainda são amigos até hoje, com os técnicos. É muito coisa de amadurecimento e de no começo você ir para um jogo, passar por situações de pressão e ficar com medo, ficar

ansioso, e aos poucos conseguir ir trabalhando com isso e hoje conseguir trazer para a sua vida, de chegar para dar uma palestra ou ter que falar em público, e acho que tudo que você vivenciou na sua vida de atleta de certa forma você consegue transferir, então o vôlei tem uma importância, apesar de hoje não ser tão presente na minha vida como ele foi, ele me fez vivenciar muitas coisas que eu carrego comigo até hoje.

O concurso que eu prestei quando entrei no CEFER foi em maio de 2010, e dessa leva dos novos que entraram eu fui primeiro a entrar, eu fui chamado em agosto de 2010. Esse concurso, até então, era para uma vaga, que foi a vaga que eu entrei e depois, ainda bem, chamaram mais pessoas, entraram mais quatro professores, o Filipe, a Patrícia, o Léo e a Flávia. E foi tudo muito repentino porque eu me formei em 2007, eu fui para a Espanha, fiz o último semestre da faculdade, voltei em 2008, convalidei as matérias, e me formei em bacharelado, tive outra oportunidade na Espanha, na qual eu fui para trabalhar, para treinar um time de vôlei feminino, fiquei lá entre 2008 e 2009, retornei no meio de 2009. Aí eu estava em São Paulo trabalhando em academia, como *personal trainer*, cheguei a trabalhar como preparador físico em um clube de voleibol. E nesse meio tempo eu fui prestando concursos, até no sentido de buscar uma estabilidade, um salário melhor.

Então eu prestei dois concursos da Universidade de São Paulo, lá do *campus* de São Paulo, eu cheguei a prestar duas vezes no *campus* de São Carlos, e o concurso de Ribeirão foi até um pouco inusitado porque eu não sabia que ia ter esse concurso em Ribeirão Preto, eu encontrei uma amiga na biblioteca da Unifesp, em São Paulo, acabamos indo juntos para prestar o concurso em São Carlos, e ela comentou do concurso daqui, e, apesar da distância ser longa, os gastos serem grandes porque eu estava morando em São Paulo, eu acabei vindo prestar a prova, mas eu já vinha me preparando para outros concursos, e acabou dando certo, o processo de convocação foi bem rápido e eu me mudei para cá.

Quando começamos a prestar concursos você tem duas situações: atirar um pouco para tudo quanto é lado ou tentar ficar ali naquele contexto. E o contexto da universidade me agradava muito porque eu sempre gostei de pesquisa, sempre gostei de estar dentro da universidade, então todos os concursos que a USP estava abrindo eu fui atrás. Eu prestei aqui e foi bem rápido, porque entre a prova e a convocação foram três meses.

O CEFER até então contava com cinco professores apenas, eu fui o sexto a entrar, e hoje nós somos dez professores. Enfim, foi mais ou menos essa dinâmica que aconteceu para os concursos.

Eu acho que hoje o CEFER é muito mais que meu local de trabalho, em virtude dos quase dois anos e meio que eu estou aqui e de tudo em que eu me envolvi, de tudo que eu faço parte, dos amigos que eu fiz... A relação que eu tenho com as pessoas com que eu treino e com os alunos é muito próxima, principalmente no trabalho que eu desenvolvo com a terceira idade, então é praticamente a minha casa. Eu estou terminando o meu Mestrado agora, eu trabalho no CEFER, então eu fico no *campus* o dia inteiro, eu passo mais tempo aqui do que na minha casa, então eu acredito que o CEFER seja a minha casa e não só meu local de trabalho, o meu “ganha-pão”, mas um lugar onde eu estou com meus amigos, compartilhando experiências e me desenvolvendo juntamente não só com os profissionais como com as pessoas que frequentam ali.

Nós fomos contratados como educadores de práticas esportivas, então, até quando prestamos o concurso percebemos que a função é bem ampla. A função no CEFER vai bem além do fato de dar aulas, então temos turmas de práticas de exercício físico, que são bem variadas. Temos várias turmas, por exemplo, eu trabalho com as turmas de treinamento de voleibol, turmas de treinamento funcional adulto e idoso, as turmas de musculação, tem o serviço de avaliação física e antropométrica para as pessoas que treinam, para a gente poder fazer um acompanhamento da parte física de composição corporal ao longo do tempo, de prescrição de treinamento, porque às vezes há pessoas que têm os horários aleatórios e não conseguem se matricular numa turma, e elas acabam precisando de um auxílio, então temos esse serviço também. Eu fico mais envolvido com essa parte dessas práticas, mas também há a parte administrativa, os planejamentos, as avaliações, as parcerias com pesquisas. E, por estar envolvido com a pesquisa do Mestrado, chega muita coisa até mim, no sentido de desenvolvimento de pesquisa e até supervisão de estágios dos alunos de graduação da Educação Física, então é um cargo bem amplo, que vai além do fato de você ir lá e dar aula. Penso que há muito mais para você desenvolver, inclusive as comissões do *campus*. Eu faço parte de comissão no *campus*, então a dinâmica acaba sendo bem variada, bem diversificada, e com isso você acaba, de certa forma, fa-

zendo uma variedade de atividades ao longo do dia, ao longo dos dias também. É mais ou menos isso, você acaba passando bastante tempo no *campus*, às vezes, quando você vê já deu o seu horário de trabalho e você ainda está fazendo coisas.

Acredito que a relação entre o CEFÉR e a EEFERP seja positiva, até pelo fato da escola de Educação Física ser formada aqui em Ribeirão Preto há o fortalecimento de toda a ideia de Educação Física e esporte dentro do *campus*, e acho que isso é muito importante para o CEFÉR. Acredito que as parcerias venham acontecendo desde o começo, não só no sentido de utilização de espaço, mas também no sentido de apoio, de modo que a EEFERP precisa oferecer o estágio para os alunos, e os alunos que fazem estágio no CEFÉR acabam tendo uma opção mais tranquila no sentido de não ter que sair do *campus*. Além disso, há as parcerias para pesquisa, os grupos de intervenção, por exemplo, os grupos de idosos, ou mesmo de adultos lá no CEFÉR acabam sendo bastante utilizados para pesquisa, e acho que sempre que um precisou do outro as solicitações foram atendidas e acredito que essa relação seja bem positiva. Então, eu vejo essa parceria como positiva e importante e acredito que com o passar dos anos só venha a se fortalecer.

Acredito que essa relação tenda a aumentar e se aproximar, porque cada vez mais recebemos alunos da Educação Física para fazer estágio, cada vez mais os alunos, com essas histórias de pesquisas, precisam realizar algum tipo de intervenção e para realizar a intervenção é necessário um profissional formado, qualificado para dar um suporte, então tem sido comum os alunos e os professores aparecerem por lá para ter esse tipo de suporte. Acho que é o nosso papel contribuir e participar da formação dos alunos da EEFERP também, até porque o docente acaba tendo algumas atribuições que muitas vezes vai até para o campo, mas ele não consegue ir para o campo acompanhar o aluno, e no CEFÉR temos uma atuação um pouco mais prática, então esse suporte acaba acontecendo. Por isso não vejo porque não aumentar essa aproximação.

Nesses quase dois anos e meio no CEFÉR, aconteceu bastante coisa. Existe um projeto de reforma, algumas coisas relacionadas a compras estão encaminhadas, mas ainda não é concreto. Com relação à prática, acho que, das turmas de treinamento, eu destacaria o trabalho que é desenvolvido com a terceira idade, que compõe um público assíduo,

muitas pessoas que moram aqui ao redor da região e que às vezes possuem condição socioeconômica desfavorável, e estão sempre lá, assíduas, sempre te recebem bem, estão dispostas a fazer as coisas; essa turma é muito bacana, é um destaque positivo bastante importante lá no CEFER.

Hoje, a maior dificuldade que o CEFER apresenta é ele não ser uma unidade independente, ele faz parte da Prefeitura do *campus*. Só que sabemos que em São Paulo ele é uma unidade independente, então, muitas vezes, para você conseguir fazer as coisas demora muito, porque passa por aqui, por ali, depende da assinatura de um superior, até chegar ao superior responsável. Se o CEFER fosse independente eu acredito que as coisas poderiam andar um pouco mais rapidamente, às vezes chegamos a ver algumas coisas ficarem paradas porque o CEFER faz parte de um departamento, que faz parte de algo maior, no caso, a Prefeitura. Então nós somos a seção de práticas esportivas, acabamos passando por todo esse processo, se fosse independente, acho que seria melhor.

Acho que o outro ponto é que pelo fato de ser gratuito e as pessoas poderem realizar ali, não terem de custear nada, acabam não tendo nenhum tipo de compromisso mais forte, então o que observamos é que quando as pessoas começam, a procura é muito grande, quando vão se inscrever as vagas acabam muito rápido em alguns cursos, e depois essas pessoas abandonam, então, falta um compromisso. A universidade, eu acredito que ela possa se sustentar por si só, mas a experiência que eu tenho, até da Unicamp, onde os projetos de extensão eram pagos, é que quando você mexe no bolso da pessoa parece que ela cria uma postura diferente perante aquilo. Então, talvez, se fosse criado algo desse tipo, que fosse um valor irrisório, que de certa forma pudesse ser convertido para o próprio Centro e para as próprias pessoas, mas para que, quem sabe, elas pudessem criar um compromisso maior com a prática mesmo. Porque se você vai praticar exercício físico e você quer um benefício estético ou de saúde, se você fizer de vez em quando, se não tiver um caráter contínuo, sabemos que não vai ter resultado. Então a gente tem que pensar em alguma estratégia nesse sentido, para que as pessoas frequentem durante o curso inteiro, que as pessoas não parem.

Então eu acho que as limitações que eu vejo hoje é o fato de o CEFER não ser independente, depender de outros departamentos, o que não é um problema, mas às vezes atrasa mais as coisas. E, no caso dos cursos

oferecidos, tentarmos criar uma dinâmica para que as pessoas possam ser mais assíduas, e claro, se for cobrar é importante pensar que talvez alguns indivíduos não vão ter condições de pagar, assim, deverá existir uma condição para que esses indivíduos possam ser atendidos e não tenham que pagar. Talvez até dê para criar um fundo de caixa com esse dinheiro, que não vai ser muito porque seria um valor pequeno, mas poderia ser usado para as próprias melhorias do local, já que muitas vezes um cabo de aço ou uma corda arrebenta. São melhorias que precisam ser feitas com certa rapidez e se pedimos via Prefeitura acaba demorando um pouco, não que não seja atendido, é atendido, mas acaba demorando e tornando o processo um pouco mais lento.

Na parte estrutural, estamos esperando essa reforma do Bloco C, que é o antigo restaurante universitário, a sala de musculação não tem espelhos e a justificativa para não ter colocado os espelhos ainda é porque vai ter a reforma, depois da reforma eles colocam os espelhos. O calor é muito grande, em alguns horários as pessoas não conseguem praticar exercícios, seria ideal que o ambiente fosse fechado e tivesse ar condicionado, uma temperatura mais amena, para as pessoas poderem praticar exercício. O ginásio já foi reformado no ano passado, é necessário reformar as salas de ginástica, a sala de musculação, trocar os aparelhos de musculação que já estão antigos (são da década de 1980, quando a sala foi formada); assim, tudo funciona. Eu acredito que o CEFER, hoje, apesar das limitações estruturais que nós temos, funciona bem, se você for na sala de musculação você tem os alteres, tem os equipamentos, tem tudo para realizar seu treino mesmo as aulas de ginástica, conseguimos comprar materiais, as salas estão limpas, em condições de uso, mas acreditamos que possamos melhorar. Se a reforma for feita, os espelhos forem colocados e o ar condicionado for instalado, conseguiremos oferecer para os alunos a mesma coisa que academias e clubes fora da USP oferecem, porque acredito que a qualidade dos treinamentos é boa, até mesmo pelo “funil” que o concurso oferece, só entram os profissionais que são bons. Hoje, o trabalho que é desenvolvido já é muito bom, só a estrutura que precisa melhorar e acredito que num futuro próximo a estrutura vai estar bem melhor.



Figura 4. 1º Revezamento Aquático do CEFER USP Ribeirão Preto (2012).

Sobre os eventos que o CEFER realiza, eu participo de todos eles e, nos eventos, um, dois ou até três professores ficam responsáveis pela organização geral e os outros sempre dando um suporte. Penso que os eventos são uma oportunidade de reunir as pessoas dentro de um contexto ali de esporte. Hoje ampliamos bastante isso, temos o campeonato de vôlei, o campeonato de basquete, que são semestrais, o revezamento aquático, a Volta USP, temos as caminhadas, campeonatos de xadrez; e estamos tentando ampliar um pouco isso, porque, no final das contas, não conseguimos realizar mais do que uma ou duas vezes cada torneio, até pela quantidade de eventos que temos acaba tendo um ou dois eventos por mês. Acredito que temos que continuar investindo nos eventos, porque é um momento de confraternização, em que as pessoas têm para aplicar aquilo que elas gostam de fazer. Para o pessoal que treina vôlei o campeonato é uma oportunidade de atuar num contexto competitivo, mas ele também está com os companheiros de universidade, que ele já conhece. Cada um tem uma responsabilidade específica dentro de cada evento e, como eu disse, eu acredito que os eventos são importantes, é algo que temos que continuar investindo, e quem sabe até tentando criar

mais, porque sempre é um momento em que as pessoas se divertem e passam muito bem.

Eu acho que conseguimos atender em partes à comunidade externa até porque a demanda, dentro do *campus*, é grande inicialmente, então quando abrimos as inscrições para os cursos vemos que muitas pessoas ficam sem se inscrever e reclamam que o Centro não dá conta de atender todo mundo, mas no final do semestre vemos que o abandono acaba sendo grande, as pessoas têm dificuldade para se disciplinar e conseguir frequentar. Tem alguns cursos específicos para a comunidade externa, geralmente a procura pela comunidade externa para praticar aqui é grande, tem aumentado também a participação deles, mas temos um limite estrutural e não conseguimos, por exemplo, oferecer cursos para a comunidade externa entre cinco e sete da tarde, que são os horários de pico dos frequentadores lá no CEFER, então acabamos atendendo só a comunidade USP nesse horário. Há quatro salas de ginástica e uma sala de musculação, então não conseguimos atender. Eu acredito até que a EEFERP, quando começar as atividades de extensão dela, vai conseguir dar um suporte para atender às pessoas que vão vir de fora, até porque imagino que seja um dos objetivos quando ela começar a oferecer. Assim, conseguiremos atender um pouco mais a comunidade externa. Ao mesmo tempo, as pessoas têm outras possibilidades de práticas hoje em dia, essas academias ao ar livre, mesmo o acesso às academias que antigamente era mais caro, hoje já não é tanto, as pessoas estão praticando em outros lugares. De todo modo, penso que nosso papel aqui é sempre tentar oferecer o máximo possível.

Quando eu entrei aqui estava terminando uma especialização em São Paulo, que era de exercício físico e saúde em geral, na qual acabei estudando bastante os temas relacionados ao envelhecimento, mas na prática eu tinha tido pouco contato com idoso, e aqui eu vi que havia os projetos e acabei ingressando no Mestrado muito rápido, e o meu projeto de Mestrado envolvia o trabalho com idosos, então eu fiz algumas avaliações com alguns idosos e vi que na verdade esses idosos estavam praticando exercícios físicos envolvendo habilidades de capacidade motora isolada, havia uns que só caminhavam, outros que só faziam musculação, e o que observávamos é que era importante que eles praticassem algo mais completo. Em virtude de tudo que acontece no processo de envelhecimen-

to, as perdas acontecem em diversos âmbitos, físicos e fisiológicos, ou seja, perdem massa muscular, perdem massa óssea, perdem capacidade anaeróbia, ficam menos flexíveis, assim, era necessária uma atividade que contemplasse um pouco mais esse caráter global, e foi aí que pensei nessa turma que chamamos de treinamento funcional. Nela, tentamos trabalhar coordenação, velocidade, flexibilidade, força, tudo dentro de uma sessão, e quando não dá para trabalhar em uma sessão trabalhamos dentro da semana em sessões separadas. A turma é muito grande, temos cerca de 30 idosas treinando, e é um grupo assíduo. Hoje foi o último treino delas, já estamos em 14 de dezembro, paramos agora para o recesso e voltamos em janeiro. Elas dificilmente faltam, elas compõem o grupo que começa cheio e termina cheio, dão bastante valor ao grupo. É muito gratificante trabalhar assim. Também temos isso no contexto de alunos e funcionários, tem um pessoal que é “ponta firme”, que está sempre presente. É muito gratificante trabalhar assim também, mas com os idosos isso fica um pouco mais evidente, eles têm uma interação e uma integração muito forte entre eles e com nós, professores. Se eu pudesse escolher eu não acordaria cedo, eu não gosto de acordar cedo, mas eu venho para cá com o maior prazer porque é uma aula muito gratificante, trabalhar com elas.

Desde que eu entrei, um professor se aposentou, aí entraram os professores novos. No geral tem funcionado bem, é claro que diferenças existem, então, se você for ver esse pessoal que está entrando agora, que é um pessoal que se formou recentemente, e o pessoal que fez um curso lá atrás, vai perceber que as características eram diferentes. Há divergências de pensamento, ou mesmo de prática, mas diferenças são normais, nos entendemos bem, nos respeitamos, cada um tem a sua função com as suas turmas, com os seus compromissos administrativos no geral, e quando precisamos trabalhar juntos no geral funciona muito bem. A tendência é que com o passar do tempo esse quadro se renove ainda mais, já temos muitos professores com mais de 60 anos, que logo se aposentam, e vão entrar professores novos, sempre se renovando. Esse pessoal que vai chegar novo, vai chegar com outro pensamento, com uma outra visão de Educação Física e vão acontecer as trocas, como vem acontecendo agora, com os professores que estão há mais tempo, e vamos crescendo juntos e tentando trabalhar para que o centro funcione melhor. Pois desde que

estamos lá temos tido esse empenho, pensado em coisas para melhorar o CEFER como um todo.

Eu estou terminando o Mestrado agora, eu vou conciliar com o trabalho no CEFER e vou começar a dar aula fora também, em uma universidade, eu acho que isso vai ser importante para mim, sair um pouco e também levar um pouco do que vimos desenvolvendo aqui dentro, extrapolar, para que outras pessoas possam ter acesso a isso. No CEFER eu pretendo continuar com o trabalho que venho realizando, a cada semestre venho adequando os meus cursos à demanda, então um curso que eu vejo que a procura foi menor ou que diminuiu ao longo do tempo eu já penso em outra estratégia e nos semestres vou mudando. A expectativa é que com uma futura reforma, com a chegada de equipamentos novos, aumente o número de frequentadores, e assim possamos atender mais pessoas, continuar pelo *campus* como vimos fazendo, sendo convidados para participar de eventos e palestras, podendo levar para as pessoas a importância de realizar exercício físico regularmente, o quanto isso é importante para o caráter de prevenção e de controle de doenças e de fatores de risco para algumas doenças e que as pessoas possam se disciplinar, criando assim uma situação em que as pessoas possam escolher fazer exercício.

BOAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

- O profissional deve considerar o contexto cultural e geográfico ao qual está inserido durante a sua atuação: sua experiência no exterior permitiu verificar que o desenvolvimento das aulas na Universidade de Múrcia (Espanha) segue um sistema mais rígido e disciplinado do que o que ocorre no Brasil.
- A prática de exercícios físicos pode estar inserida em dois contextos distintos em função de seu objetivo: a promoção da saúde e o esporte de rendimento (ou competitivo). Enquanto o primeiro visa a promoção da saúde e sua manutenção, o esporte de rendimento reflete justamente o contrário, uma vez que o risco de lesão é muito grande.
- A prática de exercícios físicos deve ser trabalhada do sentido de se tornar um hábito de vida. O profissional de Educação Física pode ser visto como agente desse processo, uma vez que atua objetivando a adesão e também a fidelização ao programa de treinamento.
- Muitas pessoas ingressam em alguma modalidade esportiva em função de modelos, que podem ser os pais, irmãos, amigos, professores, entre outros. Isso nos leva a refletir sobre a capacidade de integração que o esporte apresenta.

- A prática esportiva, no contexto competitivo, apresenta em si um contexto educativo, ao qual muitos autores se referem como “educação pelo esporte”. Existe a transferência de valores adquiridos com a experiência esportiva para a vida cotidiana, como por exemplo, disciplina, responsabilidade, respeito, trabalho em equipe, entre outros.
- As aulas de Educação Física (seja no contexto escolar ou não) podem ser consideradas uma ferramenta para o desenvolvimento pessoal e social das pessoas participantes (isso inclui professores e alunos).
- A atuação do profissional de Educação Física em Centro Esportivo Universitário reflete bem a questão sobre a gama de possibilidades de atuação do profissional, que vai desde elaborar e ministrar aulas em grupo, treinamento individual, planejamento de eventos, até atuar na parte administrativa e de supervisão de estagiários.
- Na área de Educação Física, um dos públicos que mais recebe atenção de profissionais é a terceira idade: a prática de atividade física se mostra muito necessária em relação às questões de ordem física e motora, mas apresenta um aspecto forte como agente de integração, o que faz com que o público seja realmente assíduo e fiel.
- É comum que mega eventos esportivos (nível mundial) sejam aproveitados para dar evidência à área da Educação Física. Há estudos na literatura que evidenciam que sempre que há um mega evento (Copa do Mundo de Futebol, Jogos Olímpicos, etc.) a produção científica na área de Educação Física aumenta de maneira considerável. De um modo geral, a evidência que tais eventos dão ao esporte também permite que se consigam recursos objetivando melhora estrutural.
- O profissional de Educação Física deve estar atento ao comprometimento dos alunos que ingressam em programas de atividade física. No caso dos cursos do CEFER, o professor atribui que a desistência dos alunos se dá pelo fato de os cursos serem oferecidos gratuitamente, o que simboliza a falta de estabelecimento de compromisso.
- Os eventos esportivos são idealizados para integrar os participantes e deixá-los mais conscientes do desenvolvimento das atividades realizadas. Trata-se da aplicação da atividade praticada no contexto competitivo. Pode também servir como ferramenta de motivação do aluno.
- É fundamental observar o público frequentador, suas necessidades e objetivos para planejar a intervenção. É importante o profissional de Educação Física se manter atualizado e atento às demandas do mercado, acompanhando evoluções e novidades que surgem.
- É importante ressaltar que a prática de exercícios é importante para a prevenção e controle de doenças e de fatores de risco, ou seja, é agente na promoção e na manutenção de saúde.



César Dominiguetti

O professor César Dominiguetti foi um dos professores de Educação Física do CEFER Ribeirão Preto. Atualmente está aposentado, sendo que atuou durante 35 anos no *campus* USP Ribeirão Preto. Entrou na USP através da Escola de Enfermagem em 1974. Dentre as atividades desenvolvidas estavam modalidades esportivas praticadas em ginásio, atletismo e, principalmente, o ensino da natação. Sua entrevista foi concedida em dezembro de 2010.

RELATO DO EDUCADOR

Meu nome é César Dominiguetti, nascido aos 16 de maio de 1949. Foi o exemplo de antigos professores do ginásio e do colegial que me inspirou e determinou minha escolha profissional. Optei pela Faculdade de Educação da UNAERP, onde me formei em 1972. Fiz curso de Técnicas Desportivas em natação e voleibol, mas comecei como professor “generalista”. Naquela época havia um amplo horizonte à frente.

Ainda no início da carreira, em 1974, fui nomeado Técnico Desportivo da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP, uma grande oportunidade de trabalho. Fui escolhido para o cargo por conta de concurso e permaneci na Unidade por 16 anos. Foi uma experiência muito marcante.

Em 1990, fui transferido para o CEFER, por conta de uma resolução do Conselho Administrativo do *campus*. Tenho que confessar que o fato me causou frustração por considerá-lo um retrocesso na minha carreira profissional. Mas não carrego nenhuma amargura por não tê-lo evitado.

Como já utilizava as dependências do CEFER para ministrar as aulas de Educação Física aos alunos da Escola de Enfermagem, encontrei as portas abertas quando cheguei, por conta do bom relacionamento com os demais colegas também transferidos de outras Unidades e com os funcionários do Centro. Tínhamos uma equipe de dez professores (salvo engano) e nos deparamos com alguns problemas de ordem administrativa e técnica, mas, graças à honestidade e eficiência de todos, sempre

fizemos um bom trabalho. Os problemas eram discutidos em reuniões e todos tinham liberdade para dar opiniões.

Confesso que nunca fui 100% em todas as minhas funções, e não foi diferente como professor responsável pela piscina do *campus*. Minha passagem pela função foi relativamente curta e ocorreu quando o professor Angelo Battaglion Neto, então coordenador do CEFER, escolheu meu nome para exercê-la.

Na minha “gestão”, nunca registramos nenhuma ocorrência grave, e considero que este tenha sido um dos maiores méritos da minha passagem pelo local. Os alunos e os usuários sempre foram respeitados, o atendimento era bastante satisfatório e o trabalho desenvolvido, muito elogiado, apesar das limitações dos recursos. Fico feliz porque foi um período gratificante; saí porque estava me aposentando.

Nos 35 anos ininterruptos de USP, vários foram os eventos dos quais participei e contribuí. Todos promovidos pelo CEFER e considerados importantes na época. As inovações e os fatos curiosos ficaram por conta das boas lembranças.

O convívio familiar é um dos prazeres que a aposentadoria (em 2009) me permitiu desfrutar com mais intensidade. Cativei muitos amigos, preservados como um tesouro e guardei ótimas lembranças.

Muitas pessoas foram essenciais durante minha carreira na USP. Uma delas foi a professora Fúlvia Stella Lucchiareli. Nem imaginava que aquela competente profissional e colega me convidaria para, juntos, assumirmos as aulas de natação oferecidas pelo CEFER a partir de 1991 até se aposentar alguns anos depois. Por meio do exercício de vivência, da observação, recriação e registro, aceitei o desafio de continuar o trabalho iniciado e procurei contaminar cada ação com o sentimento da qualidade profissional preconizada pela professora.

Outros profissionais importantes foram os professores Romualdo Vichnevski (*in memoriam*) e Roger S. Vianna, a quem sou eternamente grato, assim como todos os demais professores do CEFER com quem convivi. E pelas suas características, um homem que muito me impressionou foi o Prof. Dr. José Aparecido da Silva, na sua gestão à frente da Prefeitura do *campus*. Foi o missionário da democracia participativa e, no trato com as pessoas, sua afabilidade era a expressão do respeito que

devotava à dignidade de cada um. Foi, também, o grande responsável pela vinda da Escola de Educação Física e Esporte para o nosso *campus*.

Por fim, para mim, o “ser profissional de Educação Física” não precisa de uma definição, mas do exercício diário de uma paixão pela profissão, da humildade e, acima de tudo, da capacidade de enxergar o aluno como um outro ser humano.

BOAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

- Obrigatoriedade da Educação Física vista como retrocesso à área, pois foi um dos motivos pelos quais se criou aversão à prática de atividades físicas/esportivas.
- O profissional de Educação Física deve ser organizado, no sentido de planejar as aulas, considerando o espaço a ser utilizado bem como os materiais necessários.
- Na organização da grade de horários de espaços limitados (como é o caso da piscina, que atende grande número de usuários) é importante considerar os frequentadores (alunos iniciantes, alunos de aperfeiçoamento, associações atléticas e usuários em geral) de modo a satisfazer as necessidades de todos.
- O profissional de Educação Física é normalmente visto como uma pessoa descontraída e alegre, o que se reflete e até contribui para o estabelecimento das relações de empatia, que por sua vez estão relacionadas com a vivência experienciada pelo praticante.
- A Educação Física apresenta um aspecto muito forte: o estabelecimento de relações humanas. A forte proximidade entre professores e alunos é um ponto principal, pois estabelece uma relação de troca entre os envolvidos.
- É importante perceber as possibilidades pedagógicas envolvidas na atuação profissional, tais como desenvolvimento pessoal, social, emocional, educativo e formativo através da prática de atividades físicas e esportivas.



Eliezer Ferreira

O professor Eliezer Ferreira ingressou na USP através da Faculdade de Medicina, no segundo semestre de 1973. Formado em Educação Física pela UNAERP, foi incentivado por sua carreira esportiva, pois começou a jogar voleibol aos 10 anos, competindo pelas cidades de Ribeirão Preto e Altinópolis. Atualmente está aposentado. Em seu relato, entende que a criação da EEFERP vem no sentido de valorizar o trabalho que vem sendo desenvolvido no CEFER, além de proporcionar o desenvolvimento de estudos multidisciplinares, como, por exemplo, pesquisas envolvendo várias áreas da saúde (Educação Física, Medicina, Fisioterapia, entre outras). Sua entrevista foi realizada em março de 2011. Aposentou-se em setembro de 2013.

RELATO DO EDUCADOR

Eu tinha dez anos de idade em 1950, quando conheci o voleibol e me apaixonei por esse esporte. Dos dez até os 36 anos de idade eu joguei voleibol, disputando campeonatos pelas cidades de Altinópolis e Ribeirão Preto. Foram 26 anos jogando voleibol. Infelizmente, parei de jogar porque tive problema na coluna lombar. Segundo o médico, eu precisava parar de jogar porque senão iria ter sempre esses travamentos na coluna, acompanhado de uma dor insuportável. Assim, deixei de jogar e treinar voleibol, mas continuei como técnico.

Até 2009 pratiquei do mesmo jeito que fazia condicionamento físico e batia bola com os alunos. Mas depois da minha doença os médicos me proibiram de fazer esforço físico enquanto estivesse sentindo dor. É lógico que se você estiver sentindo dor não pode fazer muita coisa, só que a dor me acompanha até hoje. Então, como eu iria fazer um exercício, uma musculação, por exemplo, se estava doendo meu ombro ou pulso? Porque a artrite reumatoide ataca todas as articulações do corpo. Não ataca tudo de uma vez, ataca um dia a mão esquerda, outro dia a mão direita, outro dia o ombro, outro dia o joelho, outro dia o tornozelo.

Eu faço caminhada, todos os dias, às vezes de manhã e de tarde, é o mínimo que eu posso fazer, porque se eu parar de fazer algum tipo de atividade física, como é que eu fico? Eu morro, enferrujo, não posso

parar. Então, se Deus quiser, se normalizar a minha saúde, voltarei para academia. Tenho que voltar para ter uma velhice boa. Não vou voltar para ficar forte, bonito, nada disso, é um tratamento de saúde que vou fazer, vou para academia para fazer um tratamento de saúde para ter um fim de vida bom.

Gostava tanto de Educação Física que, quando me mudei para Ribeirão Preto, prestei o vestibular e fui fazer Faculdade de Educação Física na Universidade de Ribeirão Preto, onde me graduei. Estava no segundo ou terceiro ano de Faculdade quando o professor Geraldo me chamou para ser técnico da equipe feminina de vôlei de Ribeirão Preto. Então comecei a trabalhar na Prefeitura de Ribeirão Preto, e trabalhei seis meses sem ganhar um tostão, todos os dias eles falavam que iriam fazer o contrato de professor, mas não fizeram nada. Nesses seis meses que trabalhei de graça como técnico do time de vôlei feminino fomos campeões dos Jogos Abertos do interior por Ribeirão Preto, isto era uma conquista muito importante. Os Jogos Abertos do interior até hoje são um torneio muito significativo e tem uma importância muito grande no Estado de São Paulo, reúne vários atletas e modalidades.

Fui contratado para dar aula de Educação Física na Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto no segundo semestre de 1973. Eu e o professor Battaglion fomos contratados nesta época, mas a publicação da nossa contratação no Diário Oficial só aconteceu praticamente um ano depois que começamos a trabalhar. Até então a gente recebia em folha avulsa e no fim do mês tinha de ir à tesouraria da Prefeitura do *campus* receber o ordenado. Foi muito bom esse tempo, o ordenado não vinha como hoje, que vem o dinheiro na sua conta bancária.

A Educação Física era uma disciplina obrigatória nos cursos de ensino superior por três anos: o aluno fazia aula de Educação Física no primeiro, no segundo e no terceiro ano de Faculdade. Eram muitos alunos na Medicina e Ciências Biológicas, algo em torno de 120 alunos. Portanto, os professores de Educação Física César, Roger e Fúlvia foram contratados para lecionarem na Faculdade de Odontologia, os professores Regina e o Egídio, para lecionarem na Faculdade de Filosofia e os professores Battaglion, Abel, Romualdo e eu, para lecionarmos na Faculdade de Medicina.

Por muito tempo ministramos as aulas de Educação Física obrigatória nos cursos do *campus* da USP de Ribeirão Preto, até que na década de

1980 nós deixamos de pertencer ao quadro de profissionais contratados nas Unidades referidas e passamos a ser vinculados como funcionários do CEFER, que é um subsetor pertencente à Prefeitura do *campus*.

Existiram vários motivos para ocorrer a transferência dos professores de Educação Física das Faculdades para o CEFER. Um deles, inclusive, partiu de um diretor da Medicina. Mas eu acho que esse Diretor era totalmente avesso à Educação Física. Recordo que, há um tempo atrás, em uma reunião de Congregação da Faculdade de Medicina, um docente da Medicina manifestava-se de forma bastante enfática e firme quando alguém falava sobre a Educação Física: “pra mim, Educação Física não vale nada, eu nunca fiz, nunca participei, não sinto falta”. Quando o doutor Victório Valéri ouviu isso, ele disse: “Se você que é cardiologista e está falando isso, eu me retiro, vou embora, não quero nem participar mais dessa reunião”, então o doutor Valéri levantou e foi embora. Como quem diz: “você não merece nem que eu fique conversando com você”. Um médico cardiologista falar que não é necessário fazer Educação Física, que é uma perda de tempo, que não existe necessidade da prática da atividade física é o fim do mundo. Não que queiramos impor a Educação Física às pessoas, mas o mundo inteiro sabe o valor da Educação Física.

A maioria dos professores de Educação Física não gostou da transferência das Faculdades para o CEFER. Eu, por exemplo, pertencia ao departamento de Morfologia na Faculdade de Medicina e era orientado pelo doutor Valéri, que é um cientista. O doutor Afonso e eu fizemos uma pesquisa junto com o doutor Valéri para medir o torque do bíceps e do quadríceps com aparelho. Fazíamos dois grupos de amostras, o primeiro era composto por alunos que frequentavam a Educação Física e o segundo era composto por alunos que não frequentavam a Educação Física. Existia o interesse dos docentes das Unidades para que continuássemos alocados às Unidades. Mas houve esta transferência para o CEFER, que acabou sendo prejudicial a todo mundo.

Os professores de Educação Física tinham mais valor ficando cada um na sua Faculdade, em seu Departamento, porque, logo depois, quando fomos transferidos para o CEFER sentíamos que estávamos “*jogados em um canto*”. Nenhum dos professores de Educação Física tinha mais ligação com as Unidades Acadêmicas. Quando fomos transferidos para o CEFER, que fora transformado em uma seção recém-alocada à Prefei-

tura do *campus*, tínhamos que pedir para todo mundo, porque era muito difícil conseguir algum material esportivo ou de manutenção do CEFER. Já quando lecionávamos nas Faculdades, cada uma mandava um pouco de dinheiro para comprar esse material. Somente depois que passou a ter Prefeito do *campus* que as coisas começaram a melhorar para o andamento das atividades do CEFER. O Prefeito do *campus* nos ajudava, mas, a meu ver, a Educação Física nunca teve o apoio que deveria ter tido.

O que mudou, principalmente, com essa transferência foi a junção dos professores de Educação Física no CEFER. Quando a Educação Física era uma disciplina obrigatória o aluno tinha que ir à aula porque tinha chamada e uma nota que somava no currículo dele. Depois que deixou de ser obrigatória a chamada que fazíamos em aula era apenas para termos controle da quantidade de alunos frequentadores dos cursos que oferecíamos no CEFER, porque se alguém faltasse três vezes na aula sem justificar era cortado.

Dessa forma, no CEFER passamos a oferecer opções de modalidades esportivas para os alunos. Eu, por exemplo, lecionava voleibol e condicionamento físico, o professor Abel lecionava condicionamento físico e atletismo, o professor Romualdo lecionava basquete e condicionamento físico, o professor Battaglion lecionava futebol e tênis, e assim sucessivamente. O aluno se inscrevia na matrícula do curso semestral de atividade física e fazia sua opção entre as modalidades oferecidas, assim como se realiza até hoje.

Hoje em dia existe a opção de proporcionar os cursos oferecidos no CEFER como disciplinas optativas das Faculdades do *campus* de Ribeirão Preto. Essa iniciativa ajuda muito porque faz o aluno se interessar pela prática de atividade física. Amanhã, se houver um empate entre um aluno e outro, se um tiver a Educação Física estará na frente do outro porque teve o interesse em participar da disciplina. Portanto, na minha opinião, isso foi um ganho e espero que daqui para frente outras Unidades também tenham a mesma iniciativa.

A mudança da pessoa responsável pelo cargo de supervisão do CEFER acontece por meio da realização de uma eleição entre os profissionais de Educação Física do CEFER para eleger a sugestão do próximo responsável a assumir o cargo de supervisor do CEFER. Então, levamos até o

Prefeito do *campus* o nome do professor indicado e esperamos a decisão do Prefeito, normalmente o resultado da nossa eleição é respeitado.

Eu, por exemplo, fui supervisor do CEFER durante seis anos, mas o responsável por este cargo costumava ficar apenas quatro anos. Na época, passado esse período dos primeiros quatro anos responsável pela supervisão do CEFER eu me dirigi ao doutor Dutra, que era Coordenador do *campus* de Ribeirão Preto (hoje esse cargo mudou para Prefeito do *campus*) e disse: “Agora eu vou sair do cargo de supervisor porque estou cansado de ficar na coordenação do CEFER”. E o doutor Dutra disse: “Não, você vai ficar mais dois anos, até acabar o meu mandato de Coordenador do *campus*”. Então, fiquei mais dois anos na supervisão do CEFER, juntamente com o mandato do Coordenador do *campus*. Mas foi muito cansativo ser supervisor do CEFER, assim como é até hoje.

Na década de 1980, durante o período do mandato da minha supervisão no CEFER, consegui a pista de atletismo junto com o Prefeito da Cidade de Ribeirão Preto. Fizemos um trabalho sério e com vistas nos Jogos Abertos conseguimos a pista de atletismo que fora construída no CEFER. O convênio que fizemos com a Prefeitura era permitir que os atletas da Prefeitura pudessem treinar na USP; em contrapartida, a Prefeitura forneceu a pista para o CEFER. Então, esse “convênio” foi feito e respeitado até ontem. Inclusive, alguns atletas de Ribeirão, Jaboticabal, Jardinópolis vêm para treinar com um professor na pista de atletismo do CEFER.

O problema do CEFER é o seguinte: a Educação Física ficou sempre ligada à Prefeitura do *campus* e depois que passou a existir o cargo de Prefeito do *campus*, ele era quem escolhia uma pessoa para ser o supervisor do CEFER. Durante muito tempo o supervisor do CEFER também era coordenador do Biotério e do restaurante universitário. Então, a área da Educação Física foi, em geral, dirigida por pessoas que não eram da Educação Física. Houve uma gestão da Prefeitura do *campus* que teve o mérito de se interessar, batalhar e conseguiu aquelas duas quadras externas e descobertas no CEFER, ainda que, com o calor de Ribeirão Preto, perca-se um pouco o valor dessas quadras.

Nessa mesma época, como disse, costumava-se fazer uma eleição entre os professores de Educação Física para delegar, em geral, alguém do meio da própria área para ser o próximo a ocupar o cargo de supervi-

sor do CEFER. No entanto, ao invés do indicado por essa eleição, como também era feito na sessão de compras e do almoxarifado, a Prefeitura colocou uma pessoa da confiança dela para ser o supervisor de cada seção no *campus*.

Logicamente que essa decisão não agradou aos professores de Educação Física do CEFER, porque a maioria se sentiu desprestigiado ao ser subordinado a um supervisor de fora da área da Educação Física. Eu penso sempre o seguinte: a função de um professor de Educação Física é dar aula e ensinar. E aula nós sempre demos da melhor forma possível, em tempo integral, de manhã e a tarde. No período da tarde ficávamos até às dez horas da noite, eu cheguei a ficar até meia noite trabalhando no CEFER. Havia necessidade desse tempo de funcionamento do CEFER devido ao grande número de alunos praticantes de atividade física, depois caiu muito o número de frequentadores do Centro Esportivo.

Em relação à estrutura organizacional do CEFER, desde que trabalhei neste setor ocorreram algumas mudanças, mas basicamente sempre foi igual. Os professores de Educação Física eram responsáveis por ministrar cursos de atividade física ou modalidades esportivas ao longo de cada semestre. Dessa forma, as pessoas iam até o CEFER para fazer a inscrição de acordo com as opções que oferecemos e o próprio gosto do aluno. Com o tempo, o que mudou foi a forma como era realizada a inscrição dos alunos nas modalidades oferecidas no CEFER. Antigamente os alunos tinham de vir pessoalmente fazer sua matrícula na secretaria do CEFER, a pessoa chegava para preencher a inscrição. Após o período de matrícula separavam-se as fichas de inscritos e organizavam-se as turmas. Atualmente, a inscrição é realizada via internet, pelo site do CEFER.

O dia a dia no CEFER sempre foi muito agradável. Em todo lugar tem alguma discussão ou outra, mas isso é algo corriqueiro, como em qualquer departamento. De modo geral, sempre foi tudo muito bem. Nunca criei inimizade com qualquer pessoa, passei a vida inteira no CEFER e nunca briguei com ninguém. O tempo que estive no CEFER foi uma maravilha, não teve problema nenhum, pelo menos para mim.

Todos os eventos que nós organizamos no CEFER, como a Caminhada da Primavera e outras atividades, têm um valor muito interessante, porque atende a comunidade que não pertence à USP e a comunidade

uspiana, havendo uma integração muito grande entre os participantes do evento.

Na minha opinião, o acontecimento mais importante para o CEFER foi a criação da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, porque foi fruto de um trabalho dos professores de Educação Física do CEFER. A instalação da pista de atletismo, nos moldes que temos hoje, também foi um acontecimento. A piscina também foi outra coisa que nós fizemos graças ao trabalho dos profissionais do CEFER. Isso tudo foi feito com muita luta porque não tinha nada no CEFER, nem a pista de atletismo, nem a piscina, as quadras que eram descobertas nós conseguimos cobri-las, nós conseguimos o espaço onde tem a musculação. Este espaço não pertencia ao CEFER, embora esteja mal cuidado, precisando de aparelhos novos, de pintura. O que quero dizer é que até ontem ninguém via a Educação Física como uma atividade importante, espero que daqui para frente as pessoas passem a dar mais valor para a área.

Portanto, a maior necessidade do CEFER é a construção do ginásio de esportes, cobertura das quadras e construção de novos vestiários junto a essas quadras. É fundamental a existência de uma praça desportiva bem bonita, bem atraente, para ser um lugar agradável, onde se possa praticar esporte, tomar banho, depois ter um lugar para ir e conversar ou comer. Do jeito que o CEFER está, as possibilidades de uso do espaço físico ficam muito restritas. Porque a estrutura física do Centro Esportivo está péssima, tudo é ruim, tudo está para se fazer. Nós temos a necessidade de um ginásio de esportes poliesportivo grande, que acompanhe a grandeza da USP, com capacidade para seis a dez mil pessoas. Então, todos os eventos poderiam ser realizados dentro desse ginásio, inclusive se um dia fizessem um ginásio de esportes podiam criar ao seu redor uma área de confraternização, de encontros dos alunos, uma biblioteca, um salão de beleza, uma papelaria, como já existe em muitos lugares do mundo. Então, seria muito além da utilização do ginásio, seria um ponto de união entre os alunos do *campus* da USP de Ribeirão Preto.

No final das contas, o problema todo do CEFER se resume em verba. Até onde sei estão sendo contratados mais três profissionais de Educação Física, e isso já melhora bastante, porque o CEFER está com um número muito pequeno de profissionais da área trabalhando. Por que os professores aposentavam-se, mas não havia novas contratações para repor

essas vagas, entende? Por isso que acredito que com o advento da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto a tendência do CEFER é crescer mais e a área da Educação Física como um todo também vai crescer no *campus*. Serão mudanças muito importantes, teremos bons profissionais formados, ligados mais à área da saúde. Outro ponto interessante é o fato da Educação Física não se preocupar apenas com o esporte, mas, também, com a saúde. Quer dizer, vai haver mais pesquisas e um maior entrelaçamento entre profissionais de Medicina, Fisioterapia e assim por diante.

A criação da Escola de Educação Física e Esportes de Ribeirão Preto sempre foi um desejo muito antigo de todos os profissionais do CEFER. Nós sempre lutamos para se criar uma Escola de Educação Física no *campus* de Ribeirão Preto, mas era muito difícil porque não havia vontade política dos nossos dirigentes da Prefeitura do *campus* da USP. Até que, numa determinada época, uma doutora da Escola de Enfermagem deu o pontapé inicial para criação da EEFERP e foi para São Paulo com aquela vontade de trazer uma Escola de Educação Física para o *campus* de Ribeirão Preto.

Por fim, conseguiu-se, a EEFERP foi inaugurada em 2009, com o apoio de São Paulo e dos docentes da USP. Todos nós ficamos muito felizes. Acredito que o *campus* como um todo vai ganhar muito com a criação da Escola de Educação Física e Esportes de Ribeirão Preto. Ganhar no sentido de qualidade para os alunos da própria Escola de Educação Física, porque os alunos vão começar a trabalhar integrados com os professores de Educação Física do CEFER. Mais cedo ou mais tarde, virão para fazer estágio, até por outros interesses, como pesquisa.

Logo os alunos da Educação Física estarão trabalhando em conjunto com a Medicina e com a Fisioterapia, e esse trabalho multidisciplinar vai representar um ganho muito mais elevado na qualidade da formação do futuro profissional de Educação Física da EEFERP.

Eu desejo que o pessoal do CEFER continue batalhando e aprimorando o trabalho já iniciado por pessoas que gostam e se dedicam à área da Educação Física. Desejo também que os novos colegas que foram contratados para trabalhar no CEFER aproveitem a criação da Escola de Educação Física e Esporte e que sejam mais prestigiados.

BOAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

- As práticas de atividade física realizadas pela população adulta, na maioria das vezes, almejam o envelhecimento saudável, sendo consideradas por muitos como tratamento de saúde.
- A falta de obrigatoriedade da Educação Física é vista pelos profissionais como um retrocesso à área. A percepção da maioria dos profissionais é sobre a desvalorização do profissional e de suas atividades.
- É comum que ganhos e melhorias em estrutura física sejam conseguidos em função de eventos esportivos. Na década de 1980, a pista de atletismo do CEFER foi conseguida tendo em vista os Jogos Abertos, fruto da parceria entre a USP e a Prefeitura de Ribeirão Preto.
- É importante que centros esportivos e instituições relacionados à prática esportiva sejam coordenados por pessoas relacionadas à área da Educação Física, que entendem os objetivos e as necessidades dos profissionais envolvidos no desenvolvimento da profissão, uma vez que a comunicação se torna mais rápida e compreensível. Quando isso não é possível, é importante que o profissional adote uma linguagem clara e explicativa, de modo a evidenciar o que é necessário para o desenvolvimento adequado de suas atividades.
- Eventos esportivos são realizados com a missão de promoção da saúde e do estilo de vida ativo, e, também, de integração dos participantes, abrangendo várias faixas etárias e níveis de treinamento.



Flávia Nitolo Corrêa dos Santos

A professora Flávia Nitolo Corrêa dos Santos é formada em Educação Física pela UNESP Rio Claro desde 2002. Iniciou suas atividades no CEFER em abril de 2012, sendo que é responsável pelo desenvolvimento de várias atividades, dentre elas as aulas de Pilates, Natação e Ginástica Laboral. Concedeu sua entrevista em dezembro de 2012.

RELATO DA PROFESSORA

Meu nome é Flávia Nitolo Corrêa dos Santos, tenho 33 anos e nasci em São Paulo, onde vivi até os 20 anos de idade. Depois fui fazer Faculdade de Educação Física e me formei na UNESP *campus* de Rio Claro, em 2002. Portanto, no ano de 2012, fez dez anos que estou formada. Já faz um ano e oito meses que trabalho no Centro de Educação Física, Esporte e Recreação (CEFER), entrei com 32 anos.

A Educação Física surgiu na minha vida porque minha mãe dava aula e eu sempre gostei de esportes. Nunca fui a melhor em nada, mas sempre estava entre as turmas que iam para jogos. Além da minha mãe, eu já gostava um pouco, então, eu resolvi fazer Educação Física. No Colegial, que hoje é o Ensino Médio, eu praticava basquete e vôlei, mas não fui atleta.

Na minha graduação eu não tive a disciplina de Educação Física obrigatória, não que eu me lembre, mesmo porque o curso tinha aula prática. Não sei se eu acho que seria válido instituir novamente Educação Física obrigatória nos cursos de Ensino Superior, mesmo que a gente saiba que a atividade física faz bem para saúde e todas essas coisas, eu acho que faz atividade física quem quer.

Quando comecei a fazer Faculdade de Educação Física eu não fazia muita prática de atividade física. Mas, atualmente, eu faço, corro já faz um ano e meio e espero correr até ficar bem velhinha. Foi uma coisa que demorei a descobrir, mas gosto muito de correr.

Nós, os cinco mais novos profissionais de Educação Física contratados para trabalhar no CEFER (eu e os professores Átila, Leonardo, Patrícia e Felipe) passamos por um concurso público, no qual havia apenas

uma vaga e, posteriormente, eles chamaram mais quatro profissionais. Foi um concurso difícil, concurso não é fácil, tem de estudar bastante, senão não passa mesmo.

Aqui no CEFER desempenho a função de educadora de práticas esportivas, trabalho com as atividades de natação, ginástica laboral e pilates. Depois que comecei a trabalhar no CEFER, fiz um curso de formação de pilates para poder ministrar as aulas.

Hoje o CEFER faz parte da minha vida, assim como meu filho faz. Passo oito horas por dia aqui, às vezes, até um pouco mais. Com certeza, tanto para os novos profissionais de Educação Física contratados quanto para mim o CEFER tem o significado de ser um trabalho para toda vida, até ficar bem velho mesmo. Acho que não sairemos mais daqui, não.

O dia a dia no CEFER é supertranquilo, montamos as aulas, depois damos as aulas, planejamos os eventos, organizamos tudo e nos dias de realização dos eventos vimos para trabalhar. Não é nada sofrido, é supertranquilo. Se um dos professores tem a ideia de fazer um evento, nos reunimos e conversamos: “Legal, vamos fazer ou não esse evento? Se sim, então, nós vamos fazer”, então começamos a organizá-lo, a ver como vai ser feito. Desde que estou aqui foram criados dois novos eventos, se não me engano, o revezamento aquático e o torneio de basquete. Foi superbacana realizá-los, deram certo e provavelmente continuarão a acontecer.

Acredito que o CEFER realiza uma grande quantidade de eventos por ano. Se formos pensar deve ter quase dez eventos por ano, somando todos. Chega quase a ser um por mês. Então, acho que esses já estão de bom tamanho. A cada evento sempre tem alguma coisa nova para ser feita, então, você aprende e cresce. O mais legal é aquele retorno do público, no dia do evento, quando você vê que muitas pessoas vieram, você fala: “Nossa, o meu trabalho valeu a pena!”. Isso é gratificante, no dia do evento. Ainda não teve nada que marcou assim, “nossa!”, no CEFER para contar. É mais o trabalho, fazemos amigos, vivemos tranquilos, fazemos os eventos que gostamos.



Figura 5. IX Volta USP. Ribeirão Preto (2011).

Desde que fui contratada para trabalhar no CEFER muita coisa já mudou e acho que tem muita coisa ainda a ser feita, porque o CEFER vem de uma estrutura bem antiga. Desde que eu cheguei, a piscina já foi reformada, construíram um vestiário novo ao lado da pista de atletismo e, agora, no fundo da pista, estão construindo uma casinha para guardarem alguns materiais. Também conseguimos o espaço do antigo restaurante, agora é o Bloco C, que passará por uma reforma. Logo o CEFER vai passar por uma nova reforma, porque as coisas são antigas mesmo, muitas coisas precisam ser feitas, trocadas.

Acho que a dificuldade e a maior necessidade do CEFER são as coisas novas que estão por vir. As reformas que já foram feitas e as que serão feitas ainda. Sempre conversamos sobre a importância da nossa opinião para planejar e realizar as reformas no CEFER. Porque, na verdade, quem entende sobre as coisas que precisam ser feitas no Centro Esportivo e como vão ser usadas somos nós, profissionais de Educação Física. Então, todas as questões relacionadas às reformas do CEFER passam por nós. Tirando as reformas que precisam ser feitas no CEFER, o restante está tudo tranquilo, já que com a chegada de nós cinco, os novos professores de Educação Física contratados, o CEFER cresceu bastante, na verdade, dobrou o número de professores.

O nosso relacionamento é muito bom com todo mundo: professores, salva-vidas, funcionários. É uma relação superbacana, os professores mais antigos são dez, superlegais, estamos sempre juntos. Os novos também, fizemos um grupo de amigos, acho que, para além de colegas de trabalho, ficamos amigos, os novos professores de Educação Física.

Na minha opinião, a criação da EEFERP já estava mais que na hora de acontecer, faltava essa área no *campus* da USP de Ribeirão Preto, que é super grande. Com a criação da EEFERP conseguimos dar auxílio para os alunos, porque acredito que existe uma troca de saberes, tanto os profissionais do CEFER aprendem com os alunos quanto os alunos aprendem conosco.

O CEFER ganhou bastante com a criação da EEFERP, porque muitos alunos da EEFERP vão para o CEFER fazer estágios conosco. Além disso, temos outro vínculo com a EEFERP através do Programa de Ginástica Laboral, no qual contamos com a presença de quatro estagiários bolsistas da EEFERP que trabalham conosco. Com esse Programa conseguimos ter um vínculo com as outras Unidades da USP, além da EEFERP, como com a Escola de Enfermagem, a FEA, a Prefeitura do *campus* e agora começaremos com a Biblioteca também. Acho muito legal isso.

O Programa de Ginástica Laboral foi feito pelo professor Leonardo, em 2011, no começo só ele e eu fazíamos parte do Projeto. Esse ano entrou a professora Patrícia e fizemos uma parceria com a docente professora doutora Camila de Moraes da EEFERP, que é a responsável pelos bolsistas. Então, o vínculo que temos com a EEFERP é através dela.

Eu espero a cada ano fazer mais cursos e tentar melhorar o meu trabalho. Temos que procurar cada vez dominar mais o que fazemos, então, acho que essa é a minha perspectiva.

BOAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

- Para que o profissional em Educação Física possa garantir a assiduidade do aluno ao programa de treinamento é importante que as pessoas pratiquem atividade física por vontade própria e não por imposição.
- As rotinas de trabalho de um profissional em Educação Física envolvem a elaboração e desenvolvimento das aulas e, em certos casos, o planejamento e organização de eventos.
- O exercício da profissão leva à experiência de aprendizado, tanto para os alunos quanto para os

profissionais envolvidos.

- É importante que o profissional de Educação Física se manifeste no seu ambiente de trabalho com o intuito de construí-lo e mantê-lo de maneira adequada. A participação ativa dos profissionais mostra-se importante no fato de ser ele responsável por conhecer o que é importante e necessário para desempenhar suas funções.
- É importante estabelecer a relação entre profissionais da Educação Física ligados à área acadêmica e profissionais ligados à prática da profissão, com o intuito de proporcionar formação ampla e mais adequada ao aluno.
- As relações estabelecidas entre várias áreas do conhecimento (trabalho multidisciplinar) também são favoráveis e promovem valorização e crescimento da área.



Jether Augusto Pereira Junior

O professor Jether é formado em Educação Física desde 1973, pela UNAERP. Ingressou na USP através da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto em 1982, e após três anos foi transferido para o Centro de Educação Física, Esporte e Recreação da USP Ribeirão Preto. Foi diretor do CEFER durante seis anos. Atualmente desenvolve as aulas de Musculação, Voleibol e Ginástica para a Terceira Idade. Concedeu sua entrevista em abril de 2011.

RELATO DO EDUCADOR

Meu nome é Jether Augusto Pereira Junior, nasci no dia 22 de setembro de 1951, tenho 59 anos.

Me formei em 1973, em Educação Física, pela UNAERP. Tenho também um diploma de professor primário, três anos de curso, e, talvez por causa disso, o meu trabalho caminhou para a ala infantil depois que eu me formei, pois trabalhei durante um tempo dando aula para crianças.

Fiz Educação Física porque desde pequeno eu gostava de correr, pratiquei atletismo por algum tempo. Lembro que quando criança, no círculo de amigos e colegas de infância, eu tinha o apelido de “lambretinha”, porque eu era muito veloz. No futebol não era nem tão veloz, nem tão habilidoso, mas na corrida eu sempre tive habilidade e alcancei grandes sucessos. Quando estava moço cheguei a defender a seleção de Ribeirão Preto em atletismo, na época eu treinava na Recreativa, na antiga pista de atletismo que tinha ali, que hoje já não existe mais, e competi por alguns anos. Ainda competia para Ribeirão Preto, quando despertou em mim o desejo de fazer a faculdade de Educação Física, queria ser um professor da área, gostava muito de esportes, mas eu ainda dava aulas em escolas. Só em 1971 que eu tive a oportunidade de me reaproximar do esporte, através da faculdade de Educação Física.

Recebi um convite, em 1982, do atual chefe do CEFER, o professor Abel Elias Rahal, que é nosso companheiro até hoje, para substituir um professor da Faculdade de Filosofia, que estava deixando o cargo, e assim sobraria uma vaga. Naquela época ainda era permitido contratar profes-

sores sem o concurso, e em dezembro do mesmo ano fui contratado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na vaga deixada pelo antigo professor. E aqui estou, na USP, há aproximadamente 29 anos, três ou quatro anos na Faculdade de Filosofia, e o restante no CEFER, onde já estou há um bom tempo, por volta de 25 anos. Nós ainda não éramos ligados ao CEFER, todas as Unidades da USP de Ribeirão Preto tinham os seus professores de Educação Física, somente depois esses professores foram agrupados e colocados aqui no CEFER, que foi quando nós deixamos as nossas Unidades. Quando chegamos ao CEFER propriamente dito, éramos vários professores, um de cada unidade, Medicina, Odontologia, Farmácia, e que foram retirados das mesmas e colocados no Centro Esportivo, enfim, éramos em muitos, e a grande maioria destes profissionais estão aqui hoje, ou começaram a se aposentar. Hoje, se por um lado as Unidades não têm mais os professores, por outro os alunos tem um Centro Esportivo muito bem organizado e cheio de ótimos profissionais para fazerem as suas aulas e as suas práticas esportivas.

O CEFER, enquanto estrutura física, é bem antigo, do mesmo período da fundação da Faculdade de Medicina aqui no *campus*. O Ginásio de Esportes tem mais de 70 anos, é tombado pelo patrimônio histórico, nós estamos aproveitando as instalações antigas, diferente dos centros equivalentes ao CEFER dos outros *campi* que possuem instalações que foram construídas apropriadamente, já o de Ribeirão Preto não se deu ao luxo de construir um Departamento exclusivo para o CEFER, com salas exclusivas e apropriadas, e por isso continuamos utilizando o ginásio e suas salas, mesmo com suas instalações antigas e deficitárias.

Desde que fui contratado, há 29 anos, o objetivo sempre foi o mesmo, o de atender os alunos da graduação de todas as Unidades, porém depois do período da ditadura militar brasileira pediram para que os professores do CEFER, aliás, para todos os professores da USP de Educação Física, pois teoricamente o CEFER enquanto instituição ainda não existia, se voltassem também para o público externo, atendendo também a necessidade da população que não fizesse parte da USP. A partir de então, cada professor, além de atender as necessidades internas do *campus* da USP de Ribeirão Preto, como os alunos da graduação, professores, docentes, funcionários, também deveria abrir outros cursos que atendessem a comunidade externa, e fiz a escolha de atender a terceira idade.

Há muitos anos começamos a atender a terceira idade na musculação, ginástica, natação, até mesmo na pista de atletismo. Esse projeto começou com a iniciativa e convite feito a nós, professores do CEFER, pela professora doutora Iranilde Jose Messias Mendes, docente da Escola de Enfermagem, para desenvolver um projeto com a terceira idade, chamado PIC – Programa de Integração Comunitário –, e após uma reunião aqui na sala dos professores do CEFER, com todos os professores reunidos, a doutora Iranilde Jose Messias Mendes colocou na mesa um projeto que levava aos bairros de Ribeirão Preto, principalmente às praças públicas, aulas de ginástica e professores de Educação Física. Ela estava preocupada com a grande demanda dos aposentados por remédios que presenciou em algumas visitas aos postos de saúde, via sempre várias pessoas idosas irem buscar caixas e caixas de remédios, o que a preocupou, principalmente porque estes não faziam atividade física nenhuma, não faziam nada voltado própria melhoria da saúde. Preocupada com o que estava acontecendo, ela procurou os professores do CEFER, mas apenas dois se engajaram no projeto, o Battaglion e eu.

Começamos o projeto na Praça da Vila Tibério, com meia dúzia de senhoras, mas já chegamos a ter mais de 300 pessoas inscritas no projeto PIC. Neste projeto nós fazíamos caminhadas e ginástica durante uma hora, três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas, das sete às oito horas da manhã. O projeto tomou grandes proporções quando os diretores dos demais postos de saúde de Ribeirão Preto foram reclamar com o secretário da saúde o porquê do posto de saúde da Vila Tibério ter um programa junto com a USP e outros não. Foi neste momento que a doutora Iranilde Jose Messias Mendes resolveu “vender” o projeto ao Secretário da Saúde de Ribeirão Preto, e ele e o Secretário de Esportes contrataram alguns professores de Educação Física, alunos da UNAERP, alunos do Moura Lacerda, da Faculdade de Educação Física de Batatais e implantaram nos bairros de Ribeirão Preto o chamado PIC, o projeto “incendiou” Ribeirão Preto.

Hoje, temos até alguns PICs “clandestinos”, que não são ligados à Prefeitura Municipal, como o daqui da USP de Ribeirão Preto, que hoje não usa mais o nome de PIC, deixamos esse só para a Prefeitura Municipal, o que temos aqui é o Projeto da Terceira Idade da USP de Ribeirão Preto, que está sob a minha supervisão há mais de 15 anos, e temos turma

lotada em todas as atividades, desde o vôlei adaptado aqui no ginásio de esportes, às terças e quintas, das oito às dez horas da manhã, até a musculação ou nas atividades de ginástica na pista, caminhadas, e até mesmo natação, que às vezes abrem para essa minha turma de alunos.

Durante seis anos eu fui diretor do CEFER, e fiquei relativamente pouco tempo neste cargo, o professor Abel ficou mais de dez anos, quase 15 anos, ele tem um histórico muito maior, pois ele pegou isso daqui do começo. Quando assumi o cargo, o Prefeito do *campus* era o Professor Doutor Moacyr Mestriner, um docente da Faculdade de Medicina, muito amigo, e que gostava muito de esportes. Entrei para o cargo sem experiência nenhuma em coordenação e tinha que administrar um ginásio, um bloco de salas de ginástica, uma sala musculação, uma pista de atletismo, dois campos de futebol, um complexo aquático, ou seja, era uma área muito grande, principalmente para um novato no quesito gerência. Quando estamos nesta situação, de não ter muita experiência naquilo que nos propõem a fazer, parece que nada dá certo.

No início, quando assumi, tudo estava indo bem, quando, de repente, o melhor braço direito do CEFER, o professor, hoje doutor em Educação Física, Sinval, saiu do CEFER e me deixou sem secretário, sem saber datilografar, pois na época o computador estava começando a ser implantado no *campus* da USP de Ribeirão Preto, e como não sabia mexer com computador, tive que fazer cursos para aprender, pois foi uma mudança enorme das máquinas de escrever para a era do computador, e para pessoas que já tinham certa idade, como eu, foi muito mais difícil. Mas aprendi bastante, apesar de ter passado por um sufoco muito grande, onde tinha que dar as minhas aulas, atender as demandas do Centro Esportivo e fazer o papel do secretário, atender aluno, telefone e tudo mais. Passei seis meses neste sufoco.

Aprendi muito neste tempo como coordenador do CEFER, lembro-me de quando eu cheguei, quando entrei como coordenador, a nossa pista de placas de borracha de 50 por 50 já apresentava placas se soltando, descolando, porque eram placas coladas, que com o sol, a chuva, o frio foram descolando. Eu temia um acidente com algum usuário, e, então, na tentativa de solucionar este problema, procurei o meu chefe, o Prefeito do *campus* naquela época, e expliquei que poderia acontecer um acidente. E aconteceu, seis meses depois da minha conversa com o

prefeito, uma aluna da Faculdade de Filosofia que estava terminando o seu Mestrado, estava fazendo uma caminhada, trotando levemente, na pista do CEFER, e uma das placas estava com a ponta levantada; ela não viu, tropeçou, caiu e trincou o fêmur. Chamaram o resgate e tudo. Logo depois, eu corri novamente na sala do prefeito e falei: “Olha, o que eu previa aconteceu”.

A partir deste momento começou uma luta para decidir como reformar a pista, primeiramente passamos um trator com uma pá mecânica para arrancarmos todas as placas. Depois das placas retiradas, surgiu um empecilho: não podíamos deixar uma pista oficial dessa no cimento, com tantos atletas treinando, atletas da Prefeitura Municipal, alunos das faculdades treinando para competições, não podíamos deixar. Nessa época através dos colegas professores do CEPEUSP lá de São Paulo, eu fiquei sabendo que o Banco Real estava querendo instalar uma agência dentro do *campus* da USP de São Paulo e o diretor do CEPEUSP, muito inteligente, falou: “Olha, vocês podem colocar a agência de vocês aqui dentro do *campus*, mas nós queremos o dinheiro para construir uma pista de atletismo”, e o Banco Real topou. Ciente disso, eu corri ao prefeito e falei: “Olha, o Banco Real vai nos procurar, eles vão querer colocar uma agência aqui no *campus*”. Passado uns três, quatro meses, o gerente do Banco Real de Ribeirão Preto procurou o prefeito, ele, já ciente, pediu uma pista.

Resumindo, esta pista foi construída pelo Banco Real, mas a manutenção depois ficaria para a Prefeitura do *campus*. Hoje, nós temos uma pista muito boa e aproveitamos, a pista tem postes de iluminação novos e quatro pára-raios recém-colocados, o que é muito importante, porque sem eles a área fica perigosa, já houveram vítimas no CEFER, pois só tínhamos pára-raios na piscina, e, graças à quantidade de árvores nas proximidades e a proximidade do lago à pista de corrida, a área atrai raios. Só para se ter uma ideia do perigo, há mais de 30 anos morreu uma pessoa enquanto jogava futebol aqui no campo, quando caiu um raio, por isso os pára-raios foram uma conquista muito importante para nós.

Já estou há 29 anos no CEFER, tenho colegas aqui que estão nos seus 30 e tantos anos no CEFER que também falam deste mesmo problema que enfrentamos, que não está só no *campus* da USP de Ribeirão Preto, mas nos outros *campi* da USP também, com exceção de São Paulo,

pois lá se tem outra mentalidade, esse problema é o da frequência dos alunos aqui da Educação Física. Nós abrimos inscrições para os alunos da graduação fazerem as suas atividades físicas e temos um leque muito grande de modalidades, horários diversificados, a inscrição é feita via internet, todas as vagas são preenchidas, temos até lista de espera para alguns cursos, e já no primeiro dia de aula 50 por cento não aparece, passa-se um mês, dois meses, só tem dez por cento dos alunos inscritos realmente frequentando o curso. Eu não sei porque isso acontece, talvez seja porque os cursos são de graça, pois no CEPEUSP, em São Paulo, não tem esse problema, e lá se cobra uma taxa simbólica, e isso resolveu o problema. No CEPEUSP é feita a inscrição, e depois um sorteio para o preenchimento das vagas, e nós, dos *campi* do interior, poderíamos ter o mesmo processo, em que se paga uma taxa simbólica por semestre, algo em torno de dez reais, pois se você mexer no bolso do aluno, ele vai dar valor, caso contrário, eles não terão responsabilidade nenhuma de frequentar. Essa ideia já foi levada a todos os prefeitos que já atuaram na coordenação e não tivemos êxito, porque, segundo o Conselho Gestor do *campus* de Ribeirão Preto, os alunos do interior vivem outra realidade, são mais pobres e não têm condições de pagar dez reais por semestre. Nós somos, atualmente, em oito professores trabalhando no CEFER, e tivemos quatro que se aposentaram, e todos sofrem com o mesmo problema, começam os cursos com 15, 20 alunos por turma e no final há sete ou oito frequentando.

Outro problema do CEFER, é a falta de verba própria, eu já tive que comprar cabo de aço com meu salário para colocar nos aparelhos da sala de musculação, comprar alguma peça para que não fique abandonada por vários meses, pois muitas vezes nós pedimos a verba que será destinada ao CEFER, e ela sempre vem, mas leva meses para isso, e dependendo da peça, ela também pode demorar para chegar. Nós temos, por exemplo, um problema no ginásio, pela manhã o sol bate no rosto de quem frequenta, no caso, os alunos da terceira idade, e o problema é simples de ser solucionado, basta uma cortina, que nós até já tivemos, mas em fevereiro 2010 fizemos o pedido de uma nova, e só colocaram nove meses depois, e nesse período todas as portas e janelas tiveram de ficar cobertas com jornal, para que o sol não atrapalhasse tanto as aulas

ali ministradas, e tudo isso seria mais rápido e fácil se o CEFER administrasse a sua própria verba.

Algo que trouxe uma felicidade imensa para os professores do CEFER foi a vinda da Faculdade de Educação Física, pois há 29 anos, quando eu cheguei aqui, já se lutava por uma Faculdade de Educação Física, sendo que nós temos um grande complexo esportivo pronto para uma faculdade ser instalada, e há três anos nós conseguimos alcançar esse objetivo, e é com muita alegria que hoje vemos os futuros professores que darão apoio para nós do CEFER.

Apreendi muito em todos esses anos trabalhando no CEFER, quando cheguei aqui eu era mais afoito, achava que tudo tinha que ser resolvido do meu jeito, e convivendo aqui com os professores, funcionários, alunos e docentes, de todas as faculdades, todas as unidades, já que o CEFER é o local onde todo o *campus* se interage, integra, convive, e esse conviver com todos esses tipos de pessoas, dos mais simples aos mais graduados, deu uma visão diferente para mim. Hoje eu entendo melhor, analiso melhor, todos os problemas e dificuldades que aparecem, eu não tento mais resolver na hora, primeiro reflito, sento na minha mesa, sento com meu chefe, converso com os demais professores, tudo para achar a melhor solução, em vez de tentar resolver rápido e de qualquer jeito, como no começo, agora resolvo com calma para que este problema não volte a acontecer.

A relação dos professores é a melhor possível. Nós temos alguns professores mais sérios, outros mais alegres, expansivos, mas na hora que nós, toda semana, nos sentamos na sala para fazer as nossas reuniões, para aprovar ou reprovar alguma decisão, concluir algum objetivo e traçar novas metas, definir métodos para o CEFER, é aí que ocorre a aproximação dos professores, já que temos aqui professores que estão aqui há apenas um ano, outros há três, e outros há 30, e é uma delícia. Um procura respeitar o outro, trocar ideia, quando não ficamos contentes com a atitude de algum, temos liberdade em chegar e falar: “Olha! Acho que esse é o caminho certo, o jeito certo, dessa forma”, e sempre acaba tudo muito bem. Sempre que tem aniversário cada um traz um prato de salgadinhos, um refrigerante, e nos divertimos, brincamos.

Eu tenho prazer em passar oito horas aqui porque é muita alegria, não só com os professores, mas também a alegria dos alunos. Eu vejo os

alunos da terceira idade, como amam os professores do CEFER, e para os professores a alegria deles é a nossa alegria. Na turma da terceira idade, muitas pessoas chegaram aqui no fundo do poço, psicologicamente, no ambiente familiar, às vezes saúde abalada, e nós tratamos essas pessoas como se fossem nossas mães, como se fossem nossos pais, procuramos sempre levantar a autoestima deles, porque o nosso objetivo aqui é promoção da saúde, principalmente quando se fala da terceira idade, o que eles não conseguem lá fora, eles vão conseguir aqui. É uma alegria muito grande para nós professores termos os alunos aqui, é uma paz muito grande, uma felicidade.

Lógico que às vezes vem alguma ordem lá de São Paulo, dando algum “puxão de orelha”, às vezes nos abala, novas mudanças que às vezes atrapalham, mudanças meio bruscas que não aceitamos, como já aconteceu, mas tivemos que contornar a situação, já que tudo aqui é passageiro. Um outro problema que enfrentamos é que o ginásio, a nossa sala de aula, nos é “roubado” durante dois, três meses por ano para os eventos das formaturas, ficamos tristes com isso, o *campus* de Ribeirão Preto deveria ter um local apropriado para a realização desse tipo de evento, e com isso quem sofre somos nós, os professores o CEFER, que somos obrigados a interromper nossas aulas, as atléticas a interromperem os seus treinamentos, ou seja, todos aqueles que utilizam o ginásio são prejudicados. Ginásio este que é o único do *campus*, que há 70 anos, quando foi construído, dava conta da demanda, já que só tinha uma faculdade, a Medicina, mas hoje ele já não consegue atender a todos, está superlotado, já que atualmente são mais de 30 cursos oferecidos pela Universidade, todo mundo quer se formar aqui, e nós perdemos o nosso ginásio, principalmente no final do ano.

O cargo de coordenação do CEFER é um cargo de confiança, o Prefeito do *campus* pode trocar, como foi feito em certa ocasião na década de 1980, e mexeu com todo mundo, não só do CEFER, mexeu em várias Unidades, em várias seções da Prefeitura do *campus* da USP de Ribeirão Preto, quando foi colocada uma pessoa de confiança da Prefeitura. Era a época em que eu estava neste cargo. Já estava na hora de entregar, e nós procuramos colocar um professor do CEFER como responsável do mesmo, mas na época foram colocadas pessoas não ligadas à área esportiva. Passamos por momentos de tensão que mexeu com todos nós,

e tivemos que esperar, procuramos ficar coesos e unidos. Pois sabíamos que o Prefeito do *campus* muda a cada quatro anos, que é um cargo de confiança do Reitor, que por sua vez é um cargo de confiança do Governador, ou seja, mudando o Governador isso vira um dominó, mexe com tudo. Hoje nós temos no CEFER docentes, doutores, mestrands, que são professores aqui e têm toda autonomia e capacidade de dirigir o CEFER. Um exemplo de que pessoas que não são da área não deveriam ser colocadas como coordenadoras são as quadras externas que foram construídas com tamanhos irregulares. Às vezes parece que o CEFER é sempre marginalizado, por isso nós estamos pedindo, há muitos anos, uma sala pra nós, um lugar exclusivo, o nosso Departamento, a nossa Unidade separada. Esse é um dos motivos pelo quais o CEFER não cresce tanto: não ser uma Unidade própria, os professores trabalham em instalações antigas; por exemplo, na sala de musculação, os aparelhos são jurássicos. Quando nós vamos a São Paulo, quando nós vemos o *campus* de Piracicaba, com as instalações modernas, ginásios modernos, aparelhos novos, nos perguntamos o porquê do *campus* de Ribeirão Preto não tomar um impulso e se modernizar, principalmente o CEFER.

O piso do ginásio de esportes é um exemplo, como o ginásio é tombado pelo patrimônio histórico nós não podemos mexer em nada, mas esses tacos que estão aqui são antigos e já nem se fabricam mais, então toda vez que temos os campeonatos de futebol de salão promovidos pelo CEFER, tanto o feminino quanto o masculino, todos os dias de jogos nós temos que chegar aqui uma hora mais cedo e colar os tacos com esparadrapo, nós pedimos a manutenção, e os funcionários vêm, passam uma cola que dura dois dias, no dia seguinte já está solto, porque não adere mais, de tão antigo que são os tacos, e coisas assim acontecem em todas as dependências. A sala dos professores que não tem espaço, estamos jogados lá em cima, não temos nem espaço para guardar o material, fica tudo entulhado em uma sala junto com a secretaria e o almoxarifado.

Esse é o nosso sonho, nós já temos um local projetado há mais de 30 anos, o sonho que este seja construído, o novo CEFER. Temos tudo no papel, mas não tem ninguém que construa isso para a gente. Além disso, se as duas quadras descobertas, que nesse sol de Ribeirão Preto ficam inutilizáveis das nove da manhã às cinco da tarde, ou seja, só é usada à noite, tivessem cobertura, seriam utilizadas o dia inteirinho pelas

atléticas e pelos professores do CEFER, e isso também já está no papel. Quando foram construir as duas quadras derrubaram árvores centenárias, o rapaz que estava cortando a árvore chorava porque foi o pai dele que tinha plantado aquelas árvores, umas árvores que faziam toda sombra para pista de atletismo, tinham mais de sete metros de diâmetro no tronco, e não nos perguntaram se ali era um bom lugar, se era aquilo que estávamos precisando. Algumas coisas foram colocadas aqui sem que os professores, que são profissionais que as utilizam, fossem consultados para se saber o que seria o melhor, mais importante, por exemplo, quais seriam as medidas para se construir uma quadra.

Às vezes, parece que o CEFER é esquecido, é jogado de lado, que nunca é prioridade, nós sofremos muito com isso. Se compararmos a quantidade de professores e a quantidade de aulas e de projetos que nós temos, com os que têm o CEPEUSP, veremos que nós estamos além deles, lá são 37 professores, enquanto nós somos sete ou oito, mas é com alegria que nós trabalhamos aqui, vencendo todos os obstáculos, tudo isso para a alegria dos alunos da graduação, da pós, dos professores, dos funcionários. É uma alegria abrir a sala de musculação às sete da manhã e ver a quantidade de funcionários das Unidades que fazem musculação e depois correm para suas Unidades para trabalhar. É uma alegria muito grande estar aqui todas as manhãs, estar falando e ouvir os passarinhos cantando, trabalhar com esse fundo musical, isso nos dá uma alegria imensa logo cedinho, aquele frescor da manhã, os alunos chegando e nos abraçando, fazendo ginástica e indo para a pista, para a natação, para a musculação, isso é o nosso oxigênio.

BOAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

- O desenvolvimento das atividades para a terceira idade teve início com o objetivo de reduzir o consumo de medicamentos por essa população, que apresentava alto índice de sedentarismo.
- O PIC trabalha com o oferecimento de exercícios físicos para a saúde e segue as orientações da OMS: exercícios leves a moderados realizados durante uma hora, três vezes por semana. É oferecido em vários espaços públicos na cidade de Ribeirão Preto.
- O profissional de Educação Física deve estar atento às condições de trabalho. Principalmente no que diz respeito à segurança da prática para os alunos.
- Cursos gratuitos não são devidamente valorizados pelos alunos. Na opinião da maioria dos pro-

fissionais entrevistados, infelizmente, grande parte dos frequentadores apresenta a mentalidade de que o que é oferecido gratuitamente não necessita de compromisso.

- O público da terceira idade tem uma característica bastante forte: o estreitamento dos laços afetivos com os professores de Educação Física. Estabelece-se uma relação quase que de ordem familiar, cheia de carinho e mimos. O profissional em Educação Física deve compreender que estabelecer esse tipo de relação é importante, pois está fortemente relacionado com o bem estar emocional e a qualidade de vida do praticante.
- É importante que os profissionais se posicionem junto aos seus coordenadores, para que as necessidades e medidas adequadas para cada situação emergente se tornem conhecidas.



Leonardo José de Souza

Formado em Educação Física pela UNESP de Rio Claro em 2005, o professor Leonardo ingressou no CEFER em 2010. É responsável pelo desenvolvimento das seguintes atividades: ginástica laboral, natação e treinamento funcional. Participou ativamente na criação de dois eventos oferecidos pelo CEFER: o Revezamento Aquático e o TriUSP (Triathlon Rápido). Sua entrevista foi concedida em dezembro de 2012.

RELATO DO EDUCADOR

Meu nome é Leonardo José de Souza, nasci em Uberlândia, Minas Gerais, no dia três de Maio de 1984. Tenho 30 anos de idade. Em 2005 conclui a formação em Bacharelado em Educação Física, pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” *campus* Rio Claro.

Sempre gostei muito de praticar esportes, principalmente natação e futebol. Durante o período escolar tive um Professor de Educação Física espetacular que me despertou ainda mais o interesse pelos esportes. E assim surgiu a Educação Física em minha vida.

Atualmente pratico musculação, natação, corrida e ciclismo. O próprio bem-estar que o exercício físico proporciona é um ótimo motivador, além, é claro, de conhecer bem os benefícios do mesmo. Dentre as modalidades as quais mencionei, a minha preferida é a natação.

O CEFER significa para mim um ótimo local para se trabalhar. Mesmo com algumas dificuldades de infraestrutura e com a burocracia para concretizar algumas ações e projetos, o CEFER é um lugar onde posso me desenvolver profissionalmente e fazer o que mais gosto com um bom retorno financeiro. Trabalho nele há três anos e sete meses, desempenhando a função de Educador de Práticas Esportivas, desde que entrei. Sobre o dia a dia, atualmente ministro aulas de Ginástica Laboral, Natação e Treinamento Funcional, nos demais horários estou planejando as aulas, organizando os eventos e sempre que possível procuro estudar as novidades da Educação Física. Desde que entrei não houve mudanças. Por enquanto a rotina de trabalho é a mesma de quando entrei no CE-

FER, com apenas algumas mudanças de cursos ministrados e horário de trabalho.

Nesses pouco mais de três anos que trabalho na USP, os principais momentos do CEFER foram a realização de quatro edições da Volta USP e a realização do 1º Triathlon Rápido do CEFER. Um ponto negativo foi o período que o CEFER ficou fechado devido a infestação de carrapatos.

Os fatos marcantes da minha vida profissional foram minha entrada na Universidade, a conclusão do meu curso de Educação Física na UNESP, e minha entrada na Universidade de São Paulo como Educador de Práticas Esportivas.

A única mudança pela qual passei pelo CEFER foi a troca da chefia, pois quando entrei o chefe era o Professor Battaglion e uma semana depois houve a mudança para o Professor Sérgio. Como o período que fiquei sob a chefia do Professor Battaglion foi muito pequeno, o meu período de adaptação ao trabalho também foi o período de adaptação do Professor Sérgio à chefia, não há como comparar como era antes e como ficou depois. Não me recordo de nenhum acontecimento que acredito que seja interessante destacar, além, é claro, da satisfação profissional que é concluir a realização de cada evento, principalmente da Volta USP e do Triathlon Rápido do CEFER.

Particpei ativamente da criação de dois eventos, o Revezamento Aquático do CEFER (realizado anualmente) e o TriUSP (Triathlon Rápido, com realização a cada dois anos). Os eventos do CEFER têm o objetivo de coroar o trabalho realizado diariamente nos cursos oferecidos, portanto cada evento é como se fosse uma comemoração de fechamento de um ciclo de atividades que envolve os educadores, os alunos, toda a comunidade USP e, em alguns eventos, como a Volta USP, toda a população de nossa região. Ainda não conseguimos realizar a Semana do Idoso do CEFER, acredito que este seja um evento que, quando executado, terá grande importância e repercussão em nossa Universidade.

Acredito que sempre há o que melhorar, seja com relação a processos administrativos, seja na grade de cursos oferecidos, seja na infraestrutura para atendimento aos usuários.

A maior dificuldade que o CEFER apresenta é que mantém a mesma infraestrutura de alguns anos atrás. Como o número de alunos, funcionários e professores aumentou muito nos últimos anos, hoje a infraes-

trutura do CEFER está sobrecarregada, não conseguindo atender a demanda dos usuários com relação aos espaços para a prática voluntária de atividade física e para a utilização nos treinamentos das atléticas. A maior necessidade que temos é a ampliação do número de quadras cobertas e substituição dos equipamentos da sala de musculação.

Não participei do período em que havia obrigatoriedade da prática de Educação Física nos cursos superiores. Acredito que no Ensino Fundamental e Médio a Educação Física tenha que ser obrigatória, mas com o objetivo de informar sobre a importância e despertar nas crianças e adolescentes o prazer pela prática da atividade física. Uma vez isso conquistado, no Ensino Superior, temos que oferecer a oportunidade da prática orientada e espontânea, mas não vejo a obrigatoriedade como algo essencial.

Pelo meu conhecimento histórico adquirido, o CEFER foi criado em 1973 com a introdução da Educação Física como disciplina obrigatória, e foi oficializado na estrutura administrativa do *campus* em 1981. Antes desse período, os Professores eram funcionários das Unidades de Ensino e desenvolviam suas atividades de forma independente.

Sobre o relacionamento com funcionários e professores do CEFER, como em todo ambiente de trabalho, tenho pessoas mais próximas e outras mais distantes. Procuo no ambiente de trabalho ser o mais profissional possível, e com os funcionários que tenho mais afinidade tenho um laço de amizade forte e que será duradouro.

Procuo me manter em constante atualização, e sempre que possível é preciso incorporar novidades do universo da Educação Física nos cursos e eventos do CEFER. Em breve tenho interesse em fazer Mestrado e Doutorado na área de Gestão Esportiva, e assim poder contribuir de alguma forma para melhoria do CEFER. Um desejo desde criança é participar dos Jogos Olímpicos de alguma forma, hoje participar como membro da Comissão Técnica da Natação Brasileira é um sonho que pretendo realizar colocando-o como meta para alguns anos.

Sempre há o que melhorar, o mundo está em constante mudança e temos que acompanhar essas mudanças para não ficarmos obsoletos como profissionais e seres humanos.

Uma questão que acho interessante e importante para este trabalho seria “Você tem interesse em trabalhar no CEFER até se aposentar?”.

Mesmo o CEFER sendo um excelente local para se trabalhar, acredito que com o passar dos anos a motivação e a disposição física para continuar ministrando as aulas não será a mesma. Portanto, não tenho interesse de trabalhar no CEFER até minha aposentadoria, pretendo dentro de alguns anos, empreender e ser responsável pelo meu próprio negócio. Se conseguir conciliar ambos, haverá uma possibilidade de me aposentar no CEFER, mas essa não é minha atual vontade.

BOAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

- Profissionalmente, a realização de eventos esportivos promovem satisfação, uma vez que cada evento pode servir como comemoração de fechamento dos ciclos de atividades oferecidas.
- É necessário pensar em melhorias, uma vez que tal possibilidade sempre existe, seja em aspectos relacionados a processos administrativos, oferecimento de cursos ou em infraestrutura.
- A Educação Física deve ser obrigatória no Ensino Fundamental e Médio, de modo a promover a adoção de hábitos saudáveis desde a infância. No Ensino Superior a prática deve ser espontânea, porém orientada.
- O profissional de Educação Física deve se manter atualizado, pois sempre há o que melhorar, tanto profissionalmente quanto como ser humano.
- É interessante que o profissional de Educação Física tenha consciência sobre o desgaste físico e motivacional que enfrentará com o passar do tempo: dependendo do profissional surgirá a necessidade de pensar outras possibilidades de atuação.



Maria Angela Lipparelli Piovesan

Formada em Educação Física pela UNAERP em 1981, ingressou no CEFER após quatro anos, em 5 de julho de 1985. Desenvolveu vários projetos, dentre eles a Universidade da Terceira Idade, a Caminhada da Saúde, Yoga para Terceira Idade e Reeducação Postural para a Terceira Idade. Além disso, foi responsável pelas aulas de Ginástica Aeróbica e Musculação, Hatha Yoga e Musculação feminina. Sua entrevista foi realizada em dezembro de 2012. Aposentou-se em fevereiro de 2015.

RELATO DA PROFESSORA

Meu nome é Maria Angela Piovesan e nasci em São Carlos. Minha formação foi um tanto conturbada, antes de fazer Educação Física, eu fiz faculdade de Ciências e Letras no Instituto Solado da USP em Araraquara, estava cursando o terceiro ano quando tive que mudar para São Paulo, tentei continuar essa faculdade em Moema, mas meu grande sonho era cursar a Faculdade de Educação Física, então prestei vestibular na FE-FISA, entrei e comecei a realizar meu sonho. Fiz dois anos na FEFISA, nessa época engravidei, e me mudei para Ribeirão Preto, depois de dois anos voltei para a faculdade e me formei pela UNAERP em 1981. Depois de formada lecionei cinco anos em academias, e então entrei no CEFER.

Sempre fui uma aluna que gostava muito de esportes, competia em tudo pela minha escola, em São Carlos, competia pela natação, atletismo, participava de basquete, de vôlei. Eu tinha uma aptidão nata e eu queria fazer Educação Física e tinha uma ótima Faculdade de Educação Física em São Carlos, mas papai era muito tradicional, naquela época ele disse: “não, vai fazer outra faculdade, essa faculdade não é muito boa”. Foi uma escolha paterna, mas depois eu consegui concretizar o meu sonho.

Sempre joguei vôlei. Fiz atletismo e vôlei, o vôlei é minha menina dos olhos. Depois que eu comecei a trabalhar aqui no CEFER, sou sócia da Recreativa, e joguei durante 18 anos lá, com as veteranas. Hoje não jogo mais vôlei, parei há cinco anos e atualmente só estou nadando.

Além da natação, pratico yoga, que é uma atividade especial, maravilhosa, tem uma história bonita nela. Faço aulas de yoga, essa parte é uma parte mais terapêutica, e eu adoro fazê-la. Sou professora de Yoga aqui também. Foi uma escolha bastante preciosa, todas as escolhas que fiz no CEFER foram baseadas nos anseios e nas necessidades da minha população, eu sempre estive presente perguntando: “você quer alguma inovação? Que tipo de modalidade?”, sempre fazia isso. Quiseram a postural, foi quando eu fui fazer a RPG, que é um curso de formação da Fisioterapia, e o Yoga. Ao dar de presente a eles esta atividade eu me dei de presente, faço Yoga até hoje.

O CEFER para mim é uma realização profissional, estou no CEFER há 27 anos e fazendo o que gosto, gosto muito de me relacionar com a Educação Física para adultos, fazer trabalhos também com a terceira idade, é tudo muito especial, significa que estou realizada profissionalmente. Tem muito mais a fazer? Tem! Mas até este momento estou feliz com que faço.

Entre no CEFER no dia cinco de julho de 1985. Estavam precisando de mais um técnico em Educação Física, então eu me apresentei, mas em 1982 já tinha sido convidada a lecionar para substituir uma colega, a professora Fúlvia Stella Lucchiareli, num departamento de Odontologia Social, era Educação Física obrigatória e eu me apresentei ao diretor do Departamento. Já havia trabalhado durante um semestre na Odontologia Social e fui convidada pelo professor Abel para dar um curso de condicionamento físico para funcionários. Também lecionei na academia São Francisco, numa academia de judô, onde eu abri uma frente de trabalho para o pessoal da terceira idade, é um trabalho que me cativava muito desde aquela época, e então surgiu a contratação, fui contratada em 1985 e lotada no Departamento de Morfologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, onde fiquei até 1991, período em que a Educação Física era obrigatória.

A Educação Física obrigatória iniciou em 1973 com seis semestres obrigatórios, em 1977 ela caiu para quatro semestres obrigatórios e em 1981 ela caiu para um semestre obrigatório, em 1990 caiu a obrigatoriedade, só ficou como optativa. Nós ministrávamos aulas, tinha a turma feminina e a masculina, eu peguei a turma feminina, tinha o período da manhã e o período da tarde, era um curso da Faculdade de Medicina, era

integral e puxado. Nós dávamos uma ginástica que naquela época era uma ginástica estética, era condicionamento físico, as meninas gostavam desta área.

Sinceramente, parece um absurdo mas eu era a favor da obrigatoriedade, porque quando eu entrei tinha quatro semestres obrigatórios, eu tinha dois anos para conquistar um aluno sedentário, para que ele percebesse quais são os benefícios advindos da prática sistemática da atividade física, era tempo suficiente, então muita gente vinha com aquela cara feia: “imagine, eu sempre consegui atestado na Educação Física do primeiro grau, do segundo grau, sempre estudei, agora eu sou obrigada a fazer Educação Física?”, eu dizia: “você agradeça, porque você vai precisar estar perfeitamente bem condicionada para você conseguir gerir as suas atividades de médica, suas atividades são pesadíssimas, você terá cirurgias de seis, oito horas, numa mesma posição, sua postura...”, enfim, esta parte foi importante porque eles retornavam às aulas. Como que eu soube disso? Quando caiu a obrigatoriedade eles vieram com a optativa e sempre diziam: “Maria Angela, foi a coisa mais importante que eu tive na minha vida, antes eu achava que era protegida pelos meus pais”, muito pelo contrário, o que foi mais importante por trás dos bastidores? Foi esta médica constituir família, ter filhos e passar isso para as crianças, sabendo da importância da Educação Física. Isso tem de ser passado para frente, para que você consiga isso, você tem de fazer um trabalho bem fundamentado, incutir essa consciência, provar esses benefícios. Por que você está fazendo? Para quê? Qual é a finalidade? A partir deste momento você ganha este aluno. Acho que todos os professores do CEFER agem dessa forma, tem isso dentro deles, a nossa formação permitiu que vislumbrássemos isso. Isso para mim foi a coisa mais importante do CEFER, garantir que esses alunos constituíssem a sua família e que eles incutissem a atividade física na vida dos filhos e sempre nos deparamos com eles aqui. Hoje são docentes da faculdade, voltaram a ter aulas conosco, então a história se repete, isso nos dá muito orgulho.

Com o fim da obrigatoriedade, o aluno não aparecia mais, só alguns que já praticavam alguma modalidade vinham nos procurar, mas nós perdemos a possibilidade de estar engajando esses alunos num dos principais princípios da Educação Física, a prevenção e a promoção da saúde, perdemos esta oportunidade.

A obrigatoriedade caiu justamente para que o aluno viesse espontaneamente, viesse feliz para a prática, só que a cultura do país não acompanhou essa sistemática que eles pretendiam que acontecesse, nossa cultura não permitiu isso, nós não tínhamos a cultura do esporte, da atividade como calendário de vida, prevenção e promoção da saúde, então eu acho que foi um período que ficou muito parado, estagnado, a Educação Física caiu muito. Estou falando aqui de nossos alunos que praticavam atividade física, aqueles minutos, aquelas horas que eles vinham, se integravam socialmente, conversavam, praticavam atividade física. Com o fim da obrigatoriedade, hoje eles se reúnem em barzinhos, em repúblicas e isso eu acho que foi ruim. Francamente, como vivi as duas situações, prefiro a obrigatoriedade, mas hoje a cultura é outra, a prevenção e promoção da saúde se faz obrigatória pela política econômica e social brasileira, mas nós tivemos um grande período que foi uma pena ter caído a Educação Física.

Com o fim da obrigatoriedade surge o CEFER. Na verdade, o CEFER existia apenas em suas instalações, suas quadras, suas salas de ginásticas e os professores lotados em suas Unidades preparavam suas aulas e vinham dar as aulas no CEFER. Quando caiu a obrigatoriedade, o CEFER começou ter a sua alma. Não era só o corpo, tinha sua alma, sua parte administrativa, e então partimos com outros tipos de eventos para o CEFER, vislumbramos o trabalho com a comunidade externa, isso foi muito importante e, particularmente, em 1991 o CEFER participou de um grande projeto, isso também que nos segurou, nos estimulou, a Educação Física adaptada, nós montamos um grupo GTA, grupo de trabalho com asmáticos. Fizemos esse trabalho com crianças de seis a oito anos junto ao Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina, sob a orientação da doutora Virgínia Ferriane e doutora Lígia Torres, fizemos este trabalho até 1995. Colhemos muitos frutos deste trabalho, conseguimos distanciar muitas crises nos asmáticos, elevar o sistema imunológico, fomos até uma escola, uma escola estadual aqui em Ribeirão Preto, usávamos um aparelho pra medir o fluxo ventilatório, que é o *pinckflow*, fizemos medições em 480 escolares e esse trabalho nos rendeu muitas publicações. Fomos muito bem assessorados e fomos também excelentes colaboradores, fiz várias filmagens em aulas, temos um *book* ilustrativo com as crianças, ensinamos os pais a fazerem manobras interessantes

quando as crianças estivessem em crises, tudo isso com a orientação das doutoras da pediatria. Foi um trabalho belíssimo, que durou até 1995.

Em 1997 eu fui fazer um curso de reeducação postural das cadeias musculares e fiz outro projeto, levei até o Departamento de Ortopedia, quando o então professor doutor Helton Luiz Aparecido Defino era o Diretor deste Departamento, falei assim: “Professor, olha que interessante fazermos um estudo longitudinal com os nossos alunos de graduação, os que frequentam as aulas, que estão devidamente matriculados e como está a postura destes alunos. Eles vão ficar sentados aqui cinco, seis, dez anos. Vamos fazer um trabalho de consciência postural?”, e desenhei o projeto, e ele gostou muito, abraçou a ideia. Esse professor é um grande especialista em coluna vertebral, eu trabalhei com doutor Helton de 1997 até 2005, o que também resultou em publicações sobre Estudo longitudinal em universitários. O doutor Helton sugeriu expandir para comunidade, ele começou a me mandar alguns pacientes da ortopedia, no que eu prontamente atendia, e fazia aquele serviço de extensão. Então tinha a pesquisa, o ensino e a extensão, foi interessante este projeto.

Em 1998 o CEFER também idealizou um grande projeto, que é a ginástica laborativa, no qual fomos os pioneiros de todos os *campi* do interior, a ginástica laborativa começou com um piloto de 1999 até 2002, foi estendida a todos os departamentos das Unidades, bem como as sessões no *campus*, chamava-se de GILUSP – Ginástica Laborativa da USP. Na nossa equipe erámos eu, o professor Battagliion e o professor Roger Viana. Fomos convidados pelo prefeito do *campus* de São Carlos, professor doutor Dagoberto Dario Mori, para implantar este trabalho no *campus* de São Carlos, fomos lá em 99, implantamos o trabalho, fomos muito bem recebidos. O pessoal do *campus* de Bauru e do CEPEUSP de São Paulo aplicou nosso trabalho e através da rádio USP nós passamos todas as informações, então foi um bom trabalho.

Este trabalho também nos rendeu muitas publicações e um trabalho assim, bastante compensador pra nós, começou a dar visibilidade para o CEFER. Você saía das salas de aulas de Educação Física, saía das quadras e levava o CEFER para todos os locais. Então começamos a ficar mais populares, esta visibilidade foi bastante positiva e recebemos milhões de convites. Nós estávamos em nove professores, depois alguns se aposentaram, como a professora Fúlvia Stella Lucchiareli e a professora Regina

Rahal, então diminuiu um pouco essa frente de trabalho, o que tornou o trabalho mais difícil.

Esse foi o nosso projeto de ginástica laborativa. Em 2003 eu levei outra parte da ginástica laborativa, trabalhei durante um ano na Faculdade de Ciências Farmacêuticas, com a professora doutora Maria de Lourdes Pires Bianchi, conversei muito com ela e falei sobre instalar aquela ginástica que faz parte da laborativa, só que com a particularidade de que você adentrava os gabinetes de trabalho, você fazia uma estudo da ergonomia, os funcionários sentavam onde estava o telefone, a distância do computador, a cadeira, a altura do pé, do chão e em seguida você aprendia a rotina de trabalho deles e observava. Um trabalho demorado, delicado, usei muito o RPG neste trabalho e então você fazia a ginástica compensativa ou compensatória, a cada uma hora de trabalho dois minutos de pausa, foi muito importante, saiu em vários jornais, nos jornaizinhos da USP, um trabalho que pegou muito bem aqui dentro e tivemos a felicidade de ser muito bem recebidos. A professora Maria de Lourdes percebeu que a parte que acompanha a Educação Física tem aquela da sociologia, o comportamental, o funcionário começou a mudar, de se achar bem tratado. Colheram-se muitos frutos também com este trabalho. Em 2003 nós participamos de um belíssimo projeto da hemodinâmica, com o professor doutor Lourenço Gallo Júnior da Faculdade de Medicina, um projeto de reabilitação cardíaca, trabalhamos com ele também um bom período e nós fizemos a prática e todas as avaliações, o trabalho perdura até hoje, só que com a turma da Fisioterapia.

Em 2002 a Prefeita do *campus*, professora doutora Emília Campos de Carvalho, da Escola de Enfermagem, criou uma comissão, um grupo de trabalho chamado GT CEFER, ela convidou uma comissão extensão. O diretor da comissão foi o professor doutor Gutemberg, da Faculdade de Medicina, convidou alguns docentes de todas as Unidades, convidou vários funcionários, todas as atléticas das Unidades e seus presidentes e convidou a mim e ao professor Romualdo Vichnevski para representar o CEFER. Fizemos um estudo de um ano dentro do GT CEFER e aí ficou praticamente regulamentado o que fazíamos, ela deu uma função ao CEFER, ensino, pesquisa e extensão, isso a gente já estava fazendo, e ela consolidou essa forma. Ela queria dar uma conotação diferenciada ao CEFER e regulamentar o que fazíamos. Inaugurou uma casa que usamos

para promoção e prevenção da saúde, a casa 22, ali recebíamos vários trabalhos de todas as Unidades que queriam trabalhar com Educação Física, como programas e projetos, e também da comunidade externa, foi ela que nos impulsionou a trabalhar com caminhadas, a Caminhada da Primavera, e esses eventos começaram com ela e se consolidou na gestão do professor José Aparecido da Silva, quando ele percebeu a importância do CEFER. O CEFER deveria ser um departamento específico aqui da Prefeitura, de ensino, pesquisa e extensão.

Abraçamos o estudo e o projeto da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, que é a Universidade da terceira idade, eu entrei com três projetos. Tenho três programas, desde 2005: a caminhada da saúde, yoga para a terceira idade e reeducação postural para a terceira idade também, há sete anos que estes três programas já existem na Universidade da terceira idade. Estes projetos estão registrados na casa 22 e existem até hoje.



Figura 6. VIII Caminhada da Saúde CEFER USP Ribeirão Preto (2012).

Gostaria muito que voltasse um projeto fantástico, chamado Café Ciência, acontecia todas as quartas-feiras na casa 22. Este projeto era para a comunidade USP e comunidade externa, nós convidávamos um docente, uma personalidade em assuntos de saúde, meio ambiente, nos mais diversos assuntos e convidávamos toda a nossa população desse projeto da terceira idade para assistir as palestras, e em seguida tinham as per-

guntas, era uma interação muito interessante, e depois tomávamos um café e era maravilhoso. Foram 360 horas de palestras, durou três anos. É preciso ter uma boa estrutura para fazer este projeto e foi um belíssimo trabalho.

Naturalmente você sabe que há uma perda política quando você sai de um departamento, como Departamento de Morfologia, tínhamos mais livres acessos por lá e você vem pra uma Prefeitura, cuja missão é mais operacional. Foi bastante difícil, mas nós não nos acovardamos, nós batemos nas portas, idealizávamos os projetos, mostrávamos os projetos e fomos abraçados por estes projetos, que eu acabei de relatar. Na Faculdade de Medicina, houve outro projeto, de obesidade, que eu fiz também, o programa dos 90 dias, foi iniciado em 2002 com a professora Emília, era um trabalho multidisciplinar, eu convidei docentes da Faculdade da Enfermagem e da Nutrição, bem como os docentes da Filosofia, do Departamento de Psicologia da Educação e nós do CEFER, então era uma dinâmica muito legal por que você tinha uma reeducação funcional, nutricional e psicológica, fui um trabalho também bonito, este trabalho foi todo documentado. Então, era assim, você trabalhava o seu outro projeto, apresentava sua proposta, poderia ser que sim, poderia ser que não, mas os projetos que nós apresentamos foram sempre muito bem abraçados, muito bem-vindos por estes departamentos que eu citei, porque acharam que eram projetos que tinham importância para toda a população USPiana, eu acho que nada acaba, sabe? O importante é você continuar com seu estímulo, você tem muita coisa para aprender, muita coisa para doar e arregaçar as mangas, fazer e ir para frente e acontecer, acho que foi o que nós fizemos.

Quando nós começamos a introduzir novos trabalhos para a comunidade externa, porque, até então, nos departamentos o trabalho era mais restrito com os graduandos e os pós-graduandos, mesmo assim nós mantínhamos alguns horários para os funcionários da USP. Quando nós começamos a apresentar trabalhos necessários, perceber as necessidades da nossa população, obesidade, postural, asma, acho que nossa visibilidade aumentou bastante, com isso, nossos créditos foram aumentando, acho que o CEFER começou a ficar mais popular e as pessoas começaram a aderir mais ao CEFER, a procura foi muito grande, deu um “boom” no CEFER, uma época áurea.

De manhã e no final da tarde ministrávamos aulas e durante o dia axiliávamos na pesquisa. Então, resumindo, trabalhávamos na pesquisa, participávamos de cursos relevantes no nosso aperfeiçoamento. Tínhamos essas atividades, nos preparávamos para dar aulas, nós tínhamos uma hora, uma hora e meia de preparação, melhorávamos nosso condicionamento físico e trabalhávamos com as atléticas também. Com as atléticas, no período do almoço, das 11 ao meio dia ou no período em que eles estivessem livres, trabalhávamos em várias modalidades. Eu tive a oportunidade de trabalhar com as atléticas femininas na corrida de velocidade, que é meu forte: 100 metros rasos, 4 x 100m, passagem de bastão e eu competia barreira também. Mas nessas duas modalidades nós tivemos grande sucesso aqui com as meninas, tanto que fomos convidadas pelo pessoal de Ribeirão Preto para que essa turma fosse representar a cidade porque tinha o melhor tempo, e isso já é outra história. Valeu a pena esse trabalho.

Paralelamente a isso nós já tínhamos iniciado na pesquisa, com o professor Luiz Afonso Ferreira da FMRP, então chefe do Departamento de Morfologia, que teve um papel crucial no CEFER, ele que nos iniciou na pesquisa científica, isso nós devemos a ele, com suas ricas orientações, um homem extremamente estudioso e dedicado à pesquisa. Nós trabalhávamos em alguns projetos que ele nos orientava. Quando eu entrei na Universidade, em 1985, fui autora de um tema livre da revista *Ciência e Movimento*, do doutor Victor Matsudo, e ele foi nosso padrinho. Em 1987, nós publicamos um artigo extensíssimo nesta revista numa seção chamada ponto de vista, ele tinha construído um aparelho, torquímetro, que media a força muscular e fizemos este trabalho em três grupos distintos: alunos que faziam atividades aeróbicas, alunos que faziam atividades anaeróbicas e sedentários. Fizemos este trabalho e chegamos a uma conclusão muito interessante. O professor Luiz Afonso Ferreira estava na frente. A conclusão deste estudo é muito envolvente: a atividade anaeróbica, representada neste estudo pelos atletas de vôlei, realmente se mostrou um pouquinho mais eficaz, que o aeróbio, do atletismo.

Nessa época dos projetos, vários professores também com seus departamentos, buscaram trabalhos, ao todo, que eu me lembre, foram 21 projetos e programas estabelecidos no CEFER, nós eramos muito convidados para ministrar palestras em toda região, no SESC, em São Carlos,

nós fizemos por volta de umas 54 palestras, pelo que eu estava revendo algumas situações, nós temos mais de 40 publicações, o CEFER se mostrou assim, bastante firme nos seus propósitos, tanto de pesquisa quanto de publicação e de extensão, então nossa missão começou a ser cumprida e está sendo até hoje com os novos professores chegando e todo este histórico aparecendo. Acho muito importante que eles deem continuidade, obviamente com outras aspirações, a cultura já é diferente, mas eu acho que a necessidade de você conhecer e passar o seu conhecimento é sempre a mesma, conhecimento é um só, então eu acho isso importante, que essa chama fique acesa para os novos que estão chegando e para os outros que virão, esse é o meu desejo.

Tivemos uma cena marcante sobre o surgimento do CEFER: foi que todos os professores, de todas as Unidades, de repente se encontraram numa mesma mesa dentro do CEFER e era ali que nós iríamos trabalhar e antigamente só ocupávamos as instalações do CEFER, nós ficávamos mais nos departamentos, nesta altura nós conversamos muito e falávamos “daqui pra frente nós vamos começar a fazer a nossa administração, vamos começar a fazer nosso trabalho mais extensivo à população, vamos aumentar nossos projetos, vamos bater nos departamentos e vamos dar nossas aulas de graduação”, porque ainda existia aula optativa de graduação e nós tínhamos muitos alunos que voltaram por causa dessas optativas, que gostavam da Educação Física. Isso foi uma conquista grande nossa, e deles também, então este foi o primeiro momento quando nos deparamos, demos as mãos e fomos à luta, foi simples e objetivo.

A transferência foi sentida por nós professores, porque já estávamos iniciando carreira, fazendo Mestrado, com mais facilidades, sob a tutela dos nossos diretores que eram docentes. Na verdade nós perdemos duas coisas, segundo o professor doutor Luiz Afonso Ferreira, “você vão perder duas coisas: *status* e dinheiro”, então houve esta perda sim, mas depois a estabilidade reinou e a Educação Física em nenhum momento ficou diminuta ou qualquer coisa, então a nossa Educação Física levamos firme, mesmo se tivéssemos no Departamento ou aqui, os objetivos foram os mesmos, o amor à arte acho que impera também.

Faz 28 anos que eu estou aqui no CEFER e completo 30 anos em 2014.

Desde que fui contratada, sempre exerci a mesma função, o mesmo cargo, professora de Educação Física, depois mudou o organograma do

campus e nós passamos a ser educadores de práticas esportivas. Nós recebemos a conotação de educadores de práticas esportivas, mas sempre na mesma função: ministrar aulas que é o que eu mais gosto de fazer.

O dia a dia no CEFER é que há manhãs que eu entro às sete horas da manhã, terças e quintas esses programas de extensão são muito cedo. Ficamos lá até o período da hora do almoço, há vários cursos que oferecemos na parte da manhã e depois do almoço voltamos para o período da tarde, que são outras aulas, alguns estudos tecemos com projetos que estamos fazendo, algumas modificações, algumas situações, tudo é estudado, muitas reuniões, a parte administrativa, algumas mudanças que são necessárias, tudo para consolidar o nosso Centro de Educação Física, Esporte e Recreação, tudo que for mais importante para ele. Estamos nos reunindo, discutindo, debatendo alguns temas, também é importante isso.

Sobre as mudanças que aconteceram no CEFER ao longo dos anos, acho que atingimos o amadurecimento natural dos fatos, conseguimos acompanhar bem as mudanças culturais, as necessidades dos nossos alunos, sempre juntos com os anseios, sempre promovendo cursos que eles mesmos sugerem. Discutir, trabalhar em harmonia, satisfazendo a sua população é uma forma ideal para você crescer também, perceber e ficar mais atual, não se distanciar do que está acontecendo no momento, nesta transformação toda que a Educação Física está sofrendo, o CEFER acompanha mais de perto estas mudanças através destas prerrogativas.

Contudo, essas mudanças eu acho que estão sempre compatíveis com a situação político-econômica da Universidade de São Paulo neste *campus*. Tivemos grandes prefeitos, mas nem sempre tínhamos dinheiro. Alguns investiram mais outros investiram menos no CEFER. Não que um ou outro não quisesse fazer, eu não penso assim. Eu penso é que tinham prioridades que eram mais necessárias em certas circunstâncias. E, se em alguns momentos, nosso material foi se sucateando, isso nunca se passou com nossa imaginação e nossa criatividade. Mas, por exemplo, quando implantei a educação postural, a prefeitura reformou a minha sala, colocou espaldar, colocou um piso emborrachado, que era um mínimo necessário pra tocar este projeto de RPG, mesmo com pouca verba. Quer dizer, foram prefeitos que tinham vontade, que percebiam a necessidade de colocar coisas novas.

Sobre a verba que é destinada ao CEFER, isso fica mais com a prefeitura, com seu departamento, com sua tesouraria, a nunca tivemos acesso a essa parte administrativa da Prefeitura, e eu creio que nenhum setor da Prefeitura tem acesso a isso.

Nós fazíamos todo ano nossos pedidos de providência. As bolas de basquete, de vôlei, os pesinhos, a sala de musculação, mais um aparelho aqui, outro aparelho lá, éramos comedidos porque sabíamos que era um processo demorado e custoso, mas nunca deixamos de fazer nossos pedidos de providência. Vinham alguns materiais, outros não eram possíveis, se não justificássemos o porquê não vinham. E foi com esse panorama que convivemos durante muito tempo.

A coordenação do CEFER teve vários momentos compostos por nossos colegas maravilhosos. O professor Eliezer foi o primeiro coordenador, ele conseguiu trazer a pista de atletismo para cá. Depois foi o professor Abel, com uma ótima visão, aumentamos nossos eventos, manhãs de lazer, colônias de férias, fazíamos eventos de domingo, eventos para a família, que era muito importante: o pai trazia crianças para um concurso de pipa, oferecíamos jogos de salão para os pais, enfim buscava-se uma harmonia para que o pai sempre trouxesse a criança e tivesse também o que fazer. Trabalhamos com vários tipos de atividade, fizemos muita psicomotricidade com criança, muito esquema corporal com esses eventos, tinha a volta, fizemos a volta do pedestre, foi muito interessante a volta do pedestre e cíclica e um monte de situações que sempre procurávamos e no final terminávamos com uma macro ginástica entre pais e filhos. Era muito gostoso, sempre que acontecia esse evento os pais compareciam em massa, oferecíamos sorvete, algodão doce para as crianças, pipoca, depois dos eventos, era uma forma lúdica, recreacional e foi muito gostosa a época do professor Abel. Depois veio a coordenação do professor Jether, foi fantástica também, continuamos nesta progressão. Com o professor Battaglion já pegamos mais no Departamento de ensino, pesquisa e extensão. Fizemos mais projetos também, esses que eu citei no início. E depois foi o professor Sérgio, que é o atual supervisor, e está indo muito bem. O CEFER já está com outra conotação, com mais verba, mais material, mais instalações, já vai ser outro tipo de supervisão com certeza. Nesse sentido, até a supervisão do Battaglion, o contexto sempre foi o mesmo, aqueles materiais, com aquela situação que perdurava por

forças maiores, mas na gestão do professor Sérgio as concessões foram melhorando para nós, então eu acho que tem muita coisa boa que há de vir, com certeza nós vamos estar sempre debatendo situações novas, inovações.

Falando um pouco mais sobre o PIC, era um serviço de extensão, e foi a professora doutora Iranilde José Messias Mendes da Escola de Enfermagem quem idealizou. Ela fez este trabalho por toda Ribeirão Preto, é um trabalho que também foi colocado na Universidade da terceira idade. A Universidade da terceira idade é um plano de integração comunitária e tem vários braços, e um deles é o PIC, que nós abraçamos aqui no CEFER e também foi muito importante. Aconteceu na mesma época do trabalho fantástico da saúde da família, que foi um programa maravilhoso, cuja implantação foi realizada pelo professor doutor Gutemberg da FMRP. Foi ele quem idealizou este programa aqui em Ribeirão Preto, e o CEFER também abraçou a ideia do Programa Saúde da Família. Estes programas estão todos na extensão, além dos muros da USP, programas de muitíssima importância por se tratar da saúde, da prevenção, de sua promoção, qualidade de vida em todos os sentidos, muito importante. E o CEFER está junto com este programa.

Os eventos que realizamos são muito importantes porque realmente reúnem muitas pessoas ao mesmo tempo. A Caminhada da Saúde e a Caminhada da Primavera são dois eventos, um feito para cada semestre, e fazem parte daquele projeto que nós mandamos, que hoje é um programa de extensão comunitária da Universidade da terceira idade, reunimos 500, 550, 600 pessoas. Começamos com 300 pessoas e em seguida foi aumentando, então nesses eventos nós sempre estamos fazendo uma palestra sobre a saúde, qualidade de vida, da importância, convidando toda a comunidade para vir participar destes projetos de extensão, então são projetos fantásticos porque falam sobre a saúde, prevenção e promoção. Agora a Volta USP é maravilhosa, é a menininha dos olhos aqui dos corredores: eles gostam muito de correr aqui dentro da USP, no meio das árvores, é um programa de atletismo que foi muito bem aceito aqui com nossos jovens atletas e veteranos e abrange várias categorias. E temos vários projetos, temos também o evento de xadrez, que surgiu na gestão do professor doutor José Aparecido da Silva e que foi muito bem recebido e até hoje realizamos, temos o futsal... Nós mexemos com vários eventos

durante todos os meses do ano. E isso é importante para aumentar o seu trabalho, você também o está consolidando com eventos que são pertinentes a área.

Os programas são sempre bem-vindos, são importantes, porque você tem um grupo de pessoas na mão, com as quais você faz um pré-avaliação e depois lança todo um prognóstico, um procedimento e depois vai conferir a evolução dessas pessoas; e essas pessoas se tornam mais jovens, elevam a autoestima, principalmente nestes programas da terceira idade, é notório, você percebe isso, são pessoas que ficam mais conscientes, mais alertas, mais equilibradas. Eu acho que o trabalho do yoga, energético e espiritual, faz um bem enorme, tanto do ponto de vista físico quanto emocional, psíquico. Você percebe a melhora da harmonização dessas pessoas e como elas ficam mais felizes. O que é mais importante para nós são os depoimentos, os que são verbalizados no dia a dia ou quando você se encontra com o aluno, a satisfação, a gratidão, esses depoimentos chamamos de colégio invisível. O colégio invisível é ultra, superimportante, em qualquer programa, porque é assim que se alastra, a pessoa que estava “trouxe minha amiga, trouxe meu parente, esta pessoa não está bem, professora, ela pode fazer o curso de yoga?”. E nisso tem toda aquela coisa que você percebe que este colégio invisível funciona muito bem, esses depoimentos verbalizados e todo esse repercutir que não são registrados existem muito nesses programas e, para nós, funcionam um termômetro. Mostram o que está dando certo, o que precisa melhorar, como você vai conduzir no próximo semestre, isso é muito bom, é vital para a Educação Física, muito importante.

Na minha opinião, alguns projetos deveriam voltar. O Café Ciência, por exemplo, porque você deixar uma população bem esclarecida através dessas fantásticas palestras com estas personalidades, docentes com seus programas, com as suas especificidades, que vem falar sobre prevenção de problemas, você passa o aprendizado, o professor mesmo adorava porque ele falava: “poxa, eu consegui sair da sala de aula, do laboratório e enfrentar uma plateia, uma plateia não formal, uma plateia de leigos, esta abrangência me faz muito feliz”. E percebíamos isso também através do comportamento das pessoas que participavam das palestras, que perguntavam: “professora quando é que vão voltar? Como nós aprendemos tanto, olha a importância disso, daquilo”. Isso eu acho

que deveria se voltar urgentemente, vamos fazer o possível para que isso volte a se concretizar.

Nós estamos abertos, inclusive para novidades. Estamos estudando com carinho alguns projetos que vamos lançar.

No CEFER é assim: apareceu a dificuldade, vamos nos reunir, vamos tentar resolver com as armas que temos, com aquilo que temos à disposição. As dificuldades, você não as procura, elas surgem no seu caminho, eu gostaria de ter mais acesso para resolvê-las e dialogarmos mais com a nossa direção para termos algumas aberturas de portas que são necessárias para resolver as nossas dificuldades. Como agir? Precisaríamos aumentar o número de parcerias, principalmente para resolver as dificuldades. Sinceramente, dificuldades grandes, imensas, já tivemos, problemas de espaço físico que já foram resolvidos com o Bloco C, problemas de poucos professores – trabalhávamos período matutino e período da tarde dando aula sem parar –, que também já foram resolvidos. Eu passei por grandes dificuldades neste sentido, agora, para solucionar as dificuldades que vão surgindo é necessário estar sempre em diálogo com a nossa direção, arrumar mais parceiros para resolvê-las. Acho que a atividade física ela é muito importante, que sempre vai ter alguém abraçando uma causa, então é bom nos acostumarmos a aderir a esta nova estrada que se abre para nós. É importante deixar o Prefeito do *campus* sempre bem atento às nossas dificuldades, com questionamentos, como: “O senhor acha que qual departamento poderia nos ajudar? Qual Unidade poderia estar mais presente para resolver?”, porque são problemas de vários tipos, são de várias formas, por isso acho que o diálogo ainda é a melhor solução para resolvermos essas dificuldades.

Uma das grandes necessidades do CEFER era espaço, nós já abrimos o Bloco C, pegamos mais quatro salas, eram pouquíssimos professores para dar um monte de aulas, agora já contratamos novos professores, isso era uma grande dificuldade porque gerava um desgaste muito grande, queríamos continuar com os programas, tinha toda uma aula para dar, e também era necessária a compra dos materiais. Hoje em dia as verbas ficaram mais acessíveis para nós, a grande necessidade que eu apontaria do CEFER era montar uma sala de musculação bem feita, com os aparelhos todos formalizados, padronizados para poder fazer também trabalho científico com estes aparelhos, tem muita gente que faz isso,

que nos procura para fazer uma pesquisa, um trabalho, então a maior necessidade hoje seria sala de musculação completa. Todos os *campi* do interior, pelo menos os que eu conheço, tem uma pista *country*, que é aquela pista de corrida, de andar, pista do andante, do caminhante, com os aparelhos em volta. Nós já fizemos o projeto, eu e o professor Sérgio, pretendemos instalar nos arredores do nosso Centro, a pista, bem como seus aparelhos. Nestes aparelhos haverá a descrição de todos os movimentos e ensinaremos todo mundo a usar e ter uma autonomia, acho isso interessante, isso já existe há muito tempo, há dez anos já pedimos esta pista, então talvez ela venha.

Mas o pedido de novos espaços e reformas é um pouco complexo. Fazemos o pedido de providência e normalmente esperamos que sejamos convidados para poder ver onde é que queremos ter as quadras, que tipo de quadra, a metragem, algumas vezes somos atendidos, algumas vezes não, então fica difícil. Foram construídas duas quadras, mas elas não são oficiais e foram construídas a favor do sol, deviam ter sido construídas viradas. Quem as projetou não observou fatores relevantes para se construir uma quadra, nessa ocasião nós não fomos chamados para acompanhar; na verdade, alguns professores expressaram alguma opinião, mas não fomos chamados para acompanhar. Acho que nós devíamos estar presentes, acompanhando o processo, dando opiniões, conferindo bem as metragens, para a construção de um projeto que atendesse as necessidades da Educação Física.

Não tem nada oficial aqui dentro deste *campus*, porque quem construiu não conhecia as necessidades, não sabia as dimensões. Devíamos ser consultados, mas, infelizmente, como isso não acontece: você não pode trazer sequer um campeonato, nem nacional nem estrangeiro, para esta nossa pista maravilhosa, porque ela não é oficial, ela começa oficial, com oito raias, mas depois cai para seis raias. Na época era para ser oficial, foi desenhada como oficial, então aconteceram coisas, talvez relacionadas à verba, que foram mais econômicas para o setor.

Eu percebo que com a vinda da Escola de Educação Física e Esporte muita coisa pode se tornar mais acessível. Ter uma Faculdade de Educação Física era um desejo nosso muito grande, nós trabalhamos muito, fizemos vários projetos, recebemos o vice-Reitor, quando ele veio na Faculdade de Odontologia apresentamos um projeto para a vinda da Fa-

culdade de Educação Física. Sempre trabalhamos para ter a nossa casa, àquela época, pois assim você tinha um “parentesco”, pessoas com a mesma afinidade, a evolução seria mais rápida. E, quando a Escola de Educação Física e Esporte veio, foi uma benção, recebemos o seu diretor, o professor doutor Barbanti aqui na Prefeitura, concedemos a ele várias situações, secretárias para concursos e tudo, ele foi muito bem recebido, foram dadas as boas vindas a ele, nós ficamos muito contentes com a vinda da EEFERP. Por isso, acho, principalmente os novos professores vão perceber, que vai ser mais facilitado o nosso caminho. A faculdade é a sua casa, lá existe outra visão, então eu acho que vai melhorar bastante. Não sei se eu estarei aqui para ver, talvez eu já esteja aposentada.

Eu acho que a relação entre o CEFER e a EEFERP tem se desenvolvido de modo bastante cordial, todas as necessidades, todos os convites que recebemos dos nossos professores doutores para ocupar nossas instalações são concedidos, eu acho que nós temos que nos unir para o bem da Educação Física, é a visão nossa, é esta a visão, juntos, sempre juntos, vamos favorecer, vamos conversar, o que é importante para a Educação Física, é ela que na verdade rege tudo, então estamos sempre dispostos a colaborar da melhor maneira possível com a Escola de Educação Física e Esporte do *campus* de Ribeirão Preto. Nós não estamos unindo uma faculdade de química, nós estamos unindo uma faculdade de Educação Física com o CEFER, que tem sempre o mesmo objetivo que é prevenção e promoção da saúde e melhora da qualidade de vida de todos os seus participantes, objetivo único, não deve haver obstáculos.

Sobre a organização do CEFER penso que com as novas instalações, com os novos professores, com os novos materiais podemos pensar em melhorias, mas para você mudar uma organização é preciso primeiro vivenciar todos os setores, com todas essas novidades, perceber bem a situação e a partir das reflexões propor mudanças sempre relacionadas ao bem-estar do praticante. Desse modo, estamos abertos a mudanças e a novos projetos.

Eu agradeço a oportunidade de mostrar um pouquinho da história do CEFER nestes 40 anos de existência; contando a história da Educação Física nestes 40 anos, a importância que ela teve e as conquistas que ela obteve.

A mensagem final que deixo é que a Educação Física está sempre em primeiro lugar, sempre, seja por quem ela for dirigida, ela é a verdade, ela é a protagonista, ela é a célula mater, sempre é ela, ela é que está no alto da pirâmide. E depois chegamos nós, que a utilizamos com ferramentas e objetivos.

BOAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

- É importante que o profissional de Educação Física considere os anseios dos alunos e/ou do público com o qual trabalha. Isso estabelece laços mais fortes e proporciona práticas mais agradáveis, além do enriquecimento do currículo do profissional, uma vez que para isso muitas vezes é necessário investir em cursos de atualização.
- Os alunos são conquistados com o tempo. O objetivo deve estar relacionado sempre à aquisição de hábitos de vida saudáveis. O papel do profissional de Educação Física deve ser mostrar aos alunos os benefícios que a prática de atividades físicas e exercícios promovem para a saúde.
- O fim da obrigatoriedade da Educação Física em cursos de Graduação fez com que os profissionais de Educação Física perdessem a oportunidade de engajar nos alunos os princípios de prevenção e promoção da saúde.
- O programa de treinamento pode ser criado para atender necessidades específicas de uma população também específica. Em seu relato, a professora Maria Angela enfatiza o trabalho feito com crianças asmáticas, as quais obtiveram melhora significativa em seu quadro clínico.
- Atuação do profissional de Educação Física apresenta várias possibilidades, entre elas a reeducação postural, a ginástica laboral, as práticas corporais na melhora da saúde, além das práticas esportivas, recreativas e de lazer.
- É importante que o profissional de Educação Física esteja aberto para firmar parcerias com profissionais de outras áreas do conhecimento para realizar intervenções que visem o desenvolvimento global da pessoa.
- É interessante que haja diálogo entre os profissionais da Educação Física, principalmente quando se realiza trabalho em equipe, de modo que todos adotem uma linguagem única sobre o objetivo e as metas estabelecidos.
- O profissional de Educação Física deve estar atento ao *feedback* que o aluno fornece, tanto os depoimentos verbalizados quanto os chamados de “colégio invisível”, que são aqueles não verbalizados, mas que expressam gratidão e que aumenta a rede de alunos.



Patrícia Daniela Sicchieri Silva

A professora Patrícia Daniela Sicchieri Silva ingressou no CEFER em março de 2012. Além da formação em Educação Física, também é formada em Publicidade, de modo que tem tido a possibilidade de aplicar os conhecimentos e integrá-los à Educação Física. Está à frente do grupo de ciclismo PedalUSP e é responsável pelas aulas de Aerofight, Corrida e Jump/Step. Sua entrevista foi concedida em dezembro de 2012.

RELATO DA PROFESSORA

Meu nome é Patrícia Daniela Sicchieri Silva, sou de Ribeirão Preto, nascida e criada nesta cidade. Nasci no dia 13 de outubro de 1976.

Graduei-me, primeiramente, em Publicidade e Propaganda em 1999 na Universidade de Ribeirão Preto, e em 2007 me formei em Educação Física pelo Centro Universitário Moura Lacerda. Terminada minha graduação em Educação Física, comecei a fazer Mestrado na Faculdade de Medicina do *campus* USP de Ribeirão Preto, no período de 2007 a 2010.

Nunca fui atleta, mas sempre estive muito ligada ao esporte, muito preocupada com as questões de saúde e esporte. E entre 2002 e 2003 resolvi mudar mesmo de vida e de área profissional. Até então estava trabalhando na área de publicidade, quando resolvi investir na área da Educação Física, na carreira de profissional de Educação Física.

Na Faculdade de Educação Física fui vendo mil possibilidades e terminando o curso comecei a fazer o Mestrado com a intenção também de atuar na área acadêmica, não só na área da Educação Física. A atividade que eu mais gosto é corrida e desde 2008 eu corro. Gosto de pedalar também, pratico ciclismo. Pretendo juntar essas duas modalidades e começar a nadar um pouco melhor para praticar um triátlon, com caráter mais amador, e nos próximos anos tentar entrar nesta modalidade também.

A minha motivação inicial para fazer atividade física é realmente saúde. De pensar “vou fazer regularmente a prática de alguma atividade que goste, que tenha prazer, como foi com a corrida, para realmente manter

um padrão de saúde, manter a forma física”. E depois que você começa acaba ficando um pouco viciado. Você acaba gostando do esporte pelo esporte, já não são mais aqueles mesmos motivos do início. Você já não fica tão preocupada se vai emagrecer ou se vai ficar forte, você passa a ficar mais preocupada com seu rendimento: nas corridas que você vai, nas provas que você faz, em tentar melhorar, aquela coisa de fazer melhor. Então, relacionado ao esporte, especificamente, vem aquela vontade de estar junto com aquelas pessoas que fazem a mesma coisa, que dividem a mesma paixão. Então o que tem me motivado muito é o esporte em si.

Muito antes de começar a trabalhar na USP já tinha ouvido falar muito do CEFER. Tenho vários amigos que estudaram na USP e sempre tiveram o CEFER como uma referência no *campus* relacionado ao Esporte e a Educação Física. Agora sempre que encontro ou converso com esses amigos e falo que estou trabalhando no CEFER, eles respondem: “Que legal! Que delícia! Nossa, eu tenho muita saudade da USP e do CEFER!”. Então, pelo menos para essas pessoas que converso e que também estudaram no *campus*, mesmo que há muito tempo atrás, todos eles têm essa boa referência do CEFER.

A minha relação com o CEFER começou durante a minha pós-graduação, que realizei no *campus* da USP de Ribeirão Preto, durante os anos de 2007 a 2010. Foi quando comecei a frequentar muito o CEFER, sua pista de atletismo, o espaço em si, surgiu mais ou menos aí. Através do concurso público e com a minha convocação, comecei a trabalhar no CEFER em março de 2012. A minha função é educadora de práticas esportivas, já sabia mais ou menos o que iria desempenhar dentro do que o Centro Esportivo oferecia e também o que poderia trazer de novo dentro dessa área de Educação Física.

O meu dia a dia no CEFER se divide em algumas etapas: ministrar aulas de práticas desportivas dentro ou fora do CEFER. Também oferecemos aulas de diversas modalidades e dividimos nosso tempo com outros projetos paralelos. Cada professor de Educação Física do CEFER desenvolve o projeto relacionado ao que gosta de trabalhar, seja com idosos, adultos, grupos de corrida ou caminhada. Durante o ano de 2012 esses projetos tomaram um corpo bastante grande. Eu tenho trabalhado com um projeto relacionado ao ciclismo e espero que ele comece a acontecer no CEFER. Portanto, nós, professores de Educação Física do CEFER,

acabamos dividindo o tempo de trabalho nesta forma, ministramos as aulas e procuramos possibilidades de trabalho dentro do que podemos fazer relacionado não apenas à comunidade USP, mas também atendendo a área externa da USP, através de projetos de pesquisa e eventos.

Em relação aos eventos, já existe uma grade de eventos que são considerados tradicionais e trabalhamos com eles durante o ano. Geralmente são dois ou três por mês, uns grandes como a Volta a USP, que é um evento grandioso, e outros menores, como campeonatos internos. Mas sempre tentamos melhorar o que existe ou fazer alguma coisa diferente. Além disso, todo ano incluímos alguma coisa diferente e nova aos eventos.

Cada vez mais esses eventos têm de fazer parte do nosso dia a dia de trabalho, por isso temos tentado diversificá-los. Justamente porque o evento é um momento de integrar os próprios alunos e funcionários da USP de várias Unidades, fazendo com que eles estejam juntos, competindo ou não. E principalmente integrar a USP com a comunidade externa. Para isso realizamos alguns eventos que têm a característica de trazer pessoas de fora da USP para dentro do CEFER, com a preocupação de fazer a pessoa enxergar que a USP não é só o CEFER. E tentar passar uma visão da USP como um todo, não apenas como sendo uma Universidade muito conceituada que existe na cidade de Ribeirão Preto.

A intenção ao realizar esses eventos é fazer com que a população possa fazer parte da USP de alguma forma, por isso temos trabalhado bastante na diversificação desses eventos, justamente com o objetivo principal mesmo de integrar a comunidade USP com a comunidade externa, para que possam fazer alguma coisa juntos. No ano de 2012, realizamos o campeonato de basquete e o revezamento aquático.

Na minha opinião, mudança sempre é necessária, nunca vou falar: “como esse ano a Caminhada da Saúde foi maravilhosa, vai ficar sempre assim”. Pode até não ser uma coisa drástica a ponto de mudar radicalmente a estrutura da organização, mas sempre tem alguma coisa para acrescentar, para melhorar, para mudar, seja no evento em si ou na divulgação do mesmo. Justamente por nosso objetivo ser a integração temos que tentar atingir o maior número de pessoas a cada evento. Tentamos divulgar a importância da prática do exercício físico para o dia a dia das pessoas, portanto, tentamos fazer com que as pessoas não venham

exclusivamente no dia do evento e acabou, volta só ano que vem. O objetivo dos eventos maiores é trazer as pessoas para o dia a dia do CEFER.

Considero muito marcante o meu dia a dia de trabalho no CEFER ser tão gratificante. Porque, para o profissional da área de Educação Física no mercado de trabalho das academias, dos clubes, das empresas ou mesmo na área acadêmica, existe uma tensão na relação entre o profissional, o empregador e o aluno. No CEFER consigo trabalhar muito melhor porque diminuí muito essa relação de tensão, me sinto melhor trabalhando aqui. Isso se reflete inclusive nas minhas aulas, com a liberdade que tenho em poder trazer coisas novas e no meu relacionamento com as pessoas, com os alunos.

Por exemplo, agora eu fico mais tranquila e consigo passar mais segurança para as pessoas com quem trabalho do que antes. Porque no CEFER o foco não é trabalhar apenas para o bem de uma pessoa maior, no caso, o gerente ou o patrão de uma empresa, clube ou academia. O foco que tenho no CEFER é trabalhar para o bem das pessoas, que, no caso, são os alunos e a Comunidade USP, aos quais quero oferecer os meus projetos. Quando você muda um pouco o foco da profissão, o dia a dia de trabalho se torna bem mais gratificante, claro que como em todo lugar existe alguns problemas pontuais. Mas tem sido bem gratificante e marcante trabalhar no CEFER, ficamos até com vontade de investir um pouco mais na informação.

Faz parte do nosso dia a dia também melhorar a nossa própria formação profissional para melhorar o trabalho como um todo. Porque eu acho que não podemos pensar da seguinte forma: “Porque eu entrei no CEFER, sou formada em Educação Física, então já está bom, já sei dar minhas aulas de ginástica, de corrida, tudo bem”. Eu penso que se tenho espaço tenho que me aperfeiçoar. Tenho que me preparar para aquilo que eu me disponho a fazer, porque se eu quero fazer uma coisa e eu estou preparada tudo bem. Agora, se eu quero fazer uma coisa que ainda não estou preparada para fazer, então vou me preparar para aquilo que farei. Portanto, o dia a dia do profissional de Educação Física do CEFER também é composto pela parte de se preparar, ir atrás de informação adicional para poder aplicar aquilo que temos vontade.

A minha história com o CEFER se deu também através do meu gosto pela corrida. Há quatro anos comecei a correr e desde 2008 sempre par-

ticipei da Volta USP. No ano de 2012 foi diferente para mim, porque não corri como fazia todo o ano: neste ano participei da organização, não foi uma coisa frustrante para mim, pelo contrário, foi muito legal ter tido essa experiência.



Figura 7. 2º PedalUSP CEFER USP Ribeirão Preto (2014).

Todo o ano eu ficava esperando “Ah! A Volta USP é em tal época, vou fazer a inscrição, vou correr”, mas esse ano eu fiquei do lado da preparação e de como que é feito. Para mim, o ano de 2012 foi interessante porque é uma corrida que me marca, foi a minha primeira corrida, uma corrida que todos os anos eu participei (2008, 2009, 2010 e 2011), nunca ganhei nada, mas sempre venho. Realmente pude participar da execução, porque como corredora, nunca organizei nenhuma corrida. Apesar de vir de uma formação como publicitária, que trabalhava com eventos, quando mudei de área a parte de eventos ficou engavetada para mim. No entanto, agora é uma coisa que eu estou podendo juntar com um pouco do conhecimento que achava que não ia mais usar mais. Então, essa história tem sido marcante para mim.

No CEFER os professores tem muita liberdade para sugerir mudanças e temos muita liberdade para trabalhar. Eu faço o que gosto, trabalho com a minha área e tento trazer coisas novas, estar sempre melhorando. Nós temos as aulas, os projetos, os eventos, então, temos essa liberdade. Por isso quando penso: “O que poderia mudar no CEFER todo?” não sei responder, acredito que cada um faz a sua mudança e cada um tem de fazer a sua mudança ali dentro, para melhorar tudo.

Eu sinto que estamos numa fase em que realmente estão acontecendo coisas dentro do CEFER e eu acho que isso vem de cada um mesmo, cada um tem a sua liberdade de poder trazer coisas novas. Existe a burocracia, mas dentro desta burocracia conseguimos transitar um pouco e inventar nosso trabalho, reinventar, sem ter de fazer sempre a mesma coisa, mas isso depende de cada um.

Apesar de o CEFER possuir uma estrutura física grandiosa, acho que ainda pode melhorar bastante, ser reformado, principalmente suas partes mais antigas. Na minha opinião, a maior necessidade e dificuldade que temos são em relação ao espaço físico para trabalhar: as salas de aula, a academia, o próprio ginásio, que até foi reformado recentemente. Além disso, todas as Unidades usam o mesmo espaço do CEFER e, às vezes, não conseguimos usá-lo. Por exemplo, o CEFER tem de atender as Atléticas de toda Universidade, logo, precisamos usar o mesmo espaço e acaba ficando com déficit de espaços para utilização. Então, o espaço físico tem sido uma limitação, mas não preciso deixar de fazer as coisas.

Pela estrutura da Universidade como um todo, o CEFER poderia ter uma estrutura bem melhor, parece que a coisa pode ter sido deixada de lado, não digo nem em segundo plano. Ao mesmo tempo em que não dá para falar: “Nossa, não dá para fazer nada”. No momento tem sido essa a maior barreira do CEFER, mas continuamos o trabalho, trabalhamos com o que temos. Apesar disso, melhorou bastante pelo que percebo. Porque dizem que eu entrei numa fase boa, não sei, mas parece que melhorou.

Como não trabalho há tanto tempo no CEFER só conheci a atual maneira como essa seção é ligada e subordinada a Prefeitura do *campus* da USP de Ribeirão Preto. Então, como não participei do CEFER em outras fases não sei dizer até que ponto o CEFER pertenceu a outra Unidade dentro do *campus* ou se o CEFER era uma estrutura independente,

iria interferir nos aspectos burocráticos. Porque eu acho que somos uma empresa pública, seja qual for a Unidade que o CEFER estiver locado ou mesmo se fosse uma Unidade independente, ainda assim lidaríamos com os aspectos burocráticos.

De 1995 a 1999 fiz o curso de Comunicação Social na Universidade de Ribeirão Preto e na época existia a obrigatoriedade da prática da Educação Física como uma disciplina regular, cumpríamos os créditos de disciplina de Educação Física como uma disciplina normal. Já quando fiz Educação Física em 2003 não havia mais essa disciplina obrigatória no currículo, se não me engano era até uma disciplina opcional. Não sei até que ponto a obrigatoriedade era uma decisão apenas do local onde estudava, ou se era uma obrigatoriedade de Educação Física para todos os níveis superiores, assim como é obrigatória no Ensino Médio e Fundamental.

Ter disponível e despertar o interesse da pessoa para realizar a atividade física é diferente de obrigar a pessoa a fazer prática de Educação Física no Ensino Superior. Por exemplo, na Universidade de Ribeirão Preto eu era obrigada a fazer Educação Física como uma disciplina obrigatória, muita gente fazia. E quando acabavam os créditos da disciplina, os alunos que não faziam a prática, levavam atestado médico. Ou seja, se a pessoa não quer fazer ela não vai fazer, porque pode pagar e não fazer, quer dizer, a pessoa se livra de alguma forma da prática obrigatória de Educação Física.

Entendo que não seja só com a Educação Física, mas as outras disciplinas também tinham de ser um pouco mais trabalhadas com as crianças, desde o começo da educação, como um elemento importante para a formação e não apenas como uma coisa obrigatória. Tudo tinha de ser mais tralhado: a Matemática, a História, a Geografia, a Educação Física. Porque hoje desde pequenininhas as crianças têm essa ideia de que “eu tenho que fazer, eu tenho que tirar nota”, e dessa forma tudo que a pessoa faz é por obrigação. Ou seja, ninguém se importou se a pessoa teve ou não interesse de mostrar a importância daquele conhecimento ou prática, com o tempo a tendência é a pessoa deixar de fazer porque simplesmente não acha importante, não vê isso como uma coisa importante para o próprio dia a dia. No caso da Educação Física obrigatória, acho que apenas uma pessoa ou outra vai realmente achar importante.

Por isso acho que tem de ser opcional, porém bem trabalhada desde a fase da infância para que as pessoas soubessem a importância da prática. Assim, seria natural optar por fazer a Educação Física durante o curso de graduação, porque normalmente isso já faria parte do dia a dia, seria normal. Não haveria o pensamento de “nunca fiz nenhuma atividade física e vou ter de fazer agora porque é obrigatório”. Muito mais importante que ser obrigatório é a pessoa fazer porque realmente gosta e considera importante, isso já vir do dia a dia dela mesmo.

Não sei exatamente quando foi que acabou a obrigatoriedade da Educação Física, mas como eu não sou a favor da obrigatoriedade, concordo com o fim da obrigatoriedade. Acredito que tenha de ser oferecidas possibilidades para as pessoas para que elas façam suas escolhas, preencham o tempo com o que elas acham interessante e gostam de fazer. O exercício físico é muito importante para a manutenção da saúde, para o envelhecimento saudável, para a pessoa se manter ativa. Não envelhecer com doenças, prevenir isso tudo. Mas acho que a obrigatoriedade não resolveu esse tipo de problema.

A relação de funcionários e professores no CEFER é muito tranquila. Eu sou a profissional de Educação Física que foi contratada recentemente, nossa equipe de profissionais é composta por dez pessoas, sendo que cinco pessoas foram contratadas recentemente, são mais jovens, desses cinco sou a mais velha. Os outros cinco que já trabalham há bastante tempo no CEFER são pessoas mais velhas. Ficamos brincando: “o pessoal mais velho, o pessoal mais novo”. Mas a nossa relação profissional é muito boa e muito tranquila.

Nós que fomos contratados recentemente temos um pouco mais de gás, estamos com vontade de fazer muita coisa. O pessoal que já está no CEFER há algum tempo construiu muita coisa naquele espaço e é muito receptivo ao que os mais novos trazem de ideias, raramente alguém fala: “Você não vai fazer porque é muito chato, vamos continuar do jeito que está”. Então, vemos nos profissionais de mais tempo de casa essa receptividade mesmo, eles falam: “Nossa! Que bom que vocês estão aqui, com essas ideias novas, vamos fazer junto, a nossa experiência é assim, é assado”. Na verdade, esses profissionais mais velhos têm uma história dentro do CEFER, de trabalho mesmo, construíram muita coisa.

Já falei dos eventos, falei da Volta USP, quer dizer, eu participei de uma só de dez que já aconteceram. Então, como foi construído isso tudo? Quando ouço o Abel falar que a primeira Volta USP saiu da Avenida do Café e tinha o trio elétrico me pergunto como evoluiu para tudo isso que é hoje. Realmente esses profissionais mais velhos tiveram a vontade, o empenho.

Nós que estamos no CEFER há menos de dois anos viemos com muita vontade de mudar algumas coisas. Eu acho que tem de mudar, estamos tentando achar um equilíbrio entre o que já existe e o que queremos que exista. Eu acho que a nossa relação é muito boa, compartilhamos muito desses pensamentos de querer fazer coisas, de querer mudar, de querer fazer coisas diferentes, tanto os professores mais novos quanto os mais velhos. Às vezes os profissionais mais velhos até brincam, falam assim: “Vocês caíram do céu!”, acho que demos uma mexida naquela coisa que estava um pouco morna, eles sempre apoiam tudo o que queremos fazer.

Com os outros funcionários do CEFER, o pessoal administrativo e operacional tem uma convivência muito boa e harmônica. Nos outros setores do CEFER também tem funcionários com muito tempo de USP e tem gente muito nova também. Até é uma característica minha de me relacionar bem com os meus colegas de trabalho. Às vezes, tem uma pessoa que posso não ser amiga fora do trabalho, mas dentro do serviço eu não ponho muito obstáculo na relação. Para mim é bem tranquilo toda essa convivência, tem o pessoal que está no CEFER há muito tempo e tem o pessoal que está chegando agora, é uma fusão, metade de um jeito, metade de outro, metade mais velho, metade mais novo. O CEFER representa a realização de um sonho, poder trabalhar com o que gosto. São muitas expectativas, às vezes um professor fica brincando com o outro quando comentamos que ficaremos velhinhos no CEFER, que nem o Abel e o Jether. O CEFER é um lugar onde pretendo trabalhar a longo prazo, só que pretendo fazer deste longo prazo o mais produtivo possível. Quero deixar a minha marca, quero fazer projetos, não simplesmente passar o tempo, quero realmente produzir. Quero sempre buscar meu autoconhecimento como pessoa no CEFER, me aperfeiçoar, melhorar minha formação profissional. Então como pretendo realmente vivenciar o CEFER a longo prazo quero que essa vivência seja boa pra mim e boa

para as pessoas às quais ofereço meu trabalho. E como fazer isso? Acredito que seja achar o caminho e não se acomodar, não parar no tempo.

Portanto, hoje, o CEFER significa muitas possibilidades. É um sonho poder trabalhar como profissional de educação física sem ter aquela coisa muito comercial de uma academia. Poder se preocupar mais um pouco com a saúde, com o bem-estar, sem se preocupar com aquela coisa de esperar um retorno imediato, que no mercado a sabemos que tem. Não que não tenha que ter o retorno, é que no CEFER podemos nos preocupar um pouco mais com as questões de saúde e de bem-estar. Mas lógico que atendemos aos objetivos do nossos alunos, procuramos atender inclusive daqueles que nos procuram com mil objetivos.

No CEFER encontrei um espaço aberto para poder trabalhar com várias coisas que eu sempre quis trabalhar, envolver até mesmo comunidade externa da USP. Nós somos um grupo que tem mil projetos, trazendo pessoas de fora da Comunidade USP para poder usufruir desta estrutura, dos profissionais. Por isso que é um sonho trabalhar na minha área e não ser obrigada a ter aquele foco tão comercial, podendo ter um foco mais humano, voltado realmente para o ser humano, para as necessidades das pessoas.

Hoje temos vários projetos que atendem a comunidade externa e isso tem sido ampliado. Estamos preocupados também com a comunidade externa, não só com a comunidade USP, não só os alunos. Tem o pessoal lá que fala que o CEFER é só para as atléticas e para os alunos. Não é bem isso, não é só para as atléticas nem só para os alunos nem só para os funcionários. Estamos preocupados em envolver a comunidade externa também, não só com a comunidade USP.

A vinda da Escola de Educação Física e Esporte para o *campus* da USP de Ribeirão Preto deveria agregar mais o CEFER considerando que são Unidades relacionadas à mesma área. Por isso acredito muito nessa relação, por mais que não tenha existido uma ligação imediata entre o CEFER e a EEFERP, já que são duas Unidades isoladas. Essa relação já existe e pode melhorar, estamos caminhando para isso. Porque a gente tem essa necessidade de coisas novas e a Escola pode trazer isso para o CEFER, acredito que uma Unidade depende da outra. Por isso temos que trabalhar mais juntos e isso tem de vir das duas partes, esse é o ca-

minho. Tanto nós temos que procurar a Escola quanto a Escola tem de nos procurar.

Há alguns projetos que relacionam o CEFER e a Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto. Por exemplo, eu participo do Programa de Ginástica Laboral, que é um Projeto de Cultura e Extensão da EEFERP em conjunto do CEFER. Nós trabalhamos com três profissionais de Educação Física do CEFER, estagiários da EEFERP e prestamos atendimento em várias Unidades do *campus* da USP de Ribeirão Preto através do Programa de Ginástica Laboral. Esta é uma parceria que já existe e funciona, podendo surgir vários outros projetos, já que a Escola tem a parte acadêmica e os estudantes, isso se torna muito rico para o CEFER. Dessa forma, podemos fazer muitas coisas em parceria, relacionadas a vários tipos de esportes, aos próprios eventos que existem no CEFER, envolvendo mais a Escola.

Porque hoje, às vezes, eu vejo uma relação mais de divisão de espaço entre a Escola e o CEFER, mas uma hora vai acabar essa divisão de espaço porque a Escola de Educação Física está produzindo os próprios espaços para a prática. Portanto fico preocupada que aconteça um isolamento por não termos mais essa relação, já que serão Unidades completamente independentes em relação ao espaço físico que anteriormente era dividido.

Vai depender de cada um para realizar projetos e ir atrás das pessoas para viabilizá-los. O CEFER é uma Unidade, mas a Unidade é formada por pessoas. Não é o CEFER que vai sair e fazer acontecer, são as pessoas que estão lá dentro do CEFER que vão ter de sair e fazê-lo, por isso que eu falo que depende de cada um. Eu, por exemplo, se eu trabalho no CEFER depende de mim também ir atrás de uma parceria com a EEFERP. Assim como a Escola de Educação Física não é uma só pessoa, é um conjunto de pessoas que vivem e trabalham juntas, empenhadas em realizar atividades relacionadas à área da Educação Física. Então, acho que, por enquanto, esse é um caminho. Seguir os exemplos que estão dando certo e fazer mais parcerias. Às vezes, o pessoal fala: “o CEFER podia estar mais unido com a EEFERP” e tem aquele negócio de o CEFER não pertencer mais a Prefeitura do *campus* e passar a pertencer a EEFERP. Essa mudança poderia até aproximar mais as duas Unidades, mas acho que essa aproximação é gradual, são os projetos acontecendo e

as pessoas indo atrás, eu acredito que o caminho seja esse, aposto muito nessa relação que vai sendo construída aos poucos.

Uma preocupação que tenho na relação entre o CEFER e a EEFERP é que os projetos e as atividades sejam bem feitos, que sejam bem pensados. Como disse, não vejo a relação das duas Unidades como uma coisa total, eu vejo como os projetos que vão criando essa ligação. Portanto, a minha preocupação seria que esses projetos fossem bem realizados para que não sejam coisas passageiras, porque aqui na Universidade é muito comum os projetos terem uma curta duração de tempo. Se você for pensar, os projetos envolvem as pessoas que veem e acreditam no projeto e depois de um tempo o projeto acaba e cada um vai para a sua casa. Portanto, a minha preocupação é realizar as coisas para que sejam duradoras, que realmente tragam benefício duradouro para a comunidade.

Como estamos participando do Programa de Ginástica Laboral, às vezes em alguma Unidade alguém chega em mim e pergunta: “Quando que vai acabar esse projeto?”, e eu respondo, “Não vai acabar, é um Projeto do CEFER e da Escola de Educação Física, é um trabalho permanente”, e a pessoa responde: “Porque a outra pessoa que veio aqui e fez o projeto dela foi embora quando terminou”. Talvez minha preocupação seja investir em projetos que vão trazer benefícios e ter uma vida útil, e não apenas coisas pontuais para publicar um trabalho e pronto. Eu prezo muito meu trabalho no CEFER justamente pelo foco serem as pessoas, não tem de ser uma coisa burocrática do tipo “Vamos fazer um projeto, escrever um trabalho, publicar na revista ‘supermega’ e pronto”. O importante é trazer a melhoria, ver a melhoria e seus frutos.

A mensagem que deixo é que o CEFER é mesmo um ponto de integração das Unidades e da comunidade externa, é um local onde as pessoas se encontram, até as pessoas que não se gostam se encontram e às vezes dividem o mesmo espaço. Existem aquelas picuinhas de cursos, mas é um espaço em que todos estão juntos. Espero que o CEFER seja cada vez mais esse espaço de integração e de promoção de saúde do *campus* da USP de Ribeirão Preto, pois, como disse, pretendo ter uma vida longa no CEFER.

BOAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

- Culturalmente, pensa-se que é necessário que a pessoa tenha sido um bom atleta para se tornar um bom profissional em Educação Física, o que não é verdade. Devemos compreender a Educação Física como área ampla do conhecimento, e que não está relacionada apenas à prática do esporte de alto rendimento.
- Pessoas ingressam em programas de exercícios físicos ou modalidades esportivas por uma motivação inicial. Com o passar do tempo a melhora no rendimento acaba gerando outra motivação. Alguns praticantes associam esse movimento de mudança de motivação a uma prática viciante.
- Os eventos esportivos são usados como ferramentas para integração social, entre diversas faixas etárias e níveis de desempenho esportivo. Além disso, também apresentam a função de dar visibilidade e conhecimento para a população sobre o trabalho realizado no Centro de Educação Física, Esporte e Recreação da Universidade de São Paulo.
- É importante que o profissional tenha consciência sobre a importância de buscar sempre melhorar seu desempenho profissional. Acompanhar as tendências, buscar inovar e acrescentar valores é sempre válido no processo de conquista de novos praticantes e fidelização dos alunos.
- O profissional de Educação Física deve estar atento às tensões existentes no mercado de trabalho, no que diz respeito à relação entre profissional, empregador e aluno. Muitas vezes os empregadores não oferecem liberdade para que o professor possa empregar inovações. É preciso conhecer bem o contexto ao qual está inserido e saber o que o empregador espera do profissional.
- O profissional não deve acreditar que a graduação é suficiente. Deve sempre procurar aperfeiçoar e enriquecer sua formação. Formação adicional acaba sendo crucial para se tornar um bom profissional em Educação Física, por se tratar de uma área que sofre mudanças constantemente.
- A Educação Física, assim como as demais áreas de conhecimento devem ser mais bem trabalhadas na infância, pois é nesse momento que há aquisição e fixação dos valores transmitidos, tanto no que dizem respeito ao desempenho motor e físico quanto ao social e relacionado a hábitos.
- Para que o profissional realize um bom trabalho, é necessário que esteja motivado. Na maioria das vezes, adotar um foco mais humano do que comercial é a solução. Em nossa profissão é muito importante cuidar para que o praticante realize algo que lhe dê prazer, que o motive. É importante que o profissional também se mantenha motivado a exercer a profissão.



Romualdo Vichnevski (in memoriam)

O professor Romualdo Vichnevski foi um dos professores de Educação Física do CEFER Ribeirão Preto. Ingressou na USP em 15 de janeiro de 1973. Era responsável pelas aulas de basquetebol e ginástica. Concedeu sua entrevista em janeiro de 2011. Faleceu em 2 de setembro de 2011.

RELATO DO EDUCADOR

O meu nome é Romualdo Vichnevski, nasci em Guará, São Paulo, em 13 de julho de 1936. Neste ano de 2011, a minha idade é 74 anos. A minha primeira formação profissional foi a Educação Física e a segunda foi o Direito.

Eu jogava basquetebol em Franca, junto com o Pedroca, e a coisa foi crescendo e fui fazer Educação Física na USP de São Paulo, porque eu praticava esporte e isso expandiu para todo o sentido, tanto que eu fiz uma entrevista com os técnicos da Alemanha e eu fui convidado para ir para o exterior, onde tive experiências muito boas. Então, de São Paulo fui para Berlim, fiquei um ano em Berlim vendo tudo que era do mundo esportivo e outras atividades.

Retornando ao Brasil eu comecei a pesquisar para dar sequência às minhas tarefas todinhas, foi quando a Faculdade de Medicina abriu concurso para os professores de Educação Física da época. Foi quando eu me inscrevi junto com mais outros colegas, prestamos e ingressamos nesse concurso, que foi feito em outubro de 1972, e no dia 15 de janeiro de 1973 nós tomamos posse e começamos a trabalhar de fato. Ministrávamos as aulas de Educação Física, que eram de segunda à sexta-feira para todos os alunos do primeiro e segundo ano que ingressaram nessas Faculdades do *campus* da USP de Ribeirão Preto.

Eu não sei por que tiraram a obrigatoriedade das aulas de Educação Física, era uma maneira de que o aluno aproveitasse mais o seu tempo de lazer fazendo Educação Física, em vez de ficar abandonado como só iria acontecer hoje, que o aluno fica abandonado à mercê de outras coisas. Após o abono da Educação Física obrigatória, o CEFER deu continuaida-

de em todo o seu transcurso de funcionamento. O aluno que fez a obrigatoriedade das aulas de Educação Física, e agora os alunos fazem atividade física de forma opcional. Sendo opcional a prática da Educação Física os alunos estão vendo que eles estão frequentando como se fosse obrigatório. Isso está trazendo uma satisfação muito grande no *campus*.

Se você for para um país mais, vamos dizer, adiantado, a pessoa começa a praticar uma atividade para o bem da sua saúde, não para ser atleta de Jogos Olímpicos, e, às vezes, a pessoa começa aos quatro ou cinco anos de idade e vai até o final da sua vida realizando uma prática esportiva. Não é a obrigatoriedade que vai forçar você a fazer a atividade física. No contexto já está conscientizado o fato de que eu fazendo esporte ou praticando atividade física porque será bom para minha saúde. Essa perspectiva está voltando.

Com a experiência de ter morado em Berlim pude perceber muitas coisas que ainda estavam para serem feitas no Brasil, aliás, ainda hoje. A necessidade de se deixar todas as instalações do CEFER abertas para as pessoas começarem a sentirem a sua saúde fazendo o esporte é muito grande. Essa necessidade já era sentida há 40 anos.

Acredito que pelo fato do povo alemão ter passado por uma guerra ele se uniu e disse que iria fazer o que fosse proposto. No Brasil ainda falta essa decisão do povo se unir e falar: “Nós vamos fazer”. Nós, professores de Educação Física do CEFER, fizemos tudo e ainda continuamos fazendo para que as pessoas venham fazer atividade física como bem para sua própria saúde, não estamos muito interessados em saber o que as outras fazem de saúde ou bem-estar para o aluno, nós nos juntamos para tentar fazer o aluno entender o que é a saúde dele. Isso é o mais importante.

No CEFER eu dei aula de basquetebol, depois eu passei a ministrar aulas de ginástica. Quando acabou a obrigatoriedade das aulas de Educação Física, nós, professores de Educação Física, continuamos ministrando as mesmas aulas de natação, atletismo, todas as modalidades, porque se o aluno quisesse fazer ele fazia, sempre visando à saúde.

As mudanças que ocorreram no CEFER ao longo dos anos foram muitas, além do próprio objetivo principal que mudou para a saúde, porque era necessário que o CEFER se adequasse ao ambiente da USP.

A minha experiência de trabalho no CEFER foi muito interessante, conheci uma série de pessoas, colegas, e fui me conhecendo cada vez mais também. Com tudo isso confirmei uma coisa: para tudo é necessário algum tempo para se chegar até lá.

Os fatos eram o seguinte: a cada semestre, a cada ano, novos alunos vinham para a Universidade e era a nossa maior alegria. O CEFER passou por momentos altos e baixos. Os momentos altos eram na obrigatoriedade, depois, com a falta de obrigatoriedade, abaixou e voltou a ser o que era.

A relação com os professores sempre foi a melhor possível. Essa família USPiana, que podemos falar, você vai colhendo as experiências de cada ser e você forma com essas experiências a sua experiência. No CEFER nós andamos para frente, não andamos de lado nem para trás.

O mais importante é que o aluno estude com saúde, que viva com saúde. Todas as nossas atividades desenvolvidas no CEFER visavam esse objetivo de saúde. Depois que os professores de Educação Física estavam no CEFER, cada colega podia transformar para melhor sua especialidade dentro da Educação Física no que se refere à meta principal, a saúde. Então, cada professor de Educação Física fazia um relato do que ele gostaria de fazer, nós debatíamos a colocação de cada professor e víamos se havia possibilidade de colocar em ação o que era proposto.

Antigamente, na quadra de basquete as tabelas eram apoiadas em um mecanismo antigo de madeira, então, nós remodelamos tudo e colocamos tabela de vidro e com uma luz condizente ao ambiente. A piscina foi outra luta para que os professores de Educação Física conseguissem toda a atual estrutura do CEFER. Mas com participação de um Diretor da Faculdade de Medicina que segurou a briga a nosso favor, a favor do desenvolvimento do CEFER. A piscina foi uma conquista. A pista de atletismo não era do jeito que é hoje em dia, era terra batida, depois surgiram as placas e daqui uns tempos haverá necessidade de colocar coisas mais avançadas. Estava sempre a par de cada avanço que acontecia no CEFER.

No CEFER, assim como em todo o *campus* da USP, a principal alegria é realizar a demanda que temos. Quando lecionávamos Educação Física obrigatória, assim como os outros professores do *campus*, lecionávamos para atingir um objetivo. Mas quando nós, professores de Educação Física do CEFER, estávamos juntos naquelas nossas conversas víamos que

havia necessidade de termos uma biblioteca, por isso trazíamos livros para fazer essa biblioteca. Até saber que a Escola de Educação Física e Esporte seria construída, nós não ficamos parados no tempo, contatamos os diferentes lugares para se ter o melhor.

A Escola de Educação Física e a Faculdade de Direito eram para ter vindo para o *campus* da USP de Ribeirão Preto em 1980, mas só 30 anos depois é que foram inauguradas essas Faculdades.

A vinda da Escola de Educação Física e Esporte é um enriquecimento muito grande para o *campus* como um todo, é o fortalecimento da saúde e da alegria do aluno. A minha maior realização foi observar a saúde do aluno em direção a um caminho de equilíbrio. Essa foi a maior virtude.

BOAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

- A prática de atividade física deve ser encorajada desde cedo, na infância, para que exista a consciência de promoção e manutenção da saúde.
- É importante que o profissional de Educação Física trabalhe no sentido de educar a pessoa sobre os benefícios de uma vida ativa, e não simplesmente planeje o treino e o oriente os alunos sobre a execução dos exercícios
- Em princípio, o programa de treinamento deve visar benefícios à saúde. Com o tempo e treinamento, e mediante a vontade dos alunos faz-se o trabalho de especialização em determinada modalidade esportiva.



Sérgio Rodrigues de Oliveira

O professor Sérgio Rodrigues de Oliveira atualmente é Coordenador do CEFER Ribeirão Preto. Graduiu-se em Educação Física em 1981, na cidade de São Paulo, e no mesmo ano ingressou no Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP) como estagiário. Foi contratado em 1983 como professor, e em 2008 se transferiu para o CEFER da USP Ribeirão Preto. Dentre as atividades que desenvolve no CEFER estão a Ginástica Postural e Natação. Concedeu sua entrevista em maio de 2012.

RELATO DO EDUCADOR

Meu nome é Sérgio Rodrigues de Oliveira, nasci em 26 de dezembro de 1956, na Cidade de São Paulo, Capital, no bairro do Ibirapuera. Sou filho de ex-militar, morei no Ibirapuera em um período de repressão militar, por volta de 1956 a 1974.

Sempre fui ligado ao esporte, jogava e participava, e fui fazer o curso de Educação Física em Santo Amaro, em 1979. Em 1981 me formei e, nesse mesmo ano, entrei no Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo, o CEPEUSP, como estagiário. Em 1983 fui contratado como professor de Educação Física do CEPEUSP, onde trabalhei até 2008, quando vim para o CEFER em Ribeirão Preto.

Jogava como *hobby* handebol, mas minha área de atuação foi futebol, joguei no Nacional Futebol Clube na Capital. Por influência do meu pai parei de jogar futebol e não segui a carreira de jogador profissional. Joguei no amador, em Osasco, fui campeão várias vezes pela Cidade, sempre me dediquei e gostei. Em 1979 entrei no curso de Educação Física e, quando me formei, por incrível que pareça, não segui a carreira de futebol, de preparador físico, uma corrente me puxou para o outro lado e acabei me especializando dentro de Educação Física adaptada. Desenvolvi um trabalho na área, escrevi livro sobre reabilitação através de esporte, através do movimento.

Na época, para todos os cursos do *campus* do Butantã, na Capital, o aluno tinha que cumprir seis meses de Educação Física obrigatória, o código de registro da disciplina no *campus* era chamado EEFG640.

O início do processo da disciplina obrigatória de Educação Física na Universidade de São Paulo da Capital não possuía um local que concentrava o profissional de Educação Física que ministrava as aulas da disciplina. Eram as Faculdades, junto a suas atléticas, e seus grêmios que se preocupavam na contratação desse profissional para desenvolvimento desse trabalho.

No *campus* de Ribeirão Preto, por exemplo, a Faculdade era responsável pela contratação do profissional para que se desenvolvesse o crédito da disciplina de Educação Física obrigatória, antigamente o número do código era EFT6640 e depois passou a EFG640. Quando eu comecei a trabalhar na USP, em 1983, já existia o mesmo formato de como é hoje, existiam alguns locais centrais nos *campi* do interior e da Capital que eram realizadas as práticas de atividade física. Nós tínhamos no CEPEUSP, em São Paulo, um número grande de frequentadores, um grupo semestral de alunos na ordem de cinco mil vagas, mais ou menos.

No meu modo de ver era muito benéfico a prática de atividade física, principalmente para os ingressantes na Universidade, porque eles podem não ter tido uma Educação Física decente no ciclo básico escolar, e no CEPEUSP esses alunos conseguiam desenvolver uma boa prática durante o curso de Educação Física obrigatória no Ensino Superior. Aqueles alunos que já tinham uma noção, uma vivência esportiva, optavam por níveis diferentes, então participavam de jogos, faziam parte de seleções de futebol, de handebol, de vôlei e seleções representativas para participar de torneios universitários. Hoje, ficou a cargo somente das atléticas a responsabilidade de disputar torneios universitários, mas, na época, o CEPEUSP centralizava todo esse processo de jogos universitários junto a outros órgãos universitários, e nós desenvolvíamos os jogos.

Desenvolvemos um trabalho da prática da atividade física para pessoas que tinham limitações físicas temporárias ou definitivas. Os responsáveis pelo desenvolvimento desse trabalho era o doutor Heldio Gaspar Fortunato, que era médico responsável pelas atividades físicas desenvolvidas no CEPEUSP e eu, principalmente, junto à equipe técnica do CEPEUSP. Por volta de 1976 ou 1978 esse trabalho foi desenvolvido no

CEPEUSP, porque eram pessoas que basicamente requeriam exceção do curso de Educação Física obrigatório existente na USP alegando algum tipo de dor ou problema de saúde.

Na prática de Educação Física obrigatória alguns alunos solicitavam dispensa, argumentando, por exemplo, dores ou problema de coluna. Nessa época, a professora de Educação Física Tânia Mára Cortes, funcionária do CEPEUSP, e o doutor Héldio Fortunato Gaspar de Freitas, médico e então funcionário da Divisão de Saúde da COSEAS (Coordenadoria de Assistência Social), foram convocados por uma junta do CEPEUSP para que fizessem um trabalho visando o reenquadramento desse grupo de alunos que pediam a dispensa da prática. A professora tinha voltado recentemente da Alemanha e trouxe um trabalho que foi incorporado no conjunto de práticas desportivas do CEPEUSP. Então, quando o aluno solicitava uma dispensa era informado que tinha um curso específico para indivíduos que tinham limitações e que não podiam fazer atividades com impacto.

Esse trabalho de reabilitação era bem antes dos trabalhos que nós vemos hoje em dia, já se desenvolveu muito, vários especialistas acabaram embreando por essa linha de conduta e várias técnicas foram desenvolvidas, nós temos o pilates e outras técnicas que ajudam a prática da atividade física para pessoas que tenham alguma limitação física. Mas naquela época nós não tínhamos esse conhecimento disponível, e a professora Tânia Mára Cortes, junto com o professor Luzimar Teixeira e doutor Héldio Fortunato Gaspar de Freitas, que era o médico responsável, foram desenvolvendo um trabalho que foi muito interessante na área de reabilitação. Em 1981 engajei nesse grupo e comecei a desenvolver o trabalho, me especializei na área de reabilitação e assumi toda a responsabilidade com o Luzimar e a Tânia saindo para outra área específica dentro da Educação Física adaptada.

Não se falava em Educação Física adaptada, na época se falava muito em Ginástica Corretiva. Mas, segundo a nossa vivência, nossa experiência, não existe uma Ginástica Corretiva, existe correção de hábitos, existe a prática do movimento, o exercício em si e você têm que se adaptar a um novo formato de trabalho para que seu corpo possa reagir. Então, os professores de Educação Física do CEPEUSP assumiram esse trabalho de reabilitação, expandi a atividade para pessoas com dores de coluna e

gestantes. O trabalho que venho desenvolvendo com gestantes visa ajudar para que tudo ocorra bem na hora do parto.

Por volta de 1986 houve essa pressão para extinção da obrigatoriedade da Educação Física e nós fizemos uma pesquisa no CEPEUSP com o objetivo de sensibilizar as pessoas para que não extinguissem a Educação Física, mas não surtiu o efeito proposto. O efeito veio para nós, professores do CEPEUSP, mostrou efetivamente que o que nós estávamos fazendo era certo, sempre foi certo. Dentro do ciclo básico educacional brasileiro temos várias falhas, e uma delas é a prática de atividade física escolar. Então, a Educação Física até hoje segue alguns ranços, segue alguns vícios de má orientação. Os profissionais acabam se desiludindo, ficando meio desenxabidos e acabam entrando numa rotina maléfica, que é a não orientação da atividade física para o próprio aluno, para o praticante. Qual o objetivo básico da Educação Física escolar? Ajudar no desenvolvimento da criança para que tenha um desenvolvimento motor cognitivo facilitando as outras áreas do entendimento. A Educação Física é um complemento, ela ajuda seguindo os preceitos que ela defende: “corpo são, mente sã”. A criança bem desenvolvida fisicamente tem uma probabilidade de ter um desenvolvimento intelectual muito melhor, vai conseguir controlar melhor suas emoções e canalizar essa energia excedente que às vezes fica toda para uma atividade prática.

Não existe idade para prática da atividade física, sempre é um momento de se aprender algo. Nós necessitamos de estímulo para prática do movimento, o indivíduo que fica grande parte do tempo sentado, atrás de uma mesa, atrás de um computador, faz gestos pequenos e movimentos curtos e lhe falta uma amplitude maior nesses gestos, onde que ele vai conseguir trabalhar isso? É através da prática da atividade física, através do vôlei, basquete, futsal, atletismo, da ginástica localizada. Só foram causados benefícios em nossos praticantes, apesar da expectativa do aluno quando entra na Universidade ser: “Eu vou ter que fazer Educação Física, mas que chato que vou ser obrigado a fazer”. Quer dizer, essa é a mentalidade do brasileiro, quando na realidade ele tinha que pensar: “Que legal! Eu vou fazer alguma coisa, isso vai me ajudar no meu desenvolvimento”, que é o objetivo básico.

Hoje em dia, no CEFER, a Educação Física é desenvolvida como uma disciplina optativa, mas antes era obrigatória. Nos anos de 1980, por uma

decisão infeliz, aboliram a obrigatoriedade da disciplina de Educação Física, deixaram-na facultativa. Por uma pressão até das faculdades particulares, porque precisavam contratar um profissional de Educação Física para desenvolvimento desse curso, e isso aí era gasto a mais, era ônus. E por uma pressão política e mal orientada, no meu modo de ver, foi determinado junto ao Conselho de Educação no MEC de antigamente a extinção da obrigatoriedade da Educação Física, ficando na forma facultativa. Algumas faculdades permaneceram por mais tempo com a oferta da disciplina de Educação Física, outras não.

A disciplina optativa de Educação Física foi a forma que sobrou em algumas Faculdades, como no caso específico de Ribeirão Preto. Em São Paulo não tem essa disciplina como optativa, por incrível que pareça, todas as Faculdades aboliram a disciplina de Educação Física. Quer dizer, quem faz atividade física é por livre e espontânea vontade, a opção de prática cabe ao aluno, porque os cursos optativos de atividade física continuaram a ser oferecidos no CEPEUSP. No *campus* de Ribeirão Preto nós temos a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que mantém a Educação Física como disciplina optativa fazendo parte do currículo do aluno, se ele quiser pode desenvolver pelo menos um semestre a prática da atividade física, o que acho excelente.

Eu conhecia o CEFER, já vim comandando equipe que disputou torneio, vim como funcionário disputando torneio de futsal, quer dizer, eu já conhecia o *campus* da USP de Ribeirão Preto e sabia que a oferta para a prática de atividade física é grande. Nós temos, com o curso de Educação Física, oito ou nove cursos desenvolvidos no *campus*. É uma quantidade razoável de alunos que poderiam e podem se utilizar do CEFER para prática da atividade física.

O CEFER entrou na minha vida por acaso, foi uma oportunidade. A minha esposa trabalha na Universidade de São Paulo e foi convidada pela Reitora Suely Vilela para secretariar o departamento e a formação da recém-inaugurada Faculdade de Direito de Ribeirão Preto. Como ela e eu trabalhamos no mesmo local a transferência dela só seria possível se houvesse concordância de minha parte. Já tinha meus 25 anos de casa no CEPEUSP e pensei que o trabalho que desenvolvia em São Paulo poderia ser desenvolvido em Ribeirão Preto também. Por isso, não vi problema algum em trabalhar no CEFER, aceitei o convite da transferência,

facilitando o processo da vinda da minha esposa para a Faculdade de Direito, e estou em Ribeirão Preto há três anos. Trouxe minha carga de experiência do trabalho que foi realizado em São Paulo, acrescentei algo mais dentro das especialidades que tenho no futsal e na natação, utilizo essa última modalidade como um elemento para a prática da atividade física dentro de grupos de reabilitação que ofereço.

A mudança entre o CEPEUSP e o CEFER foi na direção do trabalho, eu trabalhei 25 anos dentro do CEPEUSP com uma rotina diferente, comandada por profissionais de Educação Física, lá nós temos uma equipe, com um formato de organização bem diferente. Quando cheguei ao CEFER, percebi um local onde algumas coisas não foram feitas, praticamente quase nada em relação ao CEPEUSP de São Paulo, por exemplo. Vim de uma realidade e entrei em outra, mas isso não é problema, isso se monta, isso se faz. Então você vem com uma mentalidade e quer revolucionar, quer fazer, mas encontra algumas barreiras.

A estrutura organizacional do CEPEUSP dentro da Universidade é diferente da do CEFER. O CEPEUSP é um órgão ligado a Reitoria, que tem uma direção, tem um Conselho do CEPEUSP. Fazem parte desse Conselho, por exemplo, o diretor da Escola de Educação Física de São Paulo, que é o presidente desse Conselho e vários outros profissionais docentes e discentes que escolhem quem vai dirigir esse centro. Normalmente, de acordo com o estatuto do CEPEUSP seu diretor tem que ser um profissional de Educação Física, tem que ter experiência na área, tem que ser uma pessoa que esteja acostumada com o próprio espaço. O CEPEUSP tem uma estrutura mais ou menos organizada de direção técnica, direção administrativa, não diria que é um departamento, diria uma Unidade que segue, mais ou menos, os mesmos moldes da EEFERP. Não somos docentes, não temos o caráter de docência, apesar de desenvolvermos atividades docentes, estamos desenvolvendo atividades junto aos alunos. Mas a nossa forma de contratação é diferente, nós somos profissionais de Educação Física níveis superiores. O trabalho de docência é uma capacitação de indivíduos na nossa área, o caso específico da Educação Física, na qual estão sendo formados com o objetivo exatamente de criar novos professores.

Ou seja, uma coisa é ter na direção de um centro esportivo um profissional da área da Educação Física, que entenda da área, outra coisa é se

reportar a pessoas que não estão ligadas ao dia a dia do centro esportivo, não sabe das virtudes, não sabem dos problemas nem como resolvê-los. Então no CEPEUSP nós tínhamos esse tipo de relação ligada a pessoas da área da Educação Física, nós tínhamos uma organização diferente.

No CEFER nos reportamos diretamente à Prefeitura, o responsável pela base do CEFER é a Prefeitura do *campus*, que pode determinar uma pessoa que não é da área da Educação Física como diretor principal, e nós temos um encaminhamento, uma solução dos problemas de forma diferente. O CEFER não é independente, não é gerido com seus próprios recursos, não tem uma captação de recursos. Apesar da estrutura da Universidade determinar um montante X de verba para o CEFER, assim como manda verbas para todas as Unidades da USP, os professores de Educação Física no CEFER tem que reportar à Prefeitura do *campus*. No CEPEUSP nós temos um diretor geral que se reporta à Reitoria. O diretor geral deve uma resposta de tudo que é feito, mas tudo que é feito parte do próprio CEPEUSP, todas as propostas de atividades, de eventos, de estímulos à prática de atividade física cabe aos profissionais de Educação Física elaborarem e executarem, sem a necessidade de uma consulta a quem quer seja e essa é a maior diferença do CEFER. No CEFER fica meio amarrado quando se quer desenvolver alguma atividade, às vezes se quer criar certos grupos de trabalho e é impedido, por *n* razões, falta de espaço, por falta de uma oportunidade devida.

Então, vindo para o CEFER de Ribeirão Preto encontrei certa diferença de tratamento, que no meu modo de ver é ruim. Mas também acho que pode ser mudado, devagarinho estamos conseguindo mostrar algumas coisas que são feitas no CEFER e introduzir elementos para que possamos melhorar a própria oferta da prática de atividade física.

Tem melhorado bastante, mas o espaço do CEFER está meio degradado, muita coisa que existe, muito espaço físico construído está se deteriorando. Haja vista, por exemplo, o que acontece com a piscina, que está passando por sérias dificuldades, fazemos questão de mostrar para que as pessoas se sensibilizem, deem mais atenção nessa parte. Porque o CEFER não é um espaço somente de lazer, não é um “clubão”, o CEFER de todos os *campi* do interior e o CEPEUSP da Capital são locais de prática de atividade física, as pessoas o frequentam para nadar, correr, jogar seu futebol, jogar seu vôlei, fazer uma atividade localizada, e, para isso,

temos que conservar para sempre esse espaço para que o aluno possa usufruir. O CEFER é mais que um órgão administrativo, quando deveria ser um órgão técnico. De forma racional, ele deveria ser comandado pela EEFERP, deveria ser uma extensão da Escola de Educação Física e Esporte, afinal de contas, é um local de prática de atividade física.

Por *n* motivos e a própria origem do CEPEUSP fez com que criasse asas diferentes, tivesse exatamente uma conduta mais independente, tem uma presidência, tem um diretor geral, tem um diretor técnico, diretor administrativo, tem departamento de pessoal único, são 160 funcionários ao todo, tem uma forma de gerenciar diferente do CEFER. No CEFER tem um representante de todos os professores da área da Educação Física junto a essa direção e esse diretor, que não necessariamente precisa ser da Educação Física, responde à Prefeitura do *campus*, que responde à Reitoria em São Paulo. Então o formato de organização do CEPEUSP é diferente do CEFER.

Em São Paulo, vamos supor, quando se precisa comprar um equipamento específico para a piscina, eu não preciso mandar um pedido de compra para a Reitoria, ou para a Prefeitura do *campus* de São Paulo, esse pedido é feito no próprio CEPEUSP, que tem um departamento de compra específico que compra de acordo com a necessidade. Existe uma verba para isso, que é gerenciada pelo próprio CEPEUSP, a verba do CEFER não é gerenciada pelo CEFER. Tudo para os profissionais de Educação Física no CEFER precisa responder diretamente à Prefeitura do *campus*. Não sei se o formato está certo ou errado, o formato no CEFER é esse, mas dá para se trabalhar diferente? Está na hora de pensarmos que o CEFER tem de começar a andar com os próprios pés, por exemplo, no que diz respeito à captação de verba. Cada ano que passa vai ficando cada vez mais difícil a destinação de verba dentro de qualquer empresa e no CEFER, onde essa verba é gasta, não tem um retorno direto. O CEFER tem condições de oferecer, por exemplo, cursos pagos para a comunidade externa, para a própria comunidade interna cursos específicos, que se faz numa academia. Na academia você vai encontrar uma atividade que interessa, para fazê-la tem que pagar o profissional, o espaço, o material utilizado, por isso acho que o CEFER tem que cobrar um valor por seus cursos.

Uma das necessidades do CEFER, que inclusive estamos trabalhando, é ter mais profissionais de Educação Física que possam ajudar na oferta de trabalho. Lógico que com mais profissionais são necessários espaços adequados para essas atividades propostas, não só espaço físico, além de salões, salas adequadas, são necessários equipamentos adequados, material adequado, justamente para ajudar na oferta dessa prática. A necessidade primeira é ampliar o corpo técnico e depois a criação de novos espaços e a reforma dos espaços que já existem, porque há um desgaste natural pelo tempo no espaço físico e até agora não se pensou em recuperá-lo. Isso é mais que urgente porque é dinheiro que se perde, a estrutura do CEFER não veio de graça, não caiu do céu, a estrutura foi criada, o dinheiro foi gasto e há um custo de manutenção e, se a manutenção não for feita, com certeza ocorrerá, em função do tempo, uma deterioração da estrutura até se acabar. E para reformar um espaço onde demorou a tomar uma atitude o custo se torna muito alto, talvez seja até mais caro que a construção de um novo espaço.

Com o crescimento do CEFER há uma necessidade de remodelação em todo processo administrativo, desde a direção até as partes de apoio. No CEFER nós temos um número muito pequeno de funcionários para a área de apoio, para atender dez professores de Educação Física. Agora se for para atender 12 professores de Educação Física será necessário ter um grupo apoio um pouco maior e com isso deve manter-se uma organização administrativa para ajudar nesse desenvolvimento, se não é complicado dar certo.

A estrutura organizacional do CEFER e do CEPEUSP é diferente, qual é certo ou qual é errado depende do ponto de vista, depende primeiro de quem está falando. No meu modo de ver é errado, porque o CEFER tinha que ter uma administração mais independente, tinha que haver um suporte para que isso aconteça. Agora, a criação dessa independência não acontece de uma hora para a outra, tem que ser conquistada de forma paulatina, ninguém é mágico.

Com a expansão que está se propondo o CEFER corre-se o risco de talvez faltar comando. Porque é uma tendência natural, há um envelhecimento em todo processo, não só no espaço físico, mas na própria conduta das pessoas, que acabam se acomodando. Se não tiver uma perspectiva de evolução você se acomoda, isso é natural do ser humano, se não

recebe um estímulo você não progride. Como que é feito o trabalho de condicionamento físico? Lança-se o estímulo, o corpo reage ao estímulo lançado, se parar de estimular o corpo, regride. A mesma coisa vale para organização de uma empresa, se não tem como crescer, se não tem como visualizar melhora na sua situação dentro da empresa, você vai estacionar o seu carrinho na sombra e ficar por ali, não tem cobrança, não tem evolução então fica no trabalho estagnado.

Por exemplo, quem está chegando pela primeira vez no CEFER vê esse espaço bonito. Mas quando vê que, com essa estrutura administrativa e falta de autonomia, a coisa não funciona tão bem fica horrorizado. Até eu que já tenho uma visão mais antiga fico meio horrorizado, imagina quem chega e tem uma expectativa em relação ao trabalho que pode desenvolver no CEFER? Por isso é necessária uma reestruturação no CEFER, mudar a mentalidade. Tudo passa pela remodelação de espaço, das cabeças, da organização, da forma de direção, tem que fazer tudo no centro esportivo, se não fizer, estagna, a tendência é parar. O início da estagnação é visual, é o espaço acabar. A piscina está com problema, por exemplo, se não houver um órgão gerenciador que possa gerir de fato o CEFER fica complicado.

O CEFER é útil, é necessário, o objetivo proposto para sua formação foi o mesmo do CEPEUSP, para desenvolver a prática de Educação Física no ciclo universitário. É um local para a prática da atividade física, não para outra coisa, se tem uma pista, se tem um campo, se tem uma piscina, eu não vou fazer um concerto no CEFER a não ser que faça parte de um evento proposto.

Vamos aproveitar o ambiente, o local que é bonito, nós temos a beleza natural, o *campus* de Ribeirão Preto é maravilhoso da forma como está, se der uma melhorada no espaço vai ficar mais bonito ainda. Quer dizer, se o local for bonito você tem um aluno com mais prazer, é muito mais agradável ver e treinar em um local bonito, bem apresentável.

A proposta do CEFER é promover a prática da atividade física, não podemos acabar com esse campo de atuação da Educação Física. Nós estamos no CEFER para ajudar no desenvolvimento da prática de atividade física universitária. Eu já venho fazendo esse discurso há muito tempo, não é porque o Brasil sedia uma Olimpíada e uma Copa do Mundo

de Futebol que todo mundo está tentando mostrar sensibilidade para a atividade física. Já é uma coisa que tem que ser pensada há muito tempo.

O CEFER oferece espaço para atender o praticante de atividade física, mas em geral o brasileiro faz muito pouco atividade física. O pedido de dispensa da prática de atividade física escolar hoje em dia é muito maior do que no meu tempo. Hoje, a quantidade de crianças obesas é muito maior de que há dez anos, hoje as pessoas com problemas no aparelho locomotor está muito maior do que há 20 anos, porque existe uma preguiça natural do ser humano, e o brasileiro está entrando nessa linha, faz muito pouco de prática de atividade física no nosso meio. A quantidade de pessoas frequentando parques públicos é muito pequena, a procura pelas academias também é pequena, até pela forma como a academia conduz essa situação de prática de atividade física. Porque o objetivo maior da academia é a rotatividade, eu nunca vi ninguém que fica anos fazendo atividade física em uma mesma academia. Mas no CEPEUSP em São Paulo eu tinha alunos que estavam comigo há 20 anos fazendo aula, semestre por semestre e também se cobrava. Quer dizer, que diferença isso tem?

Nesses três anos que estou trabalhando no CEFER o seu dia a dia está mais movimentado, desde a segunda de manhã até a sexta-feira há atividade a todo o momento. Cada professor de Educação Física é responsável por uma área dentro do espaço físico da estrutura do CEFER e no período de fevereiro existem os cursos de férias. Por exemplo, ministro o curso de férias de natação. E continuei durante o mês de janeiro e fevereiro o trabalho com as gestantes, porque a gravidez não para.

A Maria Angela, o Átila, o Jether, todos nós estamos desenvolvendo cursos de promoção à atividade física, mas não no mesmo ritmo. A partir do fim de fevereiro entramos em uma rotina maior ainda com um retorno de todos os cursos oferecidos, com uma quantidade maior de frequentadores. Então os meses de janeiro e fevereiro são para planejamento, acerto das coisas, arrumação do espaço do CEFER. Existe um calendário de eventos do CEFER proposto pelo corpo técnico que mantemos e todo final de ano é feito uma atualização para definir a programação do próximo ano, de acordo com que deu certo e o que não deu. Todos os eventos propostos são ligados a prática da atividade física. Nós temos a Caminhada da Saúde, da Primavera, a Volta da Cidade Univer-

sitária, o Torneio de Tênis, de Futsal feminino e masculino, o Torneio de Xadrez. Esses eventos são distribuídos ao longo dos meses do ano, normalmente ocorrem nos fins de semana, especificamente, a sua maioria aos domingos, porque aos sábados é utilizado para outras atividades. O planejamento é feito em outubro e novembro para que possa oferecer os cursos a partir de janeiro do ano seguinte.



Figura 8. Torneio de Xadrez CEFER USP Ribeirão Preto.

Os eventos realizados têm uma finalidade, são necessários e servem como complemento das práticas que são desenvolvidas no cotidiano do CEFER. Por isso os frequentadores desses eventos são geralmente alunos que fazem parte dos cursos que nós oferecemos diariamente, são funcionários. Hoje se fala tanto na prática de atividade física para indivíduos que ficam grande parte do tempo no serviço, e a Universidade de São Paulo, às vezes, peca por impedir que alguns funcionários possam desenvolver a atividade física, não sei se é por motivo de costumes, por se tratar da decisão de pessoas que não acreditam no benefício da atividade física, quando na realidade o indivíduo que não pratica atividade física alguma tem uma probabilidade maior de ter mais lesões do que o indivíduo que faz. Os funcionários que trabalham oito ou 12 horas por dia e não fazem exercício físico apresentam graves problemas de saúde, como obesidade, problemas no aparelho locomotor e na coluna, ocasionando

muitas lesões, problemas cardíacos frequentes. O problema é mexer o corpo e esse é o objetivo da Educação Física, o estudo do movimento pelo movimento, e é o que nós precisamos.

Em São Paulo 90 por cento dos meus alunos do CEPEUSP eram funcionários da USP, isso fazia com que grande parte do pessoal não tivesse um problema administrativo, de dispensa por problemas médicos. É comum a pessoa externar problemas de saúde por falta de uma atividade física, acaba somatizando esse problema e jogando para o seu corpo, agora se a pessoa aproveitasse uma oportunidade de praticar atividade física teria como externar, como gastar a energia acumulada e essa é uma proposta de uma atividade física para empresa.

Tenho grande preocupação com os funcionários da Universidade de São Paulo e cada vez mais, dentro das possibilidades, vamos oferecer mais cursos para esse público. Porque os alunos têm uma rotina bem forte, não ficam restritos às atividades do CEFER, a própria atlética dá para o aluno uma opção a mais, porque tem campeonatos, torneios entre os alunos. O funcionário tem uma rotina de horário de trabalho para cumprir, das oito da manhã às cinco da tarde fica sentadinho atrás do seu computador, atrás da sua mesa, atrás da sua bancada no laboratório, sai para almoçar e volta para o trabalho, quer dizer, é muito pouca atividade para o corpo do ser humano. Depois reclama-se dos problemas de arteriosclerose, problemas cardíacos, obesidade aumentando, mas vemos um lugar maravilhoso como o CEFER, que falta um pouco mais de apoio nesse sentido.

A minha vinda para o CEFER foi um fato superimportante, é lógico, vim e ajudei no desenvolvimento de algumas atividades, de alguns eventos. Sempre fico curioso em saber como começou isso, como começou aquilo, quer dizer, me interesse bastante pelo histórico do CEFER.

Em 2010 nós tivemos o Circuito Universitário, foram criados torneios de vôlei masculino, futsal masculino e vôlei feminino e mais a Volta USP patrocinado por um banco, a proposta inclusive surgiu no CEPEUSP. Infelizmente o Circuito não teve continuidade, houve só um devaneio, mas foi interessante, seria interessante voltar acontecer.

A relação entre os funcionários é boa, uns se dão bem mais com uns do que com outros, mas é natural, é a relação de pessoas num local pequeno de trabalho. É um bom convívio, não tem nada de extraordinário,

mas poderia ser melhor se tivesse uma forma de gerenciamento diferente. No fim de ano acontecem os congraçamentos, por exemplo, sempre fazemos um churrasquinho, uma confraternização, quer dizer, falta mais esse tipo de interação. No CEPEUSP em São Paulo eu trabalhava especificamente com a área de Educação Física adaptada, no CEFER estou desenvolvendo outras atividades, tenho ajudado até na forma de gerir do CEFER, quando chamado ou necessário substituo a direção do CEFER.

Falta deixar o CEFER trabalhar mais e o próprio CEFER tem que criar mais oportunidades, sair um pouquinho do marasmo, da quietude, para começar a explorar um pouco mais. Com a chegada de novos profissionais o CEFER tende a melhorar ainda, lógico, que precisa mudar a mentalidade, mudar a filosofia, mudar a forma de gerir. O CEFER tem muito a crescer, tanto quanto o CEPEUSP de São Paulo, porque aqui tem que se criar, e dá para criar, é só querer. Em São Paulo tem muito mais opção, por conta do tempo e da estrutura já formada.

Pratiquem atividade física, usem o CEFER e abusem dos professores de Educação Física do CEFER. Quando mais interesse por parte do praticante, mais crescemos, mais o CEFER vai fazer. E toda essa estrutura e trabalho foram feitos para os alunos, não adianta só reclamar, tem que fazer, juntar força, arregaçar as mangas e exigir que o CEFER não morra, que não desapareça.

BOAS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

- Deve-se ter sempre em foco a importância da conscientização sobre os benefícios de uma rotina de vida ativa na infância, de modo a promover os valores referentes ao desenvolvimento motor cognitivo.
- A Educação Física na infância é fundamental para o desenvolvimento adequado da criança. Sabe-se que criança bem desenvolvida fisicamente apresenta maior probabilidade de apresentar melhor desempenho intelectual e controle emocional.
- Na gestão de empresas, para que um funcionário desenvolva um bom trabalho é necessário que ele vislumbre possibilidades de crescimento. Essa possibilidade mantém a motivação, pois desperta uma conduta desafiadora. É importante que se tenha em mente objetivos de crescimento profissional.
- Os eventos esportivos são realizados como complementos das práticas desenvolvidas no cotidiano dos alunos.

FUNCIONÁRIOS





Antônia Maria Jesus da Silva

Antônia começou suas atividades como funcionária na USP em 1987, tendo trabalhado no CEFER cerca de 20 anos. Está aposentada desde 2005. Desenvolveu suas atividades na portaria da piscina, onde era responsável por verificar se os frequentadores estavam com os exames atualizados. A função da portaria vem para dar apoio aos profissionais que atuam na piscina. A verificação de prazo de vencimento de atestado médico é uma das funções que garantem a prática de atividade aquática saudável. Em seu relato, a funcionária narra que esportes aquáticos não eram realizados apenas durante as aulas oferecidas, mas também nos intervalos entre as aulas, como forma de recreação. Concedeu sua entrevista em maio de 2011.

RELATO DO FUNCIONÁRIO

Eu me chamo Antônia Maria Jesus da Silva, nasci no Ceará no dia 12 de fevereiro de 1945, casei e vim embora para o Estado de São Paulo. Quando cheguei a São Paulo fui morar em uma cidade pequena e em 1971 vim para Ribeirão Preto. Trabalhei primeiramente na Universidade de Ribeirão Preto e neste lugar, graças a Deus, peguei um conhecimento, tive a oportunidade de prestar o concurso e fui aprovada para trabalhar na portaria da piscina do CEFER. Em 2011 fez seis anos que me aposentei.

O começo do CEFER foi muito difícil porque era só a Dona Mercedes de funcionária no CEFER. Quase nem víamos chefe. Na piscina era só o Avelino, que era salva-vidas e eu. Tinha que limpar vestiário, deixar toda a estrutura da piscina em ordem para só depois abrir a portaria da piscina às dez horas da manhã. O Avelino era salva-vidas da piscina sozinho e não tinha horário de almoço. Não tínhamos horário o tempo todo, era tudo muito corrido. Mas era muito bom trabalhar com o Avelino, ele era um companheiro, uma pessoa agradável, muito humilde, sempre alegre, fazendo de tudo para o CEFER crescer. É uma pessoa que admiro muito e sempre falo com quem eu posso falar que o Avelino deveria ser mais bem remunerado e receber mais reconhecimento das pessoas. Seria bom se fizesse uma homenagem àquele homem que trabalhou muitos anos sozinho na piscina. Quando ele ia comer alguma coisa ele me con-

vidava e se tivesse alguém passando mal quando comia sozinho tinha que chamá-lo, então, o Avelino vinha correndo para a piscina prestar o salvamento. Ele nunca foi uma pessoa mal humorada, que te ofendesse. Estava sempre sorrindo para quem chegava à piscina, era muito amigo dos alunos. Então a piscina foi um ambiente gostoso, o Avelino fez-me sentir em minha casa. Considerava-o como um filho, por isso aposentei com saudade. Eu gostaria que os dirigentes vissem o Avelino como um herói, só isso. Eu gostaria que olhassem com mais atenção o Avelino, porque tem se perdido muita coisa que ele fez e não foi reconhecido por ninguém ainda. Eu fico muito triste com isso. Depois puseram três salva-vidas na piscina do CEFER, mas, naquela época, um teve problema e ficou trabalhando somente o Avelino e o Nivaldo por muito tempo.

Em 1986 fiz o concurso para trabalhar na USP, mas só comecei a trabalhar mesmo em 1987, porque antes trabalhava em outro lugar e precisava cumprir aviso prévio. Como supervisor, o Abel era mais distante, mas como ser humano, para entender o problema seu ou da sua família, não tinha igual. Por isso eu gosto muito do Abel, ele foi uma pessoa muito humana.

Além de trabalhar na piscina até ela fechar, depois, Avelino e eu ainda íamos limpar as quadras do CEFER, que eram aquelas quadras do outro lado do lago. Sempre vinham o Avelino, a Mercedes, o tratador d'água da piscina, que era o Ademir, e eu. Com o tempo eles foram conseguindo contratar mais gente para trabalhar na área de manutenção do CEFER e foram entrando esses trabalhadores com o serviço terceirizado.

O trabalho que desempenhava era de porteira, por isso se qualquer pessoa chegasse à piscina eu pedia para apresentar a carterinha da USP e caso estivesse vencido o exame médico eu falava para a pessoa: “Olhe, filha, sua carterinha está vencida, seu exame médico está vencido e agora não posso mais te devolver a carteira, porque esse é o meu trabalho. Mas você pode ir nadar amanhã se tomar as providências necessárias. Agora você tem de levar outro atestado médico até a secretária do CEFER, entregar o atestado para os funcionários por o carimbinho autorizando a sua entrada na piscina, tudo bem?”. Mesmo quando a carteirinha estava perto do vencimento já avisava o aluno para tomar as providências necessárias o quanto antes. Nunca briguei com aluno, nunca tive dificuldade, graças a Deus. Levei muita amizade da piscina do CEFER.

Quando comecei a trabalhar na USP, o CEFER nem existia por que antes era só espaço do prédio. A única pessoa que ficava lá era a Dona Mercedes trabalhando na parte da limpeza e os professores de Educação Física ficavam nas Faculdades de Odontologia, Medicina e Farmácia. Nessa época os professores ministravam aulas de Educação Física obrigatória para os alunos usando o espaço do CEFER.

Tenho a impressão que quando a Educação Física era uma disciplina obrigatória os alunos frequentavam mais o CEFER. O dia era constante com a presença dos alunos, porque se eles tivessem qualquer janela na grade horária de aula eles vinham para a piscina, mesmo quando não era no horário da aula de Educação Física obrigatória. Muitos meninos e meninas faziam aquele jogo de polo aquático também.

Em minha opinião, não pode ter Educação Física obrigatória, sabe por quê? Porque tudo o que você faz no seu horário, na hora que você está disponível para aquilo que o seu corpo está pedindo, que a sua mente está pedindo, você faz com mais gosto, faz bem feito. Agora, se você for obrigada a fazer aquilo naquela hora fica ruim. Porque nem toda hora você está disposta a aquilo que o professor quer te obrigar a fazer, não é todo dia que você está disposta.

Falo isso porque nós trabalhamos muito com crianças carentes, que têm uma residência e moram com familiares, mas ficam na rua o dia todo, ficam na comunidade aprontando. Primeiro falava assim quando via aquela criança: “Hoje nós vamos fazer tapete, amanhã nós vamos pintar, nós vamos fazer isso”. Então você via que uns dormiam, outros ficavam mal humorados. Hoje eu já consigo perguntar: “O que você gostaria de fazer?” e o que a criança gosta de fazer ela faz bem feito. Há umas crianças que chegam à sua frente e falam: “Eu gosto de cantar!”, e nós temos que incentivar: “Canta para nós, vamos ouvir ela cantar”. Ou seja, eu acho que não tem horário para fazer alguma coisa obrigada, a hora que você tiver bem você faz e faz bem feito, mas se ficar estipulando horário será necessário dar um tempo para o aluno se entregar aquilo que ele ainda não faz. Eu acho que a pessoa tem que ser livre para tudo. Você sabe que na sala de aula você vai para aprender, o professor está explicando e você vai aproveitar o melhor que puder. Mas com a Educação Física você começa a frequentar, participa uns dias e consegue pegar aquela manha, já sabe tudo o que vai fazer bem para o teu corpo, por isso

se estiver sozinho você faz na hora que estiver bem, mas sendo obrigado ninguém faz nada. Contrariado não adianta, nem toda hora você está disposto para fazer aquilo. Eu acho que a Educação Física não tinha que ser tão obrigatório, porque é duro as pessoas te colocarem limite, isso é o mais difícil.

Com o tempo, os professores foram transferidos para o CEFER, nem os conhecíamos. Então, o professor César, a professora Fúlvia e a Maria José foram trabalhar na piscina. Cada um tinha a sua turma, o seu horário de aula e faziam caminhadas. Como a Educação Física era obrigatória, o aluno tinha que nadar porque contava ponto.

Também tivemos vontade de iniciar a prática de atividade física no CEFER. Na época, a professora Fúlvia até sugeriu que se deixasse um tempo de meia hora a 40 minutos para o funcionário que gosta poder ir nadar e o que não gosta poder fazer um bom relaxamento para começar o trabalho. Ela falava: “Porque no seu trabalho você fica só sentada, Dona Antônia”. Mas os professores não conseguiram alcançar esse ideal.

Sempre trabalhei muito e dei duro. Fui até homenageada pela Prefeitura do Município de Ribeirão Preto, Darcy Vera, pelo trabalho social que já realizo como Cidadã Ribeirão Pretana.

Hoje, o que faço é lutar para mostrar os direitos do nosso povo, porque quando só conhecemos os deveres, sofremos muito, e eu sofri na minha vida para ver os meus filhos crescerem. Antes eu achava que ser honesto era ficar calado e concordar com tudo, mas não é isso não. Então, hoje, por exemplo, nós tiramos um menino que entra na cadeia por engano, graças a Deus, com a Pastoral.

Conheci boas pessoas no CEFER. A Dona Mercedes me ajudou muito, ela tem um coração muito bom. O Avelino sempre me ajudou muito quando meu menino ficava doente. Então, eu sempre falo que o Avelino e a Mercedes são duas pessoas pelas quais tenho muito agradecimento, eles me ajudaram muito. Se um dia eles fossem homenageados eu gostaria de estar presente.

Antigamente, no tempo em que o professor Abel era supervisor, durante o período de férias se organizava a Colônia de Férias no CEFER e era muito boa. Então, o Abel abria a piscina para os filhos dos funcionários usarem. Os professores de Educação Física viam aquele lado de que as crianças ficavam na Colônia de Férias, dando tranquilidade aos pais.

Então, as crianças tinham aquele lazer, era muito bom, e o professor Abel colaborava muito nessa parte, ele via as pessoas. Por isso que eu falei que o Abel era humano; inventava até acampamento para as crianças, brincava no meio, dava atividade.

A Marisa também foi supervisora do CEFER. Ela tinha um carisma para trabalhar com a sociedade, encantou-nos. Infelizmente, perdeu a vida cedo e não foi possível ficar com ela mais tempo. A relação entre professor e funcionário era boa, nunca tivemos problema com nenhum dos professores que trabalhavam no CEFER, eles eram muito educados.



Antônio Rodrigues Dourado

O senhor Antônio Rodrigues Dourado trabalha no CEFER há 14 anos. Iniciou suas atividades na portaria do complexo aquático, e recentemente foi transferido para a portaria principal. Também executa pequenos serviços de manutenção. Sua entrevista foi concedida em dezembro de 2012. Aposentou-se em novembro de 2013.

RELATO DO FUNCIONÁRIO

Eu sou Antônio Rodrigues Dourado. Nasci em 15 de novembro de 1943. Tenho 79 anos. Sou mineiro, do “uai, uai”, mas só que eu estou em Ribeirão há mais de 40 anos, quase 50.

No meu tempo não tinha Educação Física. Fazíamos esporte mesmo sem ter ninguém para orientar, jogávamos bola. Quando era mais novo gostava de correr muito. Trabalhávamos e naquele tempo não tinha condução, não tinha nada. Então trabalhávamos, o nosso esporte, a nossa Educação Física era essa, correr atrás de bola, íamos para o trabalho andando, voltávamos às vezes correndo, às vezes andávamos duas horas a pé, então tirava em meia hora e íamos correndo, mas naquele tempo nosso não tinha Educação Física. Nas escolas, assim que começou a ter, também naquela época, era só uma ginástica simples, porque naquele tempo não tinha muito preparo físico assim, era muito normal mesmo. Hoje não, hoje é muito mais fácil, você vê que tem Educação Física, até olhamos e vemos tudo muito diferente, mas quase não muda muito não, o que muda mesmo é o preparo.

Hoje em dia eu não estou praticando nada. Só ando de vez em quando, porque precisa andar pra lá e pra cá. Às vezes eu faço caminhada, lá perto da minha casa, mas é só isso.

Trabalho no CEFER há 14 anos. Quando eu fui para lá, comecei a trabalhar na portaria da piscina, e acho que lá fiquei quase nove anos. E era uma vida de rotina... Um dia está tudo bem, no outro dia tem encrenca, mas nunca tive problema. Eu sou bem tranquilo para resolver problema. Hoje, a minha função é na portaria central e às vezes faço algo voltado para a manutenção. Alguma coisinha que tem que arrumar, às vezes tem

alguma coisa, uma porta, uma torneira, alguma coisa, e eu vou lá, coloco uma borrachinha, eu só faço o serviço mais tranquilo. Serviço pesado eu não faço mais. Eu fico observando, às vezes orientando alguma pessoa que chega, tem que ir a um lugar. É um trabalho de porteiro. Normal. Só fico ali mesmo, sem problemas.

Eu trabalhava no Parque Jardins quando entrei no CEFER, e me deu um problema e eu machuquei a coluna, de modo que eu não podia pegar serviço pesado mais, então foi onde eu fui transferido para o CEFER. Eu trabalhei 12 anos no Parque Jardins, e já estou há 14 anos no CEFER, mas foi por isso que eu fui para lá, senão eu estaria no Parque Jardins até hoje, que é um serviço mais sujo, mas era o que eu entendia mais, é o que gostava. Porque eu fui criado na roça, então em minha opinião trabalhar lá era bom. Eu trabalhei 12 anos muito bem, tinha muita amizade, deixei muita amizade. Só fui transferido por causa disso, mas tirando isso não teve problema, e já tem 14 anos, já vai para 15 que estou no CEFER.

Para mim, nesse tempo todo, nada mudou. Para nós já temos um ambiente melhor para conversar, onde sempre tem os meninos. Nesse sentido não mudou muita coisa não, a convivência foi assim sempre. Antes eu ficava lá embaixo, ficava mais isolado, na piscina, agora aqui na portaria central me comunico com os professores da Educação Física, os professores da nossa turminha também. A convivência ficou até melhor, porque lá na piscina tinha que ficar na portaria, aí você ficava mais preso... Mas aqui em cima acho melhor para trabalhar.

Os eventos do CEFER são muito bons. Assim que eu entrei aqui na USP, era um evento por ano. Hoje não, hoje tem mais, tem a caminhada, tem vários.



Augusto Roberto Niebas

Augusto começou a trabalhar como funcionário na USP em 1987, no CEFER. Foi contratado na função de Serviços Gerais. Durante cinco anos desenvolveu suas atividades no complexo aquático, sendo transferido para o ginásio de esportes até a ocasião da sua aposentadoria, em 2005. Era responsável pela limpeza e às vezes auxiliava na portaria. Concedeu sua entrevista em junho de 2011.

RELATO DO FUNCIONÁRIO

Meu nome é Augusto Roberto Niebas, nascido em 15 de novembro de 1945, no município de Dumont. Nunca pratiquei nenhuma atividade física. Tive uma longa história, morei em São Paulo determinado tempo, fui comerciante e vim para Ribeirão Preto como comerciante. Arrumei emprego no CEFER do *campus* da USP. Eu comecei a trabalhar em 1987 na USP, como funcionário de serviços gerais no CEFER. Trabalhava na piscina, fiquei uns cinco ou seis anos lá e não sei o que aconteceu com o funcionário do ginásio de esportes e fui para trabalhar no lugar dele, onde fiquei até 2005, foi quando me aposentei e saí.

O dia a dia no CEFER são aquelas atividades de Educação Física ministradas para alunos na sala de musculação, no campo de futebol, nas quadras. O meu dia a dia de trabalho era realizar limpeza do CEFER, tinha mais duas funcionárias, a Mercedes e a Cida, nós fazíamos limpeza nas quadras, nos blocos, nas salas e no campo de futebol, na piscina já tinha dois funcionários. Quando trabalhei na piscina era uma senhora e eu que fazíamos a limpeza e cuidávamos da portaria quando precisava. Trabalhei de dois a três anos com a limpeza do CEFER, depois esse trabalho e a segurança foram terceirizados.

A criação do CEFER teve um grande significado, porque os professores de Educação Física pertenciam às unidades de Ensino.

Alguns eventos aconteciam de sábado ou domingo. Faziam o evento de chegada dos calouros e no fim do ano era a saída dos formandos. Inclusive a formatura era feita no ginásio de esportes. Eu chegava de manhã no CEFER, fazia o café sete horas da manhã, depois tomava o café,

procurava os rodos e as vassouras para fazer a limpeza nos banheiros, nos vestiários, o dia inteiro era limpeza, dentro da quadra, fora da quadra, dentro do ginásio, em volta do ginásio e a tarde partia para o campo de futebol fazer limpeza nas quadras. Essa era a minha atividade. Não fazia outra atividade física porque já cansava só de ver os outros correrem.



Avelino Epifânio

Avelino Epifânio atua como salva-vidas no complexo aquático do CEFER desde 27 de janeiro de 1986. Foi o primeiro funcionário contratado da piscina. Nascido e criado dentro do *campus* da USP Ribeirão Preto, é uma das pessoas mais citadas pelos entrevistados. Desenvolve seu trabalho com carisma e irreverência. Em seu relato, destaca fatos curiosos e engraçados que aconteceram na piscina ao longo dos anos. Concedeu sua entrevista em janeiro de 2011.

RELATO DO FUNCIONÁRIO

Meu nome é Avelino Epifânio nascido e criado dentro do *campus* de Ribeirão Preto. Nasci no dia quatro de setembro de 1958. Na infância praticava muito futebol e jogava no ginásio do CEFER. A minha vida foi aqui dentro do *campus*. Desde criança também frequentei muito a prainha que tinha na Arfusp, na beira do lago. Portanto, desde a minha infância comecei a praticar a natação, só que não tinha aquele “estilo”. Era do tipo de cabeça fora d’água e tal.

No dia da inauguração da piscina estava passando por perto quando vi o movimento, depois entrei em contato com o professor Abel e o Sinval, que eram funcionários no ginásio de esportes. Naquela época, acho que ainda nem era CEFER, mas estavam precisando de uma pessoa para desempenhar a função de salva-vidas na piscina. Foi então que saíram uns concursos e fizemos o exame, era um funcionário e eu. Como já tinha o curso de primeiros socorros e experiência em hospital, consegui pegar a vaga. Fui o primeiro funcionário contratado da piscina, em 27 de janeiro de 1986, e desde esta época trabalho no CEFER.

Nunca tinha pensado em trabalhar no CEFER, que com o tempo foi progredindo como um todo e fui me especializando, fui fazendo mais cursos. Então, quando comecei a trabalhar na piscina do CEFER, fui me aperfeiçoando na natação com a ajuda da professora Fúlvia e de outros professores que trabalhavam na época. Então, eles foram me ensinando como é que era para se fazer e eu fui praticando natação até a hora que deu certo de ir a São Paulo para fazer o curso de salvamento. Logo em

seguida o CEFER foi nos preparando com alguns cursos para melhorar o nosso desempenho no trabalho e isso foi continuando, como os cursos de mergulho.

Fizemos e ainda fazemos uns treinamentos de apneia, sempre com alguém olhando porque corre o risco de ter um apagamento. Por isso põe um pesinho nas costas e vai andando tranquilamente dentro da piscina, submerso na água, na paz. Isso faz parte de um treinamento que transformamos em uma brincadeirinha saudável e gostosa. De vez em quando pomos um sonzinho para ouvir embaixo d'água.

Desde que comecei a trabalhar no CEFER sempre desempenhei a função de salva-vidas. Às vezes, ajudava em outras coisas porque na praça esportiva é importante você estar em conjunto com os outros professores, dando uma mão daqui e uma mão de lá, trabalhando em conjunto. Consideramo-nos como uma família.

No setor da piscina, trabalho como salva-vidas, e fazemos um intercâmbio com os alunos, porque a maioria é de fora da cidade. Os coitados já vêm pra cá com necessidade, com falta de família, falta do pai e da mãe. Então, na piscina fazemos aquele tratamento assim “vip”, sabe? Conversa, descontraí, põe música, parece até que formamos uma família entre nós e os alunos. Porque percebemos que quando os alunos vêm de fora e sentem falta de pai e mãe, às vezes, não sabem cuidar nem da namoradinha, não cuida nem da sua roupa, então, orientamos nisso. Já aconteceram várias histórias na piscina em que presenciamos esse tipo de coisa.

Por exemplo, um aluno do segundo ano de Medicina, coitado, chegava à piscina desesperado, chorando: “Eu quero ir embora para casa, vou trancar minha matrícula, vou embora porque eu estou com saudade do meu pai e da minha mãe”. Nestas situações explicamos para o aluno que ele tem de ser independente, um dia ele vai ficar sem seu pai e sua mãe, que tem de começar a seguir sua própria vida. Já que ele escolheu uma Faculdade para fazer, então tem que seguir em frente, a não ser que a pessoa desista porque não quer fazer aquilo.

Posso dizer que um ponto positivo em trabalhar no CEFER é estar entre os alunos que estão ao nosso redor. É um trabalho que temos com cada aluno, que é um ser humano. Em 1996, fui homenageado pela turma da Faculdade de Psicologia que se formava naquele ano. Sinto como

um grande mérito ser homenageado por um setor que não tem nada a ver com o ritmo de trabalho do CEFER. Isso é uma coisa que se carrega pelo resto da vida. Essa turma que me homenageou sempre estava presente na piscina e nós junto a eles, ajudando ao máximo, colaborando em tudo. Então, chegou uma carta escrita por esses mesmos alunos, convidando-me para participar da formatura. Isso foi muito gratificante.

O pessoal que frequenta a piscina já vem meio inibido. Vai para parte funda, e o professor já começa o aquecimento, passa esse e aquele exercício. Então, quem está querendo aprender a nadar fica meio inibido com todo mundo olhando para ele. Por isso já vou descontraindo, assim as pessoas já ficam mais tranquilas. Tentamos animar a turma logo que passa na portaria, tentamos descontraír numa brincadeira, numa conversinha, até mesmo quando realizamos um salvamento falamos: “Segura na boinha aí, vem puxando”, mas jogar a boia mesmo é muito difícil. Teve uma pessoa que estava se afogando fazendo exercício de “pranchinha” porque deu câimbra. O menino gritou: “Socorro, socorro!”, mas em vez de segurar na pranchinha e continuar até a borda da piscina para parar, não, jogou a pranchinha lá na grama e gritou. Aí não tem jeito, fui e falei para o menino: “Calma, calma, calma!”, até terminar o salvamento. Depois damos mais instrução para o aluno comer mais banana, fazer um alongamento melhor. Então, dessas situações surgem brincadeiras que levamos para a turma, e o pessoal gosta.

Quando são os calouros que vêm visitar a piscina, falo para eles: “Agora vocês vão conhecer a Universidade de sol e praia”, porque a piscina é nossa. É um momento que você vem para se descontraír, para relaxar, ficar de boa. É também um ponto de encontro de todas as Faculdades, de descontração. Então fazemos por merecer, estamos esperando o tempo todo, não só os calouros, mas também os funcionários e docentes, fazemos com que todos sejam bem-vindos. Vêm alguns, mas o pessoal tem de vir mais para aproveitar o momento e participar.

Certa vez aconteceu um acidente com um rapaz que treinava na piscina. Um dia ele sentiu uma forte dor de cabeça e imediatamente eu o peguei e levei para o banheiro, onde ele entrou em coma e depois foi levado para o hospital. Esse rapaz teve derrame e na semana seguinte recebi a triste notícia de que ele veio a falecer. Isso é algo que nos deixa

chateado, é a perda de uma pessoa, de um ser humano. Mas não foi por causa da piscina, foi porque ele já tinha problema.

Um acontecimento marcante na piscina foi quando um menino da Medicina, que morava na casa dos estudantes, ficou brincando. Espan-tava todo mundo na parte rasa da piscina, porque quando a pessoa não sabe nadar esparrama água em todo mundo que está tomando sol. Joga água num, joga água no outro. Eu falei assim: “Uai, esse menino pulou na parte funda aqui”, então achei que ele tinha aprendido a nadar. Quando de repente ele sobe e grita: “Socorro!”. Falei: “Vixi, agora é a hora!”. E entrei na piscina, peguei-o, trouxe para a beirada, acalmei-o e falei: “Calma, filho”. Ele respondeu: “Avelino, você me desculpa, pensei que tinha aprendido a nadar”. Falei assim: “Filho, você tem que procurar os professores de Educação Física, procurar-nos para orientar você, não faz mais isso. Vai querer morrer afogado? Aqui você não morre, não. ”, falei brincando. Depois ele entrou na escolinha de natação, aprendeu a nadar e hoje é um dos melhores médicos da cidade. E para você ver, em uma brincadeirinha de nada ele pulou na água e falei assim: “Aprendeu a nadar”. Só que o menino achava que a parte funda da piscina fosse igual à parte rasa. Quando esses fatos acontecem orientamos e conversamos com os alunos para procurarem os professores para ter aula e ser orientado. O nosso trabalho na piscina é para orientar sobre o risco, a fundura da piscina, e se não souber nadar vai ter de ir para o raso ou vai ter de pegar aula de natação.

Cuido, também, do som da piscina e dependendo dos frequentadores já sabemos até o tipo de música que vai rolar. Por exemplo, se vem um pessoal da Faculdade de Filosofia ou de Enfermagem já vai rolar Bob Marley, se vem um pessoal da Medicina já vai um Black Sabbath, que é um rock mais pesado, se vem a Farmácia colocamos um batidão, sabe? De vez em quando paramos o som. Tem uns anestesistas do hospital que vêm na piscina e querem ouvir os pássaros. Aí desligamos o som, respeitamos a vontade do cliente. De vez em quando eu vou e coloco um CD de passarinho para ficar ouvindo os passarinhos cantando. É assim que fazemos com os usuários, brincamos com eles e levamos numa boa.

O jardim da piscina é algo que preservamos muito, têm frutas, plantas, nós mesmos colhemos, os próprios alunos colhem. A coisa mais bonita que tem são os alunos frequentarem a piscina e irem apanhar uma

acerola, goiaba, jabuticaba, amora ou pitanga para comer. No setor da piscina, lidar com a natureza é uma atividade frequente, plantar e colher frutas naturais, que não tem veneno como outras coisas por aí, eu acho que a natureza, a jardinagem na piscina está nota dez. Hoje, por exemplo, no pé de acerola no jardim da piscina tinha um passarinho que teve dois lindos filhotinhos.

Eu participei tanto dos eventos de Caminhada da Primavera, alguns eventos que são realizados no CEFER, como os eventos que são realizados na piscina, como as competições e os congressos da Psicologia, nos quais vem aquele mundaréu de gente. Tinha uma colônia de férias para os filhos de funcionários, os meninos da creche às vezes vinham, no entanto, isso foi acabando porque construíram uma piscina na Arfusp e foi tirando o movimento da piscina. Então, na piscina foi ficando só aluno, funcionário e docente da USP. O projeto “O pequeno cidadão” – em que as crianças eram tiradas das ruas para realizar uma atividade, fazer alguma coisa – foi um exemplo em que a Universidade deu todo o apoio para as crianças, só que não contou com a ajuda de empresários para patrocinar e teve que acabar. Porque hoje em dia não é mais igual a época em que eu era pequeno, nós eramos livres. Sempre praticava alguma coisa, quando não fazia natação, fazia futebol, ou corria e brincava de pique e de latinha.

Antes era aberto para frequentar a piscina e acho muito importante isso por causa da troca de ideias, troca de relacionamentos de assuntos de trabalho, de pesquisa, principalmente para esses que estão defendendo tese, procuram muito a piscina para um desabafo, para dar uma clareada no trabalho que eles estão fazendo e que vão ter que apresentar. Por isso eu acho que todos os alunos, funcionários e docentes deveriam frequentar mais essas áreas de lazer e a piscina dentro do *campus*.

Teve uma vez que veio uns pacientes da psiquiatria do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto conduzidos pelo professor Sinval. Esses pacientes costumavam tomar *valium* em horários após o almoço para dormir, pois eles vieram na piscina e tomaram um banho e ficaram lá. Veio com uma equipe completa de profissionais, com médico, enfermeiro e contaram com total apoio dos funcionários do CEFER. Depois que os pacientes foram embora, o professor Sinval ligou para mim e falou: “Avelino, os pacientes que foram na piscina não precisaram tomar *valium*”

para dormir, dormiram sem *valium*”. Que dizer, isso é muito gratificante, é uma coisa marcante.

Antigamente tinha um movimento de “duzentas pessoas por hora” na piscina, hoje não vemos mais ninguém. Por quê? É uma coisa saudável, é uma coisa bonita, você vê que piscina é chique, não é? Eu gostaria que o CEFER voltasse no seu início, em 1986, 1990, 1996, era um momento em que todos os professores mais velhos de Educação Física davam as aulas, brincávamos, conversávamos. Com o tempo alguns foram se aposentando, cada um foi para o seu canto. Então, sentimos muita falta, como funcionário sentimos muita falta desses professores, desses profissionais de Educação Física que tanto se dedicaram no *campus* de Ribeirão Preto e no CEFER.

Acredito que se a Educação Física obrigatória causasse uma maior adesão por parte dos alunos, então acho que seria melhor tê-la. Pois incentiva os alunos a praticarem mais esportes. Agora a piscina está em um momento de decaída, mas ao mesmo tempo temos o movimento das Atléticas em formar e treinar suas equipes de natação. Essa é a hora que enche, no horário de meio dia a uma da tarde, mas o resto dos horários é bem mais calmo.

Uma das Unidades que mais frequenta rigorosamente a piscina são os alunos do curso de Medicina, porque tem uma Atlética mais forte, com uma concentração mais forte. A Farmácia também já está com seu grupo bom de natação, a Filosofia está indo meio devagar, a Educação Física logo vai formar seu cantinho também, a Enfermagem também está com uns treinadores muito bons, então está ficando bonito.

De modo geral agradeço e espero estar na piscina até o fim do meu trabalho, porque já está chegando a hora da minha aposentadoria. Quem sabe um dia, quando eu me aposentar, as portas possam estar abertas para eu vir colher as frutas e os frutos que eu andei plantando no jardim da piscina ou então pedir emprestado? Quem sabe? E aos que estão começando a trabalhar agora eu bato nessa tecla: tem que fazer progredir. Fazemos as brincadeiras, mas o negócio é sério.



Irma Aparecida da Silva

Irma desempenhou a função de serviços gerais durante 16 anos. Em seu relato aborda aspectos do seu dia a dia, curiosidades sobre as mudanças de chefias e relacionamento entre alunos, professores e funcionários. Sua entrevista foi concedida em abril de 2011.

RELATO DA FUNCIONÁRIA

Meu nome é Irma Aparecida da Silva, estou com 62 anos, e eu entrei no CEFER em julho de 1988 e saí em abril de 2004. Foi um tempo muito bom que eu passei no CEFER, porque eu trabalhei junto aos alunos. Prestei concurso, passei e vim para USP. Entrei na função de serviços gerais. Fiquei durante nove anos trabalhando nessa função, depois ganhei um cargo como auxiliar de esportes, no qual eu ficava junto aos professores. Na época eles eram em dez e eu era responsável por ajudar a encher as bolas, entregá-las no horário das aulas, recolher. Nós tínhamos um controle para essas bolas não sumirem. Então, o tempo em que eu estive aqui no CEFER ao lado dos professores e dos alunos foi muito bom. Gostei muito do que eu fiz.

Eu não praticava nenhum tipo de esporte enquanto trabalhei no CEFER, depois andei fazendo umas aulas com a professora Maria Angela, mas o meu tempo era curto porque eu entrava às nove horas e saía às 18, depois meu horário de entrada mudou para as onze. Então, não dava tempo de praticar esporte, pois tudo era muito corrido ali dentro.

O dia a dia no CEFER consistia em chegar e limpar as salas de ginásticas... era uma rotina de trabalho em que havia tarefas o dia todo. Era cansativo e nós eramos em três funcionários para fazer isso: Dona Mercedes, seu Augusto e eu revezávamos as tarefas.

Quando entrei, o professor Abel era o chefe. Depois dele entraram o professor Jether, o Joel, o Vanderlei e a Suzete. E, por fim, também trabalhei sob a chefia do professor Battaglion. Antigamente, a Educação Física era obrigatória para os alunos ingressantes na faculdade: eles tinham que cumprir pelo menos seis meses de educação física. Eles deviam escolher qual a modalidade que queriam, porque tinha várias opções. Os alunos

não chegavam mal-humorados, eles adoravam o que faziam. Tinham os que optavam pelas aulas na piscina, os que gostavam de esportes, de tênis, então o aluno se interessava em fazer as aulas. Depois que as aulas se tornaram optativas diminuiu muito a procura pela Educação Física.

Os alunos nos tratavam bem. Éramos bem vistos ali na secretaria, inclusive eles chegavam com aquela sede de querer fazer Educação Física, de querer jogar bola e fazer as atividades. Na minha época, as inscrições eram feitas na secretaria pessoalmente. A Educação Física obrigatória era algo muito bom, porque às vezes muitos tinham interesse, mas não tinham vontade de fazer, e sendo obrigatório o aluno tinha de fazer as atividades. Ele escolhia o que queria fazer, mas era obrigatório. Havia muitos que não gostavam e outros que não tinham interesse. Eu ainda acho muito importante a Educação Física ser obrigatória. Por exemplo, a Faculdade de Filosofia conta como créditos a inscrição e participação em algum curso de atividade física do CEFER. É uma coisa boa, porque o aluno tem interesse de fazer para ganhar estes créditos. A Educação Física é muito importante, desperta muito o aluno, ele passa a ter mais vontade de fazer alguma prática física.

O professor Abel era coordenador do CEFER e depois os outros professores foram remanejados para cá. Lembro que alguns professores gostaram da junção, outros não. Para o funcionário, a junção não mudou nada. A mudança só foi entre os professores. Logo, isso não influenciou no meu trabalho.

Há alguns anos, o CEFER realizava um evento muito importante na época das férias escolares. Eu gostava muito. Os funcionários traziam os filhos pra colônia de férias. Mas acabou, é uma pena. Durante as férias, os filhos do funcionário tinham onde ir passar as tardes. O CEFER era muito procurado naquela época, tinha muito movimento ali dentro, depois foi acabando. O Abel e a Regina gostavam muito de fazer esse tipo de evento.

Hoje, o CEFER é bem parado. Naquela época não, tinha muito movimento nessa parte. Tinha trabalho, mas era gostoso! Passava aquelas horas que você nem via, porque em um Centro parado as horas não passam, e você tendo o que fazer não, é diferente. Sem contar a Caminhada da Saúde, tinha muito mais evento. O professor Battaglion fazia muito concurso de pipa. Tinha a colônia de férias. Tinham aulas de dança, mas

depois que a Regina se aposentou não teve mais esse curso de dança, pois era ela que dava.

Quando eu saí ainda não tinham cercado o CEFER. Havia a entrada lá embaixo, na quadra, para entrar na pista tinha a roleta. Mas não era tudo cercado. Na época era bom, porque não tinha maldade como está tendo aqui dentro do *campus* hoje em dia. As pessoas vinham caminhar. Mas o cercamento foi muito bom também, porque começou ter muito esse negócio de drogas, roubos, então por esse lado foi bom. É uma segurança para o *campus*. Mas fizeram isso também por causa da pista, porque colocaram uma catraca para saber quantas pessoas entravam para caminhar. Naquela época não tinha confusão por causa de documentos, o pessoal vinha, fazia seu exercício, caminhava... Não tinha tanta burocracia como criaram hoje. A piscina sempre foi mais fechada, era mesmo para aluno. Para usar, tinha que mostrar a carteirinha, e não precisava de atestado médico, isso veio com o tempo.

Há muito tempo que se fala em fazer outro ginásio, porque o número de alunos vem aumentando a cada ano. O pessoal marca uma quadra e não tem lugar para jogar porque o ginásio é um só, as quadras são as mesmas e são poucas.



Joel Roni Gouveia

Joel iniciou suas atividades na USP aos 21 anos como agente de vigilância. Foi supervisor do CEFER de 2004 a 2006. É formado em Direito pela UNAERP desde 1993. Durante o período em que chefiou o CEFER procurou oferecer mais segurança aos funcionários, bem como aos seus frequentadores. Concedeu sua entrevista em dezembro de 2012.

RELATO DO FUNCIONÁRIO

Meu nome é Joel Roni Gouveia, nasci em 21 de janeiro de 1968, formei-me em Direito em 1993, pela Universidade de Ribeirão Preto, a UNAERP. A Educação Física apareceu cedo na minha vida. Meu pai era militar e em casa era sempre na base da atividade física, da prática esportiva, não ficávamos parados. A partir da quinta série do ginásio que eu tive meu primeiro contato com a Educação Física escolar, momento em que passei a ter atividades mais técnicas.

Eu até tentei, mas fui obrigado a parar de jogar futebol muito cedo, pois quando estava com 15 anos tive uma lesão no joelho e o único jeito foi a cirurgia. Não joguei mais futebol, porém, ao longo da minha vida, acabei me dedicando à corrida e à caminhada, mas nunca profissionalmente, até os meus 28 anos. Não consigo fazer tantas coisas mais por causa de tempo, que limitou as minhas atividades físicas, então estou tentando a caminhada duas ou três vezes por semana.

Minha relação com a USP começou muito antes de eu trabalhar aqui, quando eu era criança, com uns sete ou oito anos de idade. Havia um docente da Faculdade de Medicina que me trazia para nadar no antigo clubinho dos docentes, que era do outro lado do lago. Guardo muitas recordações da minha infância aqui na USP, inclusive no CEFER. Profissionalmente, a minha relação com a USP teve início aos 21 anos de idade, quando prestei um concurso para agente de vigilância, para ser segurança do *campus*, onde fiquei até 2004, quando fui convidado a ir para o CEFER, onde fiquei de agosto de 2004 a fevereiro de 2006, na função, antigamente chamada, de estrutura de chefia, ou seja, chefe de

seção técnica. Eu cuidava da chefia do CEFER, era do administrativo responsável pelo CEFER. Depois do CEFER fui convidado a assumir um serviço de pessoal na internacionalização da USP. O CEFER significou, para mim, uma oportunidade de mudança de atividades dentro do *campus*, de mostrar que as pessoas têm condições de poder assumir novos desafios, de poder quebrar aquele paradigma de que um guarda não poderia trabalhar na chefia de uma seção. Como chefe do CEFER fiz o que tinha que fazer, fiz a coisa certa.

Quando assumimos o CEFER, uma questão emblemática, tanto para a administração quanto para a parte prática do CEFER, era a disputa de um único ginásio, o que deve acontecer até hoje, já que o CEFER ainda possui apenas um ginásio. Tínhamos, então, a Faculdade de Medicina, que treinava muito forte e disputava por todos os horários ali. Isso foi muito marcante ali no início, porque as pessoas queriam todos os horários e todo mundo acabava se indispondo. Nós tínhamos uma quadra externa que não era cercada, ela era toda aberta. Ali você não tinha acesso, não existia uma ponte para atravessar o córrego que desce do lago e o acesso àquela quadra era horrível. Como a quadra era aberta e ficava do outro lado do CEFER, era muito suja. Mesmo você dando limpeza e manutenção, ela ficava sempre muito suja. As pessoas não gostavam de utilizar aquela quadra e, vendo esse problema, eu levei isso pra administração e nós começamos a pensar num projeto de novas quadras, num projeto de limpeza mais estruturada para o CEFER, num projeto de até tentar manter aquelas quadras mais seguras. Porque antigamente os alunos eram expulsos dali; ocorria de haver invasão nos campos, que não eram tão seguros quanto hoje. Algumas pessoas vinham ali e colocavam os alunos para fora dizendo que o horário era deles, entravam na quadra e tinha certo conflito. Isso foi marcante, tive vários conflitos com várias pessoas ali dentro. Nós conseguimos junto com a Prefeitura do *campus*, sensibilizando o conselho a estar dando uma proteção maior para todo aquele sistema do CEFER. Foi quando surgiu a cerca e aquela ponte que hoje interliga o CEFER. Embora o projeto fosse maior, houve alguma mudança e as coisas permaneceram daquele jeito. O projeto era muito maior, contemplava fechar não só a área do CEFER, mas passando por uma casa que inicialmente foi designada para o CEFER, próxima à piscina, um campo de futebol *society*, que também foi desenvolvido, constru-

ído e iluminado na minha época. Tinha umas expansões que deveriam existir: mais três quadras de tênis próximas às quadras externas e tudo interligado por pontes de madeira.

Nós conseguimos programar, junto com à administração, o projeto da Caminhada da Saúde, escrito e apresentado pela Maria Angela. Isso foi muito interessante porque acabou envolvendo todo CEFER, toda a comunidade. A partir daí surgiu outro projeto, que é a Caminhada da Primavera, uma segunda atividade motivada pela primeira. Nós acabamos colocando a primeira Caminhada da Saúde na data do dia mundial da saúde e o segundo evento nós colocamos no primeiro dia da primavera. Nós avistávamos do CEFER um ipê que tinha próximo ao lago e estava muito bonito na época, por isso resolvemos chamá-la de Caminhada da Primavera. Teve também a retomada dos campeonatos de futsal e aquáticos que, no passado, existiam e ficaram parados por um longo período.



Mercedes Alves Mota

A funcionária Mercedes Alves Mota trabalha no CEFER há mais de 30 anos. É uma das funcionárias da secretaria atualmente, responsável por organizar os documentos dos alunos, atestados médicos, inscrições em cursos, entre outras atividades. Em seu relato fala sobre vários fatos, que incluem o relacionamento com o público, com os professores, o que mudou administrativamente com o decorrer dos anos, e várias situações curiosas. Sua entrevista foi concedida em janeiro de 2011.

RELATO DO FUNCIONÁRIO

Meu nome é Mercedes Alves Mota, nasci em Serrana, São Paulo, no dia 19 de abril de 1955, tenho 55 anos. Tenho até o segundo colegial completo, mas só cheguei até aí depois que entrei na USP, quando ingressei tinha feito apenas até o quarto ano, só depois consegui estudar.

Atualmente eu pratico pouca atividade física. Como meu trabalho aqui na USP é no setor da Educação Física, é onde eu iria para praticar, mas quando saio já quero ir direto para minha casa, não ficar aqui. Para mim, a vida já é uma atividade física.

Quando o CEFER começou a contratar, os primeiros funcionários que entraram aqui foram através das Unidades, das Faculdades, e este foi o meu caso. Fui contratada graças à Faculdade de Farmácia, mas logo que contratada, em 1981, já vim para trabalhar aqui, não trabalhei em outro lugar. Quando cheguei já havia um funcionário, além dos professores, que ainda eram de outras unidades, mas já estavam aqui no CEFER. Quando entrei, tinha uma função diferente da que tenho hoje, era o que hoje chamamos aqui de auxiliar de serviços gerais. Entrei para limpar o ginásio, pois não tinha ninguém com esta função. Logo depois entrou outro senhor, em seguida a Medicina doou outro funcionário e só depois de algum tempo é que passei a ser auxiliar de serviços gerais.

No início, quando eu ainda trabalhava aqui como faxineira, o CEFER tinha a quadra, que não era coberta como é hoje, e por isso caía muita sujeira, me lembro disso, pois muitas vezes eu acabava de limpá-la e já

tinha que limpar novamente, senão os professores não tinham condições de dar aula, e a quadra, por ser de taco, não podia ser lavada, somente limpa com panos molhados, mas tinha que ser limpa todos os dias. Dávamos manutenção à pista também, que primeiro era de terra, e só depois de um bom tempo passou a ser emborrachada.

O crescimento do CEFER se deu graças e juntamente ao crescimento da USP, que foi abrindo mais unidades, novos cursos e como os professores ainda eram contratados das unidades, isso acabou trazendo nove profissionais. Depois de certo tempo e de algumas mudanças, acabaram vindo todos para o CEFER, que ainda contratou mais uma professora, a professora Maria Angela, e foi a partir desse momento que o CEFER se tornou Centro de Educação Física de fato. Hoje, temos algo que já está se tornando um problema, alguns professores já se aposentaram, temos menos professores e mais alunos do que tínhamos. Por isso, necessita-se de mais salas de musculação e material para a sala de musculação.

Há alguns episódios que eu não esqueço. Um que nunca vou me esquecer, foi em uma das vezes que fui limpar aquelas quadras, eu estava “puxando” a água do chão, e um cara que ainda estava lá, tirou um revólver, pôs de lado, lavou a mão perto de onde eu estava, urinou na nossa frente e depois saiu. Teve também um rapaz, de Araraquara, que hoje é médico professor de cardiologia do Hospital das Clínicas, era um cara que só estudou em escola estadual, de família pobre, vieram de ônibus, com a mala, para ver se achavam um lugar para dormir, trouxeram um colchão de solteiro enrolado dentro do ônibus, então a mãe do garoto veio até mim e disse: “Eu tenho que ir embora, mas ele vai ficar”. Eu respondi: “Bom! Vocês vão lá conversar, se não der certo vocês voltam aqui, que eu dou um jeito de você dormir por aqui!”. A minha intenção foi levá-lo para dormir na minha casa até arrumar um lugar para ele ficar. A mãe ficou preocupada e eu acabei ligando para a Márcia, a assistente social, que arrumou um lugar para ele dormir. Naquele dia deram um jeitinho para ele dormir ali, com o colchãozinho que ele tinha trazido. Mesmo de família pobre, ele estudou, dedicou-se aos estudos, sacrificou-se do dia que ele chegou aqui até o dia em que se formou, eu sempre o via, e sempre sozinho, nunca bebendo, um cara consciente. Tem muitos alunos que acham que não precisam de nós, fingem que nem conhece,

mas tem outras pessoas que são gente boa, que não se esquecem dos outros, e a esses o que eu puder fazer, eu faço, dou até bronca.

Hoje, posso falar, já que dos meus 55 anos, há 30 eu trabalho aqui, que aqui é minha segunda família, posso afirmar que gosto muito daqui. Passei por tantas mudanças no CEFER, desde pequenas e estruturais, a organizacionais e tecnológicas. Antigamente, por exemplo, os eventos eram divulgados boca a boca, colocando cartazes, eu saía colocando os cartazes nos postes, nas casas, os pontos de ônibus, entregava folhetos; hoje, tem a internet que faz todo o nosso antigo trabalho de divulgação. Lembro-me de que quando tinham as manhãs de lazer, aos domingos, as pessoas vinham porque gostavam, as crianças vinham pintar, vinham famílias para passar o dia, ficavam aqui o dia inteiro, brincavam, jogavam bola, filhos brincavam com os pais. Isso faz falta. Dos dias das crianças aqui na USP, quando tinha bastante gente, tinha pintura, palhaço, crianças desenhando, escultura com argila.

Eu sou grata por todos esses anos no CEFER.



Nivaldo Donizetti de Oliveira

Nivaldo, trabalha no CEFER há mais de nove anos. Atua como salva-vidas há mais de 40 anos e revela sentir um grande amor pelo trabalho que faz. Em seu relato enfatiza o bom relacionamento entre os frequentadores da piscina do CEFER, tanto no que diz respeito aos professores quanto aos funcionários e alunos do *campus*. Concedeu sua entrevista em abril de 2011.

RELATO DO FUNCIONÁRIO

Meu nome é Nivaldo, nasci em oito de outubro de 1963. Sou nascido e criado em São Carlos, vivi lá até os 40 anos de idade. Minha formação é o segundo grau incompleto. O meu primeiro emprego como salva-vidas foi na piscina Municipal de São Carlos, onde trabalhei por mais ou menos quatro anos. Depois fui praticamente criado no SESI, porque praticava esportes, fazia natação, voleibol, atletismo. Então comecei a trabalhar no SESI e fiquei lá por sete anos como salva-vidas também. Saindo do SESI, em 2000, entrei no Clube da Polícia Militar em São Carlos e fiquei trabalhando lá por quatro anos.

Foi quando prestei concurso para salva-vidas do CEFER da USP de São Carlos, eram duas vagas. Peguei terceiro lugar, e fiquei aguardando a vaga. Como no CEFER da USP de Ribeirão Preto precisava de um salva-vidas urgente e não podia abrir um concurso porque era ano de eleição, puxaram a minha vaga e perguntaram se eu queria vir trabalhar no CEFER de Ribeirão Preto. Eu concordei e estou no CEFER já faz seis anos. Estou com 40 anos de profissão de salva-vidas. Já me perguntaram se queria mudar de profissão e eu não mudo, mesmo ganhando pouco. Porque gosto da profissão de salva-vidas, é a minha vida.

O CEFER é um ambiente muito bom para trabalhar com os amigos. É o melhor lugar que eu já trabalhei até hoje. Temos expectativa, eu procuro sempre estar fazendo cursos para me atualizar e para melhorar um pouco também.

O CEFER é um ambiente muito bom para trabalhar, muito tranquilo, muito diferente de clube. Valorizo o respeito que o pessoal tem por mim,

os alunos que frequentam e todo mundo. Por isso, a piscina é um ambiente totalmente diferente do que estava acostumado a trabalhar.

A maioria das pessoas que vem nadar na piscina do CEFER já sabem nadar e vem para treinamento, não é para diversão ou recreação como em clube. Não tem bagunça, não tem bebida. Agora, em clube, infelizmente o pessoal não era tão educado como é no CEFER.

O CEFER é um ambiente de trabalho, que oferece condições para eu poder treinar, mantenho a minha saúde e meu condicionamento. Os supervisores do CEFER me dão total liberdade para fazer atividade física frequentemente. Procuro tratar todo mundo igual no CEFER, desde o faxineiro até o professor, para mim são todos iguais. Lógico que obedeço a uma hierarquia dentro do trabalho, mas o respeito por todas as pessoas é o mesmo. Hoje em dia a principal modalidade esportiva que pratico é natação.

Participo principalmente dos eventos realizados na piscina do Centro Esportivo, mas já ajudei também na Volta USP, Caminhada da Primavera. Quando solicitam a minha presença nos eventos eu sempre ajudo pessoal do CEFER. Eu procuro fazer o máximo que posso dentro da minha função e seguir o que tem de ser feito.

Quando há competições na piscina eu ajudo na função de salva-vidas, e, às vezes, cronometro o tempo dos competidores. Sempre estou apoiando os professores quando realizam competição no CEFER, como também nas competições das Faculdades da USP e a competição do Intra *campus*.



Pedro Henrique Bartsch

Pedro foi auxiliar de serviços gerais no CEFER de 2011 a 2013. Trabalhou na secretaria do Centro sendo responsável pelos assuntos administrativos referentes às atividades que o CEFER oferece. Em seu relato ele fala sobre suas experiências esportivas, o funcionamento do CEFER e suas aspirações. Sua entrevista foi concedida em dezembro de 2012.

RELATO DO FUNCIONÁRIO

Meu nome é Pedro Henrique Bartsch, nasci em 23 de junho de 1984, eu tenho 28 anos, nasci em Ribeirão, onde moro até hoje. Estou cursando o nível superior em Ciência da Informação e da Documentação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

Sempre tive uma relação bem próxima com o esporte, desde pequeno, e esta começou devido aos meus problemas de saúde, e eu tive muitos. Principalmente problemas respiratórios e, graças a isso, eu estava sempre nas urgências e emergências do hospital, estava sempre tossindo, resfriado, gripado e em uma dessas ocasiões um médico disse: “O melhor remédio para esse menino é você jogar ele numa piscina... Por que ele vai ser tratado, mas o problema vai voltar, não tem jeito. Então o negócio vai ser pôr ele numa piscina...”, na época diziam que a natação era o melhor esporte possível. Depois disso a minha mãe me pôs para nadar, eu tinha uns sete ou oito anos, e desde então meus problemas de saúde melhoraram, quase que 100 por cento, principalmente os problemas respiratórios. Com essa história de nadar para melhorar a saúde eu cheguei até a treinar forte, a participar de competições, mas nunca a nível profissional. Nunca fui federado também, fazia mais para manter a saúde e acabei gostando. Hoje eu continuo nadando, embora tenha que dividir o tempo com o trabalho, com os estudos, os poucos minutos que sobram no dia eu dou uns pulos na piscina.

Por falar em trabalho, eu estou no CEFER há um ano e três meses mais ou menos, desde primeiro de setembro de 2011. Eu entrei através de concurso público para auxiliar de serviços gerais, que prestei, se não

me engano, em março ou abril de 2010. Como o nome já diz minha função é de auxiliar de serviços gerais, embora eu fique só com a parte administrativa. Para pegar peso, fazer manutenção tem um pessoal que é contratado para isso, então o meu serviço é, praticamente, ajudar o pessoal na secretaria.

O meu dia a dia de trabalho na secretaria, geralmente, é bem corrido, porque a quantidade de usuários, sejam funcionários, alunos, professores ou docentes, que frequentam o CEFER é grande, e todos eles precisam estar com a documentação em dia para poder frequentar o CEFER, seja com o atestado médico para pegar o selo para por na carteirinha ou fazer a carteirinha provisória, isso é função da secretaria do CEFER, o que acaba deixando o nosso dia a dia lá bem corrido. Os professores também estão sempre correndo, eles dão aula pela USP inteira, alguns dão aula de ginástica laboral, por exemplo, em vários setores da Universidade, eles não ficam somente no CEFER, e para que isso possa dar certo é necessário todo um trâmite administrativo, que cuidamos lá na secretaria. Porém, mesmo sendo corrido este é um trabalho prazeroso, que eu não trocaria por outro a não ser que este fosse muito interessante, por mim eu ficaria lá por um bom tempo. O pessoal lá é tranquilo, tanto os alunos quanto os professores, é um pessoal que vai lá para praticar esporte, que já vai com uma energia boa, com um clima bom, o que deixa meu ambiente de trabalho muito mais leve.

Em minha opinião, os eventos promovidos pelo CEFER, como a Caminhada da Saúde, a Caminhada da Primavera e a Volta USP são, em todos os sentidos, não só na promoção do CEFER, ou para a comunidade USP, ou para o pessoal de fora, mas para a promoção do esporte em si, de suma importância. As caminhadas estimulam, a pessoa participa a primeira vez e quer treinar porque no próximo evento quer estar melhor. Isso estimula a pessoa a praticar esporte, pois ela vê que o treino não é em vão, vai chegar na hora e ela vai desempenhar melhor, talvez chegar a receber medalha, troféu e as honrarias, ou seja, os eventos são um estímulo para atrair gente para o esporte e isso é ótimo, tanto para a Educação Física quanto pro CEFER.

O grande ponto de dificuldade do CEFER é quanto ao espaço físico, pois como a procura tem aumentado cada vez mais, a estrutura atual do CEFER não está comportando esse aumento, não que hoje essa estru-

tura seja defeituosa ou deficiente, não é, ela só não está comportando o volume da procura, justamente porque cada vez mais temos promovido não só eventos, mas os cursos que o CEFER oferece a cada semestre, e a procura tem sido grande. Acho que uma ampliação dos espaços, seja a academia, ginásio, piscina, quadras, seria muito bem-vinda agora, mas não por defeito, só precisa ampliar para comportar o volume de gente que está chegando. E essa, em minha opinião, é hoje a principal necessidade do CEFER, o aumento do espaço, para poder atender a demanda. Apesar de termos outras inúmeras necessidades, eu creio que seja essa a mais urgente.

Talvez assim, com as ampliações, nós possamos ampliar também os cursos para a comunidade externa. Não que sejam poucos, mas eu julgo interessante ampliar também os cursos não só pra quem é da USP, mas isso, infelizmente, nós do CEFER não damos conta, pois já está sendo difícil mantermos o atendimento para os usuários USP, o que dirá para a comunidade externa. Acho também que seria muito bom, em todos os sentidos, ampliar o atendimento aos usuários, mais cursos, horários mais flexíveis, para que a maioria das pessoas possa praticar esporte depois do trabalho também.

Acredito que estava faltando aqui na USP, e há muito tempo já, o curso de Educação Física, por isso eu vejo com bons olhos a criação da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, a EEFERP, porque o mercado referente a esta área está crescendo muito, as pessoas estão mais adeptas a praticar esportes, em busca da saúde, mais do que nunca. Atualmente, com a internet, o alcance da informação é amplo, ela é muito divulgada, qualquer pessoa tem acesso a qualquer tipo de informação, principalmente em relação ao esporte, os benefícios que o esporte traz, então é uma área que está crescendo, várias academias estão abrindo, coisa que há cinco, dez anos atrás não tinha em tão grande número, acho que isso mostra o quanto está crescendo, por isso acho que a criação da EEFERP é uma coisa que é muito importante, e ainda acho que deveria ter sido feita há mais tempo.



Sinval Avelino dos Santos

Sinval Avelino dos Santos foi técnico-administrativo no CEFER de 1979 a 1996. Graduiu-se em enfermagem, em 1979, pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, e em Educação Física, pela UNAERP, em 1992. Desenvolveu projeto relacionando o efeito da prática de exercícios no tratamento de pacientes psiquiátricos hospitalizados e deu continuidade a esse projeto em seu trabalho de Mestrado. É Doutor em Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Em seu relato, assinala o papel importante que a Educação Física e o CEFER tiveram em sua vida. Suas entrevistas foram realizadas em junho e dezembro de 2012.

RELATO DO FUNCIONÁRIO

Meu nome é Sinval Avelino dos Santos, nasci em 20 do abril de 1954. Tive a grata satisfação de nascer dentro do *campus* da USP de Ribeirão Preto, meu pai era funcionário da USP. Em 2015 faz 60 anos que estou no entorno do *campus* da USP de Ribeirão Preto. Hoje sou enfermeiro de profissão e também sou formado em Educação Física.

Durante a minha infância no *campus* da USP de Ribeirão Preto vivia correndo, andando pelo meio dos matos, pulava, corria, saltava, jogava bola, mas nunca como atleta. Até que com uns 12 ou 13 anos de idade um professor de Educação Física da escola me convidou para participar das competições colegiais na modalidade de atletismo. Eu não gostava de atletismo de jeito nenhum, queria fazer coisas coletivas. E foi muito interessante isso, porque eu gostava de jogar bola, mas nunca tinha ganhado uma medalha jogando bola. Na primeira competição de atletismo eu fui jogar bola e não fui competir, mas continuava sempre participando das aulas de Educação Física na escola. Atualmente consigo ver que foi importante o olhar desse professor de Educação Física, porque ele viu alguma coisa em mim. Então, na segunda competição de atletismo o professor foi na minha casa me buscar. Ele chegou com um fusquinha na minha casa e falou: “Hoje eu vim te pegar para você não deixar de ir à competição”. Então fui à competição de atletismo e aquilo foi uma delícia. O professor me inscreveu em três provas, adivinha o que aconteceu?

Ganhei as três! Aquilo já foi ótimo e depois tinha pão com mortadela e guaraná, pronto! Achei o canal, está encontrado!

E foi tão interessante tudo isso, porque naquela época eu estava com aquele sonho de ser jogador de futebol e jogava no infantil de um Clube de Ribeirão Preto. Então, com 14 anos eu treinava tanto futebol quanto atletismo. No mesmo dia ia ter jogo no Clube e uma competição de atletismo em Araraquara. Mas tinha um problema, eu tinha que ir jogar futebol e esse momento foi muito importante porque fui falar com o técnico de futebol do Clube: “Professor, tem uma competição de atletismo e não vou poder vir nesse jogo de futebol e tal”. Ele me chamou de lado e disse: “Você já ganhou muita medalha no atletismo, mas você já ganhou alguma coisa no futebol?”. Eu respondi: “Não”. E o técnico de futebol disse: “E vai ser difícil ganhar alguma coisa no futebol. Quantas vezes você já entrou jogando?”. Eu respondi: “Nenhuma, sempre entro no final do jogo”. Então o professor de futebol disse: “Tem um monte de moleque no time de futebol que é muito pior que você, mas o pai comprou a vaga, o pai deu dinheiro não sei para quem no clube, e esses moleques estão jogando e você no banco. Faz o seguinte, vai ganhar medalha no atletismo, você vai ser muito melhor lá do que vai ser no futebol. Porque você pode até ser bom no futebol, mas não vai a lugar nenhum do jeito que são as coisas aqui”. Essa conversa foi um alívio para mim, e, não deu outra, fui para Araraquara e ganhei o Campeonato Regional no atletismo e nunca mais voltei para o futebol. Do Campeonato Regional fui para o Campeonato Estadual e ganhei também. Com quatro meses de atletismo eu estava na seleção paulista disputando o Campeonato Brasileiro.

Eu fazia salto triplo e adivinha quem era meu parceiro de equipe? Quem foi campeão mundial? João do Pulo! Atleta negro, de Pindamonhangaba, que também corria descalço. Eu e ele erámos os representantes de São Paulo no Campeonato Brasileiro. Eu tinha 15 anos de idade e fui para o Rio de Janeiro por causa do esporte. Eu nunca tinha imaginado que sairia da cidade de Ribeirão Preto porque não tinha dinheiro, e com cinco meses de competição participei do meu primeiro Campeonato Brasileiro e consegui uma medalha de bronze. O João do Pulo foi segundo e outra pessoa ganhou. Aí o João do Pulo e o vencedor da prova foram para o Campeonato Sul Americano porque eram classificados só os dois primeiros da prova. Mas o João do Pulo e eu nos tornamos muito

amigos e ele realmente cresceu, foi campeão mundial. Depois do acidente que ele teve, o acompanhei várias vezes quando estava na região de Ribeirão Preto.

Competi profissionalmente durante 25 anos e com o tempo mudei a prova que competia no atletismo e me especializei em 400 e 800 metros. Fui recordista, ganhei Campeonato Brasileiro, fui para o Campeonato Sul Americano nos 800 metros. Cheguei a ser pré-selecionado para as Olimpíadas de Moscou, mas acabei ficando de fora por uma prerrogativa do Governo Federal do Brasil que aderiu ao boicote dos Estados Unidos às Olimpíadas de Moscou. Justo nas Olimpíadas que fui pré-selecionado para participar tive de ficar de fora junto com todos os meus colegas por uma decisão política do país. Isso foi uma questão de choro, foi a perda do sonho de um atleta. O sonho de um atleta é estabelecer e romper limites para chegar até o ápice, que é participar de uma Olimpíada e Campeonatos Mundiais.

Hoje eu entendo que foi necessário e importante fazer todo esse percurso. Porque me fez acreditar na condição de ser homem, de ser cidadão e o esporte me tirou realmente das ruas, me fez ser uma pessoa digna, que tem clareza e que tem decisão. Principalmente por ter sido do atletismo, porque no atletismo não se depende de ninguém, depende somente de você, você tem que ter o seu técnico, você tem que ter a sua equipe, mas se você não quiser chegar à frente, não tem como, ninguém vai fazer com que você chegue à frente.

Essas características me levaram para o enfrentamento da vida, que dependia de mim por ser de família muito pobre, meus pais eram analfabetos e foram funcionários da USP durante 35 anos. É muita emoção por tudo que a minha família e eu enfrentamos, por ser pobre, por ser negro, por achar que não tinha condição. Eu acho que o esporte fez isso na minha vida, na vida dos meus irmãos, todos nós temos uma profissão hoje em dia. Temos qualidade de vida por conta da origem no esporte e também das aberturas que a vida nos proporcionou. Mesmo o espaço que ocupei no *campus* da USP de Ribeirão Preto foi por ajuda de alguém que acreditou em mim. Mas eu fui ajudado pela atitude que eu tenho na vida, ninguém ajuda ninguém se não vê a oportunidade de se receber um retorno, não é? Então, eu agradeço às pessoas me ajudaram e que acreditaram nesse potencial e eu pude devolver. Essa trajetória de vida

me deixa emocionado porque a minha identidade perpassa por isso, que é acreditar que você é capaz de construir algo. Para fazer acreditar na vida e acreditar que a história realmente é uma história, não era uma coisa que existiu apenas, é uma coisa que foi constante e vem para comprovar. Essa é a minha identidade.

Comecei meus estudos no grupo escolar Doutor Getúlio Vargas, era uma escola de ensino fundamental que existia dentro do *campus* da USP antigamente. Depois fiz ensino médio e passei no vestibular na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP no ano de 1976. Prestei concurso público na USP e passei. Inicialmente trabalhei na Escola de Enfermagem, porque eu era aluno da instituição e na sequência fui transferido para o CEFER, fazendo o período de serviço noturno, onde fiquei de 1979 a 1996. O meu horário de trabalho no CEFER era das cinco e meia da tarde às dez e meia da noite, de segunda à sexta-feira, e aos sábados, das oito da manhã às seis da tarde.

No CEFER desempenhava o serviço de técnico-administrativo, porém ligado ao esporte. Durante o dia estudava na Escola de Enfermagem e me formei em 1979, continuei trabalhando no CEFER ao mesmo tempo em que eu comecei a trabalhar como enfermeiro na Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Como já vinha da área do esporte e cursava Enfermagem na USP tinha um olhar todo diferente para o funcionamento do CEFER. Na época ainda era atleta e treinava, disputava campeonatos no atletismo, então, trabalhar no CEFER foi interessante porque assim continuava na área esportiva.

Ajudava a organizar principalmente os campeonatos à noite, media a relação com os alunos e atléticas, e como tinha sido presidente de Atlético da Enfermagem tinha toda uma liberdade para tratar com as atléticas. Fazia também a administração entre os cursos que o CEFER oferecia na época e os dez professores de Educação Física que ministravam essas aulas no Centro Esportivo para os alunos matriculados. Além disso, era responsável por toda parte de recursos humanos, liberação de férias, trabalhava nos eventos promovidos pelo CEFER, sempre mantendo muita ligação com a Comunidade em termo de articulação, ideias de eventos, participações.

Mas, basicamente, sempre desempenhei a mesma função na área de administração, só que é claro que acabamos extrapolando. Porque nesse

período em que trabalhei no CEFER entrei no curso de Educação Física no ano de 1989, já que só trabalhava à noite na USP e já tinha terminado minha graduação de Enfermagem. O meu interesse em cursar Educação Física não veio apenas pelo CEFER, mas também porque era Enfermeiro de um Centro de Educação Física da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto e havia montado um ambulatório para atletas lesionados. Em função dessas duas necessidades fiz e terminei o curso de Educação Física, que me proporcionou um acréscimo na minha formação profissional, e também em função das minhas habilidades comecei a desenvolver algumas atividades no CEFER, assumindo algumas coisas práticas mesmo sendo contratado como um técnico-administrativo.

Nessa época trabalhava para a Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto também com atividades físicas que envolviam pacientes psiquiátricos. Por conta disso fui convidado pelo Hospital das Clínicas para desenvolver um projeto de atividade física com pacientes psiquiátricos internados. Portanto, o Hospital enviou uma solicitação para o CEFER desenvolver esse trabalho, sendo eu uma das pessoas designadas para ministrar essas atividades juntamente com um professor de Educação Física do CEFER. Eu era funcionário técnico-administrativo do CEFER, formado em Enfermagem e Educação Física, e duas vezes por semana ia até o Hospital das Clínicas para desenvolver esse projeto.

Isso tudo foi muito interessante porque esse mesmo projeto me levou à saída do CEFER e ao início do meu Mestrado. Então saí do CEFER e passei a trabalhar integralmente na Prefeitura Municipal juntamente com a minha entrada no Mestrado Multiprofissional na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. O meu projeto de Mestrado foi realmente concluir o trabalho que iniciei no CEFER com os pacientes psiquiátricos internados. Agradeço muito às chefias da época que me permitiram, mesmo sendo um técnico-administrativo, que eu desenvolvesse uma atividade essencialmente técnica na área da saúde dentro do CEFER, por conta das minhas habilidades e também por ser formado em Educação Física. Esse olhar possibilitou um crescimento dentro da carreira acadêmica.

Vou contar um lance muito interessante em relação ao meu ingresso no Mestrado da USP. Quando eu fiz meu primeiro pedido de Mestrado ainda era funcionário do CEFER e o pedido foi literalmente negado pelo

Prefeito do *campus*. Ele não permitiu que eu fizesse Mestrado porque considerava que para a função que desempenhava dentro do *campus* não era necessário Mestrado, mesmo já sendo formado em Educação Física e Enfermagem. Como sou um competidor nato, decidi pedir a minha demissão da USP e no ano seguinte fiz outra solicitação via Enfermagem para iniciar meu Mestrado.

Na época tive os professores Abel, Jether, Eliezer e Battaglion representando as chefias que passaram no CEFER enquanto era funcionário. É claro que nunca foi uma coisa muito tranquila, toda busca é uma construção. Tiveram algumas chefias mais tranquilas e outras mais com cara de chefia mesmo, do tipo que se ouve: “não pode fazer isso, não pode fazer aquilo”. Havia sempre as questões do exercício legal que gerava perguntas entre os professores de Educação Física do CEFER: “Mas o Sinval é funcionário técnico-administrativo do CEFER como ele pode estar fazendo esse projeto?”. Eram discussões que essencialmente não me tiravam o ímpeto de poder desempenhar as minhas obrigações com projeto, por isso sempre discutia com muita propriedade e tranquilidade. Além disso, também tinha alguns projetos com as atléticas. Treinei o time da Medicina de futebol de campo, o time da Enfermagem e treinava atletismo com a moçada. Ajudava a desenvolver campeonatos inter faculdades e sempre que o pessoal me chamava para dar uma força eu ia com o pessoal. Isso tudo eu fazia no CEFER. Portanto, todos esses projetos, atividades e funções que desempenhei no CEFER me deram bastante competência e habilidade, tanto na área da atividade física e do desporto quanto na área de organização, administração, escrever recursos na área de esporte.

Na época, eu lembro que fizemos até uma Comissão de Esportes do *campus* da USP de Ribeirão Preto. Essa Comissão se reunia sistematicamente para discutir as questões de rotina e eventos esportivos. Participavam representantes das atléticas, representantes da Comunidade USP, representantes do CEFER, representantes dos docentes, dos pós-graduandos. Então isso foi uma coisa muito legal criada quando eu ainda trabalhava no CEFER, hoje em dia essa Comissão não existe mais. Essa Comissão foi e ainda seria muito importante porque era um instrumento de interação e de construção com todas as categorias que permeiam o CEFER, ou seja, as áreas esportivas e de saúde. Eu acho que não tem

um saber de uma única categoria ou área de conhecimento. Para mim o saber é construído, então, quanto mais a gente permear esses campos de interlocuções mais o esporte ganha.

O CEFER foi a abertura para a minha vida acadêmica e profissional. Foi onde verifiquei que era possível agregar uma coisa estritamente técnica ao meio acadêmico, no sentido de você pesquisar e construir artigos. Considero que foi o CEFER que me levou para essa possibilidade de estar dentro da Universidade e de realmente construir com um projeto de Mestrado, com dados e o material que tinha na mão.

Até hoje frequento os cursos e o ambiente do CEFER, incentivo as pessoas que conheço dentro da USP frequentarem o Centro Esportivo. O CEFER tem um significado grande para mim. Primeiro porque foi uma oportunidade para eu concluir o meu curso de Enfermagem, porque naquela época só tinha as faculdades de Enfermagem, Medicina e Odontologia e nada funcionava de noite dentro do *campus*, apenas o CEFER. E depois porque trabalhando ali adquiri toda a instrumentalização que foi possível adquirir.

Na minha época era difícil ver as quadras vazias como eu vejo hoje no CEFER, com ginásio apagado, sábado e domingo o Centro Esportivo fechado. Hoje em dia, quando vejo o CEFER vazio, penso: “O que houve com a população que não frequenta mais o CEFER? O que houve com a pista, com o campo que eram áreas que sempre estavam ocupadas?”. Eu lembro que eu reservava os horários da quadra e aos sábados todos os horários estavam ocupados, das sete da manhã às dez e meia da noite. Claro que existia todo um trâmite para usar o campo de futebol, quadras externas, cobertas, de tênis do CEFER, até chegamos a organizar campeonato de tênis devido à alta procura dos frequentadores.

Hoje em dia vejo algumas contradições no CEFER. A comunidade da USP do *campus* de Ribeirão Preto aumentou demasiadamente na quantidade de cursos e alunos. No entanto, as praças esportivas são fechadas às oito horas da noite durante a semana, e não abrem aos sábados e domingos. Não entendo o porquê de não poder circular ou jogar bola dentro do CEFER. Acredito que é preciso existir outras entradas, porque os alunos estudam durante o período diurno ou noturno de segunda a sexta-feira. Justamente por esse motivo o tempo disponível que a maioria dos alunos tem para frequentar o CEFER são os dias de sábado, domingo e

feriado. No entanto, nos dias que eles têm disponíveis, sábado, domingo e feriado, o CEFER se encontra fechado.

Então, são esses tipos de situações que me dão um pesar ao ver o CEFER sendo pouco frequentado durante o seu cotidiano. Porque na nossa época eram 24 horas funcionando, era muito dinâmico e tinha a mesma vigilância. Fazíamos até um tipo de escala de plantão administrativo para, caso acontecesse alguma coisa, quem estava de plantão ia socorrer a pessoa que estava utilizando as dependências do CEFER. Hoje eu vejo que o CEFER era mais utilizado naquela época.

Um dos momentos marcantes que passei no CEFER foi a realização dos Jogos Abertos Paulista, realizados em 1982 na pista de atletismo do CEFER. Quando fui finalista dos 400 e 800 metros, correndo na minha própria casa, no local onde trabalhava, correndo para o Brasil todo ver. Estava correndo ao lado da casa onde nasci. Eu morava ao lado do CEFER, naquela casa ao lado da piscina, ela existe até hoje. É importante resgatar que antes se corria numa pista que era de terra e de repente tem uma pista de material sintético. Corri em nome de uma cidade, disputando diversos campeonatos.

O segundo momento marcante foi na minha defesa de Mestrado, quando fiz na Escola de Enfermagem me reportando ao CEFER. Foi muito marcante para mim essa possibilidade de alguém que começou como um simples escriturário, de repente estar numa Universidade sendo intitulado como professor da própria Universidade. Então, esses dois momentos foram muito distintos e marcantes.

Inicialmente os eventos eram apenas com os alunos mais relacionado a competições. Então, tinha a competição do calouro, todo ano nós fazíamos essa competição, depois o Intracampus era mais famoso e depois também teve outra competição que chamava InterUSP, eram os jogos entre os vários *campi* da USP e acontecia por todos os *campi*, cada ano era sediada num lugar. Havia também os interclasses da Medicina, cada curso com a sua característica. O da Medicina, por exemplo, fazia competição em várias modalidades, por que eram turmas muito grandes, enquanto outros cursos faziam competição apenas em algumas modalidades, como futebol de salão, voleibol, xadrez.

Depois, quando já estava na época de 1990 começaram a ser realizados os eventos de promoção à saúde, Caminhada da USP, a Corrida

da USP e esses eventos foram crescendo porque o *campus* foi crescendo bastante também, e o CEFER foi se adequando ao perfil das atividades ligadas à promoção da saúde, promovendo eventos para as populações em geral. Então isso foi um grande acontecimento e um grande crescimento para o CEFER. As pessoas esperavam mesmo que acontecessem os eventos como a Caminhada da USP e a Volta da USP. Tiveram dois anos seguidos que nós fizemos a pescaria no lago, então, fez lá uma manhã de pescaria com todas aquelas coisas. Em conjunto inclusive com a Biologia, nós deixávamos três meses sem ninguém estar pescando para depois se abrir para a pescaria, aí ficava das oito e meia até as onze e meia e depois fazia lá a competição do maior peixe, do peixe mais pesado, o menor peixe, enfim, várias coisas. Foram atividades que o CEFER desenvolvia bastante.

Fazíamos também a colônia de férias e em seu início era aberta a crianças de toda Comunidade USP, podia ser filho de aluno, de professor, de funcionários e até recebia gente de fora da USP se houvesse vaga. A colônia de férias envolvia atividades com crianças no CEFER, acompanhada ou não pelos pais. Eu presenciei quatro colônias de férias, que era praticamente uma semana e no último ano nós fizemos uma dormida de férias, as crianças dormiram onde que é o Bloco B do CEFER, nós arrumamos os colchonetes para elas. Foi uma maravilha as crianças virem e dormirem aqui dentro do CEFER, foi muito legal.

Depois, por questões de verba ou por alguma outra coisa, eu sei que teve um ano que não teve, no outro ano não teve porque alegaram que não havia verba e então acabou a atividade da colônia de férias. Era uma coisa que funcionava legal no mês de janeiro e era esperada, principalmente por quem morava dentro do *campus* e tinha criança, porque não tinha creche, não tinha nada, e a colônia de férias era uma semana de atividades que a criança vinha de manhã e ficava até à tarde com os professores, com os monitores.

Há uns quatro ou cinco anos houve um evento no qual o CEFER reconhecia os esportistas que fizeram história em Ribeirão Preto. Fazia um levantamento histórico de quais eram os esportistas e de quem estava na cidade, depois fazia um agradecimento. Enaltecia principalmente os esportistas que tivessem saído da Universidade, que tivesse sido aluno. Resgatava muita coisa, conhecia histórias, era muito legal.



Figura 9. VIII Caminhada da Primavera. CEFER USP Ribeirão Preto. 2013.

A maior dificuldade do CEFER sempre foi a falta de recurso financeiro, de uma verba própria de financiamento, porque o Centro Esportivo sempre dependeu de recurso da Prefeitura do *campus*. A Prefeitura do *campus*, por sua vez, tem outros diversos setores para administrar e aplicar os recursos, no fim das contas se sabe que área do esporte é a primeira atingida quando se faz cortes e a última a ser beneficiada quando se disponibiliza verba.

Então, o que falta é ter um viés financeiro próprio para que o CEFER possa realmente ter a possibilidade de fazer acontecer, porque, para cada evento que o Centro Esportivo vai fazer, tem que submeter à apreciação da Prefeitura do *campus*. Acredito que precisaria ter um caminho já traçado para solicitar verbas e isso ajudaria inclusive a organização, saber que nós, do CEFER, teremos x eventos, x atividades e já temos uma verba para isso acontecer. Para não ficar essa dependência, como me lembro de que há uns dois anos havia, uma discussão para fazer o Intracampus, que não aconteceu porque não havia verba suficiente para acontecer. Os alunos também não tinham verba para pagar a arbitragem

e havia uma série de coisas. Por isso, eu acho que o CEFER tem que ter propriedade, para ter a possibilidade mínima de poder andar, falta uma parte financeira do CEFER.

A maior necessidade do CEFER é ter primeiro uma quadra adequada, um setor esportivo mais adequado porque o *campus* como um todo cresceu muito. Hoje em dia o CEFER só tem uma quadra que não é oficial para nada, a não ser para jogos de vôlei e basquete, lembro-me disso porque na época dos Jogos Abertos nós verificamos as estruturas do CEFER e só podemos jogar vôlei e basquete. Não podemos trazer outros eventos para o *campus* porque o CEFER não tem arquibancada, não tem vestiários, no fim, o próprio *campus* fica sem novas perspectivas. Realmente falta um ginásio poliesportivo.

Ou seja, a grande necessidade do CEFER é ter condição de ser um polo esportivo melhor para que possa trazer eventos agregados à Comunidade. Acredito que a forma de participação como o CEFER se insere na estrutura organizacional do *campus* da USP de Ribeirão Preto como um todo pode ser melhorado. Da forma como está organizado, o CEFER é um setor da Prefeitura do *campus* e só quando alguém precisa vai lá. Portanto, o CEFER ganharia com esse viés da promoção da saúde, da qualidade de vida, da competição, de tudo, por isso eu acho que ele precisaria estar mais bem instituído dentro do organograma do *campus*.

Por exemplo, o CEFER tem a única pista de atletismo oficial de 400 metros do município de Ribeirão Preto, mas basicamente não se faz competições oficiais lá porque existem alguns entraves. E por incrível que pareça fazer um campeonato de atletismo é muito simples porque as Federações trazem tudo que é necessário. No entanto, não se permite fazer as competições no CEFER. Por isso que eu falo, o CEFER precisaria ser mais bem caracterizado e instituído dentro do *campus* da USP de Ribeirão Preto, ou já que o CEFER é um setor da Prefeitura do *campus* que atende toda estrutura do *campus* deveria ser mais bem inserido e receber o devido reconhecimento.

Para tanto acredito que a melhor sugestão é a participação popular para que toda comunidade USP saiba o que realmente é o CEFER e poder utilizá-lo cotidianamente. Participação popular é conscientizar a comunidade para que ela realmente saiba que o lazer é possível, que a competição é possível. Agora, se ficarmos só focando o objetivo da Uni-

versidade, que é pesquisa, ciência, então, cada um vai ficar no seu mundinho, só que em algum momento a pessoa lembra: “Será que eu posso ir correr? Será que eu posso ir nadar? Será que eu posso?”. Por tudo isso eu entendo que o CEFER precisa ser instituído, caso contrário, dificilmente vai ser inserido no cotidiano da própria comunidade USP. O que acontece é que o CEFER acaba respondendo apenas a algumas necessidades muito pontuais. Então, tem um grupo que gosta, vai lá, exige e consegue. Depois que esse grupo sai, aquilo morre. Por isso que eu falo que falta uma participação da comunidade na organização do CEFER. Por isso que acredito que muita coisa vai crescer quando houver uma maior participação da população dentro das decisões do CEFER, conseguindo confluir os diversos interesses dos segmentos, podendo discutir na perspectiva da qualidade de vida, da promoção da saúde, da manutenção da saúde, envolvendo também cursos de Fisioterapia e de Educação Física para que o CEFER seja utilizado mesmo. Para dar certo nós temos que fazer o quê? Experimentar. Tem que sentar numa roda, “Mas isso dá trabalho?”, dá trabalho mesmo, assim como qualquer coisa dá trabalho.

Mas eu acho importante fazer essa participação popular acontecer de fato, eu saber o que você pensa, o que ele pensa, o que o outro pensa, não ficar só no que eu penso na minha necessidade. Por exemplo: “Se eu gosto de jogar futebol, então, só vou brigar pelo campo de futebol”. Acho que tem que pensar no todo: “Mas o que tem ao lado do campo de futebol? Tem uma pista de atletismo e o que pode fazer ao lado desta pista?”. Entendeu? São questões coletivas que envolvem necessidades individuais.

Antigamente cada Faculdade tinha seus professores de Educação Física contratados. A Faculdade de Medicina tinha dois professores, a Odontologia tinha dois, a Filosofia tinha dois, a Escola de Enfermagem tinha dois. Então, os professores iam para o Centro de Práticas Desportivas ministrarem as aulas obrigatórias de Educação Física e depois voltavam para suas respectivas Unidades. Porque em 1978 o Centro de Práticas Desportivas era ligado à Faculdade de Medicina. No final de 1970, com uma reformulação na estrutura organizacional da Prefeitura do *campus* passou a ser criada uma seção denominada de CEFER, que incorporou toda a estrutura esportiva do *campus*. Os professores de Educação Física foram transferidos das Unidades para a recém-criada seção do CEFER.

Consequentemente se constituiu um corpo de professores de Educação Física, um ou dois funcionários administrativos e dois ou três funcionários da manutenção, que já existiam no local e faziam a limpeza do ginásio, dos banheiros. Todos esses funcionários foram agregados à seção CEFER.

Lembro que eu pulava a janela do CEFER para jogar bola quando era criança e a gente fugia do cara que tomava conta do lugar. Ele falava que o ginásio era só para estudante de Medicina, porque só existia a Escola de Medicina no *campus*. Quando fechava o ginásio às cinco da tarde pulávamos a janela de noite para jogar bola. Só depois que cresci que fui vendo que havia outras questões envolvidas, mas o CEFER começou assim. Antigamente a Educação Física era uma disciplina obrigatória no currículo das Unidades, inicialmente, tinham dois anos obrigatórios de Educação Física. Depois passou a um semestre obrigatório e os outros semestres a prática opcional, por fim a disciplina passou a não ser mais obrigatória, apenas tendo a prática desportiva opcional.

Neste momento é que começa a se configurar o CEFER como conhecemos, porque começa a instituir cursos livres de modalidades esportivas e práticas de atividade física, vôlei, futebol de salão, natação. Eu penso que a Educação Física no terceiro ciclo deveria ser incentivada pelos cursos de Graduação. Devia ter alguma prática opcional que trouxesse para o aluno sua promoção de saúde através de práticas desportivas. Eu penso que deveria ter alguma exigência mínima em todos os cursos para que pelo menos em um semestre o aluno se aloque a uma prática de atividade física e que isso passe a contar em sua grade curricular. No caso, seria opcional, mas o aluno tem que fazer a atividade física com a possibilidade de escolher o que ele gostaria de fazer dentro da oferta de atividades do CEFER.

Mas como a Educação Física já foi fragmentada e fracassada no ensino primário e médio fica evidente que, quando chega ao nível superior, o aluno já não tem noção nenhuma de prática de atividade física. Por isso não é no terceiro nível que o aluno vai pegar gosto pela Educação Física. Então a Educação Física deveria ser mais incentivada, deveria ter uma perspectiva no ensino universitário.

Espero que haja uma aproximação entre o curso de Educação Física e o CEFER para que algumas coisas sejam viabilizadas e penso que,

para que isso ocorra, os líderes dessas instituições precisam se aproximar mais. Eles não podem competir, apesar de ser legal a competição, devem ter um bom senso para que a área da Educação Física, tanto a Escola quanto o Centro Esportivo se fortaleçam e prosperem ainda mais.

A criação da Escola de Educação Física e Esporte era um sonho antigo para o *campus* de Ribeirão Preto e contou com a participação de diversos líderes do CEFER. Mas realmente faltava o curso de Educação Física no *campus*, pela importância da atividade física, faltava esse complemento.

Só acho muito ruim esse curso ser essencialmente diurno, porque assim ele fica muito aquém da entrada da população. Quem pode ficar o dia todo estudando durante quatro anos? Então a EEFERP é de difícil acesso, mas, essencialmente a Escola é bem-vinda e se faz necessária. Também é necessário, a meu ver, sair um pouco dessa essência só do bacharelado. Acho que a Escola tem de ir para o campo da licenciatura também, porque é muito ruim não trabalhar com as crianças, não trabalhar com a perspectiva do ensino infantil, fundamental e médio. Todos os outros cursos de Educação Física estão oferecendo as duas possibilidades, de licenciatura e bacharelado.

Com certeza a EEFERP é bem-vinda, faltava mesmo uma Escola Pública de Educação Física na região de Ribeirão Preto. Outro ponto positivo são os complementos que a Escola pode oferecer como cursos de especialização, curso de Mestrado na área específica da Educação Física. Por exemplo, fatalmente fui fazer o Mestrado na Escola de Enfermagem porque não havia Mestrado na área da Educação Física nem a Escola de Educação Física para cursar. A existência da EEFERP dá amplitude para você fazer a sua carreira acadêmica bem mais direcionada para área.

Acredito que, a médio prazo, a distância entre as duas Unidades esportivas vai se diluir. Já estão se aproximando, os técnicos novos de Educação Física do CEFER estão participando de grupos de estudos na Escola de Educação Física, assim como o professor Átila. Acredito, também, que uma solução para aproximar esse relacionamento entre o CEFER e a EEFERP seria a construção de um Fórum de Discussão permanente, que incluía alunos, docentes e técnicos do CEFER. Eu acho que todo mundo iria ganhar com esse Fórum de Debates, porque se o uso do CEFER ficar baseado apenas em diretrizes e normas fica muito difícil de conciliar as opiniões e decisões, caso contrário, um escreve uma norma e o outro

fala: “Essa norma eu não vou cumprir”. Essa situação é um perigo, por isso tem que haver aproximação entre os usuários frequentadores do CEFER e a própria organização do setor. Eu acho que a Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto dá muita força para o CEFER ser mais reconhecido no *campus*. Talvez até seria possível formar um Instituto de Educação Física para o CEFER não ser apenas uma seção essencialmente técnica ligada à Prefeitura do *campus*, que venha a ter mais voz, ação e autonomia.

O que acontece com o CEFER é que a seção fica muito personificada, de acordo com o perfil da pessoa que está ocupando o cargo de Prefeito do *campus*, fica muito difícil depender de pessoas que podem ou não gostar de esporte e Educação Física. Por isso, nesse momento, a agregação entre a Escola de Educação Física e o CEFER se faz necessária para dar mais força para a área no *campus*.

Deveria haver mais incentivo para a população utilizar o CEFER, sua piscina e suas quadras de forma constante. Para isso, temos que sair de um paradigma comercial de funcionamento de segunda à sexta-feira, apenas das oito às dezessete horas. É preciso entender que tudo que é lazer e recreação acaba sendo realizado fora do horário de estudo ou trabalho. É necessário motivar e incentivar as pessoas para cheguem ao CEFER e pratiquem alguma atividade física, é necessário oferecer horários diferentes, atividades que aconteçam aos sábados e domingos para a população poder vir com seus pares, muitas vezes a maioria das pessoas não tem nem clube para ir. Por isso acho que essa aproximação com a população é necessária e é uma das funções do CEFER, mesmo dando trabalho. Às vezes não é nem o CEFER, às vezes até a Prefeitura do *campus* que acaba determinando a gerência do mesmo sem seguir uma coerência nas decisões. Podemos tirar como exemplo o mais recente fato de ser rigidamente necessária a apresentação da carteirinha da USP para entrar na portaria do CEFER. Eu acho que em algum momento temos de ser identificado, mas que não podemos fazer dessa identificação uma regra rígida. Porque sabe o que tem acontecido muito? Você 350 vezes na portaria, o dia em que você esquece a carteirinha, o porteiro diz: “Hoje você não entra no CEFER”. Em minha opinião, isso é um contrassenso, a pessoa deixou de ser cidadão para ser o quê? A carteira dele. Isso não pode haver, mas houve vários barramentos de alunos. Já me barraram.

Um dia esqueci minha carteira da USP e o porteiro barrou a minha entrada, então falei: “Você está de gozação?”, e o porteiro respondeu: “A ordem aqui é não deixar entrar se não apresentar a carteira da USP”. Nessa hora passou outro funcionário do CEFER e falou para o porteiro: “O Sinval é um dos criadores do CEFER”, e o porteiro continuou a cumprir a ordem. Então, como sou insistente, e liguei na hora para o celular do atual supervisor do CEFER e falei: “Estou proibido de entrar no CEFER porque eu esqueci a minha carteira da USP”, e o professor respondeu: “Mas quem que te proibiu?”, “O porteiro”, eu falei. Então ele pediu para falar com o porteiro para liberar a minha entrada no CEFER. Falei francamente para o então supervisor: “Mas eu não queria que fosse assim, porque eu tive essa possibilidade, mas e quem não te conhece? Como é que ele vai entrar aqui?”.

Tratam-se de certos pragmatismos que num ambiente esportivo não pode acontecer. Concordo que todas as pessoas tenham que ser identificadas, mas acho necessária certa flexibilidade na regra. Afinal de contas, há várias outras formas de identificar a pessoa, podendo até anotar o nome do indivíduo e depois orientar a trazer a carteira da próxima vez que vier ao CEFER. Tenho percebido que o cumprimento rígido de uma ordem como essa tem causado muito conflito. Porque o Centro Esportivo não pode simplesmente criar regras e os funcionários terceirizados as cumprem sem nenhuma orientação mais específica. Então, o que falta? Falta uma gestão mais horizontalizada, falta treinamento e bom senso para algumas questões. Porque o aluno que gosta de esportes vai passar no CEFER 300 mil vezes por dia.

São esses conflitos que acontecem que acredito que podem ser melhorados por meio da criação de um Fórum de Discussão para essas questões serem resolvidas. Mesmo havendo mudanças, em função do fechamento da Universidade com a construção de muro daqui e muro dali, tem que haver certa flexibilidade, tem que haver diálogo. Antes de se criar uma regra é necessário discutir o porquê da regra, porque depois que se cria elas e perpetua pelo tempo e pode acabar complicando tudo. É um pensamento meu.

A mensagem que deixo é primeiro poder promover esse diálogo, no sentido de construção. Se isso pudesse ser feito com mais pessoas que também tiveram histórias dentro do CEFER seria interessante. A minha

construção interna se deu por esse entendimento do que era a Universidade, do que era tudo que vivia dentro do *campus*; pude pegar toda essa experiência e fazer dela o meu futuro. Portanto, acho importante fazer o resgate histórico da vida das pessoas que passaram parte de sua vida no CEFER.

Acredito também que temos de sair da rigidez das regras, das crenças, dos valores para estar sempre apto a fazer diálogos, diálogos que às vezes não serão fáceis, mas os resultados são prazerosos. Essa é a mensagem que deixo, e muito obrigado por essa oportunidade de mostrar um pouquinho da minha história.



Thiago Brunelli de Oliveira

O funcionário Thiago é formado em Educação Física pela UNAERP e desempenha a função de salva-vidas no CEFER, desde junho de 2011. Em seu relato ele narra o que o motivou a cursar Educação Física, o dia a dia no CEFER, o relacionamento com os professores e frequentadores do Centro, entre outros fatos. Sua entrevista foi concedida em dezembro de 2012.

RELATO DO FUNCIONÁRIO

Meu nome é Thiago Brunelli de Oliveira, nasci no dia 9 de dezembro de 1986. Sou formado em Educação Física pela Universidade de Ribeirão Preto. Sou nascido e criado em Ribeirão Preto, sou casado e tenho um filho chamado Miguel.

Eu tenho uma ligação com a Educação Física desde quando era pequeno. Sempre pratiquei atividades, esportes, comecei no karatê. Mas como tinha asma comecei a fazer natação, o que melhorou bastante minha saúde. Continuei na natação até os 16 anos de idade e já pratiquei corrida e polo aquático, mas nunca mais saí do esporte. Até que fiz Faculdade de Educação Física por conta de toda essa história de vida.

Inclusive, a natação que fazia era na piscina do CEFER com professor Abel. Era um curso de natação que existiu há muito tempo no CEFER. Era oferecido para crianças que sofriam alguma insuficiência respiratória. Foram cinco anos de curso de natação que me possibilitaram desenvolver uma boa condição física. Eu era muito pequenininho e a natação me abriu muito os pulmões. Forneceu uma qualidade de vida muito melhor para mim, só tenho a agradecer.

Neste curso havia muitas crianças, de nove aos treze anos de idade, ele era dividido em dois períodos, de manhã e de tarde. Se não me engano quem tinha a possibilidade de fazer este curso no CEFER eram filhos de funcionários ou quem tinha algum vínculo com a Universidade na época. Por fim, esse curso acabou se extinguindo, porque era uma parceria entre a Faculdade de Medicina e o CEFER, viabilizado através do projeto de Mestrado de um aluno da Faculdade de Medicina juntamente

com o trabalho dos professores de Educação Física do CEFER e as crianças matriculadas no curso. Mas quando o aluno de Mestrado se formou e foi para outro lugar, o curso para crianças com problemas asmáticos acabou, foi encerrado.

O CEFER significa muito pra mim. Sempre o vi com bons olhos, e ter a possibilidade de trabalhar como salva-vidas na piscina do Centro Esportivo é muito gratificante, sinto-me privilegiado. Prestei concurso público no ano de 2011. Fiz provas objetivas, práticas e consegui passar por todas essas etapas e ser efetivado no CEFER desde junho de 2011. A função que desempenho é de salva-vidas, profissão que gosto muito porque envolve salvamento aquático e primeiros socorros, que considero muito interessante. Além disso, sempre gostei de água, então acabei fazendo o curso de guardião de piscina.

Quando comecei a trabalhar, receberam-me no CEFER com braços abertos, incluindo os meus colegas de trabalho salva-vidas. A relação com os professores de Educação Física também é muito boa e amigável, assim como é com todos os funcionários. São todos generosos uns com os outros. O clima entre nós funcionários é bem gostoso.

A rotina dos salva-vidas na piscina do CEFER funciona no período das sete da manhã às 22 horas, então nos revezamos durante esse período. A piscina é muito segura para os banhistas, por conta das raias, e estamos sempre procurando orientar o pessoal a tomar cuidado, a sempre alongar antes do treinamento para não ter câimbras, a tomar cuidado com o sol, a passar proteção solar, isso tudo.

Eu entrei em uma época que a piscina estava em reforma, não fizeram mudanças drásticas na estrutura da piscina, mas a melhoraram. Fizeram o acesso para cadeirantes, que faltava. Mexeram em toda parte danificada que havia na piscina, como azulejos quebrados e infiltrações.

A piscina é bem aberta e fica bem a vista, mas mesmo assim é preciso divulgá-la para o pessoal e abri-la para o maior número de pessoas possíveis, para não ficar limitado apenas às pessoas de dentro da USP.

Nós, salva-vidas e funcionários, procuramos sempre colaborar com os eventos que o CEFER promove, acho que são de extrema importância para a população porque são eventos orientados por professores da área, por pessoas que entendem de Educação Física. Além da promoção da saúde, procuramos causar uma pequena mudança na cabeça das pesso-

as, fazendo com que vejam que a atividade física serve como um efeito natural para melhorias da saúde como um todo. Em minha opinião, os eventos poderiam ser mais frequentes, acho que o espaço entre um e outro evento ainda é muito grande.

O espaço físico do CEFER poderia ser melhorado, renovado por inteiro, mas como a maioria dos prédios são patrimônios históricos fica difícil adequá-los ao que realmente precisa ser feito. Então, em minha opinião, a maior necessidade do CEFER é uma melhor adequação e aproveitamento de seus espaços.

Fui contratado pelo CEFER em uma época de ascensão do Centro em relação à USP toda, espero que daqui pra frente haja só melhorias e inovação. Melhorias na estrutura, nos locais de trabalho, essas coisas.

A criação da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto foi muito boa, era preciso ter essa área no *campus* da USP, ainda mais com toda essa manifestação da população em querer promover a saúde. Acredito que serão formados bons profissionais na área, pois o grupo docente da Escola é muito bom. A relação da EEFERP com o CEFER também é muito boa, e a piscina está disponível para uso das aulas da EEFERP. Então, não tem o que se questionar muito.

A perspectiva que tenho é que haja troca de informações entre a Escola e o CEFER, já que ambos trabalham pela Educação Física ou para a Educação Física. Os docentes da EEFERP vêm para o CEFER ministrar alguma palestra e os professores do CEFER vão até a Escola para dizer como funciona o Centro Esportivo. A perspectiva que tenho é de união, de uma relação íntima entre as duas instituições.

A expectativa que tenho em relação ao meu trabalho é de crescimento, melhorar a qualidade do serviço que estou prestando no CEFER e acredito que a Universidade vai dar suporte para o crescimento profissional. E a mensagem que deixo é para que se pratiquem exercícios e atividades.



Yuri Rodrigues

Yuri trabalha na secretaria do CEFER, desenvolvendo funções administrativas decorrentes do dia a dia. É formado em Comunicação Social pela UniSEB desde 2010. Em seu relato, narra fatos relacionados ao seu dia-adia, às rotinas do CEFER, seu envolvimento com atividades físicas e esportivas, os eventos organizados pelo CEFER, estrutura física e aspirações futuras. Concedeu sua entrevista em dezembro de 2012.

RELATO DO FUNCIONÁRIO

Meu nome é Yuri, tenho 23 anos, nasci em 1989, sou daqui de Ribeirão. Publicitário de formação, trabalho na secretaria do CEFER há um ano e meio. Minha função é bem ampla, desde o atendimento de alunos à elaboração das grades dos cursos todos os meses, os planejamentos do semestre e atendimento de pedidos diversos dos professores.

Desde a minha adolescência pratico esporte, eu sempre gostei. Comecei a praticar porque queria uma atividade e achava natação era legal. Teve até uma época, por volta dos meus 12, 13 anos, que eu competia em natação, treinava todo dia. Parei para começar a trabalhar, e, agora, há uns dois, três anos atrás eu recomecei. Desta vez é para tentar manter a saúde. Comecei a correr e foi então que restabeleci essa minha relação com a Educação Física. Apesar do objetivo principal ser uma vida mais saudável, acredito que a veia competitiva ajuda a manter o ânimo para continuar praticando, treinando e até competindo. Atualmente eu pratico a corrida, a natação e o badminton.

O CEFER é um dos setores, em minha opinião, mais legais do *campus*, porque é um lugar onde as pessoas não vão de mau humor. Todo mundo que frequenta está ali porque quer praticar um esporte.

Temos um grupo de corrida que se chama Pegasusp e nós vamos competir em algumas provas aqui perto. Esse ano fomos para a Volta USP de São Paulo e para a Volta USP de Bauru para representar a USP de Ribeirão. Sempre alcançamos alguns resultados, o Filipe e a Flavia, por

exemplo, estão sempre conseguindo lugar no pódio, troféus, medalhas. Somos uma equipe bastante competitiva.

Eu prestei um concurso administrativo para ingressar como funcionário da USP, e quando fui chamado para a contratação havia duas vagas, aqui no CEFER e na biblioteca. Na época eu pensei, olhei os dois e, falei: “Acho que no CEFER vai ser mais legal para mim...”, e de fato foi. O CEFER é um lugar muito bom, é bonito, tem muito espaço, e foi assim que eu fui parar lá.

Eu acredito que os eventos promovidos pelo CEFER são muito importantes, porque acabamos agregando, e muito, à população, comunidade externa, comunidade interna, em torno de um único objetivo: a prática do esporte, algo saudável. Promovemos a caminhada, que tem uma grande participação da comunidade externa, temos a Volta da USP, que é um evento grande onde conseguimos colocar 700 pessoas correndo aqui no *campus*. Fora os outros eventos, como o campeonato de natação e o de futsal, masculino e feminino, que também reúne muita gente, há vários outros eventos durante todo o ano.

Geralmente eu exerço algumas das funções administrativas referentes ao evento. Por exemplo, na Volta USP eu fiquei no guarda-volumes, mas antes testei os dois percursos, o de cinco e o de dez quilômetros, no sábado anterior à corrida. No revezamento aquático, participei nadando também, mas os outros eu ajudo para que dê tudo certo no final.

A Volta USP, nós sempre conseguimos encher, e a caminhada, geralmente, batemos a nossa expectativa de público. Ainda assim, acredito que os cursos poderiam ser um pouco mais divulgados, porque apesar da maioria lotar muito rápido, como o pilates, o aerofit, há práticas que poderiam ser mais bem divulgadas até entre os alunos mesmo.

Nós estamos com alguns projetos de reformas de espaços, como do Bloco C, o antigo bandeirão, como a construção de um ginásio novo onde ficam as quadras de tênis. Por enquanto trabalhamos com o espaço que temos, mas este já está muito saturado, queremos nos expandir para atendermos a demanda dos alunos. Eu acho que a maior dificuldade do CEFER é o espaço, ou a falta de espaço para tudo que tem que se realizar, temos muito pedido para eventos, para realizar competições entre alunos, até mesmo para cursos que precisamos abrir e não tem horário. O problema que temos mesmo é a falta de espaço.

Já a parte administrativa, acho que funciona, temos uma organização boa de trabalho, entre todo mundo que trabalha no administrativo. Cada um tem as suas funções, apesar de cada um participar das funções do outro. Conseguimos ir bem assim, não temos grandes problemas nem desentendimentos entre nós, ou seja, funciona.

A relação entre a EEFERP o CEFER é muito boa, passando, por exemplo, pelo programa de ginástica laboral que tem os estagiários da EEFERP e aulas práticas de graduação da EEFERP acontecem aqui. Acredito que essa relação só tende a se estreitar.

Eu pretendo crescer dentro do CEFER. Não sei por quanto tempo eu ainda vou estar aqui, porque é tudo muito rápido na USP. Mas imagino que o CEFER crescerá bastante e que poderei acompanhar esse processo por dentro. Não acredito que ficarei 40 anos no CEFER. Esse título é do Abel e ninguém vai tirar dele. O meu dia a dia de trabalho no CEFER é de muito atendimento aos alunos, tem o pessoal do programa da terceira idade, atendimento ao telefone, sou eu que coloco as informações no site, sou eu que controlo as frequências de cursos, inscrições. Então o meu dia a dia é bem movimentado, principalmente na parte da manhã, que é o horário em que eu fico.

A relação do CEFER com a comunidade externa é uma relação bem forte. Sempre teve muita frequência desse público externo, principalmente da terceira idade, que tem muito interesse em manter a qualidade de vida. E nós temos diversos cursos voltados à comunidade externa e que são muito concorridos, como, por exemplo, os cursos do Átila, que tem muita procura por parte da comunidade da terceira idade.

O CEFER hoje, em minha opinião, é o grande trunfo da Prefeitura da USP, porque atende usuários de todas as Unidades, de apoio, alunos e funcionários, e a procura hoje em dia é muito grande, já que vivenciamos um momento em que todo mundo está procurando um esporte para praticar.

DE UMA HISTÓRIA ORAL A UMA PSICOLOGIA DO EXERCÍCIO: LIÇÕES NO COTIDIANO DE UMA EDUCAÇÃO FÍSICA PÚBLICA

Cristiano Roque Antunes Barreira
Achilles Gonçalves Coelho Júnior

Pessoa, história e Educação Física

Se, como afirma a filósofa Angela Ales Bello, “a noção de pessoa é o resultado de um processo cognitivo-valorativo e não um ponto de partida”¹, as tantas páginas que ficaram para trás neste livro deixam ver, em histórias pessoais de vida profissional – umas breves, outras longas – facetas concretas e situadas do que resulta ser pessoa, orientando-se por valores que só se atualizam no tempo e no mundo graças à sua ação. A pessoa não resta incólume do contato com sua realidade. Do encontro de seus olhos, caro leitor, com essas palavras impressas, ao encontro com alguém, em tudo se demonstra como cada aspecto da realidade afeta sensivelmente, provoca sentimentos que despertam um interesse ou desinteresse, gerando um juízo de valor. A vida afetiva revela a importância que as coisas, os pensamentos, os fatos e as pessoas encontradas possuem – revela seu valor. Aquilo que é bom, justo, verdadeiro e belo é apreendido não apenas por ideias transmitidas, mas por um reconhecimento na própria experiência. A experiência que se faz da realidade se mostra sempre como uma experiência de valores que pode mobilizar, inclusive, uma reflexão sobre a importância que a própria pessoa tem para os outros. Com efeito, a pessoa se faz valorando e se posicionando em relação às coisas e aos outros seres vivos, com destaque único aos seres humanos junto aos quais herda, transforma, cria e afirma valores comuns e valores divergentes. Mais ainda, categoricamente, pessoa não se faz sem outros.

Em meio às histórias únicas dos entrevistados que aqui compartilham seu passado e um pouco de suas experiências, diante dos modos

1 Ales Bello, 2014, p.9.

irrepetíveis com que cada um viveu e conta o que se passou e o que espera que ainda se passe, é possível, não obstante suas singularidades, colher critérios, valores, questões que parecem próprios a uma convivência unida em torno da Educação Física em um mesmo ambiente. Enquanto o compartilhamento no tempo desse mesmo ambiente permite falar apenas do CEFER, o compartilhamento com muitos dos desafios vividos e aqui expostos, dos problemas e das orientações práticas e axiológicas assumidas, falam da prática da Educação Física como uma instituição maior, abrangente e irresumida ao território do *campus* da USP de Ribeirão Preto, porque é constituída justamente naquelas pessoas que a fazem.

Esta instituição presume que os valores sejam atualizados por meio de um empenho pessoal, ou seja, através do uso de recursos criativos que viabilizem e afirmem a presença daquilo que realmente interessa na prática. Este tipo de atualização de valores só é possível a partir da ação expressiva do estilo de cada um, dificilmente visível na palavra escrita. Busca-se nesta conclusão, contudo, apontar aspectos comuns das experiências relatadas, sem detenção nas idiosincrasias de cada relato, ainda que se recorra a exemplos de trechos ilustrativos. Não é pouco o que se alude aqui com a expressão “estilo”. Isso se reserva ao que se passa nos encontros que, aparentemente, só pessoa a pessoa, corpo a corpo, na prática e nas relações de ensino e orientação do profissional de Educação Física, pode acontecer. Qualquer um que apenas se deixe lembrar de um professor que, por algo próprio ao seu jeito de ser, marcou seu lugar na memória não precisa de nenhuma teoria para tornar a ideia de “estilo” menos enigmática². Pode-se dar por certo – e são muitos os testemunhos disso – que gerações que passaram pelo CEFER têm gratas lembranças de seus professores e seus estilos próprios de ser. Essa peculiaridade individual, desafortunadamente, não se apreende de modo satisfatório nos relatos, só na convivência interpessoal direta. Entretanto, paradoxalmente, pode-se captar elementos que estão sob o estilo próprio a cada um e pelos quais se delineiam aspectos substanciais dessa instituição, não como coisa abstrata, mas como algo que acontece no relacionamen-

2 Já para uma abordagem teórica do tema, a ideia de estilo encontrará fecundas conexões com o *núcleo da pessoa humana*, assunto tratado em diferentes capítulos em Mahfoud e Massimi (2013).

to interpessoal. Esses elementos impõem um direcionamento prático da atividade física.

Como as memórias dos entrevistados deixam ver nos relatos, não se trata de um manancial de valores estáticos e harmoniosamente dispostos. É que valores não são coisas rígidas e que se manifestem, até para uma mesma pessoa, de forma sempre idêntica em todas as circunstâncias. Uma pessoa é um valor – e nem sempre se lhe aparece do mesmo modo. A prática de exercício físico é um valor – e tampouco se lhe aparece sempre do mesmo modo. Em essência, trata-se de conferir que um valor, mesmo na hipótese de um fenômeno apreendido pelo mesmíssimo vértice, comparece como dimensão de uma vivência que tem diferentes modos possíveis de manifestação. Além disso, um valor pode perder a concorrência frente a outro que, em dada circunstância, por exemplo, surja para um sujeito como mais agradável, mais acessível, mais importante, mais sensível, mais racional ou mais digno de ser priorizado. Vale ressaltar ainda que quanto mais intensamente um valor é identificado, mais intensa pode ser também a mobilização da pessoa e, consequentemente, um posicionamento pessoal se expressa, possibilitando ações criativas que trazem a sua marca pessoal, mais íntima e mais íntegra³.

Quando não se pensa mais em apenas uma pessoa e sim em um conjunto delas, aquilo que é mais importante ou mais valioso pode ser revelado de maneira diversa na experiência de cada um, promovendo uma forma de concorrência de valores para aqueles envolvidos numa situação. Essas apreensões dos valores a partir de diferentes características podem ser concorrentes que convergem em acordos mais ou menos mutuamente esclarecidos ou divergem em desacordos menos ou mais conflitivos. Se, por um lado, em tantas ocasiões parece haver predomínio dos desacordos ao longo da história do CEFER, é interessante observar que o diálogo vem demarcado por vários dos entrevistados como essa zona de esclarecimento mútuo, signo de momentos em que houve cuidado à dignidade das pessoas envolvidas. Já há alguns anos isso se passa

3 Em outra direção, a dificuldade pessoal em reconhecer e priorizar umas entre outras coisas sempre está na base de dilemas de consciência, conflitos psíquicos ou dispersões que ameaçam a integridade pessoal. Nem sempre, todavia, essa dificuldade equivale a uma ameaça do gênero, uma vez que a integridade gravita em torno de um núcleo pessoal íntimo ao qual nem todo e qualquer valor comparece de modo imediatamente atinente.

numa comunidade que “é uma fusão, metade de um jeito, metade de outro, metade mais velho, metade mais novo”, diz Patrícia Daniela Sichiari da Silva⁴, da segunda metade. César Dominiguetti, da metade dos mais velhos, informa que “os problemas eram discutidos em reuniões e todos tinham liberdade para dar opiniões”. Abel Elias Rahal também salienta que “os professores discutem tudo o que deve ser discutido bem abertamente”. Parece ser confiando nessa capacidade dialógica de chegar a acordos que Átila Alexandre Trapé, da metade de educadores mais novos, entende que, no convívio intergeracional, “esse pessoal que vai chegar novo, vai chegar com outro pensamento, com uma outra visão de Educação Física e vão acontecer as trocas, como vem acontecendo agora, com os professores que estão há mais tempo, e vamos crescendo juntos e tentando trabalhar para que o Centro funcione melhor”. Trata-se de um engendramento que acontece entre experiências de um tipo bastante específico, aquelas *vivências comunitárias* que não são inócuas para seus envolvidos⁵. Como pontua Romualdo Vichnevski (*in memoriam*) numa sensível intuição: “você vai colhendo as experiências de cada ser e você forma com essas experiências a sua experiência”.

Nesses encontros a Educação Física vai se instituindo e trazendo à existência seus aspectos substanciais e seu valor, para o que também concorrem múltiplas outras contribuições, como são aquelas pedagógicas, científicas e filosóficas, que visam torná-la uma área de conhecimento e aplicação melhor qualificada⁶. Considerar que é nos encontros que isso se passa, portanto nos relacionamentos interpessoais, não é o mesmo que afirmar que tais desenvolvimentos sejam exclusivamente individuais, ao modo de puramente subjetivos. Com efeito, é cons-

4 Sempre que um depoente for mencionado ou citado pela primeira vez, o seu nome completo será informado. Nas demais, será empregado apenas o primeiro nome.

5 Stein, 2005, pp.346-358.

6 Trata-se aqui de um eco à bela definição de Mauro Betti para quem a Educação Física “é uma área de conhecimento e intervenção que lida com a cultura corporal de movimento, objetivando a melhoria qualitativa das práticas constitutivas daquela cultura, mediante referenciais científicos, filosóficos e pedagógicos. Por cultura corporal de movimento, por sua vez, entendemos a parcela da cultura geral, que abrange as formas culturais que se vêm historicamente construindo, no plano material e no simbólico, mediante o exercício da motricidade humana – *jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, atividades rítmicas/expressivas e dança, lutas/artes marciais, práticas alternativas*” (Betti, 2001, pp. 155 e 156).

tatar que somente nos encontros a Educação Física se consuma e que somente intersubjetivamente os conhecimentos objetivos se constituem, sendo postos a nu, triados, acordados e validados. Ou, porque não, em outro extremo, reproduzidos impensadamente, impostos arbitrariamente, aplicados obscuramente. Não existindo no mundo pura objetividade e sendo a Educação Física algo que está no mundo, somente onde haja pessoas que se encontrem e se posicionem, recorrendo a diferentes saberes e experiências, pode haver instituição e qualificação da Educação Física, num contínuo entrelaçamento entre objetividade e subjetividade.

Este é um livro de história e especialmente de memórias. Afinal, é por entre as lembranças de cada entrevistado, e só por elas, que se configura a história do CEFER aqui narrada por múltiplas vozes e pontos de vista. Os relatos não apresentam apenas uma lembrança de acontecimentos abstratos, cada lembrança, carregada aqui de afeto nos depoimentos, revela o resultado de um processo coletivo que afirma dados da história⁷. O fato de que muitos acontecimentos não foram esquecidos, o que pode ser verificado na repetição de certos temas narrativos, revela o vínculo entre o grupo de educadores e funcionários que mantêm viva uma memória comum, uma memória coletiva que permite apresentar esta história oral. Cada evento que foi trazido à memória, não implica apenas repetição, mas uma reconstrução de acontecimentos a partir de preocupações atuais, necessidades que se mantêm vivas, como aquela de reafirmar o valor do CEFER diante de todo o *campus* da USP.

A memória individual pode ser entendida, então, como um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas. Analogamente, a memória coletiva, propriamente dita, é o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns.⁸

Verifica-se, no confronto entre os depoimentos, um diálogo consigo mesmo, mas também um diálogo com os outros, na medida que a experiência de “nós” vai sendo utilizada como critério de seleção daquilo

7 Schmidt e Mahfoud, 1993.

8 Ibidem, p.291.

que seria mais importante a ser destacado na história do CEFER. Está-se diante de uma memória coletiva, diante de uma história. A maneira como os depoimentos apresentam os detalhes dessa história possibilita um posicionamento, de cada educador e funcionário, no modo como a história é construída e contada, lutando contra a generalização às imagens superficiais que poderiam desconsiderar a riqueza de experiências educativas que vem sendo realizadas no CEFER há tantos anos. Assim, resgatando em primeira mão quatro décadas de memória, é com meios próprios à história oral que se procura trazer alguma contribuição para, ao iluminar um pouco do passado, qualificar o horizonte de sentido do presente.

Ao percorrer um pouco deste horizonte, essas reflexões conclusivas passam também à Psicologia a fim de, sem qualquer pragmatismo ligeiro, tentar colher certas lições práticas do cotidiano desta Educação Física que vem caracterizada aqui como pública. Assim, além de se justificar a opção, os já introduzidos temas do valor e do desvalor, da pessoa e da instituição, da comunidade do CEFER e de seus fins são aprofundados antes de uma incursão fenomenológica pelo tema da motivação na prática corporal. É com esta incursão ao desafio da motivação, desafio tão próximo àquele de se fazer ver e acolher um valor, que estas reflexões conclusivas se encerram comemorando com o CEFER e seus membros de ontem, de hoje e de amanhã a sua capacidade de, em movimento, dar corpo à experiência presente.

Da História Oral à Psicologia do Exercício

O que autorizaria, entretanto, recorrer a uma Psicologia do Exercício no momento de concluí-lo? Basta lembrar que a Psicologia do Esporte e do Exercício “consiste no estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas e na aplicação prática desse conhecimento”⁹. Na divulgação mais frequente da área, contudo, é mais comum haver um enfoque no estudo dos comportamentos, o que não está isento de armadilhas reducionistas. Aqui, diferentemente, trata-se de assinalar uma psicologia que tem a pessoa em seu centro. Além dis-

9 Weinberg e Gould, 2008, p.22.

so, já se deve frisar que, boa parte do que foi e será tratado não se refere diretamente ao momento da prática de atividade física e esportiva em si. Envolve não apenas o seu entorno, mas aspectos decisivos do modo pelo qual aqueles que são os maiores responsáveis pela promoção social destas atividades, seus profissionais, aproximam-se delas e daqueles que as praticam para lhes ensinar e orientar. É assim que, percorrendo elementos do cotidiano de uma Educação Física pública, espera-se tirar daí algumas lições para uma Psicologia do Exercício ao rés do chão, uma Psicologia que se detém junto ao profissional de Educação Física, ao seu modo de se fazer presente e se projetar em suas atividades.

Por esta abordagem, a figura do retorno ao plano térreo equivale à retomada da percepção que se tem de um mundo comum de experiências relativas à Educação Física. Como assim? Ao invés de se partir do alto de conceitos psicológicos objetivos, de recortes abstraídos, pré-definidos e prescritivos de fenômenos psicológicos, parte-se da experiência perceptiva mais concreta desses protagonistas. São eles, seus profissionais, que, pelo oferecimento de atividade física sistematizada, sinalizam para a esfera psicológica, para o modo de abertura de sentido da prática, o modo de abertura para a relação que se estabelece com seus lugares e seus praticantes e não praticantes, para a experiência, o motivo, o dever, o jeito de fazer. Tais percepções não são acessadas diretamente e nem de modo transparente. Depende-se, para isso, de seus relatos e da consciência de que, ainda que sempre parcial e ambigualmente, esta expressão da percepção não deixa a desejar a nenhuma outra forma instrumental de conhecer a realidade psicológica, antes é a mais direta e a condição pela qual outras formas podem ser edificadas em constructos que, por exemplo, visem traduzi-la quantitativamente.

É significativo que, nessa direção, a história oral tenha atraído, já há alguns anos, a atenção da professora Kátia Rúbio (EEFE-USP), referência importante na Psicologia do Esporte no país. Trata-se, como ela já informava antes mesmo de recorrer ao método, de “repensar a Psicologia do Esporte deslocando-a de um modelo de habilidades individuais”¹⁰, situando os fenômenos junto “à realidade social e cultural vividas”¹¹. Assim, pensa-se “o estudo da cultura a partir de uma aborda-

10 Rúbio, 2003, p.20.

11 Ibidem, p.20.

gem interdisciplinar, condição fundamental para a existência e prática da Psicologia do Esporte¹². O uso da história oral, por um lado, embora não seja declaradamente reivindicado como método para fazer Psicologia do Esporte, mesmo porque tem legitimidade disciplinar própria, por outro lado, produz fontes que ampliam a abrangência da área ao abri-la para a perspectiva dos próprios sujeitos, de suas memórias e histórias singulares, de sua cultura institucional – sem fechar-se previamente em temáticas já consagradas da Psicologia junto às chamadas Ciências do Esporte. Aparentemente os empreendimentos de Kátia Rúbio davam continuidade ao desafio existencial de responder com a Psicologia do Esporte às questões oraculares que se colocara três anos antes, *quem sou, de onde vim, para onde vou*: “a resposta esperada deveria contemplar não apenas dados objetivos e estáticos, mas refletir as questões existenciais envolvidas em sua elaboração, dando ao bem-sucedido o direito de entrar no templo e a morte ao simplista ou ignorante¹³. Assim, trabalhos como *Heróis Olímpicos Brasileiros* (2004) e a monumental *Enciclopédia Olímpica Brasileira*¹⁴ dão vida às perspectivas de atletas olímpicos acerca de sua história, jogando luz a aspectos de suas realidades vividas a que não se teria acesso de outra forma, o que ocasionaria um prejuízo de impacto incalculável por ser de natureza ética: o de não sensibilizar a Psicologia do Esporte e do Exercício para a dignidade própria à historicidade de cada sujeito com o qual atua. O fato é que, no meio esportivo, principalmente no profissional, esse prejuízo é vigoroso e não é qualquer modo de fazer Psicologia do Esporte e do Exercício que se compromete com tal sensibilidade ética, falhando no respeito à integridade de pessoas com quem atua. Se for verdade que Kátia Rúbio não reivindicasse a história oral como método pertinente à Psicologia do Esporte – à qual, de fato, é irreduzível – neste trabalho, mantendo-se o insuperável valor próprio de cada relato, ousa-se concluir com a passagem da história oral à Psicologia¹⁵. Em relação aos trabalhos sobre os personagens olímpicos,

12 Ibidem, p. 21.

13 Ibidem, 2000, p.23.

14 Cf. Lucena, 2015.

15 Isto não é apenas coerente com os argumentos da autora (Rúbio, 2000 e 2003) trazidos acima, mas com uma perspectiva que, alinhada a problematizações que já vinham se cumprindo no seio da História da Psicologia (Massimi & Brozek, 1998) e da Psicologia Social (Mahfoud, 2003), recoloca continuamente em questão seus *fundamentos e medidas*,

o presente material foi bem mais modesto, seja pelo tamanho, seja por não se aproximar daqueles heróis que almejaram e chegaram tão perto do Olimpo, ou até o conquistaram. Este trabalho resta junto àqueles cuja labuta se exerce na cultura e vitalidade cotidiana de pôr em movimento os corpos de pessoas que não optaram por fazer de suas práticas esportivas suas profissões, mas que, ainda assim, dependem, para um cuidado sistemático de suas atividades físicas, de uma atuação que também contém seu heroísmo.

Nas correlações entre pessoa e valores culturalmente constituídos encontra-se a desafiadora possibilidade de se realizar um estudo científico que mantenha o horizonte aberto às experiências vividas. Portanto, ainda que não se interrompa aí, trata-se de uma abordagem científica aberta às historicidades em que as experiências humanas se constituem. Esse desafio tem sido enfrentado pelas perspectivas qualitativas de investigação científica, entre as quais se deve frisar a fenomenologia, aqui invocada, pelo rigor com que se propõe a acessar e individuar as vivências determinantes na estruturação característica da unidade da pessoa, incluindo aquelas da ordem do sentido intelectual, intersubjetivo, da ordem psíquica e corpórea. Para se chegar a individuar essas vivências, que, no mundo, só existem imiscuídas umas às outras, é preciso efetuar a suspensão fenomenológica. Com relação ao presente trabalho, isto equivale a não considerar o que se quer apreender como realidades objetivas naturais, mas como sentido intencional. Trata-se de, ao acompanhar as narrativas, ver o emergir de fenômenos que se apresentam a uma compreensão de tipo especial¹⁶. Essa compreensão pode ser operada por qualquer sujeito que se proponha a orientar-se por dois gestos. O primeiro é se abster das muitas considerações naturais que orbitam os fenômenos emergentes entre as narrativas. O segundo gesto é o de, simultaneamente ao trabalhoso exercício reflexivo de subtrair os juízos naturais, abrir-se para apreender as facetas essenciais dessas aparições.

explicitando esferas de sua racionalidade epistemológica. Tampouco fere um entendimento interno da história oral que pode avançar da formulação de documentos a “dois planos analíticos fundamentais: os estudos de identidade e memória” (Meihy & Holanda, 2011, p.18).

16 Em outro lugar, a sistematização desse procedimento em pesquisas empíricas em psicologia foi chamada de *cruzamento intencional* (Barreira & Ranieri, 2013).

Ao operar-se nesta orientação, o que emerge nas narrativas que precederam essa conclusão? Interessa bem pouco fazer uma varredura exaustiva dos relatos. Com isso quer-se deixar em aberto o exercício de leituras que encontrem diferentes relevos temáticos, o que pode servir para uso didático destes relatos em cursos de Educação Física ou Psicologia. Por outro lado, quer-se cumprir uma apreensão geral que faça ver ao menos alguns dos fenômenos determinantes na história e no cotidiano de profissionais de Educação Física e de funcionários, que viabilizam o funcionamento de um espaço institucional.

Desvalor e valor – da instituição à experiência

Sem dúvida, principalmente para a “metade dos mais velhos”, em primeiro lugar se destaca a questão do valor e do desvalor da área de Educação Física no *campus*. Decerto, há especificidades e consequências próprias à história de um Centro, que nasce e se desenvolve inicialmente numa universidade pública no período de uma ditadura militar, que tornou obrigatória aos estudantes *praticarem* a disciplina de Educação Física. É desnecessário retomar como este processo se passou e quais foram os desdobramentos ao se forçar um tipo de valorização compulsória que, coerentemente, não se sustentou no decorrer do processo de redemocratização nacional. Se é possível, no que se refere ao CEFER, colocar à parte essas vicissitudes históricas que estão na origem de mudanças vividas até dramaticamente (não sem motivos) por alguns dos educadores antigos, pode-se conferir, porém, que a questão do valor e do desvalor da área e da profissão eventualmente se impõe já na escolha do curso superior a ser realizado, existindo ocasionais resistências familiares, o que segue se confirmando junto a vários dos atuais estudantes da EE-FERP, mesmo se estes não sejam maioria. Isso continuará ocorrendo em função da posição social de famílias que podem ver na profissão uma via de ascensão – e de possível orgulho – ou de rebaixamento– e de possível pesar – onde e quando quer que o critério de subida na escala social predomine. E, predominando ou não, a faceta social dos critérios de valor não pode simplesmente ser ignorada, antes é incontornavelmente decisiva em se tratando de uma instituição.

O problema do valor e do desvalor da Educação Física, ou de qualquer outra profissão, todavia, é de uma enorme complexidade e não se reduz a um único termo passível de ir à balança para ser pesado, seja este termo predominantemente social ou não. É preciso ver, portanto, nas eventuais queixas e apelos dos depoentes pela valorização da área, o problema do valor como a síntese de uma infinidade de coisas e níveis. E, como já se viu, o fato de que as pessoas se façam valorando e se posicionando em relação a coisas, especialmente aquelas com as quais elas se identificam, é o que torna a desvalorização social destas coisas passíveis de serem intensamente sentidas como diminuição da importância de si mesmas. Assim é que há, em dada ocasião relatada, uma baixa de autoestima acompanhada de uma, também relatada, queda de produção e criatividade por parte de alguns educadores. Abel relata que “foi o período em que menos criei atividades, (...) a minha autoestima ficou muito baixa”. Neste tópico, notadamente, é possível discernir bem, pautando-se apenas naquilo que aparece descritivamente pelo cruzamento dos diferentes relatos, isto é, suspendendo-se os juízos opinativos emitidos pelos depoentes, dois principais fatos políticos do Centro a determinarem a desvalorização.

Situado numa conjuntura institucional maior da Prefeitura do *campus* da USP de Ribeirão Preto, o mais recente dos dois fatos principais se sucede de outros que denotam, para os depoentes, a vivência de não ter seu valor reconhecido. Quando, apesar da eleição entre os educadores do CEFER, a indicação para o cargo de supervisor por parte da Prefeitura do *campus* não obedece àquela sugestão oriunda de um processo democrático, os mesmos percebem sua voz e participação alijadas das tomadas de decisões relativas às suas funções. Algo semelhante se passa quando decisões, simples ou complexas, segundo contam, podem levar meses para serem tomadas, como pequenos consertos de equipamentos ou a promoção de grandes eventos, se vêem mediadas por pedidos encaminhados em ofícios à Prefeitura, cujas respostas dependem de priorizações administrativas de toda ordem – e elas são muitas num *campus* universitário. Com relação a esta conjuntura é preciso fazer um destaque. Seções como a de compras ou o almoxarifado da Prefeitura são, sem sombra de dúvidas, responsáveis por atividades *meio* da universidade, atividades estas que, em última instância, servem a determi-

nados *fins*. Essas finalidades compõem a missão da universidade que se define pelo Ensino, Pesquisa e Extensão. Muito diferentemente daquelas seções, portanto, como entender o CEFER senão enquanto instituição diretamente relacionada a uma atividade *fim*, uma atividade de Cultura e Extensão universitária?

Já o primeiro e mais antigo dos dois fatos políticos vividos como desvalorização é que, passado o regime autoritário no país, houve um realocamento progressivo dos profissionais de Educação Física que deixaram de ser docentes das Unidades e passaram a ser funcionários da Prefeitura instalados no Centro. Entre outros, Maria Angela Lipparelli Piovesan comenta que isso não se passou sem ressentimentos e menciona a avaliação do chefe do departamento em que até então atuava na FMRP: “você vão perder duas coisas: *status* e dinheiro”. Assim como os demais, até aquele momento era *professora* de Educação Física – “mudou o organograma do *campus* e nós passamos a ser educadores de práticas esportivas”. Com a mudança de conotação e as perdas acarretadas, contudo, Maria Angela frisa o que lhe é mais importante, o fato de ter estado “sempre na mesma função: ministrar aulas que é o que eu mais gosto de fazer”. A despeito das razões institucionais que levaram à mudança, é digno de nota realçar que a resistência pessoal em não ser definido apenas por um olhar do outro, olhar recebido como recusa de reconhecimento do valor da própria atividade e talvez da própria pessoa, possibilitou o reconhecimento do valor próprio de si mesmo e de suas atividades. Esse é um exemplo de como, ao se afirmar em seus posicionamentos, em suas atitudes e ações a pessoa é capaz de não se deixar reduzir apenas àquelas representações que os outros fazem dela mesma.

Em meio às contingências políticas que colocaram e deslocaram esses profissionais em diferentes cargos, ora melhores ora piores, com ganhos e perdas cujas impactos pessoais só os envolvidos podem julgar, nas últimas palavras citadas é possível constatar como, em meio a amargas contrariedades, a esfera existencial que o valor da Educação Física tem para esses educadores sustenta o sentido de suas ações. Trata-se da possibilidade de continuar se norteando por aquilo a que se tem apreço e zelo profundos, sacramentando-se pessoalmente o mais importante critério de uma trajetória profissional – o de um reconhecimento identitário que é constitutivo de um valor e de si mesmo. Senão, como compreender o

tom conclusivo com que a professora encerra suas memórias? “A Educação Física está sempre em primeiro lugar, (...) ela é a verdade, ela é a protagonista, ela é a célula mater, (...) está no alto da pirâmide”. De fato, embora isso só se possa afirmar por cada um deles, pode-se presumir que, em condições percebidas como tão adversas, outros educadores tenham sustentado suas posições graças ao mesmo valor existencial expresso no relato de Maria Angela, o de, como professora, “*ministrar aulas que é o que eu mais gosto de fazer*”.

Não se quer com isso reduzir a importância do aspecto sociopolítico dos acontecimentos relatados. Todavia, os relatos também não permitem reduzi-los a esse aspecto. Se este os abateu pessoal e comunitariamente, qual outro critério justificaria melhor a resistência aos percalços enfrentados? Pode-se sempre suspeitar que a necessidade e a falta de opções sejam decisivas. Pode-se também, todavia, suspeitar que seja menos a subsistência e mais o amor pela profissão o elemento decisivo a organizar a força desses educadores.

Tornando-se comunidade: percalços e fins numa Educação Física pública

O que é uma comunidade? A noção de agrupamento de pessoas não basta para o entendimento do que este termo tão usual designa. Entretanto, rigorosamente pensada com base em procedimentos filosóficos, comunidade é uma entre outras formas possíveis de associação humana. É útil recorrer a Edith Stein (2005), que discriminou seus aspectos essenciais, o que significou analisar também a essência de outras formas associativas, como a *sociedade*, com características que, a exemplo daquelas da *comunidade*, ajudam a entender algumas das facetas históricas do CEFER e da prática de Educação Física ali desenvolvida.

Uma *comunidade* se vincula como uma unidade orgânica, portanto numa força vital comum. A manifestação dessa vitalidade vinculativa só pode ocorrer numa relação de intercâmbio entre indivíduo e coletividade, numa troca pela qual o indivíduo se dirige com sua força a essa coletividade que, por sua vez, fornece ao indivíduo mobilização de sua vitalidade, isto é, serve-lhe como estímulo. Entre os membros de uma comunidade se estabelece uma relação sujeito a sujeito, relação de

reciprocidade em que os motivos entre as partes são tomados em consideração nos posicionamentos que vão sendo assumidos pelos membros. Assim, conforme as palavras esclarecedoras de Angela Ales Bello, “dada sua natureza orgânica, ocorre a sua gênese quando se estabelece uma relação mútua entre os indivíduos no nível da comunicação, da ação, dos sentimentos, em sentido positivo ou negativo”¹⁷. Portanto, as relações comunitárias abrangem capacidades da ordem da integralidade da pessoa, possibilitando que, por esse vínculo, a pessoa se nutra e se desenvolva. Esse aspecto comunitário é bem refletido pelo depoimento de Romualdo que, alguns meses antes de seu falecimento, rememora quase quatro décadas passadas no Centro: “Conheci uma série de pessoas, colegas, e fui me conhecendo cada vez mais também”. Projetando-se no futuro, conhecer a si mesma se coloca como expectativa das mais promissoras no depoimento de Patrícia: “Quero sempre buscar meu autoconhecimento como pessoa no CEFER, me aperfeiçoar, melhorar minha formação profissional. Então, como pretendo realmente vivenciar o CEFER a longo prazo quero que essa vivência seja boa pra mim e boa para as pessoas às quais ofereço meu trabalho”.

A profissão, o coleguismo e o trabalho são importantes aqui enquanto elementos que dão objetividade às relações estabelecidas. Essa dimensão objetiva é marcada por sua finalidade, pela qual há papéis desenvolvidos pelas pessoas que, assim, são postas como “objetos” em suas funções. Esse é um traço essencial daquilo que se designa por *sociedade*. Há aqui um aspecto fundador, a racionalização das relações, pela qual essencialmente sociedade “não tem história nem tradição e pode subsistir apesar da mudança de seus membros”¹⁸. Que o CEFER seja constituído como sociedade é muito claro. Na versão de Patrícia, por exemplo, a finalidade constitutiva dessa sociedade se coloca como esperança de crescimento: “Espero que o CEFER seja cada vez mais esse espaço de integração e de promoção de saúde do *Campus* da USP de Ribeirão Preto”. Quanto aos papéis sociais desempenhados, todos os entrevistados se detiveram em narrar suas atividades e o modo como as exerciam no Centro, sendo esta uma tônica comum de suas memórias e dessa história. Todavia, também é muito claro o fato de que o CEFER é constituído como comu-

17 Ales Bello, 2014b, p. 60.

18 Ibidem.

nidade na qual as pessoas são reconhecidas pelo modo próprio como fizeram e fazem, com a marca de seu trabalho, a história e a tradição do Centro: “Na verdade, esses profissionais mais velhos têm uma história dentro do CEFER, de trabalho mesmo, construíram muita coisa. (...) Realmente esses profissionais mais velhos tiveram a vontade, o empenho” e, além disso, é um grupo “muito receptivo ao que os mais novos trazem de ideias” (Patrícia). No tipo de encontro ocorrido em uma experiência de comunidade, o posicionamento pessoal de cada membro encontra um papel essencial. A maneira como cada um responde às solicitações de seu meio comum provoca os demais membros da comunidade a um exame pessoal em relação à maneira como se posicionam diante da realidade e do sentido compartilhado, o que implica um caráter formativo da própria comunidade. No confronto e no encontro entre as pessoas, possibilidades são suscitadas em mão dupla, o que favorece uma experiência de autenticidade em cada situação comum apresentada. Não se trata de sempre haver um consenso de opiniões, mas de sempre ser solicitado a um posicionamento pessoal, que muitas vezes só surge como consequência deste tipo específico de encontro, o encontro comunitário.

Dessa história e interação é notório como as lições do passado se têm aplicado como exigências do CEFER dos dias de hoje. O fato, deplorado em vários relatos, de que os membros do CEFER já tenham deixado de serem consultados quanto a importantes decisões, ecoa já num formato positivo no relato de Flávia Nitolo Corrêa dos Santos, da metade dos mais novos: “Sempre conversamos sobre a importância da nossa opinião para planejar e realizar as reformas no CEFER. Porque, na verdade, quem entende sobre as coisas que precisam ser feitas no Centro Esportivo e como vão ser usadas somos nós, profissionais de Educação Física. Então, todas as questões relacionadas às reformas do CEFER passam por nós”. Parece plausível ver nisso sinais de uma lição política que se sugere como um processo de amadurecimento democrático. Haveria mais do que uma razão de ordem técnica, referente às reformas do Centro, para ver nesse amadurecimento dos canais de diálogo um benefício inerente à Educação Física? A resposta é positiva, desde que não se aceite que a Educação Física seja reduzida a suas tarefas, à aplicação de exercícios ou práticas esportivas conjugadas à adequação de seus equipamentos, mas faça jus ao sentido educativo que lhe batiza. Pode-se perguntar o quanto

a obrigatoriedade da Educação Física no ensino superior, ainda hoje defendida entre alguns dos entrevistados, não contribui e não permanece, a título de razão obscura, como responsável por essa redução da mesma ao momento exclusivo da prática, tal e qual tarefa física. Afinal, sendo obrigatória, bastava compreendê-la como aquela prática entre as linhas da quadra, campo ou pista. Não era necessário problematizar a quem se destinava e, com aproximações a essas questões, enfrentar os desafios de um relacionamento próprio a um público diversificado. O público da prática era o relativamente homogêneo, composto por jovens estudantes universitários. Então, impunha-se uma relação social compulsória que estabelecia a prática esportiva ou de exercício como um valor legalmente instituído, como obrigação a ser cumprida pelo estudante universitário. Deixando de ser uma atividade fim própria ao ensino universitário, o estatuto do CEFER, ao menos enquanto lugar no organograma, passa a ser equivalente ao de uma atividade meio. O que se deve perguntar, então, é como, em cada situação concreta, a liberdade para criar e agir se manifestaria de forma inversamente proporcional à restrição do raio de ação e à restrição das tomadas de decisão. Entretanto, na verdade, houve um deslocamento sempre maior e bem sucedido do CEFER, que passou do enfoque no ensino universitário ao trabalho especialmente relacionado à extensão universitária. A concepção estreita que tem a Educação Física apenas como exercício prático, mera tarefa física, não é compatível com funções diretamente relacionadas a uma atividade *fim* que solicita ser pensada de modo abrangente, crítico, em acordo com as necessidades específicas das pessoas e de diferentes grupos, como os da terceira idade, populações especiais, estudantes e funcionários.

Está aqui uma das principais virtudes, em nada extrínsecas, mas inerentes a uma Educação Física pública, da abertura dialógica como fonte de liberdade para um tipo de ação que não é unilateral, não se saberia realizar apenas instrumentalmente, tampouco apenas na linha do diagnóstico e prescrição objetivos. Assim, independentemente de ocorrer em contexto público ou privado, a virtude dessa Educação Física mora numa atitude de abertura dialógica, do trato sujeito a sujeito, da voz e da escuta, própria ao sentido comunitário. O fato é que esta Educação Física não pode ser confundida com uma relação exclusivamente social, do trato sujeito a objeto, ao modo das trocas estritamente comerciais,

por exemplo, o que fica bem pontuado por Patrícia, para quem “é um sonho trabalhar na minha área e não ser obrigada a ter aquele foco tão comercial, podendo ter um foco mais humano, voltado realmente para o ser humano, para as necessidades das pessoas”. Para ela, nos serviços privados a diferença é marcante, conforme segue pontuando a profissional: “no CEFER o foco não é trabalhar apenas para o bem de uma pessoa maior, no caso, o gerente ou o patrão de uma empresa, clube ou academia. O foco que tenho no CEFER é trabalhar para o bem das pessoas”. Essa atenção às pessoas, e não a um interesse de mercado que precede e predetermina a relação estabelecida, diz a professora, torna o próprio trabalho mais satisfatório: “Quando você muda um pouco o foco da profissão, o dia a dia de trabalho se torna bem mais gratificante”. Se esta possibilidade comunitária não é uma exclusividade de contexto público, podendo inclusive se realizar no contexto privado e não se realizar no primeiro, deve-se frisar que ela é necessária para que uma autêntica Educação Física pública, uma Educação Física para todos, torne-se realidade.

Sabe-se como, apesar de muitos esforços recentes e da gradual inserção do profissional de Educação Física no Sistema Único de Saúde, por meio de sua atuação em equipes multidisciplinares nos Núcleos de Saúde da Família, fora da esfera escolar o acesso a suas competências por parte da maioria da população acaba sendo via serviços privados, majoritariamente de clubes e de academias. Destes, a considerar pelos dados do IBGE relativos à população fisicamente ativa, está excluída a maior parte dos brasileiros¹⁹. Pode-se presumir que, além daqueles que não po-

19 De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (BRASIL, 2013), a média brasileira de pessoas que não praticam atividade física em momentos de lazer ou em seu tempo livre, seguindo o nível recomendado, chega a 77,5%, incluindo área urbana e rural. A pesquisa aborda quatro domínios para se considerar uma pessoa como fisicamente ativa: atividades físicas no lazer, nas atividades inerentes ao trabalho, no deslocamento e no âmbito das atividades domésticas. Mesmo considerando os outros domínios de atividade física, verificou-se que 46,0% dos brasileiros adultos foram classificados na condição de insuficientemente ativos, ou seja, além de não praticar atividades físicas em seu tempo livre de lazer, também não realizam nenhum tipo de esforço em outras atividades cotidianas. O nível recomendado como fator de proteção à saúde é de 150 minutos semanais de atividade física de intensidade leve ou moderada, ou senão 75 minutos de atividade física vigorosa. Diante de um dado tão expressivo, a Educação Física pública possui um papel de evidente responsabilidade. Disponibilizar possibilidades da prática de esportes e exercícios nos ambientes públicos, acompanhados e orientados por profissionais, torna-se

dem pagar pelos serviços, os frequentadores assíduos sejam estritamente segmentados por perfis que se adequam aos programas oferecidos pelos serviços. Pesquisadores podem encontrar dificuldades em reunir dados a respeito da adesão dos clientes de academias a fim de averiguar a eficácia de seus serviços junto a seus usuários a curto, médio e longo prazos, no que tange à promoção de um estilo de vida fisicamente ativo. Incidentalmente, bastaria uma consulta a pessoas conhecidas para se constatar como não é desprezível a quantidade daqueles que – mesmo pagando planos anuais em academias, uma vez que, estrategicamente, é costumeiro que as mesmas tornem proporcionalmente bem mais onerosos os planos de menos tempo – deixam de frequentá-las em poucos meses ou o fazem de maneira tão irregular que os resultados almejados não são alcançados. Nesse sentido, Sérgio Rodrigues de Oliveira, alega que “o objetivo maior da academia é a rotatividade, eu nunca vi ninguém que fica anos fazendo atividade física em uma mesma academia”²⁰. Trata-se, portanto, de programas voltados a um segmento pagante que ainda é afunilado em função da adequação pessoal dos clientes aos programas oferecidos. Pouco leva a crer que a ampliação do leque de práticas oferecidos nas academias transforme significativamente a necessidade de adequação da pessoa a um modelo de prática de atividade física bastante fechado²¹. Com efeito, é significativo que já se tenha apontado que metade daqueles que iniciam um programa de exercícios o abandone em

uma via de acesso ao bem-estar e saúde que precisa ser reconhecida. O investimento nas vias públicas, não apenas para ciclistas, mas também para os pedestres, precisa ser considerada como forma de favorecerimento a que atividades físicas possam ser realizadas no contexto da mobilidade urbana no cotidiano.

20 Apesar deste entendimento, ao argumentar pela eficácia do que se pode fazer num centro esportivo universitário, Sérgio defende o pagamento pelo serviço, alegando que “no CEPEUSP em São Paulo eu tinha alunos que estavam comigo há 20 anos fazendo aula, semestre por semestre e também se cobrava”. Resta saber se a cobrança tinha uma relação de determinação a adesão de praticantes.

21 Quanto a isso, se já é um avanço para quem pode arcar com os custos, o modelo muito difundido de atendimento personalizado – o chamado *personal trainer* – também parece ser, na maior parte das vezes, pouco transformador. A *anamnese* costuma se centrar no que interessa para a avaliação física. No que tange à esfera psicológica, não deve ser um exagero salientar que aspectos como motivação para a prática e estabelecimento de metas tendem a vir a reboque dos resultados físicos almejados e prescritos pelo profissional, envolvendo pouco diretamente a pessoa e sua história nas decisões tomadas com relação ao programa a ser empreendido.

seis meses²². Isso tudo torna pouco crível que a taxa simbólica, tão mencionada por vários depoentes do CEFER, tenha impacto considerável no aumento da adesão à prática esportiva e aos programas de exercício oferecidos. Se já se prova lucrativo, o modelo de serviço privado ainda precisa se provar eficaz em fomentar a adesão ao exercício e, se há uma suspeita que se insinua, é a de que o pagamento pelos serviços é, para se dizer o mínimo, insuficiente para isso.

Já no próprio interior dos serviços públicos de saúde, lições de outra ordem têm sido tiradas e, principalmente, inventadas. A tese de Silvano da Silva Coutinho²³, defendida junto à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP), foca a atenção básica à saúde na perspectiva do trabalho do profissional de Educação Física, justamente pelo fato de que um dos eixos prioritários da Política Nacional de Promoção da Saúde é o incentivo à atividade física e às práticas corporais. Na investigação referente às competências do profissional de Educação Física necessárias para atuar na atenção básica, comparecem três atributos tidos como sendo decisivos para levá-la a bom termo. Embora o pesquisador não desmereça as competências tradicionais da área, o estranhamento com relação a atributos que comumente não fazem parte de sua formação faz com que a imagem dos profissionais de Educação Física perdendo o chão sob seus pés seja a mais clara pintura do que sucede ao se depararem com o trabalho na atenção básica à saúde. Esses atributos são referentes à integralidade da atenção, à humanização e ao trabalho em equipe para atuação interdisciplinar. A primeira versa a respeito de uma concepção ampla que, ao pensar e intervir em direção à vida fisicamente ativa, contemple a promoção e passe pela prevenção e também pela reabilitação. O alcance mais adequado dessa práxis – e as dificuldades contadas por Abel para lidar com as famílias do grupo de crianças com obesidade mostram bem isso – faz-se com uma articulação do trabalho em equipe interdisciplinar. Quanto à humanização, frisa-se a escuta como meio de fomentar estabelecimento de vínculos, condição pela qual as necessidades e o envolvimento das pessoas e comunidades com as possibilidades de serem ativos fisicamente podem ser acompanhados.

22 Weinberg e Gould, 2008, p. 434.

23 Tese orientada pela professora doutora Maria José Bistafa Pereira (Coutinho, 2011).

Como se entrevê naquilo que contam nossos depoentes, no CEFER, que é um dos poucos equipamentos públicos a oferecer serviços de Educação Física e esporte gratuitos para a população na cidade, melhor ou pior, a lida com esses atributos faz parte de alguns dos grandes desafios que têm sido enfrentados. Estes não são enfrentamentos isolados, são, na verdade, também alguns dos maiores desafios da saúde pública brasileira, que tem na qualificação da Educação Física uma de suas importantes demandas. Deve-se constatar que o CEFER, em meio aos tantos percalços de sua história, tem dado sua contribuição para isso²⁴, podendo mesmo ser tomado como signo de uma educação física pública. Nesse sentido, para Sinval Avelino dos Santos, “muita coisa vai crescer quando houver uma maior participação da população dentro das decisões do CEFER, conseguindo confluir os diversos interesses dos segmentos, podendo discutir na perspectiva da qualidade de vida, da promoção da saúde, da manutenção da saúde, envolvendo também cursos de Fisioterapia e de Educação Física para que o CEFER seja utilizado mesmo. Para dar

24 É digno de nota que entre os seis programas nacionais selecionados por Coutinho para compor a amostra de sua pesquisa, em função de virem se consagrando pelo acompanhamento do Ministério da Saúde ou pela eficácia comprovada na literatura, um deles tenha sido o Programa de Integração Comunitária (PIC). Como informado pelo professor Jether Augusto Pereira Junior, “esse projeto teve início com a iniciativa e convite feito a nós, professores do CEFER, pela professora doutora Iranilde Jose Messias Mendes, docente da Escola de Enfermagem. [...] Após uma reunião aqui na sala dos professores do CEFER, com todos os professores reunidos, a doutora Iranilde José Messias Mendes colocou na mesa um projeto que levava aos bairros de Ribeirão Preto, principalmente às praças públicas, aulas de ginástica e professores de Educação Física. Ela estava preocupada com a grande demanda dos aposentados por remédios que presenciou em algumas visitas aos postos de saúde, via sempre várias pessoas idosas irem buscar caixas e caixas de remédios, o que a preocupou, principalmente porque estes não faziam atividade física nenhuma, não faziam nada voltado própria melhoria da saúde”. O projeto foi adotado pelo próprio professor Jether e pelo professor Angelo Battaglion Neto. Na sequência, conta “o projeto tomou grandes proporções quando os diretores dos demais postos de saúde de Ribeirão Preto foram reclamar com o secretário da saúde o porquê do posto de saúde da Vila Tibério ter um programa junto com a USP e outros não. Foi neste momento que a doutora Iranilde Jose Messias Mendes resolveu “vender” o projeto ao Secretário da Saúde de Ribeirão Preto, e ele e o Secretário de Esportes contrataram alguns professores de Educação Física, alunos da UNAERP, alunos do Moura Lacerda, da Faculdade de Educação Física de Batatais e implantaram nos bairros de Ribeirão Preto o chamado PIC, o projeto ‘incendiou’ Ribeirão Preto”. No CEFER, atualmente, o programa equivalente ao PIC é o Projeto da Terceira Idade da USP de Ribeirão Preto.

certo nós temos que fazer o quê? Experimentar”. Pensado como esfera pública aberta para a presença cotidiana das pessoas, como um ambiente convidativo para uma participação que conscientize “a comunidade para que ela realmente saiba que o lazer é possível, que a competição é possível” (Sinval), essa perspectiva do CEFER se alinharia amplamente a uma concepção cidadã do movimento corporal que, por exemplo, milite pelo enaltecimento de uma mobilidade urbana menos dependente de automóveis e mais acolhedora para o transporte coletivo, para as bicicletas e para os pedestres, bem como pela valorização de parques e equipamentos públicos. Além de fomentar a atividade física cotidiana, tais experiências corporais teriam o potencial de estimular relacionamentos pessoalmente mais próximos e comprometidos com o bem público que deixa de ser vivido apenas como via de trânsito veicular e ganha um sentido de pertencimento comum, não só lugar para uso como passagem, mas ambiente de coabitação, subjetivamente caracterizado com a natureza pública que tem. Também nessa dimensão política está uma Educação Física que se compreenda como pública, por encampar seu comprometimento com o fomento de estilos de vida fisicamente ativos para todos. Em direção similar, Romualdo relembra o tempo passado na Alemanha pouco antes de iniciar suas atividades no *campus* da USP de Ribeirão Preto, também demarcando o Centro como o que se pode chamar de esfera pública: “Com a experiência de ter morado em Berlim pude perceber muitas coisas que ainda estavam para serem feitas no Brasil, aliás, ainda hoje. A necessidade de se deixar todas as instalações do CEFER abertas para as pessoas começarem a sentirem a sua saúde fazendo o esporte é muito grande. Essa necessidade já era sentida há 40 anos”.

Sem ter desdobrado seu significado, mas assinalando muito diretamente para um aspecto central da questão, Romualdo deixou em seu relato uma pista promissora para um problematização fenomenológica que ainda é tímida não apenas na Educação Física, mas em toda a área da saúde. Sua preocupação é a de que os espaços tenham abertura para que as pessoas possam *sentir* sua saúde. Tangenciando isto, o tema foi abordado pelo filósofo Hans-Georg Gadamer (1900-2002)²⁵, para quem

25 Gadamer é um dos maiores representantes da corrente filosófica designada como hermenêutica. Embora esta tenha diferenças metodológicas incontornáveis com relação à fenomenologia, a hermenêutica gadameriana é assumida e visivelmente influenciada pela

a saúde tem um caráter oculto cuja aparição se insinua por oposição à doença que se manifesta. Desconforto, incômodo, mal-estar, insatisfação, manifestação física, em suma, perturbação, tudo aquilo que se mostra à consciência como objeto²⁶ que demanda negativamente atenção a si, anuncia um obstáculo, algo que faz resistência a uma condição prévia de experiência que, até então, se ocultava. Esta ocultação, diz o pensador, é um auto-esquecimento, manifestação da saúde que, como tal, não se revela por si mesma, mas por contraste, oposição. Assim, Gadamer dirá que “apesar de toda ocultação, ela se revela num tipo de bem-estar e, ainda mais, quando nos mostramos dispostos a empreendimentos, abertos ao conhecimento e podemos nos auto-esquecer, bem como quando quase não sentimos fadigas e esforços – isso é saúde”²⁷. Desse modo, sem se confundir com algum sentimento específico, ela não deixa de ser acompanhada por um bem-estar, um correlato daquilo que ela é, podendo-se descrevê-la como “estar-aí, estar-no-mundo, estar-com-pessoas, sentir-se ativa e prazerosamente satisfeito com as próprias tarefas da vida”²⁸. O filósofo grifa ainda a sugestão de que “a melhor maneira para entender o que seja saúde é imaginá-la como um estado de equilíbrio”²⁹, concluindo que ela seja, de fato, “o ritmo da vida, um processo contínuo no qual o equilíbrio sempre volta a se estabilizar”³⁰, exemplificando com três fenômenos rítmicos, a respiração, o metabolismo e o sono de que decorrem respectivamente vitalidade, revigoramento e aquisição de energia³¹. Sentir sua saúde pela prática esportiva, como levanta Romual-

fenomenologia da qual, em grande medida, é derivada. No texto ora citado, a influência conceitual da fenomenologia se evidencia quando se refere à consciência e à tensão entre manifestação e ocultação dos fenômenos examinados.

26 Objeto vem do latim *objectum*, *jogado (posto) diante de*, condição do pensamento que pode designar o que pensa. No caso, *este* desconforto, *este* incômodo, *este* mal-estar, *esta* dor, *esta* protuberância, *esta* congestão nasal, enfim, *esta* perturbação.

27 Gadamer, 2006, p.118.

28 Idem.

29 Ibidem, p.119.

30 Idem.

31 Estes exemplos poderiam sugerir que a hermenêutica da saúde de Gadamer restrinja-se em torno da esfera biológica da vida humana. Seria um equívoco, dado que Gadamer se inspira na filosofia antiga, mencionando não apenas o juramento hipocrático, mas Platão e Heráclito, argumentando que, naquele pensamento, é a natureza do todo que deve ser curada, a unidade do ser, o que é abrangente, estendendo-se ao mundo social: “É o todo, dos movimentos astrais ao clima, à disposição das águas e condições dos campos e flores-

do, corresponderia a este engajamento ativo numa prática corporal que só se exerce pelo auto-esquecimento e se contrapõe a sedentarismos ou usos compulsórios do corpo em atividades laborais de pouco ou muito esforço físico, destreza e concentração, pouca ou muita mobilidade, favorecendo, de uma única vez, o restabelecimento de um equilíbrio do todo da pessoa ameaçado por excessos de sortes variadas³². Não é, todavia, porque o esporte tenha em sua própria natureza esse potencial que se pode presumir, apressadamente, que esta seja a prática corporal adequada e indicada para toda e qualquer pessoa numa prescrição de medida promotora, preventiva ou reabilitativa genérica. Vale o mesmo para as práticas de academia, que tantas vezes são justificadas em nome de “uma preocupação cada vez maior consigo mesmo”³³; algo que Gadamer lembra que não é o que constitui a saúde. No que diz respeito à atenção à saúde, o diálogo vem acentuado como sendo decisivo pelo filósofo que lhe dá a responsabilidade de promover a humanização. É só a partir dessa abertura, que é respectivamente do ambiente com suas instalações e do profissional com sua escuta ao outro, relativizando sua diretividade (sem eliminá-la, contudo), que se pode propor novas possibilidades em Educação Física menos identificadas com tarefas físicas e mais comprometidas amplamente com a pessoa e sua relação própria com a cultura corporal de movimento.

O desenvolvimento de uma Educação Física pública a partir de lições tiradas da reflexão em torno do cotidiano do CEFER, certamente, inicia-se pela superação de obstáculos cognitivos que estreitam a concepção de Educação Física, bem como de obstáculos sociais que a ofertam em moldes fechados de relações comerciais prescritivas. Ambos se conjugam como obstáculo psicológico, uma vez que têm lugar na configuração do espectro perceptivo da atuação na área. Assim, uma Educação Física pública é aquela que se posiciona de modo aberto às pessoas e às suas especificidades, isto é, centrada na pessoa, não aquela que se fecha

tas, que cerca a natureza em seu estado geral e no que a ameaça” (Gadamer, 2006, p.120). Para um aprofundamento do pensamento de Platão que inspira Gadamer veja-se Reale (2002).

32 Aqui não se pode esquecer que o próprio esporte pode ser excessivo e, para os atletas, o cuidado com a saúde – o equilíbrio – implica atenção ao descanso e atividades de lazer pouco vigorosas.

33 Gadamer, *op. cit.*, p. 118.

para servir com padrões estabelecidos aos quais alguns segmentos se adequam, e os demais, o grosso da população, têm, virtualmente, que se adaptar. Seu desenvolvimento, por força, ocorrerá onde houver abertura às relações comunitárias, e nada impede que sua virtude se atualize, ao seu modo e com seus limites, também no meio privado; ao contrário, isso, certamente, qualificaria também esse tipo de serviço.

Transversão da experiência corporal: o desafio da motivação

A motivação, ou melhor, a falta de motivação para a prática de atividade física consiste em um dos maiores desafios, não apenas para a Psicologia do Esporte e do Exercício, mas para toda a área da Educação Física e da saúde. Na história do CEFER, o desafio se mistura às questões de sua valorização e à dissonância havida entre aqueles que são a favor e contra a extinta obrigatoriedade da disciplina de práticas esportivas para todos os estudantes de nível superior. Comumente tratado em termos de comportamento e no registro cognitivo, o tema da motivação³⁴ em Psicologia

34 O tema é caro à fenomenologia clássica. Aplicando rigorosa e sistematicamente o método de reduções fundado e desenvolvido por seu mestre Edmund Husserl, Edith Stein apresenta a motivação como critério distintivo da atividade espiritual que caracteriza a pessoa. Para ser preciso, confere-se que suas análises designam a motivação como lei fundamental da vida espiritual, sendo a vida espiritual aquele componente ativo do sujeito que, na esfera do fluxo de consciência, inaugura as apreensões daquilo que se mostra. Stein (2005) se apressa em argumentar que o olhar fenomenológico para a motivação difere daquele presente na linguagem habitual. Aí, a motivação é restrita ao que se entende por atos livres, mais particularmente aqueles da vontade. Na Psicologia do Esporte, usualmente, o conceito de motivação acompanha de perto a linguagem habitual, delimitando-se como o direcionamento e intensidade dos esforços da pessoa (Weinberg & Gould, 2008). De modo bem mais abrangente, na esfera da consciência intencional, a fenomenóloga vê a motivação na *conexão* entre apreensões individuais, no *vínculo* entre os diferentes atos do sujeito ou, dito de modo tão simples quanto, no conjunto de atos constituído pelo que segue e pelo que precede, ocorrendo o primeiro em virtude do segundo. Por que não ver atos livres em todas as conexões do gênero? Por exemplo, pelo fato de que muitas destas conexões são imposições de ordem lógica, algo independente da liberdade. Por se tratarem de atos do *eu*, estas conexões não são simples associações ocorridas ao nível da passividade. Continuando a usar o exemplo, cabe a alguém ativamente ver a lógica que conecta certa coisa a outra. Entretanto, uma vez realizadas, as conexões motivacionais podem se tornar implícitas e, como tais, não precisam necessariamente serem refeitas para saírem da latência e participarem da vida espiritual do sujeito. Em tese, toda motivação

do Esporte e do Exercício raramente estima em profundidade aquilo que, junto aos próprios profissionais de Educação Física, os mobiliza: o gosto. O gosto é algo que só pode ser experimentado, não corresponde a um comportamento nem a um pensamento. Como tal, para ser estudado em primeira mão merece ser conhecido fenomenologicamente e, para que essa fenomenologia se torne um conhecimento aplicado, o gosto tem de ser convocado experiencialmente.

Entre os relatos, Patrícia apresenta um arco amplo de seu próprio percurso motivacional para a prática que interessa examinar. Segundo ela, sua “motivação inicial para fazer atividade física é realmente saúde”. Com isso Patrícia almejava “manter um padrão de saúde, manter a forma física”. Visto assim, o motivo da depoente é estritamente racional. Alguém poderia muito precipitadamente explicar esta sua razão como a causa que leva a um efeito de modo a, simplesmente, obedecer a lei de causalidade. Que isso seja precipitado se prova menos porque a professora se referiu à motivação e não à causa, do que pelo fato de que essa causalidade não se repete motivacionalmente da mesma maneira para todos, isto é, nem todas as pessoas que sabem racionalmente das relações existentes entre atividade física e saúde fazem exercícios³⁵. A motivação aqui se coloca como a conexão entre diferentes atos espirituais: o conhecimento de efeitos benéficos do exercício para uma forma física saudável e a decisão de praticá-la, impelida pelo padrão almejado. Embora essa distinção entre os elementos *motivante* e *motivado* do conjunto não deixe de ter algo de banal, ela pode ser importante, visto que, muitas vezes, pensa-se que o conhecimento racional dos efeitos do sedentarismo e da atividade física regular seja, por si só, suficiente ou até mesmo uma razão imperativa para as pessoas se moverem. Uma consequência prática dessa presunção cognitivista é a ênfase, por vezes exagerada, mesmo se relevante, em se investir em campanhas informativas sobre a importância de se praticar atividade física regular para evitar doenças crônico-degenerativas e ter uma vida saudável. Também pautada na insistência

implícita pode ser explicitada e muito do trabalho fenomenológico em psicologia mora nesse desvelamento via análise intencional.

35 Parte considerável das pesquisas que se fazem na área, por exemplo entre os professores na EEFERP, se dedica ao estudo de relações causais do gênero, procurando determinar os efeitos físicos de diferentes atividades realizadas em diferentes condições.

em informar os efeitos do exercício a fim de que isto persuada a adesão, outra consequência prática mora ainda mais perto do dia a dia do profissional de Educação Física, definindo o tipo de relacionamento que se estabelece com as pessoas. A ideia de que a supressão de uma lacuna informativo-cognitiva seja um caminho reto até a prática coloca-se como um imperativo instrumental que predetermina a relação entre as partes. Este imperativo é o de que, uma vez informada, a oferta de um programa adequado para a condição física da pessoa deva ser motivo suficiente para sua adesão. Não segui-lo é algo que tão somente diz respeito a quem recebe as instruções. Assim, a atuação dessa presunção psicológica no relacionamento entre as partes exalta a tarefa física, confiando na aplicação informativa e instrutiva do conhecimento especializado de seus efeitos. Entretanto, antes de ser inócua, essa atuação se dá às custas de um apagamento irrefletido da pessoa atendida. De fato, a reboque da primazia racional dos efeitos da tarefa física, essa ideia de motivação dá à pessoa o lugar de acessório de sua essência cognitivo-comportamental.

O relato de Patricia não se interrompe nem se restringe ao motivo racional descrito. Depois “já não são mais aqueles mesmos motivos do início. Você já não fica tão preocupada se vai emagrecer ou se vai ficar forte, você passa a ficar mais preocupada com seu rendimento: nas corridas que você vai, nas provas que você faz, em tentar melhorar”. Nessa sucessão, o efeito visado não é mais um “estranho” ao exercício, ou melhor, um efeito físico posterior no próprio corpo que se visava e se sustentava em função da atividade física. O efeito visado – e motivador – passa a ser inerente ao próprio exercício, no caso, o ato de correr, consecutando-se como melhora do rendimento da ação da própria corrida. Assim, o relato da professora realça como a motivação se faz acompanhar da melhora objetiva, primeiro da percepção da forma física, depois, e se tornando prioridade, da percepção do desempenho físico pertinente ao exercício esportivo em si mesmo. Nesses argumentos, a razão motivadora da prática era “exterior”. Trata-se de um efeito físico, causado pelo exercício, que se caracteriza como exterior não porque esteja “de fora” e se separe espacialmente deste, é exterior porque temporalmente é o motivo anterior que leva ao exercício e o efeito acessado posteriormente à atividade física. Depois o motivo racional passa a ser interior, ou seja, equivale a uma razão que não tem lugar “fora” da prática, mas que corresponde a

ela própria, é-lhe contemporânea. Os trechos do relato em que Patrícia conta sobre sua motivação, contudo, foram apresentados apenas parcialmente. Desde o início ela completa que, para atingir o padrão almejado de saúde, ela planejava “fazer regularmente a prática de alguma atividade que goste, que tenha prazer, como foi com a corrida”. A experiência – não sem os efeitos – vai fazendo com que o praticante acabe “ficando um pouco viciado”. O que isso significa? Que “você acaba gostando do esporte pelo esporte”, da prática pela prática. Pode-se questionar que diferença existe entre um momento e outro, já que, de pronto, ela já procurara uma atividade que gostasse. Decerto, ocorre aqui o desenvolvimento de outra qualidade dessa apreciação. Acompanhado a isso, diz ela, “vem aquela vontade de estar junto com aquelas pessoas que fazem a mesma coisa, que dividem a mesma paixão”. Vê-se aí que não se trata de algo próprio a um indivíduo isolado, algo relativo exclusivamente ao organismo e a suas métricas, sejam de desempenho na corrida ou de forma física. A vontade é de compartilhar, viver comunidade de gosto. Se todos os motivos racionais para fazer atividade física³⁶ concorrem positivamente para as pessoas a praticarem, parece ser quando elas deixam de ser razões (motivos abstratos, instrumentais, vazias de intuição direta) e passam a ser experiências vividas que as mesmas físgam adeptos, encantam pessoas que se abrem para se tornarem praticantes despertos para uma nova relação com o próprio corpo em movimento. Quando isso acontece, dá-se conta disso como uma experiência estética³⁷ junto a qual é necessário

36 Os motivos listados pela professora foram: “é muito importante para a manutenção da saúde, para o envelhecimento saudável, para a pessoa se manter ativa, não envelhecer com doenças, prevenir”.

37 Aqui se toma o termo “experiência estética” em seu sentido fenomenológico, isto é, ao conjunto de vivências que possuem como correlato um “objeto estético” (Geiger, 1958). A Estética não se refere a um terreno científico unitário, ou a uma dimensão de um consenso de beleza compartilhado culturalmente por um período histórico, mas é uma designação coletiva de várias ciências heterogêneas que podem tomar o objeto estético como fonte de estudo, podendo tomar inclusive o método fenomenológico como caminho de explicitação de seus aspectos essenciais. Caso se tome, por sua vez, a Estética enquanto uma disciplina autônoma, pode-se contemplar o objeto estético marcado pelo seu caráter de valor estético, isto é, de sua característica apreendida experiencialmente como sendo algo bom, belo, agradável, ou seus inversos. Adotar assim uma Estética fenomenológica solicita uma atenção com objeto estético e seu valor revelado, onde a identificação da ressonância afetiva do objeto mostra-se como via de acesso ao fenômeno estético mesmo. Assim, o *gosto* pelo exercício não revela apenas uma experiência individual, mas apresen-

se educar com diligência a fim de que se possa fazer acontecer de novo, com renovada capacidade apreciativa. Havendo uma transversão da experiência corporal, trata-se de conferir o corpo em movimento não mais por seu valor objetivo, não por fora, na ordem dos efeitos, não como um comportamento precedido por boas razões, mas como experiência vivida. Após ter tido alguns problemas de saúde, o professor de filosofia aposentado da USP e atual ministro da Educação, Renato Janine Ribeiro, começou “a fazer hidroginástica e, por extensão, academia”³⁸. Além de julgar que naquele ambiente, em que gosta de praticar musculação e alongamento, “o contato humano é muito bom”, diz: “Não imaginava que a parte física pudesse me dar esse prazer. É exatamente o contrário, mas é um prazer que você injeta através do corpo como se estivesse comendo um doce”³⁹. Que, porém, não se trata de uma percepção objetiva de ordem física, mas do corpo próprio na unidade pessoal que abrange psiquismo e vontade, fica bem evidenciado em seu relato: “É uma coisa que melhora o meu humor (...), para mim, veio uma sensação maior de autonomia. De poder resolver um problema: você está mal, indisposto, e a atividade física dá uma sensação de força de vontade”⁴⁰. Todas as razões para se exercitar, até a experiência vivida positiva enquanto argumento, podem ser bons preâmbulos para a prática (e, como preâmbulos, também podem ser barreiras). Mas, se elas não se *tornarem* experiências vividas, nenhuma delas será suficiente para tornar a atividade física algo significativo ao ponto de ser incorporada livremente ao estilo de vida de uma pessoa. Até o contrário é possível, já que, como preâmbulos, razões apresentadas como imperativos instrumentais que não se conectem motivacionalmente a certa pessoa podem assumir o posto de barreiras invisíveis para a prática, suscitando resistência, especialmente daquele que não quer ser convencido a fazer algo colocado como uma necessidade imperativa, submetendo-se a uma espécie de doutrinação ou pregação de saúde. Num sentido positivo, o motivo racional pode ser o disparador para a prática, pode ser o mais significativo e pode se

ta um valor estético do objeto considerado, apresenta um valor estético constitutivo da atividade física. Pautando-se em conceitos kantianos, Gumbrecht (2007) faz uma interessante interpretação do esporte enquanto fenômeno eminentemente estético.

38 SESC, 2003, p. 59.

39 Ibidem.

40 Ibidem.

agregar à experiência vivida enriquecendo-lhe a consistência. Para que qualquer dessas possibilidades atue, o motivo racional em questão tem que ter um vínculo afetivo que o conecte significativamente à pessoa. A intensidade desse vínculo tem, então, relação com a importância pessoal do motivo. Portanto, o motivo racional pessoal deve ser reconhecido e compreendido de modo individualizado. Isso tira do centro a tarefa física e coloca ali o motivo da pessoa, o qual está inserido em sua história. Esse motivo precisa ser acompanhado e trabalhado nas práticas, entendidas enquanto experiências motivacionais por si mesmas. Aí é válido ter em consideração a pergunta: sem ser por obrigação, a pessoa que faz atividade física assiduamente por muito tempo o faz por que? O faz por uma experiência de ser tocado positivamente no registro afetivo. A isso se pode chamar *gosto*. Não se trata de explicar a maneira como este gosto surge, mas da possibilidade de compreender, através da explicitação dos motivos pessoais, o fluxo originário de vivências que promoveu este tipo de posicionamento afetivo e espontâneo. Diante deste gosto, a pessoa pode acolher e assumir um propósito de aderir à solicitação, advinda desta vivência mesma, a continuar a prática de maneira recorrente. O que, todavia, justificaria a defesa desse deslocamento de critérios psicológicos? A experiência vivida por Patrícia, embora seja só dela, tem elementos constitutivos que, longe de serem exclusivamente seus, demarcam um curso motivacional essencial a um tipo de envolvimento com um fenômeno caracterizado por ser progressivamente mais pertinente à sua própria estrutura intencional. Em outras palavras, é uma motivação cada vez mais rente e interior ao fenômeno e cada vez menos catapultada por motivos que cercam e se articulam ao fenômeno em si mesmo. Nas palavras de Patrícia: “o que tem me motivado muito é o esporte em si”. É verdade que passar de um *propósito* para um *querer*, não é garantia de ação, ainda que seja o mais próximo que possa existir a uma garantia. Vem à tona o desafio educativo. Quanto a isso, vale lembrar que em todas as áreas do conhecimento os professores enfrentam esse desafio. Aqui, todavia, o assunto do desafio pode estar mais próximo às pessoas do que se costuma pensar elencando-se razões e efeitos do exercício para convencê-las a aderir à prática. O assunto está nas próprias pessoas, em seus próprios corpos e pode ser despertado se a experiência de beleza própria

a esses corpos, o prazer que lhes é inerente, e até o desprazer, o sacrifício que ocasiona satisfação forem provocados.

Deve-se alertar, ainda, que, em fenomenologia, a noção de experiência corporal, de corporeidade, é abrangente. Inclui, mas não se limita às sensações. Contempla seu mundo ambiente, antecipa-se à própria consciência em intensidades do contínuo contato com o meio em que está instalado ontologicamente, de tal forma que participa constitutivamente dos sentimentos e é matéria-prima para a vida espiritual⁴¹. Por isso, a beleza do ambiente é um estímulo em potencial para a prática, faceta que não escapa aos argumentos de Sérgio: “nós temos a beleza natural, o *campus* de Ribeirão Preto é maravilhoso da forma como está (...), se o local for bonito você tem um aluno com mais prazer, é muito mais agradável ver e treinar em um local bonito”. Acolhendo outras esferas da beleza no ambiente está a atenção de um funcionário como Avelino Epifânio cuidando, entre outras coisas, para que o estilo musical da piscina, ou mesmo o silêncio, esteja tanto quanto possível em sintonia com o agrado do público frequentador.

Para concluir, pode-se dar destaque ao fato de que a questão do valor e do desvalor na experiência só se entende a fundo com um retorno à questão da pessoa. Isso diz respeito a um olhar centrado na pessoa em Psicologia do Esporte e do Exercício, desdobrando-se como uma Educação Física também centrada na pessoa. Isto responde, em boa medida, ao vigor do predomínio de uma ética utilitária. Nenhum aspecto das reflexões ora empreendidas se contrapõe, por outro lado, aos princípios que regem o Sistema Único de Saúde brasileiro, o da universalidade, da integralidade e da equidade. Estes são alguns dos desafios da área que a leitura da história do CEFER, contada por seus protagonistas, pode suscitar. Certamente não são os únicos desafios nem são exclusivos do Centro. Alguns deles podem ser vistos em continuidade com a própria EEFERP que, como o CEFER, tem que experimentar assumindo que sua função social é, antes de mais nada, pública. Se isto não tira de cena o setor privado, por obediência ao princípio da equidade, tampouco deve priorizá-lo. Poderia ser um paradoxo, mas numa perspectiva que, sem deixar de ver as diferenças, evite dicotomias, pela inserção no mercado

41 Husserl, 2004.

de profissionais com posicionamento renovado, esta atenção também poderá servir para que alguns nós sejam desatados na iniciativa privada em favor de uma Educação Física para todos, o que só é possível por via de uma Educação Física para a pessoa.

Referências

- ALES BELLO, A. (2014). Intrapessoal e Interpessoal: linhas gerais de uma antropologia filosófico-fenomenológica. In: Savian Filho, J. (Org.). *Empatia Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas*. São Paulo: Loyola, pp. 9-28.
- ALES BELLO, A. (2014b). *Edith Stein: paixão pela verdade*. (J. J. Queiroz, Trad.). Curitiba: Juruá.
- BARREIRA, C. R. A. & RANIERI, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. Em: M. Mahfoud, M. Massimi (Org.), *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013, 449-466.
- BETTI, M. (2001). Educação Física e Sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. Em: Carvalho, Y. M. e Rubio, K. (2001). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec.
- COUTINHO, S. da S. (2011). *Competências do profissional de Educação Física na Atenção Básica à Saúde*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem em Saúde Pública da escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- GADAMER, H.-G. (2006). *O caráter oculto da saúde*. (A. L. Costa, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- GEIGER, M. (1958). *Problemática da Estética e Estética Fenomenológica*. (N. de Araújo, Trad.). Salvador: Livraria Progresso Editora.
- GUMBRECHT, H. U. (2007). *Elogio da Beleza Atlético*. (F. Ravagnani, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- HUSSERL, E. (2004). *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures, Livre Second: Recherches Phénoménologiques pour la constitution*. (É. Escoubas, Trad.). Paris: PUF. (Original em alemão publicado em 1952).

- BRASIL (2014). *Vigitel Brasil 2013: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília: Ministério da Saúde.
- LUCENA, R. (22 de fevereiro, 2015). Enciclopédia mapeia 1.797 atletas brasileiros que foram a Olimpíadas. *Esporte – Folha de São Paulo*. Recuperado em 7 de junho de 2015, de <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/02/1593126-enciclopedia-mapeia-1797-atletas-brasileiros-que-foram-a-olimpiadas.shtml>.
- MAHFOUD, M. (2003). *Folia de Reis: festa raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Jureia-Itatins*. São Paulo-SP; Campinas-SP: Companhia Ilimitada; Centro de Memória da Unicamp.
- MAHFOUD, M. & MASSIMI, M. (2013). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília: Universa, Belo Horizonte: Artesã.
- MASSIMI, M. & BROZEK, J. (Orgs.). (1998). *Historiografia da Psicologia Moderna: versão brasileira*. (J. A. Ceschin e P. J. C. da Silva, Trad.) São Paulo: Loyola.
- MEIHY, J. C. S. B. & HOLANDA, F. (2011). *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto.
- SCHMIDT, M. L. S. & MAHFOUD, M. (1993). Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. *Psicologia USP*, 4(1/2), p. 285-298.
- SESC (2003). *Escolhas sobre o corpo: valores e práticas físicas em tempos de mudança*. São Paulo: SESC.
- REALE, G.(2002). *Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero e Platão*. (M. Pereni, Trad.). São Paulo: Paulus.
- RÚBIO, K. (2000). Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Rumos e necessidades da Psicologia do Esporte no Brasil. In: Rúbio, K. (Org.). *Encontros e desencontros: descobrindo a psicologia do esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 123-132.
- RÚBIO, K. (2003). Análise Social do Fenômeno Esportivo e o Papel do Psicólogo. In: Rúbio, K. (Org.). *Psicologia do Esporte Aplicada*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 15-31.
- RÚBIO, K. (2004). *Heróis Olímpicos Brasileiros*. São Paulo: Zouk.
- STEIN, E. (2005). Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. In E. Stein, *Obras completas* (Vol. 2: Escritos filosóficos: etapa fenomenológica, C. R. Garrido & J.

- L. Caballero Bono, Trads., pp. 207-520). Madrid: Ed. de Espiritualidad. (Original em alemão publicado em 1922).
- VIZÚ, T. M., BARBOSA, C. I., & BARREIRA, C. R. A. (2011). Do Centro de Educação Física, Esportes e Recreação (CEFER) à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP): breve história no *Campus*. In *Anais IX Encontro Regional Sudeste de História Oral: Diversidade e Diálogo, IX Encontro Regional Sudeste de História Oral: Diversidade e Diálogo* (pp. 227-232). São Paulo: Associação Brasileira de História Oral - Regional Sudeste.
- WEINBERG, R. S. & GOULD, D. (2008). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. (4a ed., C. Monteiro, Trad.). Porto Alegre: Artmed.